Indústria Têxtil Algodoeira

Indústria Têxtil Algodoeira

COMISSÃO EXECUTIVA TÊXTIL
(CETEX)

MINISTÉRIO DO TRABALHO INDÚSTRIA E COMÉRCIO

1946

PREFÁCIO

Presidida, desde a data de sua criação, pelo engenheiro Guilherme da Silveira Filho, a Comissão Executiva Têxtil realizou, sob a orientação direta de seu Presidente, inúmeros trabalhos técnicos e estatísticos cuja divulgação é de grande utilidade e de real interêsse.

Do estudo e do cômputo das fichas de inscrição das fábricas de fios e tecidos de algodão, resultou a possibilidade da confecção dos primeiros quadros estatísticos de real valôr até hoje organizados no Brasil e que nos permitiram conhecer dados precisos sôbre: — Localização, Finanças, Maquinária, Produção e Consumo de nossos estabelecimentos têxteis de algodão e, bem assim, da exportação de fios e tecidos de algodão.

A distribuição de quotas das encomendas da UNRRA e do Conselho Francês de Aprovisionamento (C. F. A.), em um total de 150 milhões de jardas quadradas, por 148 fábricas de tecidos das mais diversas regiões do país, significou a primeira grande operação de planejamento industrial já realizada no Brasil e foi totalmente baseada nos dados estatísticos e em elementos esclarecedores das possibilidades técnicas de cada fábrica, coligidos pela CETex.

O levantamento da maquinária têxtil existente nas fábricas e das encomendas de máquinas e equipamentos têxteis destinados à reforma e ampliação da mesma, empreendido pela CETex, serviu, do mesmo modo, de base para as negociações a serem levadas a efeito entre o Govêrno Brasileiro e o da Grã Bretanha para liquidação de nossos saldos em esterlinos e trouxe à Comissão os elementos necessários à fixação de um critério para executar o contrôle e pôr limite severo à entrada no país de máquinas têxteis usadas.

Os estudos sôbre exportação e sôbre os mercados e preferências dos importadores de nossos tecidos, repre-

sentaram elementos básicos que permitiram à CETex iniciar, junto ao Ministério das Relações Exteriores, o movimento de que resultou a feliz conclusão de acôrdos comerciais com diversos paises sul-americanos e que deverá vir a garantir à indústria têxtil brasileira a condição necessária à consolidação da conquista de um Mercado Externo indispensável à sua expansão e à garantia de sua estabilidade econômica.

O trabalho, aqui apresentado pela Comissão Executiva Têxtil, assume, portanto, a forma de verdadeiro relatório de suas atividades no setôr da indústria de produção de fios e tecidos de algodão. Deixando de lado, para ulterior publicação, os dados relativos às fábricas de meias e às malharias e, ainda, às fábricas de tecidos mesclados de algodão, esse livro servirá, outrossim, de pioneiro a uma série de publicações da CETex, a ser enriquecida, em data próxima, pelo "Indústria Brasileira de Aniagem", já em trabalhos de impressão.

Ao desconhecimento quasi total de nossa maior indústria, que pode ser demonstrado pelo fato de não existir, até 1944, ao menos uma relação das fiações e tecelagens do país, segue-se a situação atual de que o "Indústria Têxtil Algodoeira" pode dar uma idéia.

Esse benefício prestado ao país e a nossa maior indústria serve para revelar o que pode ser conseguido pelo poder público, quando à frente de um serviço é colocado verdadeiro técnico, com conhecimento prático do meio industrial e de sua economia, como o é, sem dúvida, o Eng.º Guilherme da Silveira Filho, Presidente da Comissão Executiva Têxtil.

Janeiro de 1947.

FERNANDO NASCIMENTO SILVA
Chefe do Serviço de Estatística da CETex.

NOTÍCIA HISTÓRICA

O ALGODOEIRO E A INDÚSTRIA TÊXTIL

O algodoeiro é um vegetal de grandes folhas multilobadas, de porte variável, arbusto ou árvore, de ramos pilosos, flôres grandes, vermelhas, amarelas ou amarelas com base e laivos vermelhos, raro arroxeadas.

Quando se abrem os frutos, (cápsulas vulgarmente conhecidas pelo nome de "capulhos",) surgem chumaços de belos fios brancos e espiralados, a revestir as pequenas sementes, esverdeadas ou negras. É o algodão.

O comprimento desses pêlos é variável, entre 20 e 40 mm. (raro maiores), do mesmo modo que o são sua côr, a espessura e a flexibilidade.

Retirados os pêlos, nova camada de pêlos menores e mais finos é encontrada, envolvendo a semente. É o linter ou "fuzz".

Botanicamente constata-se a existência de várias espécies, todas da mesma família: a das Malváceas e do mesmo gênero, o Gossypium, com inúmeras variedades e formas híbridas, algumas espontâneas, outras obtidas pela mão do homem ou devidas ao cultivo.

Não estão de acôrdo os botânicos quanto ao número de espécies do algodoeiro e suas características morfológicas.

Assim, é possivel distinguir entre outras: — a principal espécie arbórea (Gossypium arboreum, de

Lineu), vegetal de vida longa, alto e forte; o algodoeiro das ilhas de Barbados, o "Sea Island", "Jumel", "Makho" e talvez o "Seridó" (Gossypium barbadense, L.), de fibra longa e muito estimada; o algodoeiro herbáceo (G. herbaceum, L.), de crescimento rápido, pequeno, o mais espalhado pelas cinco partes do mundo e o mais cultivado; sendo de constatar ainda a existência de outras espécies: o Gossypium religiosium, o G. peruviannum, o G. hirsutum, o G. nigrum e outras mais, todas com suas propriedades mais ou menos distintas quanto ao algodão que produzem e quanto às suas características botânicas.

O algodoeiro é um vegetal típico da região indostânica das monções. Necessita de muita agua no período de crescimento e de atmosfera sêca e intenso calôr no de maturação. E, embora haja sido possivel adaptá-lo a regiões mais frias dos diversos continentes, deve ser classificado geobotanicamente como vegetal de clima tropical ou sub-tropical.

Ainda não foram encontradas, de modo iniludivel, as espécies primitivas do algodoeiro.

Parece que seu cultivo foi iniciado naquela lendária terra de Pendjab, na Índia, onde, aliás, até hoje continua a ser plantado com o mesmo cuidado de há muitos séculos.

Contam-nos os historiadores que os sacerdotes brámanes já o utilizavam em suas vestes há mais de 2.000 anos.

Devemos considerar ainda que na China foram encontrados vestígios da utilização do algodão desde há uns cinco milênios mas, nesse país, a sêda, mais

nobre e mais bela, era abundante e oferecia, a mais, a vantagem de já ser obtida em forma de fio; e tal circunstância prejudicou, durante muitíssimo tempo, a popularização da malvácea.

Originário da China ou da Índia, o certo é que o algodoeiro foi sendo trazido para o Ocidente, à medida que os séculos se passavam. Assim penetrou o Iran e a Asia Ocidental, de onde passou ao Turquestão e à Transcaucásia, até atingir a Ásia Menor.

Da Abissínia, que o recebeu da Índia, o cultivo da malvácea parece haver descido o vale do Nilo até sua foz.

E os arabes, por sua vez, o levaram mais tarde à Espanha de onde se irradiou pelas zonas temperadas da Europa.

À palavra arabe "quttan" deve-se o nome "cotton", por que é conhecido o algodão entre os povos do ocidente de língua inglesa e do qual provieram "algodon" e "algodão".

Começou na Índia ou na China a arte de manufaturar o algodão, fiando-o e tecendo-o.

A velha "churka", máquina primitiva, permitia aos indianos separar os pêlos do algodão de suas sementes. Era lenta em seu trabalho, mas, no Oriente, existem braços em tão grande número, que ainda hoje é utilizada em muitas províncias da península.

Os indianos aprenderam tambem a tingir o fio e estofos, a custa do anil e de outras especiarias dos quais conheciam o segrêdo e tinham monopólio.

Na América, quer na ilha de Guanahani, primeira terra visitada por Colombo, quer na América Central, onde floresceu a civilização dos Maias, quer no México, onde os aztecas desenvolviam suas cidades e sua adiantada agricultura, quer, ainda, na terra incaica do Perú,

depararam os espanhois, em toda parte, o algodão. E as mais velhas múmias peruanas, retiradas de seus túmulos e violadas pelos aventureiros ibéricos, enfaixadas e cobertas de algodão, revelaram quão antigo já era o conhecimento do algodoeiro e a utilização de seus fios.

A primitiva indústria têxtil dos povos da América pré-Colombiana já estava bem desenvolvida e valia-se da "cochonilla", do páu brasil e de outros corantes para obter o tingimento de seus panos.

Na Europa, fruto principal do trabalho dos cruzados, que abriram aos europeus os caminhos da Ásia Mediterrânea, as lavouras do Oriente Próximo passaram a fornecer algodão aos povos já civilizados das regiões do Ocidente.

No século XIV já existiam oficinas rudimentares de fiação e tecidos de algodão, na Alemanha, Inglaterra, França e nos Paises Baixos.

E, três séculos após, o uso dos tecidos de algodão achava-se de tal modo generalizado na Europa, que se tornava sensivel a necessidade da importação de grandes quantidades da matéria prima.

Para atender à grande procura de algodão, cresceram as culturas do nordeste brasileiro e ganharam impulso as do México e as do sul dos Estados Unidos.

Servidas pelo braço escravo, cuja importação havia sido imposta pelas lavouras de açucar e de tabaco, estenderam-se e cresceram os algodoais da América, produzindo para os teares do velho mundo muitos e muitos milhares de fardos de algodão.

Sòmente nas últimas décadas do século XVIII, no entanto, a indústria têxtil ganhou fóros de grande

fator econômico e político, ligando-se a sorte das lavouras de algodão à dos grandes centros fabrís, à cotação das ações na Bolsa, à estabilidade dos governos e ao destino dos povos.

Há menos de dois séculos, apenas 4% dos tecidos manufaturados no velho mundo eram de algodão. A lã, o linho, o cânhamo, forneciam fio têxtil mais estimado e de mais fácil obtenção.

Desde o século XVI o engenho dos homens de talento viera facilitando, porém, a obtenção de fios e tecidos de algodão.

E foram surgindo na Inglaterra, nesse Lancashire, verdadeira pátria da indústria têxtil moderna: — a máquina de fiar movida pelos pés, a substituir a primitiva máquina indiana que era movida à mão; a descaroçadora mecânica; as novas máquinas de John Wyatt, a máquina de cardar de Ludwig Paul e, como primeira grande etapa de progresso, a máquina de fiar que deu nome a James Hargreaves. Modesto tecelão inglês, Hargreaves foi o laborioso criador da "Spinning Jenny" (1746), a qual permitia o trabalho de 120 fusos por um só operário. Morreu pobre e ignorado mas a sua "Spinning Jenny" é, hoje, a base sobre cujos princípios se firmam inúmeras máquinas modernas e foi a primeira a permitir a produção de tecidos em grande escala, tornando-os a um tempo melhores e mais baratos.

Os operários que quebraram a máquina de Hargreaves e o maltrataram por temer que sua invenção os afastasse das oficinas, reduzindo-os à miséria, não compreenderam que não é possivel deter o progresso em sua marcha. Assim, pouco após a morte de Hargreaves, em 1769 ainda outro inglês, Arkwright, patenteia a sua "Waterframe" que representava o desen-

volvimento das idéias do criador da "Spinning Jenny". Arkwright teve também que lutar contra a resistência da massa ignorante, mas ao morrer estava rico e cheio de glórias.

Samuel Compton, outro engenhoso tecelão inglês, criou "Mule Jenny" (a mula Jenny), máquina de 400 fusos, feliz híbrido da máquina de Hargreaves com a de Arkwright. E em 1786 Cartwright (Dr. Edmund) apresentou ao mundo seu tear mecânico cujo uso se generalizou rapidamente.

Os ingleses do Lancashire, que já tinham atrás de si cem anos de seguro e tranquilo desenvolvimento de suas oficinas, foram, destarte, os verdadeiros propiciadores do surgimento da grande indústria têxtil, e os que mais trabalharam por ela.

Surgida a máquina a vapôr de James Watt (1867), a idéia de associá-la como fonte de energia às máquinas de fiar e aos teares, então movidos pela energia hidráulica, foi gesto natural que, segundo Van Loon, "originaria uma revolução econômica e social de tal alcance, que transformaria as relações humanas em quasi todas as partes do mundo".

Aí está, sem dúvida, o verdadeiro "marco zero" da chamada éra indústrial.

Demonstrado o valôr do invento de Watt, em algumas décadas, de ano a ano, surgiram novos homens de talento e engenho que, aperfeiçoando máquinas e criando outras, trouxeram ao mundo verdadeira revolução.

O navio a vapôr, a locomotiva, o navio à hélice, aproximaram os povos, facilitando o transporte, entrelaçando nações, confundindo seus interêsses e as bases de sua economia.

Nasceu assim a éra do trabalho mecânico e as grandes fábricas puderam produzir riquezas e utilidades em escala jamais imaginada e até então absolutamente inatingivel por operários manuais, quaisquer que fossem seu número e qualidade.

Multiplicada pela máquina a produção humana, a indústria têxtil, principalmente a do algodão, prosperou rapidamente, atingindo em pouco tempo a Inglaterra e, em seguida, outros paises, enorme capacidade de fiar e produzir tecidos e artefatos de toda ordem e de atender às necessidades de vestuário de 73% de toda a humanidade.

Em qualquer ponto do globo em que o algodão fosse cultivado, encontravam-se, nos meiados do século XIX, os navios ingleses, a buscar os fardos de fibras que eram transportados para os portos de Liverpool e Londres.

Dos Estados Unidos, do Brasil e, mais tarde, do Egito, milhões de homens, negros e brancos, enviavam o produto de seu trabalho braçal nas lavouras, muitos milhões de quilos de "ouro branco", que as máquinas do Lancashire devoravam.

A importação inglesa que, em 1800, era apenas de 26 milhões de libras de algodão bruto, passou, em 1855, a 872 milhões de libras.

Enriqueceu rapidamente a Grã Bretanha nesse princípio do "Século da Inglaterra".

Dominadora dos mares, ditando leis ao mundo, senhora de um vasto império territorial, poude desenvolver sua indústria de tecidos de algodão e mecanizar suas fábricas e seus navios.

A indústria têxtil, que se formava à maneira de monopólio do povo inglês, em 1875 apresentava 37.700.000 de fusos, enquanto que a dos demais paises reunidos não possuia mais que 21.100.000 de fusos.

Industrializava-se a Europa rapidamente.

Após o Congresso de Viena, que se realizou ao término das guerras napoleônicas, as aldeias e os campos iam ficando desertos. Multidões rumavam às cidades, às oficinas, às grandes fábricas.

Os tecidos ingleses abarrotavam as mercearias do continente. Todo homem passava a ter o direito de trajar-se bem. E o algodão avassalou tudo. Lã, sêda e linho eram relegados a plano secundário. "Cotton is king!" (Jury Semjonow).

A "teoria do algodão" criada em Manchester, fortaleceu o império inglês e o tornou maior. Os súditos do império, de qualquer latitude e longitude, brancos ou nativos, deixavam de ser simples produtores de matéria prima, de que a metrópole necessitava, para se tornarem os grandes consumidores dos tecidos ingleses e de outros produtos manufaturados na metrópole.

Os ingleses e, mais tarde, os holandeses, tomaram providências para impedir que se formasse uma indústria têxtil em suas colônias.

Só a Europa deveria possuir fábricas e máquinas, e a idéia do império e, mais tarde a do "commonwealth", adquiriu, assim, a moderna forma política e econômica que hoje possue.

Na primeira terça parte do século XIX ganharam extraordinária importância as lavouras norte-americanas de algodão, os maiores fornecedores de todo o

mundo e, por isto, a guerra de Secessão, em 1861, trouxe a grande "cotton famine".

A luta entre o norte que se industrializava e o sul das grandes lavouras e da aristocracia rural, privou de algodão a Europa por cinco anos. O bloqueio dos portos do sul, determinado pelos "yankees", obrigou as fábricas inglesas a lançar mão de suas grandes reservas de fibras, que em pouco tempo diminuiam e ameaçavam esgotar-se.

Em poucos anos os prejuizos eram incalculáveis e o mundo via-se sem os tecidos a que já estava acostumado.

Terminada a guerra pela libertação dos escravos, a experiência dos anos de crise determinou aos ingleses e a outros povos colonizadores novo rumo a ser dado à sua política em matéria de algodão. E, como crescesse sempre a procura de tecidos dessa fibra, surgiram assim outras grandes lavouras algodoeiras em diversas partes do mundo, algumas por iniciativa da Inglaterra, em seus domínios, todas elas para matar a "fome de algodão" de que o mundo passou a sofrer.

AS GRANDES LAVOURAS DE ALGODÃO

Entre o Rio Grande del Norte, na fronteira do México com o Estado do Texas e a costa atlântica desdobra-se a larga faixa algodoeira dos Estados Unidos. É a "Cotton Belt", três vêzes maior que o território da Espanha e que representa a maior lavoura de algodão de todo o mundo.

Seu limite setentrional é a linha de Norfolk County (Virginia) até o Presidio County (nos "prados negros" do Texas) e do sul os limites estendem-se da foz do Rio Grande a Osage County (Oklahoma), envolvendo os seguintes estados: Texas, Oklahoma, Kansas, Luisiania, entre o vale do Rio Grande e o Mississipi; Arkansas, Mississipi, Tennessee, Alabama, até os prados ricos do Kentucky, entre o Mississipi e o rio Alabama e as Carolinas, a Georgia e o norte de Florida, desde o rio Alabama até o mar.

Cresce a produção do leste para o sudoeste, sendo o Texas o estado de mais abundante colheita.

Em 1790 a produção americana era de 300 fardos de 500 libras, em 1798 chegava aos 3.000, para em 1835 atingir o primeiro milhão. A guerra civil (Secessão), em 1861, encontrou a lavoura algodoeira com a enorme produção de 4.500 mil fardos. Os Estados Unidos eram nessa época, praticamente, o único mercado de importância abastecedor do mundo.

O trabalho, nas lavouras do sul, repousava, até 1860, quasi completamente, sobre os braços dos negros

escravos, pois os imigrantes europeus não podiam desenvolver esforço físico intenso no clima sub-tropical da região.

Daí a "cotton famine" que afligiu a indústria européia, a inglesa em particular e que chegou a levá-la a uma catástrofe terrível, quando a guerra entre o Norte e o Sul fez o algodão americano desaparecer das praças do velho mundo.

Após a guerra de Secessão, a falta de mão de obra determinada pela libertação dos escravos fez cair a 300 mil o total de fardos de fibra saidos dos algodoais da grande nação e, só em 1871, poude voltar à quantidade atingida em 1861.

Desde então o progresso foi prodigioso. Jovens estados floresceram sob o impulso do algodão e a marcha para o sudoeste processou-se sob a bandeira da folhagem verde dos algodoais.

E o algodão tornou-se o principal produto dos Estados Unidos.

A exportação da fibra atingiu os 4 milhões de fardos entre 1870 e 1880, aproximava-se dos 6 milhões na década 1880-90 e, entre 1900 e 1905, chegava aos 7,5 milhões de fardos de 500 libras.

Mais de 50% desse algodão destinava-se à Inglaterra e 23% à Alemanha.

As espécies mais cultivadas são: a "upland", o algodoeiro herbáceo cujos capulhos fornecem 60% do algodão existente no mundo; o precioso "Sea Island" das ilhas do Atlântico; o Yuma (egípcio) que se cultiva no sudoeste e o "Índico".

A porcentagem da produção da pluma longa em relação à totalidade do algodão colhido é muito pequena,

porém de grande importância para a indústria dos tecidos finos.

Em 1939 a produção americana era de 11.837.000 fardos de 478 libras.

Baseia-se a grande indústria têxtil da região totalmente nessa própria disponibilidade. Ainda assim sobra muito algodão a ser exportado, o que vem trazer ao país o sério problema das sobras sem aplicação.

Deve-se, ainda, levar em conta que o rendimento por hectare é, nos Estados Unidos, muito menor que no Brasil (1:3) e no Egito (1:2), e só o uso da adubação em larga escala fez crescer a colheita.

A península indiana representa a lavoura de algodão de maior importância após a dos Estados Unidos e a que abasteceu o mundo antes do surgimento dos algodões das Américas.

Baseadas, até os fins do século XIX, no trabalho de lavradores pobres e atrazados, sómente há menos de cem anos resolveram os ingleses (Sociedade Comércio Anglo-Índica) cuidar de transformar a situação a seu favor e desenvolver as culturas de modo a obter a fibra que suas indústrias reclamavam.

A faixa algodoeira da Índia desenrola-se desde Burma e o curso superior do Ganges até o do Indus e avança para o sul, pelas bacias do Narbudah, Godawery e Krichna, através do planalto do Dekan, entre as cadeias dos Gates e Windya.

A falta de chuvas, que no passado já levara os indús do Pendjab a criar um sistema de irrigação na zona algodoeira do Indus, impôs à Inglaterra a necessidade de realizar a irrigação da vasta área, mercê

de um sistema de longos canais que fertilizam cêrca de 6 milhões de hectares, onde a malvácea é hoje cultivada ao lado do trigo.

Também no curso inferior do Indus a região do Sind foi beneficiada pela construção da grande represa de Sukkar. Aí cresce o algodoeiro de fibras longas, o mais estimado do país.

A grande extensão da faixa produtora de fibra e a diversidade de climas fazem com que, na península indostânica, esteja sempre em produção a pluma preciosa, pois, quando o plantio se realiza em uma região, em outra os agricultores já se entrêgam à faina de colher os capulhos maduros.

O algodoeiro nativo da Índia dava uma fibra forte e muito curta, com a qual eram feitos tecidos baixos e grosseiros e, ainda hoje, certas províncias o cultivam, não sendo relativamente importante a quantidade de fibras longas e sedosas que o país produz.

A espécies de maior importância são o G. herbaceum, mais ou menos modificado, o G. arboreum, (que parece, aliás, ser originário da Índia) e o G. hirsutum, inclusive algumas variedades do "Upland" da Georgia.

A Índia é grande exportadora de algodão bruto, o que não impede que mais de 55% de sua produção seja utilizada pelos estabelecimentos maquinofatureiros da península, em Bombaim, Calcutá, Madras e Surat, e por sua tradicional e multisecular indústria doméstica de manipulação de algodão, para atender às necessidades dos 380 milhões de homens que habitam o país, o que só é conseguido em parte, pois continua a ser necessário importar mais de 50% dos te-

cidos consumidos, muito embora seja pequeníssimo o consumo "per capita".

O Japão era, até 1938, o maior comprador de fibra indiana, sendo que a Inglaterra, é necessário notar, nunca foi grande importadora da mesma.

A produção da Índia que, em 1870 era de 1.274 fardos, passou a 2.163 fardos em 1900, em 1913 a 4 milhões e em 1930 a 5.462 milhões de fardos e desceu a 3.980.000 fardos em 1939, o que a situa como o 2.° produtor mundial de algodão.

O algodoeiro de fibra longa do Egito parece pertencer à espécie Gossypium barbadense ou dela ser derivado, como um novo "Sea Island" adaptado ao meio africano. Sua fibra, longa e de grande valôr comercial, é chamado "Jumel" pelos franceses, "Makho", pelo alemães e "Miti-afifi" pelos naturais.

Coexistindo com êle, são abundantes a espécie índica, mais antiga e o "Upland" americano, mais recentemente importado.

Quer nas proximidades da foz, no histórico delta do Nilo, quer nas regiões irrigadas pelos ingleses, quer também ao longo das margens do rio, em culturas menores, vicejam os algodoais tratados por processos modernos pelo agricultor velho de milênios: — o "fellah".

No vale fértil a crise de algodão de 1861-65, resultante da guerra de Secessão americana provocou grande impulso no cultivo das malváceas.

Os últimos setenta anos marcam a fase dos grandes trabalhos de incremento da produção, trabalhos que se devem aos ingleses e que não se interromperam após a formal independência concedida ao país.

A região mesopotâmica do El Gezireh, entre o Nilo Branco e o Nilo Azul, representa talvez o território em que é mais intensa a atividade agrícola, em todo o mundo. A construção dos diques de Khartum

e Sennar deu extraordinário valôr a essa rica região de terra sudanesa. Mais tarde, ainda os ingleses, que já haviam criado os primeiros, ergueram a reprêsa de Assuan, a maior do gênero, em ponto mais baixo do curso do rio, a meio caminho entre a região de Khartum e o delta.

A irrigação em grande escala libertou o Egito dos ciclos caprichosos de bons e maus anos de colheita mas não fez surgir melhores dias para a triste vida do "fellah", o escravo tradicional do homem e da terra.

É que a cultura do algodoeiro fez relegar a plano secundário a dos cereais, base de alimentação e de riqueza do povo egípcio.

O país que abastecera de trigo a metade do império romano, importa hoje da Austrália a farinha de que necessita para fazer o pão.

Gira a economia egípcia em tôrno da quantidade de algodão que é possível exportar, sem que a fortuna, adquirida nas bolsas de algodão do Lancashire e do continente europeu, importe em melhoria do baixíssimo "standard" de vida das enormes massas de agricultores do vale do Nilo.

O país não possue senão pequena indústria têxtil própria e o algodão é exportado, em bruto ou beneficiado, aos grandes mercados consumidores.

Na produção egípcia de algodão, que em 1939 atingiu 1.800.000 fardos, encontra apoio seguro a indústria têxtil algodoeira da Grã Bretanha.

Na China, velha China, todas as coisas e criaturas parecem cheias de mistério e presas ao passado por longas e obscuras raizes.

Populações imensas e pouco conhecidas dos europeus, habitam o interior do país que há muitos decênios

vem sendo talado pelas hordas de guerrilheiros, patriotas ou mercenários, em eterna guerra civil de propósitos muitas vêzes mal definidos.

A indústria do algodão constitue uma dessas histórias milenárias e pouco claras da velha Cataí.

Tendo que lutar, muitas vêzes ingloriamente, contra a cultura da sêda, cujo uso sempre foi preferido pelas classes média e rica, os algodoais foram se estendendo pelos vales do Hoangho e Yang-tsé-Kiang até Shangai e a península da Coréa, na margem oriental do golfo de Petchilie e mais ao sul, até a ilha de Formosa.

Os métodos de cultivo são, ainda hoje, muito primitivos e a fibra produzida é curta mas muito limpa e bastante homogênea.

Não são comuns na China as grandes fazendas de algodão que constituem a base da produção algodoeira dos Estados Unidos e do Egito.

A grande produção do país provém de pequenas e inúmeras culturas que ocupam os tratos de terras ricas e enchem de uma infinidade de pontos e pequeninos traços o mapa agrícola que o "Boletim Econômico Chinês" publicou em 1929.

As estatísticas de produção resultam, por isso, bastante difíceis e precárias. Ainda assim podemos aceitar o dado de produção de fibras em 1929: 1.710.000 fardos, maior em 300.000 fardos que a produção de 1925. Em 1939 a produção foi avaliada em 1.883.000 fardos.

O Japão, produtor de panos grosseiros e de baixo preço, foi sempre o grande comprador da fibra chinesa.

Rússia, México, Perú, Turquia. Pérsia e a Argentina, além do Brasil, representavam em 1939, os

demais paises em que a cultura do algodão era de importância para a economia mundial.

A U. R. S. S. cuja produção antes da primeira "grande guerra" não atingia um milhão de fardos, em 1930 conseguiu cêrca de 1.300.000 e em 1939 cêrca de quatro milhões de fardos de fibra. Era no princípio da guerra 39/45 o 3.º produtor em todo o mundo. As grandes zonas algodoeiras da União Soviética estendem-se pela Transcaucásia e principalmente pelas províncias da Ásia Central, Bokhara, Trans-Caspiais, Samarkand, Forghana, Tashkent e Kiva, onde é obtida a grande parte da produção.

O México tem sua zona algodoeira nos estados de Chihuahua, Coahuila, Durango e Nuevo Leon, sendo os terrenos de ricas aluviões de Coahuila os de maior riqueza na cultura da malvácea. A produção não passou dos 200.000 fardos, senão mui recentemente, quando chegou aos 280.000.

O Perú produz ótimo algodão, de fibra longa e fina, na faixa costeira, fertilizados pelas aluviões carreadas da cordilheira andina. Não tem perdido a importância a produção da antiga terra incaica. Em 1930 foram obtidos 210.000 fardos e em 1939 360.000 fardos.

A Turquia tem na Armênia, principalmente, sua lavoura algodoeira. A cultura é antiga, multi-secular e cresceu durante a "cotton famine" devido aos altos preços alcançados pela fibra. Atingiu nessa época a produção de 240.000 fardos, que foram exportados.

Em 1930 a produção não chegou a 180.000 fardos e em 1939 era de 280.000 aproximadamente.

Não é possível saber com segurança se o "quttan" colhido no planalto do Iran é nativo ou provém da histórica migração das espécies índicas, em sua marcha para a Europa, às mãos dos árabes.

Cultivo e beneficiamento são operações executadas até hoje pelos métodos mais primitivos na Pérsia. Recentemente foram realizadas obras de irrigação que deverão possibilitar a colheita de mais rica safra.

A produção em 1930 era de 120.000 fardos e pouco tem crescido.

Enfim, a República Argentina vem buscando desenvolver seus campos algodoeiros e a sua produção de fibra para atender às exigências crescentes da promissora indústria têxtil nacional.

O cultivo começou a ser ensaiado com grande sucesso, no Chaco e nas Misiones, estendendo-se hoje por diversas províncias como La Rioja, Tucuman, Corrientes, Santa Fé, Formosa, Jujui, Salta, Catamarca e Santiago del Estero, onde se obteve excelente rendimento.

A MODERNA INDÚSTRIA TÊXTIL MUNDIAL

O crescimento da população do mundo e principalmente das grandes cidades e a elevação do "standard" de vida de milhões de homens de muitos paises, que se devem à industrialização em grande escala, operada nos primeiros lustros do século XIX, determinou enorme aumento na procura de vestuário.

Esse aumento de procura refletiu-se na criação de novas fábricas e no crescimento da atividade da indústria têxtil do mundo.

Tomando-se por base (100) a atividade no período 1923-25, são os seguintes os números indicativos:

(*Dr. Guilherme da Silveira — Conselho Técnico de Economia e Finanças — 1942*).

QUADRO I

Crescimento da atividade têxtil no mundo

ANOS	ÍNDICES
1925	100
1929	115
1930	89
1931	93
1932	83
1933	104
1934	90
1935	105
1936	124
1937	125
1938	103
1939	132
1940	142
1941	187 (9 mêses)

De 1900 a 1913 o número de fusos cresceu de 3% por ano e, em 1938, o número de fusos atingia 146.456.000 (The Textile Recorder Year Book — 1939), assim distribuidos: (*Dr. Guilherme da Silveira — obra citada*).

QUADRO II

Distribuição mundial dos fusos

(Em mil fusos)

Inglaterra	36.322
Estados Unidos	25.911
Alemanha e Austria	12.967
Japão	11.502
Rússia	10.356
Índia	10.054
França	9.794
Itália	5.324
China	4.450
Brasil	2.765
Espanha	2.000
e outros menores.	

No mesmo ano de 1938, os teares existentes no mundo somavam 3.070.395, assim divididos pelos paises de maior produção têxtil:

QUADRO III

Distribuição mundial dos teares

(Em mil teares)

Estados Unidos	573
Inglaterra	504
Japão	332
Rússia	250
Alemanha e Austria	211
Índia	201
França	193
Itália	146
Tchecoslovaquia	104
Brasil	80
Espanha	66
e outros menores.	

(*Dr. Guilherme da Silveira — obra citada*).

De 1913 a 1926 já era menos acentuado o predomínio inglês na indústria têxtil, caindo pouco a pouco a Inglaterra da cômoda posição em que soubera se situar no século XIX à custa do trabalho inteligente de seus pioneiros e seus mestres de indústria. O crescimento da indústria norte-americana, indiana, francesa e italiana foi nesse período bem mais rápido do que a inglesa e, ainda muito mais rápido processou-se o desenvolvimento da indústria do Japão e da China.

Nesse ano de 1938, era o seguinte o quadro da distribuição percentual dos fusos e teares pelos diversos paises.

QUADRO IV

Distribuição percentual dos teares e fusos

PAÍSES	% de teares	% de fusos
Inglaterra	16,4	24,8
Estados Unidos	18,6	17,6
Alemanha e Austria	6,8	8,8
França	6,3	6,6
Rússia	8,1	7,0
Itália	4,7	3,6
Japão	10,8	7,8
Índia	6,5	6,8
China	1,8	3,0
Brasil	2,6	1,8
Espanha	2,1	1,3
Outros paises	15,3	10,9

Da mesma forma, é o seguinte o quadro do crescimento do número de teares na Inglaterra, Estados Unidos, Japão e Índia no primeiro quarto do século XX.

Tomando por base (100) o ano de 1913, são os seguintes os números índices que revelam o enorme crescimento da indústria do Japão e da Índia, em contraste com a situação estacionária do parque têxtil

inglês e o menor aumento relativo (se bem que importante) da grande indústria norte-americana.

QUADRO V

Crescimento da indústria têxtil em vários paises

ANO	Inglaterra	Est. Unidos	Japão	Índia
1900	81	67	—	43
1905	85	83	34	53
1910	92	—	73	88
1913	100	100	100	100
1920	98	—	209	127
1923	98	116	254	154
1925	98	—	281	164

É de notar-se, em consequência, a queda de produção da indústria inglesa a partir de 1900 e o crescimento da produção de seus maiores competidores:

QUADRO VI

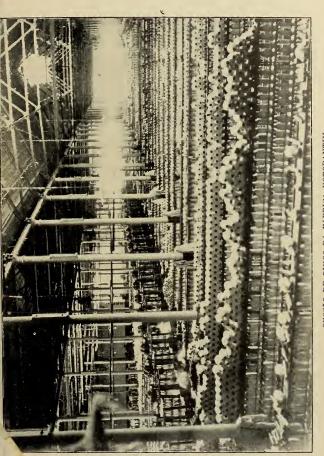
Produção de Tecidos

(Em milhões de jardas lineares)

PAISES	ANOS		
	1912/13	1923	1924/25
Inglaterra	8.044	—	5.426
Estados Unidos	—	7.131	6.446
França	1.310	1.110	1.198
Índia	1.164	1.702	1.970
Japão	417	1.001	1.180
China	10	—	24

Na Inglaterra, o Lancashire continua a ser a região onde a indústria têxtil apresenta seu máximo de concentração.

Além desta devem ser citadas partes dos condados de Cheshire e do Derbyshire.

Oldham, Bolton, Manchester, Rockdale são as cidades em que se encontram as maiores fiações da ilha

SECÇÃO DE *RINGS* DA FABRICA VOTORANTIM
Vila Votorantim, Sorocaba — Estado de São Paulo

britânica, enquanto Burnley, Blackburn, Preston, Nelson, Accrington, Darwem representam os maiores centros de tecelagem.

Burnley possui 108.615 teares, Blackburn 95.910. E Oldham apresenta 17.826.000 fusos, vindo em seguida Bolton com 7.854.000.

Ocupavam-se do trabalho nas fábricas de fiação e tecelagem da Grã Bretanha em 1921, 596.000 mulheres e homens, que representam menos 32.000 operários que os existentes em 1911. Deve-se essa queda à guerra de 14/18 e a maior mecanização do trabalho nos "rings" de fiação.

O número de homens era em 1921 bem maior que o de mulheres (368 mil contra 228 mil mulheres), sendo que a diferença é bem maior nas secções de tecelagem (245 mil homens para 133 mil mulheres) que nas secções de cardas, fiação e preparação (117 mil homens para 93 mil mulheres).

Não tem crescido na Inglaterra, da maneira esperada, a introdução do uso dos teares automáticos, que representam apenas 3% do total de teares existentes (483.984 teares comuns para 15.224 automáticos).

Nada é possivel objetar contra a eficiência da indústria têxtil inglesa e contra a perfeição de seus produtos e tal representa um argumento a antepôr àqueles que desejam tornar razão de ser do progresso da moderna indústria de tecidos a troca dos teares comuns por teares automáticos.

A Inglaterra continua a ser um dos maiores paises exportadores de tecidos de algodão e o maior fornecedor de artigos finos.

Nos Estados Unidos a indústria têxtil algodoeira encontra-se dividida entre a Nova Inglaterra e os estados do sul, produtores de algodão.

Em 1928 a Nova Inglaterra apresentou 44% da produção de tecidos e os estados algodoeiros do Sul 51%, embora com a indústria de formação mais recente enquanto que as demais zonas do país representavam apenas 5%.

Surpreende, à primeira vista, o fato de bôa parte da indústria têxtil estar localizada tão longe da "Cotton Belt", assentada na parte norte da costa atlântica.

A história da indústria do ferro ensina, porém, que as regiões produtoras de energia, como a região carbonífera do sul dos Grandes Lagos, atrai as grandes indústrias mais intensamente do que a própria fonte de outras matérias primas.

No clima mais aprazível do nordeste aliam-se, à maior abundância e menor preço de energia elétrica, a humidade do ar que é favoravel à produção de tecidos finos, o mercado abundante, a indústria de maquinária e outros elementos que influenciam para a formação da Nova Inglaterra de próspera e grande indústria têxtil.

No norte, Massachusetts é o estado de maior concentração industrial, com mais da metade dos fusos existentes. No sul, as Carolinas do Norte e do Sul são os estados de maior importância. Em Raleigh, Columbia, Atlanta, Augusta, etc., desenvolveu-se uma atividade fabril, típicamente americana, na criação de um parque industrial moderno e imenso.

Massachusetts apresentava em 1928, 9.696.000 fusos, a Carolina do Norte 6.204.000 fusos e a Carolina do Sul 5.469.000, seguida da Georgia com pouco mais de 3 milhões de fusos.

A produção dos Estados Unidos, como a da Índia, Japão, Alemanha e Itália, difere de muito da produção do Lancashire sob o ponto de vista da divisão de trabalho e sua especialização.

É provavel que a tremenda produção do Lancashire e o parcial monopólio em que foi criada hajam sido a causa de seu elevado gráu de especialização que a menor escala de produção em outras regiões não justificou até hoje.

Assim a fiação, separada das tecelagens, é a norma adotada na Grã Bretanha, ao contrário da forma de "fiação e tecelagem" conjuntas, daqueles outros paises e que a estes permite economia no transporte do fio, de menor importância entre os ingleses, dadas a concentração da indústria, a produção em larga escala e a perfeita padronização dos fios e tecidos que são os utilizados na Grã Bretanha.

A técnica de extrema especialização, característica da indústria britânica, não é seguida pelos norte-americanos, que a ela atribuem o aumento do custo da produção dos tecidos, devido aos intermediários que surgem entre os diversos estágios de produção.

A tendência americana é a de fazer crescer a capacidade produtora de cada fábrica, verticalmente, com o aumento do número de fusos por estabelecimento fabril e por tear existente no mesmo, como base de produção racional e de menor custo.

A substituição dos teares comuns pelos automáticos é típica da indústria têxtil americana. Em 1938 o país apresentava 392.329 teares automáticos em um total de 573.452 teares, ou sejam, 68,5%.

A formação recente das grandes fábricas americanas, o elevado custo de mão de obra no país, a preocupação por maior eficiência de produção (com os teares automáticos atinge em média 90%), constituiam as principais razões dessa preferência, não notada na Inglaterra que continua, não obstante, a produzir tecidos mais finos que os Estados Unidos.

A enorme produção têxtil americana encontra nos 140 milhões de habitantes do país seu grande mercado

consumidor e para êle trabalha quasi exclusivamente como, aliás, acontece com a indústria maquinofatureira da grande nação em outros setores industriais.

Os Estados Unidos eram, com a Índia, antes da guerra de 14/18, os fornecedores de algodão à indústria têxtil alemã. A Alemanha conseguiu ser grande produtor de tecidos, ao mesmo tempo que os exportava às demais nações européias, tornando-se forte competidor da Inglaterra, que fôra, até poucas décadas, o único abastecedor das mesmas.

Até 1914 a indústria têxtil era a que representava mais alta cifra de exportação no Império Germânico.

Os principais distritos têxteis eram: Alta Alsácia, a região do Rheno e o Sudoeste Alemão. Colmar, Mulhouse, Colônia, representavam os maiores centros têxteis. A posição do país nos mercados mundiais de tecidos jamais poude ser reconquistada após a derrota em 1918 e a perda da Alsácia.

A Alta Alsácia representa outra zona têxtil de importância na Europa. Além dessa, Lille, Cambrai, Saint-Quentin, Belfort, Epinal, são os maiores centros de fabricação de tecidos de lã, algodão e sêda da França. No Baixo Sena e no Ródano as bôas condições do tráfego vêm criando outras zonas têxteis de importância para o país.

A fibra do algodão é importada.

Rússia, Norte da Itália, Tchecoslovaquia, Espanha, Bélgica e Suissa completam o quadro europeu dos grandes paises produtores de tecidos de algodão. Exceção da Rússia, os outros são forçados a importar a matéria prima.

O grande crescimento da indústria têxtil russa deu-se, sem dúvida, após 1918. A industrialização do país atingiu, como era natural a produção dos tecidos. Fábricas modernas foram instaladas, em grande número, tornando-se a Rússia um dos maiores centros de produção têxtil da Europa.

Devemos notar que, em 1939, o número de teares automáticos instalados era, apenas, de 10%.

No Japão o grande centro fabril é Osaka, embora outras cidades sejam importantes, como Aíchi e Nagoya.

Na Prefeitura de Osaka, em 1925, encontravamse 24% dos fusos e teares do império.

A eletricidade é largamente utilizada nas fábricas têxteis, o que faz diminuir o custo da produção, cooperando para isto a mecanização em larga escala e a diminuição do número de operários (utilizam teares automáticos na proporção de 12%), devendo ser observada ainda o baixo custo da mão de obra.

O grande crescimento da produção do império japonês deu-se durante a primeira grande guerra européia.

Até 1914 o Japão importava algodão, máquinas, substâncias químicas e, em abundância, só possuia mão de obra.

Aproveitando-se da guerra e da possibilidade de fazer crescer sua produção de 25%, puderam os industriais nipônicos inundar novos mercados com seus tecidos grosseiros. Em 1918 o crescimento da indústria têxtil japonesa já era notavel e a importação de grande quantidade de novas máquinas garantiu-lhe a manutenção do lugar de grande exportador, em que se situava.

Anos mais tarde, tendo por base a grande siderurgia criada no país, a custa de sucata americana e de carvão importado, e, mais tarde, na Mandchuria, onde estabeleceram usinas modernas e notáveis por sua produção, puderam os japoneses passar à posição de produtores e, pouco após, de exportadores de máquinas têxteis, de corantes e de produtos químicos.

Liberta da dependência da indústria do Ocidente, a indústria têxtil japonesa cresceu de maneira alarmante para seus competidores. Em 1914 possuia 2.409.000 fusos e, em 1938, êsse número era de 11.502.000 fusos.

Mantendo mercados para seus panos grosseiros e conquistando outros, o Japão tornou-se o "fantasma" temido pelos demais paises exportadores daquêles panos, inclusive o nosso país, que muito sofreu com o "dumping" por êle provocado.

A Índia tem em Bombaim e Ahmedabad seus grandes centros têxteis.

A produção baseia-se na mão de obra abundante e barata e, devido a isto, a indústria, anteriormente fixada de preferência naquela primeira cidade, busca transferir-se para outras regiões, dado o aumento de custo do braço operário alí verificado ultimamente.

A posição dos grandes paises produtores de tecidos era em 1939, a seguinte: (Estão resumidos aqui alguns dos dados gerais referentes à indústria têxtil mundial).

QUADRO VII

Consumo de Algodão em rama

(Em 1.000 fardos)

Estados Unidos	6.329
Japão	3.651
Índia	3.012
Inglaterra	2.733
China	2.340
Brasil	649

QUADRO VIII

Número de Fusos e de Teares

PAISES	Fusos (mil)	Teares (mil)
Inglaterra	36.322	504
Estados Unidos	25.911	573
Alemanha e Austria	12.967	211
Japão	11.502	332
Rússia	10.356	250
Índia	10.054	201
França	9.794	193
Itália	5.324	146
China	4.450	—
Brasil	2.765	80
Espanha	2.000	66

QUADRO IX

Produção de tecidos

(1.000 m.)

Estados Unidos	5.979.000
Índia	3.265.000
Inglaterra	2.804.000
Japão	1.686.000
Brasil	894.000
China	866.000

QUADRO X

N.º de teares comuns e automáticos

NAÇÕES	Comuns	Automáticos	Não especificados	Total
Estados Unidos ...	181.123	392.329	—	573.452
Inglaterra	483.984	15.224	5.565	504.773
Japão	292.564	40.000	—	332.564
Rússia	216.000	25.000	9.000	250.000
Alemanha e Austria	178.308	19.907	13.370	211.585
Índia	197.363	4.185	—	201.548
França	152.800	37.700	3.400	193.900
Itália	91.500	33.500	21.500	146.500
Tchecoslovaquia ..	100.890	1.930	1.360	104.180
Brasil	74.246	4.160	2.497	80.903
Espanha	61.337	5.249	—	66.586

QUADRO XI

Relação entre o número de fusos e número de teares

NAÇÕES	Fusos por tear
Inglaterra	72
Alemanha e Austria	61
Índia	50
França	50
Estados Unidos	45
Rússia	41
Itália	36
Japão	34
Brasil	34
Espanha	30
Tchecoslovaquia	15

Dados que devem ser tomados com certa reserva pois não são levadas em consideração tanto a variedade na produção dos diversos tipos de fusos, como a variação do consumo dos diversos tipos de teares e, bem assim, o número de horas de trabalho. Não são levadas em conta as malharias.

ALGODÃO NO BRASIL

Cada um dos grandes produtos do Brasil parece haver escolhido para seu desenvolvimento uma região específica do nosso imenso território, como se trouxesse a missão histórica de dar riqueza a determinada área.

Um após outro, atingiu seu zenite e entrou em declínio e nosso passado registra, dessa forma, de quando em quando, o deslocamento de massas de população para novas fronteiras, além da triste sorte daqueles que preferem conservar-se na zona outrora em esplendor e que passam a viver, então, em franca decadência.

Cada uma dessas fases econômicas, desses "ciclos de produção", contribuiu assim para o enriquecimento de uma região e o empobrecimento de outras, trazendo a uns poucos poder e riqueza e a muitos trabalho e desenganos.

As migrações, de um para outro sonhado "Canaan", através chapadas, vales e montanhas, deve-se, sem dúvida, ao insuficiente número de braços com que sempre lutamos e à grande extensão dos páramos a explorar mas o espírito de ambição que as norteou, trouxe-nos, ao mesmo tempo, a conquista de nosso hinterland e o entrelaçamento de nossos núcleos coloniais, a uniformização de nossos hábitos, tradições, religião, desejos e sonhos e a generalização de nossa bela língua portuguesa, gérmens do espírito da brasilidade.

E, se dessa face bôa do sonho do "El Dorado", desse defeito nosso, tão latino mas tão humano, de ambição de riqueza pronta e sem limites, resultaram, no Brasil Colônia, na triste sucessão das fases de grandeza e decadência, ao fim de cada ciclo, no esfôrço para substituir uma riqueza perdida, ganhou sempre o país novos pedaços de território, conquistado para o trabalho, ativo e frutificador, para todo o sempre.

A história do Brasil está pontuada pelo açucar, o ouro e o café, que colorem de branco, ouro e vermelho o mapa econômico-histórico de nossa pátria. Em adição houve menores interlúdios, nitidamente marcados no tempo e no espaço, dominados pela borracha, o cacau, a laranja e outros produtos.

Açucar e algodão povoavam o norte, desde a Bahia, ao Recife e Olinda, atingindo até o Ceará e o Maranhão.

A mudança brusca na economia brasileira, determinada pela descoberta de ouro de aluvião levou, anos após, aventureiros de toda espécie às montanhas de Minas a fundar cidades ricas entre as serras, até então raro palmilhadas pelo homem branco.

Mais tarde a ascenção sem igual da economia da terra paulista, deve-se ao quasi monopólio do café.

Sómente o Rio de Janeiro surgiu de um acontecimento político e não econômico: — a fuga da família real ante as armas francesas de Junot.

Longo fio a unir o Brasil pré-cabralino, através os séculos da fase colonial, ao Brasil de hoje, das grandes cidades e da grande indústria, o algodão aparece como o único produto que soube criar raizes nas regiões em que seus capulhos cheios de fios brancos se abriram um dia ao toque dos raios do sol.

Considerado nativo no Brasil, por alguns historiadores e botânicos, apesar de que jamais houves-

sem sido determinadas, de modo claro, as espécies de algodão naturais do país, muito tempo antes de 1500 era utilizado o algodão pelos aborígenes do norte e do nordeste.

Empregavam-no, em forma de flocos, como objeto de adôrno ou, nas pontas de flechas, para levar o fogo às malocas inimigas. Mais raro, como nos tabuleiros maranhenses, serviam os capulhos de moeda corrente.

Até hoje, o encontro de pequenos algodoais, perdidos nos confins das matas, na bacia amazônica, serve de indicação do lugar em que existiu alguma taba abandonada da tribu selvagem.

Desde os primeiros anos, após a descoberta, foram, pelos colonos portugueses, introduzidos na Bahia e no Norte, "spécimens" de algodoeiros do oriente e, mais tarde, também, trazidos pelo jesuitas, que os levaram consigo para o sul do país.

Após carangueijar pelas praias por muitas décadas, os colonos brasileiros, fixados a certas zonas nordestinas e ao recôncavo baiano, pela cultura da cana de açucar, começaram a penetrar o sertão, onde fundaram fazendas de criação de gado, ao mesmo tempo em que os banguês e pequenos engenhos iam surgindo além do "agreste".

Mais tarde, com a primeira fase de decadência da indústria açucareira, um novo produto do nordeste ganhou importância e, com segurança mas sem pressa, foi firmando seu lugar entre as riquezas do Brasil que nascia: — o algodão.

Era cultivado ao lado da cana de açucar, nos grandes engenhos. Desde os séculos XVI e XVII dele provinha a matéria prima para as indústrias domésticas de fiação e tecelagem de panos grosseiros com que se vestiam os escravos.

Desde o século XVI, aqui e alí, encontravam-se pequenas lavouras de algodão da Bahia até o Maranhão,

mas sua primeira grande expansão teve lugar no interior de Pernambuco, no "sertão do Recife", cêrca de 1750, atraindo grande número de braços e as primeiras levas de escravos.

O território em tôrno do Jardim do Seridó passou a produzir apreciaveis quantidades de algodão de fibra longa, o nosso seridó ou mocó, nome que se deve, provavelmente, à semelhança encontrada entre o escremento de um pequeno roedor, o mocó, que tem por seu "habitat" os campos nordestinos e a semente escura da malvácea preciosa, cujos capulhos encerram a mais valiosa de nossas fibras têxteis.

Também o Vale do rio Itapicurú, no Maranhão, registrou, nos primeiros decênios do século XVIII, lavouras algodoeiras de vulto, da qual decorreram nossas primeiras exportações da fibra preciosa.

Em 1760 o Maranhão enviou pela primeira vez uma partida de algodão para a Europa.

De 1760 até 1771, foram exportadas (segundo Gayoso) 112.339,19 arrobas de algodão do Maranhão para o Velho Mundo.

De Vincenzi em seu livro "O Algodão na economia brasileira" transcreve as informações de Arruda Câmara sôbre as exportações de algodão de Pernambuco no século XVII que, data venia, transcrevemos:

ANO	Arrobas
1787	451
1788	5.529
1789	7.292
1790	3.163
1791	8.883
1792	15.879
1794	7.397
1795	6.440
1796	15.320

Processava-se, por esta época, na Inglaterra, a primeira fase da revolução industrial.

Máquinas a vapor de James Watt, fusos de Arkwright e teares de Cartwright transformam a indústria têxtil mundial nesses poucos anos que vão de 1769 a 1787.

Sobrevem a grande procura de algodão, e os descaroçadores mecânicos facilitam a grande expansão dos algodoais da Georgia e das Carolinas.

Ao começar o século XIX os Estados Unidos desenvolvem sua produção, pois os preços no Lancashire são sedutores e as máquinas fazem diminuir o custo da produção, o que lhes garante, poucos anos após, a primazia na exportação, deixando para traz e para sempre, até nossos dias, os grandes produtores de até então: — México e Brasil.

Em 1825 o algodão representava cêrca de um terço de nossa exportação; mas já em 1835 a produção norte-americana atingia o primeiro milhão de fardos, para 25 anos após subir a 4,5 milhões.

Cresceu, do mesmo modo, o interêsse mundial pelo café brasileiro e em 1860 este já valia por mais da metade do total de nossas exportações, enquanto o algodão significava menos de 4%.

A guerra de Secessão (1861-1865), ao afastar dos mercados a fibra notre-americana, propiciou a numerosos paises a oportunidade de fazer crescer suas lavouras de algodão e veiu dar novo destaque à posição do Brasil como exportador, voltando o algodão a valer por um terço de nossas exportações totais.

Daí em diante caiu sempre o algodão como valor na tábua das nossas exportações. Em 1888 figurava como 2,3% do total e atingia em 1932 pouco menos de 0,1%.

A queda do café (1929) levou os fazendeiros de São Paulo, em cujas principais cidades cresciam o número e a importância das fábricas de fios e de artigos têxteis de algodão, a dedicar-se ao cultivo do algodoeiro.

Representa, sem dúvida, a mais perfeita demonstração de nossa capacidade de previsão e de realização, de perseverança e inteligente esfôrço em pról de nossa economia, o trabalho realizado pelo Instituto Agronômico de Campinas no sentido de conseguir selecionar, à custa de trabalhos genéticos, variedades de algodoeiro que melhor se adaptassem ao altiplano paulista.

Traçando programa prévio, em que os caracteres do algodoeiro a conseguir eram claramente marcados, em tempo de desenvolvimento, em altura, produtividade, comprimento, côr e, em resumo, perfeita uniformidade da fibra, o Instituto, tendo à frente dos trabalhos um nome que nunca é demais divulgar, Cruz Martins, empenhou-se em esforços de que resultou o "upland paulista" que vem competindo vantajosamente com os produtos dos mais adiantados paises algodoeiros.

As zonas agrícolas da Sorocabana e da Paulista em primeira plana e, em seguida, da Araraquarense, da Douradense, da Mogiana e da Noroeste, repetiram no Brasil, em prazo muito mais curto, como verdadeiro "record", rarissimamente igualado em todo o mundo, o fabuloso crescimento da produção norte-americana do século XIX.

Em novembro de 1936 a Bolsa de São Paulo classificava o primeiro milhão de fardos produzidos pelo Estado, nesse ano, enquanto Santos até setembro embarcava 110 mil fardos de algodão.

Paralelamente cresceram em número e qualidade as máquinas de beneficiamento e, dessa forma, as fiações do Brasil puderam contar com produto nacional abundante e da mais elogiavel qualidade.

Em 1930 a produção do café representava 3.471 milhões de cruzeiros, e a pluma e o caroço do algodão atingiam apenas os 404 milhões.

Em 1934 o café descera a 1.929 milhões de cruzeiros, enquanto o valor da safra algodoeira ultrapassara o bilhão (1.048).

Em 1939 a produção do café significou para o Brasil 1.667 milhões de cruzeiros enquanto que o algodão colhido tinha o valor de 1.763 milhões.

A supremacia tradicional do café desapareceu neste ano de 1939 e deu lugar à do algodoeiro. E este acontecimento teve enorme significação para a economia do nosso país.

Produzido por planta ânua, permitindo, portanto, um contrôle de produção muito maior e mais efetivo, quer sob o ponto de vista de qualidade quer como garantia de defesa contra as doenças parasitárias e os males da superprodução, o algodoeiro representa uma riqueza nacional cuja conquista muito devemos prezar.

Adaptavel a todos os climas do país, desde o Pará até Santa Catarina, significa bôa distribuição de trabalho remunerador e oportunidade a quasi todos os brasileiros.

O quadro que se segue apresenta a distribuição da produção de algodão pelos estados brasileiros:

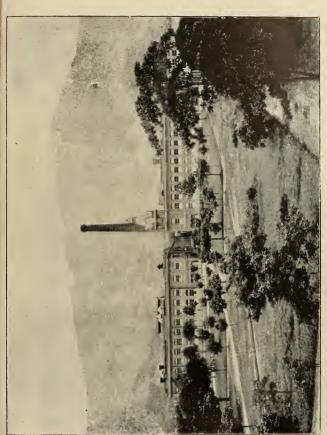
PRODUÇÃO EM MIL TONELADAS

	ANOS						
ESTADOS	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940
São Paulo	102	98	178	202	248	273	307
Paraíba	39	44	35	37	36	39	40
Ceará	31	38	24	32	28	28	30
Pernambuco	27	28	27	27	22	23	25
Rio Grande do Norte .	29	30	18	22	20	22	25
Minas Gerais	8	15	20	29	21	13	12
Alagôas	15	10	13	11	13	9	10
Maranhão	7	5	7	7	7	4	8
Baía	5	8	7	7	8	5	5
Paraná	5	4	4	4	2	4	4
Totais	248	297	351	399	422	488	478

Esses valores colocam o Brasil em 1940 no mesmo plano de importância do Egito e da China, apenas inferior aos Estados Unidos, à Índia e à Rússia como produtor de algodão em todo o mundo.

Não há a constatar, infelizmente, até esta data, melhoras na produção do algodão nordestino, de fibra longa que se possam comparar com o aperfeiçoamento produzido pela cultura científica, realizada em São Paulo quando da obtenção do algodão paulista.

Pouco cresceu em quantidade o nosso seridó e suas qualidades não melhoraram da forma porque o exige nossa moderna indústria de tecidos finos. Até hoje a porcentagem de fibras cujo comprimento foge ao comprimento modal, é elevada.

Desenvolvendo-se nosso principal algodoeiro de fibra longa em região que parece ser ecologicamente a que lhe é favoravel, é óbvio que a uniformidade dos fios depende exclusivamente do esfôrço perseverante e inteligente do homem.

FÁBRICA BANGÚ (CIA. PROGRESSO E INDUSTRIAL DO BRASIL)
Bangú — D. Federal

Urge, pois, seja dispendido esse esfôrço ao qual está ligada a sorte de nossa indústria de fiação na parte concernente à fios de alta titulagem e em consequência, da indústria brasileira de tecidos finos, capazes de resistir à comparação com os que procedem de alguns outros paises.

Em 1933 a área ocupada pelas culturas do algodão era a 4.ª em importância no Estado de São Paulo, sendo treze vêzes menor que a do café, sete vêzes menor que a do milho e pouco menor que a do feijão.

Nove anos depois, em 1942, tornara-se maior que a do café (Algodão: 1.346.024 ha e café: 1.191.095 ha); que a do milho (589.006 ha) e que a do feijão (300.000 ha), representando a maior cultura agrícola do estado lider.

Reanimou-se a exportação brasileira de algodão a partir de 1934.

Alemanha e Japão passaram a abastecer-se no Brasil e tornaram-se os maiores compradores de nossa pluma.

Em 1932 o total exportado não fôra além de 30.000 toneladas.

Em 1934 subiu a 126.000, em 1936 a 200.000, em 1938 a 268.000, batendo todos os "records" em 1939, com 323.000 toneladas.

A guerra mundial reduziu o número de bons compradores, afastando os maiores.

Ainda assim, a Inglaterra, o Canadá e outros paises permitiram que as exportações se mantivessem em 77.000 toneladas em 1943, 107 mil em 1944 e 164 mil em 1945.

É necessário considerar, ainda, a importância que vem representando nossa exportação de sub-produtos de algodão.

A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

Poucas décadas após a descoberta, iniciou-se no Brasil a fabricação de fios e tecidos de algodão.

Eram raras as fazendas que não possuiam algodoal próprio e escravos hábeis, capazes de produzir os panos grosseiros que a pequena população reclamava.

Cristãos novos, recém chegados à colônia, interessaram-se do mesmo modo pelo fabrico de panos e valeram-se do elevado preço por que eram obtidos os tecidos de procedência européia, para instalar no Nordeste e no Recôncavo Baiano suas oficinas rudimentares.

E os jesuitas por sua vez buscaram criar artezãos na arte de fiar e de tecer, como meio de combate ao hábito dos índios viverem nus.

Em 5 de Janeiro de 1785, porém, um alvará régio cortou cerce a indústria nascente, proibindo na colônia as manufaturas de algodão, sêda, linho, lã e os bordados de ouro e prata, com ressalva, apenas, para os tecidos baixos e grosseiros que se destinavam ao vestuário modesto dos negros escravos.

Em substituição aos panos que não mais podiam ser produzidos, negociantes portugueses passaram a exportar para nosso país tecidos de origem inglesa, usando comumente os portos da metrópole para o transbordo das mercadorias, que aqui chegavam, dest'-arte, encarecidas pelo lucro dos intermediários.

Chegado ao Brasil, o príncipe Regente D. João, revogou, a 1.º de Abril de 1808, as leis que traziam impecilhos à formação das indústrias manufatureiras do país, as quais passaram a ser protegidas "para a prosperidade do Estado" e, a 27 do mesmo mês e ano, novo decreto régio veiu concorrer para incrementar a expansão manufatureira, determinando a aquisição de fardamento das tropas reais nas fábricas brasileiras, facilidades de auxílio às indústrias nascentes pelo Real-Erário, subvenção às mesmas e redução de direitos aduaneiros relativos às matérias primas.

Faltam-nos dados precisos sobre a data da fundação das primeiras fábricas de fios e tecidos do Nordeste e Norte do país.

Há referências à "oficinas de tecer e fiar" existentes ao fim do século XVIII mas escasseiam os informes a respeito.

De Vincenzi cita Vila Rica como séde da primeira fábrica brasileira de tecidos e indica 1814 como sendo o ano de sua fundação.

De acôrdo com Souza Leão, por volta de 1808 já trabalhavam no Brasil 2 ou 3 fábricas, ainda que em luta com dificuldades grandes.

Em junho de 1813, Thomaz Rodrigues chega a São Paulo com máquinas para tecer e instala uma fábrica que pouco êxito teve e desapareceu alguns anos depois.

No Rio de Janeiro, na chácara da Lagôa Rodrigo de Freitas, sob as vistas d'El-Rey, trabalhava por essa época outra pequena fábrica que também não prosperou havendo funcionado até 1822, quando foi arrematada por Tomé Manuel de Jesus Varela por três contos de reis (F. Nardy: "A primeira fábrica de tecidos a vapôr em São Paulo").

Após a independência, embora tivessem, ainda, que lutar contra a proteção alfandegária que continuava a ser dispensada aos tecidos ingleses, foram surgindo algumas fábricas maiores; e, por volta de 1860, estas já representavam 2 dezenas, localizadas principalmente no Maranhão, Pernambuco e Bahia, compostas em geral de teares rudimentares, feitos de madeira e movidos a braço ou a pé.

Souza Leão, no entanto, indica a existência de, apenas, nove fábricas em 1866, detalhando-lhes o número de fusos (14.875) e teares (385).

A primeira fábrica de tecidos a vapor fundada em São Paulo e que conseguiu prosperar e funcionar até os dias de hoje, foi a Fábrica São Luiz, da cidade de Itú, surgida em 1869, de propriedade do Cel. Luiz Antonio de Anhaia. Contava 24 teares, movidos por uma caldeira a vapor de 30 cavalos, e conseguia produzir diariamente 1.200 varas de pano.

Após 1875 começou a ser prodigalizado maior apôio oficial à indústria têxtil algodoeira, com a criação de tarifas aduaneiras que vieram dificultar a importação dos artigos têxteis europeus.

Em 1881 (Souza Leão) as fábricas já eram em número de 44 assim distribuidas:

QUADRO XII
Distribuição das Fábricas de Tecidos
(1881)

ESTADOS	N.º de fábricas	Fusos
Bahia	12	13.056
São Paulo	9	3.100
Minas Gerais	8	240
Estado do Rio de Janeiro	6	38.523
Distrito Federal	5	5.500

e as demais em Pernambuco, Alagôas, Rio Grande do Sul e Maranhão, uma por estado.

A época 1881-1889, até o advento da República, é marcada pelo surgimento de muitas das principais fiações e tecelagens de nossos dias: a Cia. Alagoana de Fiação e Tecidos (1888), a Cia. América Fabril (1885), a Cia. Progresso Industrial do Brasil, de Bangú (1889), a "Moinho Inglês" (1887), etc. etc., sendo mais antiga a Cia. Petropolitana de Fiação e Tecelagem (1873) e pouco mais novas a Cia. de Tecidos Paulista (1891), atualmente a maior emprêsa têxtil do nosso país, a Cia. Industrial Pernambucana (1891), a Cia. Taubaté Industrial (1891), etc.

A República encontrou o Brasil com a sua indústria têxtil já bastante desenvolvida, representando 60% do capital empregado em indústrias em todo o país, o que significava Cr $ 240.000.000,00.

Por êsse tempo, a abolição da escravatura fez crescer a entrada de imigrantes no Brasil, destinando-se o maior número dos mesmos às regiões do sul, de clima temperado e onde o desenvolvimento da economia geral e das fazendas de café, em particular, prenunciava maior surto de riqueza e progresso.

Em consequência deslocou-se para São Paulo o centro de gravidade econômico da indústria têxtil e bem assim, para Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro e Distrito Federal, muito embora não deixasse de manifestar grande vitalidade e continuasse a crescer a indústria da tradicional zona algodoeira do nordeste.

O período de 1900 a 1915 foi chamado, muito justamente, de "idade de ouro" da indústria têxtil bra-

sileira. Seu crescimento foi notavel e pode assim ser registrado:

QUADRO XIII

Crescimento da Indústria Têxtil

(1900-1915)

	Crescimento %
Número de fábricas	118
Produção	127
Operários	110
N.º de teares	93
N.º de fusos	105

Espalharam-se as fábricas por novas unidades da federação. Em 1905 Santa Catarina não tinha uma única fábrica e dez anos após já possuia 15.

A primeira grande guerra representou, no entanto, o impulso definitivo para a nossa indústria têxtil.

Em 1913 ainda importávamos cêrca de 130 milhões de metros de manufaturas de algodão. Comprávamos: tecidos alvejados e tintos, estampados, crus, rendas, meias e roupas feitas e os mais diversos artefatos.

A produção nacional não bastava ao consumo interno pois não atingia os 400 milhões de metros.

Em 1915 possuíamos aproximadamente 50% do número de teares e fusos que hoje possuimos, ou sejam: 51.134 teares e 1.512.626 fusos, existindo 202 fábricas, espalhadas por 17 estados, que consumiam 60.500.000 kg. de algodão em rama.

Trabalhavam na indústria têxtil algodoeira 82.257 operários e o valor da produção atingiu 275.566.000.000 (Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil — 1922 — 1.º volume).

De 1911 a 1919 triplicou a produção fabril brasileira e o progresso foi sensivel embora fosse necessário lutar contra a deficiência de aparelhagem mecânica e a quasi impossibilidade de aumentá-la e modernizá-la. A importação de tecidos caiu de 50% entre 14 e 18 e ao terminar o conflito já ensaiávamos exportar nossos artigos têxteis.

Calógeras, salientando o valor do trabalho nacional na fase 1914/18, escreveu em 1916:

"Do próprio mal e mal imenso, que é a guerra, surgiu para nós uma consequência ótima. Refiro-me ao fato do cerceamento das importações de certas matérias primas ter agido como um aguilhão sobre a produção nacional".

E mais adiante:

"A atividade realmente notavel de toda a indústria de fiação e tecelagem demonstra que as necessidades dos consumidores estão sendo atendidas em larga escala por nossas próprias fábricas".

Finda a primeira grande guerra, restabelecidos após alguns anos os antigos níveis de produção dos grandes paises maquinofatureiros, já em pleno regimen de competição internacional, vamos encontrar em 1925 os seguintes valores para a indústria têxtil:

QUADRO XIV
Indústria Têxtil Algodoeira
(1925)

N.º de fábricas	257
N.º de operários	111.065
N.º de teares	70.561
N.º de fusos	2.345.809
Consumo de algodão em pluma (toneladas)	84.285
Produção de tecidos (Mt. linear)	670.577.972
Importação de tecidos (toneladas)	7.328
Exportação de tecidos (toneladas)	23

(Vide De Vincenzi — "O Algodão")

Após 1926, constata-se, no entanto, a gradual paralização do crescimento da indústria têxtil brasileira.

Atingida a produção necessária ao abastecimento do mercado interno brasileiro, entrou a indústria em crise séria, da qual só a veiu salvar a explosão em 1939 do segundo grande conflito mundial, com o qual lhe foram abertas as portas dos mercados de outros paises.

Muito baixo foi sempre o consumo "per capita" dos brasileiros quanto a tecidos, reflexo natural do baixo nivel de mão de obra de todo o Brasil, que tornava ínfimo o poder aquisitivo da grande massa.

Desta forma nem os baixos preços, — a que atingiram os tecidos na fase culminante da crise, — puderam fazer crescer o consumo interno.

Providências foram alvitradas, restringiu-se a importação de máquinas para evitar o aumento de produção mas a causa do mal que afligia a indústria têxtil era de natureza muito geral para que fôsse conseguido de pronto o remédio para o mesmo com a simples aplicação das medidas tomadas.

O "crack" de Wall Street, a depressão econômica resultante da queda do café, o "dumping" japonês, a luta entre o Lancashire e o Osaka, eram detalhes de um quadro de proporções muito maiores que tem origem na aparentemente modesta criação da máquina a vapor de James Watt e que se veiu agravando até nossos dias, à custa de muitos êrros cometidos e das naturais dificuldades de reajustamento da economia mundial às novas bases em que hoje se funda.

Não é possivel a existência da grande indústria em um país sem a criação de um grande mercado consumidor, dentro de suas fronteiras, pela elevação gradual mas constante do "standard" de vida de suas

massas operárias. Sem grande consumo interno, é óbvio, a produção têxtil ficará sempre na dependência da exportação e da concorrência da indústria de outros paises melhor aparelhados sob o ponto de vista de material humano e de máquinas.

Sem aumento de consumo, o reajustamento da produção às necessidades do mercado interno só poderá ser conseguido mediante elevados prejuízos para a indústria e com os sofrimentos da grande massa dos operários que dela dependem.

Em 15 anos, de 1925 a 1938, o aumento constatado é o seguinte:

QUADRO XV

Desenvolvimento da Indústria Têxtil

(1925-1938)

Produção	35,8
Consumo de algodão em pluma	41,7
N.º de fusos	17,9
N.º de teares	13,9
N.º de operários	17,1
N.º de fábricas	31,5

A guerra de 1939/1945 trouxe à indústria têxtil algodoeira novo clima em o qual a mesma encontrou novas possibilidades de desenvolvimento.

Pena foi que as restrições impostas ao seu crescimento pelos anos de crise e a consequente deficiência de maquinária, houvessem imposto, em breve, um limite à produção, apesar de haver sido feito desdobramento de turmas de operários e de outras medidas tomadas para fazê-la crescer.

A grande exportação para os paises sul-americanos, que, em pequena escala, já vinham utilizando nossos tecidos, e a conquista facil de novos mercados em uma fase em que não houve competição por parte de outros produtores, levaram nossa maior indústria ao estado de euforia em que, ainda hoje, se mantem. Inúmeras foram as tecelagens e malharias instaladas, atingindo a algumas centenas as tecelagens de tecidos mistos de algodão e rayon surgidas em São Paulo principalmente e nos estados vizinhos.

A produção de tecidos exclusivamente de algodão ultrapassou em 1944 os 1.150 milhões de metros e a exportação teve seu máximo em 1943 com 263 milhões de metros.

Elevados pela grande procura, os preços garantiram o êxito de todas as iniciativas e daí o desenvolvimento da indústria nacional de fabricação de teares, a qual permitiu a instalação de alguns milhares de máquinas novas em diversos estados.

Desde a crise têxtil dos últimos anos da década 1930/40 até a fase atual de após-guerra, toda uma grande sucessão de fatos e circunstâncias determinou, como vimos, mutações radicais no panorama da economia de nossa indústria de fiação e tecelagem de algodão.

Guilherme da Silveira, em brilhante parecer, apresentado em 1942 ao Conselho Técnico de Economia e Finanças, estuda a crise de 1937 e 1938 e a influência decisiva da guerra deflagrada em 1939 para sua solução.

O eminente autor, hoje elevado à presidência de nosso mais alto estabelecimento de crédito, traça o paralelo entre a situação de nossa indústria têxtil

durante a segunda grande guerra e a do Japão na fase 1914/18, ambas beneficiadas pelo momentâneo desaparecimento dos grandes produtores dos mercados mundiais. Descreve o esfôrço desenvolvido pelos japoneses em 1914 e os frutos dele resultantes para justificar o programa que apresenta e que julga indispensável venha a ser cumprido pela indústria têxtil brasileira para que a mesma possa obter no futuro a estabilidade econômica necessária, pelo aperfeiçoamento técnico que a levará a produzir melhor e mais barato e que lhe garantirá a manutenção dos mercados para colocação de seus tecidos.

De tal modo julgamos util a maior divulgação do autorizado trabalho de Guilherme da Silveira que, com o consentimento do autor, transcrevêmo-lo em anexo a esse escorço histórico.

Em 1944, pela primeira vez em sua história, poude o Brasil aparecer como país industrial ao lado das grandes nações manufatureiras, em reunião que se destinava a distribuir, entre os paises que tinham saldos exportáveis, os mercados internacionais ávidos por tecidos de algodão. (Acôrdo de Washington C. P. R. B.). Os fornecimentos tratados de govêrno a govêrno, entre o Brasil e o Conselho Francês de Aprovisionamento (C. F. A.) e, bem assim, o fornecimento estabelecido entre o Brasil e a Unrra, entidade internacional destinada a socorrer os povos flagelados pela guerra, representam compromissos de grande vulto, de cujo cumprimento ficou incumbida a Comissão Executiva Têxtil (Cetex), órgão criado, ao mesmo tempo, para atender à mobilização da indústria têxtil com o fim de ser conseguido substancial aumento de produção de tecidos, e para ser possivel realizar as exportações previstas no Acôrdo de Washington.

Pela primeira vez a indústria têxtil brasileira, de todos os estados e zonas produtoras, poude reunir-se em tôrno de uma mesa e, democraticamente, discutir os problemas de interêsse comum, quer da própria indústria, quer de toda a nação que nela tem enorme e crescente interêsse.

Os problemas do após guerra, o reaparelhamento das fábricas para poder ser enfrentada a concorrência estrangeira, foram discutidos e tratados e, bem assim, as questões relativas ao abastecimento do mercado nacional, em uma época em que a falta de tecidos em todo o mundo torna a procura muito maior que as ofertas.

RIO, Outubro de 1946

FERNANDO NASCIMENTO SILVA

A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM

Parecer apresentado pelo Dr. Guilherme da Silveira ao Conselho Técnico da Economia e Finanças.

Janeiro de 1942

A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM

Em 2 de outubro de 1940, o Sr. Ministro João Alberto Lins de Barros, então Presidente da Comissão de Defesa da Economia Nacional, convocou o Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão e vários industriais textís para examinar a situação da indústria nacional de fiação e tecelagem de algodão, bem como as providências que devessem ser tomadas para normalização dos seus negócios.

Conforme tivemos oportunidade de noticiar, foi nomeada, nessa reunião, uma Comissão para estudar as medidas capazes de resolver, de forma eficiente, a crise que com tanta intensidade atingia a indústria têxtil de algodão.

Essa Comissão reuniu-se várias vezes e apresentou em 21 de outubro de 1940, um longo e minucioso relatório ao Sr. Ministro João Alberto Lins de Barros, tendo sido as suas conclusões tomadas por unanimidade de votos.

O ilustre Presidente da Comissão de Defesa da Economia Nacional examinou o assunto e submeteu à apreciação do Sr. Presidente da República a conveniência de adoção de algumas das providências sugeridas no relatório que recebera.

Formado, assim, o respectivo processo, foi o mesmo encaminhado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A seguir, foi o processo estudado pelo Ministério da Fazenda, através do Conselho Técnico de Economia e Finanças.

Nesse Conselho foi o assunto distribuido ao Sr. Dr. Guilherme da Silveira, o qual apresentou um brilhantíssimo parecer, examinando essa importante matéria sob todos os seus aspectos.

Esse parecer é, sem favor, um trabalho notavel, que a direção desta revista entendeu ser da maior utilidade divulgar, para conhecimento de todos os interessados.

Pedimos, pois, a especial atenção dos nossos leitores para esse importante parecer.

PARECER DO CONSELHEIRO GUILHERME DA SILVEIRA SÔBRE O PROCESSO N.º 83 RELATIVO À EXPOSIÇÃO DIRIGIDA AO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA PELA COMISSÃO DE DEFESA DA ECONOMIA NACIONAL, SÔBRE A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO PAÍS E PROPOSTA DE MEDIDAS TENDENTES À SUA PROTEÇÃO.

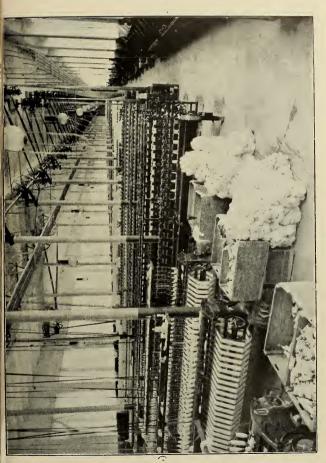
Sr. Presidente:

Deu origem ao presente processo um memorial sôbre a situação da indústria têxtil do país, apresentado pelo Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão à Comissão de Defesa da Economia Nacional, no mês de outubro de 1940, em reunião a que compareceram 21 representantes de emprêsas, firmas e sindicatos.

Para decidir da procedência do memorial, deliberou a Comissão efetuar um inquérito entre todos os nossos estabelecimentos textís o qual pareceu apurar que

> *"um dos motivos da crise era o encarecimento do custo da produção devido ao aparelhamento antiquado da maquinária, ao aumento e à diversidade de salários, variáveis conforme as zonas".*

Ante tal constatação foi ressaltada

> *"a necessidade de providências que proibissem a importação de máquinas de rendimento anti-econômico".*

SECÇÃO MEADEIRAS
Cia. Fiação e Tecelagem Rio Grande
Rio Grande — Rio Grande do Sul

2.º) — Fica proibida a importação, a aquisição e instalação de novos teares, salvo quando se tratar de substituição. Neste caso o interessado apresentará as devidas provas à Comissão de Defesa da Economia Nacional, que tomará as necessárias providências, afim de ser autorizada a referida substituição, procedendo-se em seguida à inutilização do tear antigo ou imprestável;

3.º) — As instruções necessárias ao fiel cumprimento desta Resolução serão elaboradas e expedidas pela Comissão de Defesa da Economia Nacional.

Rio, 29 de Novembro de 1940.

JOÃO ALBERTO LINS DE BARROS — Presidente.

A 8 de Janeiro de 1941, a Secretaria do Palácio, de ordem do Sr. Presidente da República, solicitava ao Sr. Ministro do Trabalho que

"lhe fosse devolvido, informado, com urgência, o expediente que fôra enviado ao Ministério em 4-12-1940, relativo à carta da Comissão de Defesa da Economia Nacional sôbre a proibição de se importar maquinárias e teares".

Em 11.1.941, o D. N. I. C. do Ministério do Trabalho, prestava as seguintes informações:

"Desconhecemos por completo os termos do Memorial encaminhado pelo Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão, bem como os resultados colhidos através do inquérito procedido pela Comissão de Defesa da Economia Nacional.

Depois de um ligeiro estudo do assunto e de considerados vários elementos concretos, tais como a produção de tecidos de algodão, entregue ao consumo, a importação de várias espécies de tecidos, a exportação, etc., e analisados os dados colhidos no Censo Industrial levado a efeito por este Departamento e cuja apuração foi realizada pelo Departamento Nacional de Publicidade e Estatística, chegamos à conclusão de que *não parece existir, de fato, uma superprodução, capaz de justificar certas medidas de defesa e proteção.*

Na verdade, nestes últimos anos o volume de tecidos entregue ao consumo elevou-se bastante, como se vê no anexo 1, o que evidencia uma notavel melhoria no poder aquisitivo do consumidor.

Convém advertir que o anexo n.º 1 se refere à produção de tecidos, em metros e valor, concernente ao período decorrido entre 1928 e 1937.

Apesar dos apelos da indústria têxtil terem sido dirigidos ao Govêrno, nos anos de 1939 e 1940, o D. N. I. C. baseou as suas informações em dados correspondentes ao período 1928/1937.

Na exposição daquela entidade não se encontra nenhuma referência às produções concernentes aos anos de 1938, 1939 e 1940!

Prosseguindo, o D. N. I. C. informa ainda ao Sr. Presidente da República que

> "o surto da produção de tecidos é a consequência lógica da vasta ampliação das fábricas existentes, pela intensa importação de teares realizada por numerosos estabelecimentos fabris, desde que cessou em 1937 a proibição de entrada de maquinismos para as indústrias até então consideradas em superprodução.
>
> *Diante do desenvolvimento natural do parque industrial operado igualmente pela fabricação de teares nacionais, a produção, como era natural, aumentou extraordinariamente, tendo sido, contudo, acompanhada de perto pelo consumo, que, assumindo fortes proporções, poude absorver o acréscimo que foi produzido, evitando assim qualquer indício de superprodução.*
>
> Este incremento na fabricação de tecidos de algodão e, simultaneamente um maior grau de perfeição na técnica empregada contribuiram fortemente não só para que se iniciasse, sob os melhores auspícios, uma corrente regular de exportação, fadada a desenvolver-se facilmente, como tambem para reduzir a limites insignificantes a aquisição de tecidos nos mercados estrangeiros.
>
> Em 1928 foram dados ao consumo 581.950.800 metros de tecidos de algodão, que, a razão de 1$200 o metro, representam um valor global de 698.375:000$000 ao passo que,

em 1937, a quantidade se elevou a 954.814.378 metros, equivalentes a 1.401.163:000$000 tendo o preço do metro alcançado a 1.468. *Houve, portanto, um aumento de 64% quanto à quantidade de tecidos utilizados e 100% sôbre o valor, o que demonstra uma valorização certa do produto".*

O espírito prevenido do informante traiu-se no cálculo da percentagem de aumento do valor da produção entregue ao consumo em 1937. O embevecimento de que se deixou envolver, ao contemplar o surto de florescimento da indústria de tecidos, fê-lo encontrar uma valorização de 100%.

Entretanto, pelos dados apresentados, pode constatar-se que, em 1928, a média de preço por metro entregue a consumo foi de 1$200 e, em 1937, de 1$468, havendo, portanto, um aumento de $268 por metro.

Quem quer que proceda ao cálculo desta percentagem de aumento, desde que não se deixe empolgar por sonhos de inefavel fantasia, chegará à conclusão de que a diferença a mais é apenas de 22%!

Tambem a informação do D. N. I. C. mantem o mais profundo silêncio acêrca dos números relativos à produção nos anos de 1938, 1939, 1940.

Em 1940, o Departamento persiste ainda em argumentar tomando por base dados estatísticos correspondentes ao período 1928-1937; por isso, nada refere sôbre a diminuição dos dias de trabalho nas fábricas de tecidos de algodão, que se verificou de 1938 em diante.

É interessante, contudo, salientar que, relativamente à importação e exportação de tecidos, o D. N. I. C., avançando pouco mais, referiu ao Sr. Presidente

da República os números pertencentes aos anos de 1938 e 1939.

Que singular maneira de prestar com imparcialidade informações e de compulsar dados estatísticos!

Foi, provavelmente, por haver deparado com fatos semelhantes que um sagaz médico britânico poude inferir a existência de três qualidades de mentiras, a saber:

Grandes Mentiras (Black lies).
Pequenas Mentiras (White lies).
As Estatísticas... (The Statistics).

Referindo-se à exportação de tecidos, presta o D. N. I. C. os seguintes esclarecimentos:

> "A exportação de tecidos, que, no ano de 1928, não ultrapassou de 26.754 quilos, no valor de Rs. 223:000$000, atingiu ao máximo, em 1937, com remessas num total de 686.000 quilos (+ 2.467%) e Rs. 10.879:600$000 (+ 4.771%), *para baixar ligeiramente em* 1938, *quando foi apenas de* 247.000 *quilos e Rs.* 4.260:000$000.
> *Ocorre, porém, que, em* 1939, *as remessas para o estrangeiro se elevaram a* 1.981.734 *quilos no valor de Rs.* 29.387:000$000".

Ainda aqui, fica patenteada a parcialidade das informações do D. N. I. C.: nenhum comentário se fez sôbre o motivo real do aumento da exportação de tecidos brasileiros e nem siquer se alude à guerra européia...

Reportando-se a números índices, refere o D. N. I. C. que

> "o consumo "per capita", em 1928 e 1937, dos tecidos de algodão nacionais e estrangeiros apresentou o seguinte resultado: 16,01 e 22,61, respectivamente, tendo havido, portanto, uma elevação de 6,60m ou mais 41,15%.

Sempre a mesma referência aos anos em que a indústria têxtil nada reclamou e a intencional carência

de comentários acêrca dos índices relativos aos anos de 1938, 1939 e 1940!

Alude tambem a exposição do D. N. I. C.

> *"aos valores dos "stocks" verificados em 31 de Dezembro de 1937, conforme a apuração do Registro Industrial",*

mas não apresenta, para perfeito esclarecimento do assunto, os dados pertinentes aos anos de 1938, 1939 e 1940.

No ofício de informações prestadas ao Chefe da Nação pelo D. N. I. C. deparam-se os seguintes tópicos finais:

> "Em face da resumida exposição feita e dos quadros a este anexados não nos é permitido concluir pela existência de superprodução de tecidos de algodão.
>
> *E' possivel, contudo, que, diante dos argumentos oferecidos pelo Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão e das conclusões decorrentes do inquérito realizado pela Comissão de Defesa da Economia Nacional, a situação da indústria em apreço seja, de fato, muito diversa da que ora se nos apresenta, porém só de posse daqueles elementos poderemos melhor considerar o importante assunto.*
>
> Convém ainda ponderar que, em virtude do estado de guerra em que ora se acham numerosos paises de diversos continentes, entre os quais se contam grandes produtores de tecidos de algodão, a indústria da preciosa fibra vem sofrendo notavel redução na sua atividade, sendo mesmo possivel que muito em breve se observe uma paralização completa de fabricação. Nestas condições seria talvez interessante e conveniente que o Brasil, mesmo com algum sacrifício, aproveitasse a oportunidade única que se lhe oferece para a conquista de novos mercados para os seus tecidos".

Ao devolver o processo ao Sr. Presidente da República, fez o Ministro do Trabalho, Sr. Waldemar Falcão, várias considerações, calcadas todas sôbre os dados constantes da exposição do D. N. I. C. e reconheceu

"o acêrto das medidas tendentes ao melhoramento da aparelhagem do nosso parque industrial, não, porém, com caráter rígido, como propôs a Comissão de Defesa da Economia Nacional, que no item 2.º do projeto de Resolução chega a proibir a importação, aquisição e instalação de novos teares, salvo quando se tratar de substituição".

Advertiu ainda o Sr. Ministro que,

"quando procura o país por todos os meios a conquista de novos mercados no exterior, aproveitando o estado de guerra em que se encontram vários paises da Europa, entre os quais grandes produtores de tecidos de algodão, e vem uma parcela notavel da indústria estrangeira sofrendo grande redução na sua atividade, não seria justo cuidar-se da restrição da sua capacidade de produção, tanto mais quanto não se torna facil no momento a importação de máquinas mais modernas, devendo consequentemente operar-se com muita lentidão a almejada substituição da maquinária existente".

Fixando o ponto de vista do Ministério do Trabalho, o Sr. Waldemar Falcão afirmou o que segue:

"E' exato que não deixa de ser aconselhavel exercer um cuidadoso contrôle no sentido de evitar que, em zonas de custo de vida mais elevado e onde a produção industrial já adquiriu maior adiantamento, se instalem maquinárias obsoletas, tendentes a efetuar uma produção anti-econômica, que só poderá perturbar a normalidade dos mercados. *Não se poderá adotar, porém, com a rigidez proposta, a medida sugerida pela Comissão de Defesa da Economia Nacional em certas zonas do Brasil, de menor adiantamento indústrial e onde o baixo nivel de vida, o menor coeficiente de salário, aliados a dificuldade de ordem financeira e à precariedade de estabelecimento de crédito, não permitem a instalação de maquinismos mais aperfeiçoados, e apenas propiciam o funcionamento de aparelhagens modestas, e não raro anacrônicas, o que dá ensejo a uma produção em menor escala e de qualidade quasi sempre inferior, que é em grande parte consumida pelas próprias populações locais*".

Em 17 de Janeiro de 1941, o Sr. Presidente da República remeteu o presente processo a este Conselho, solicitando-lhe o parecer e, em 28-1-1941, houve por bem V. Excia., Sr. Presidente, designar-me para relator.

Não foi por incúria, Sr. Presidente, que demorámos a apresentação deste parecer, mas sim de caso pensado.

Quando nos veio às mãos este processo, cuidámos que seria inoportuno debater neste Conselho qualquer assunto concernente à crise da indústria de tecidos de algodão, visto como, pela crescente afluência de compradores sul-americanos ao país, a conjuntura reinante muito já se havia modificado.

A esse tempo, a maior procura de tecidos possibilitára não só o escoamento dos "stocks" amontoados nas fábricas, senão tambem a restauração do horário normal de trabalho.

Pode-se afirmar com segurança que, durante o ano de 1941, as fábricas de tecidos do país trabalharam em cheio e puderam colocar toda a produção.

Assim sendo, que vantagem adviria em trazer de novo à discussão uma matéria a respeito da qual tantas opiniões divergentes já tinham sido manifestadas, sem contudo encontrar solução aceitavel?

Muita gente houve que de boa fé negasse a crise, apesar de se haver reduzido o trabalho, na maioria das fábricas, a 24 e 32 horas por semana. Alguns dos que não contestavam a crise, atribuiam o fato à incompetência técnica dos industriais quanto ao baixo rendimento das antiquadas maquinárias.

Uns afirmavam haver superprodução, outros subconsumo, em consequência do reduzido poder de compra da população.

Em meio, porém, de toda essa discussão, bastou que houvesse procura de tecidos nos mercados do país para que a crise se desvanecesse.

Daí por diante, os mesmos industriais, cuja competência alguns críticos entendidos haviam posto em dúvida, servindo-se das mesmas máquinas antiquadas, passaram a produzir em larga escala tecidos que exigentes negociantes de várias nações sul-americanas, habituados a lidar com os artigos de procedência britânica, vieram adquirir com empenho nos mercados nacionais.

Ante tal ocorrência, tornou-se evidente que a crise da indústria de tecidos provinha precipuamente da escassez de procura.

GUERRA E INDÚSTRIA TÊXTIL

A guerra européia irrompida em fins de 1939 veio influir imenso sobre a nossa indústria têxtil, que a contragosto, desde o ano de 1937, se vira forçada a manter reduzida a atividade das fábricas por motivo da carência de escoamento da produção.

Embaraçados os suprimentos por parte da Inglaterra e do Japão e desaparecidas as remessas da Itália e da Bélgica, tiveram os mercados sul-americanos de recorrer ao Brasil.

Tamanha foi a procura e tão rápida a absorção dos "stocks" que as fábricas passaram a trabalhar a plena capacidade para destarte poder atender a todas as encomendas.

Para dar idéia da transformação que se operou, julgamos mais expressivos que quaisquer comentários os números que adiante se alinham.

EXPORTAÇÃO GERAL DE TECIDOS DE ALGODÃO

ANOS	QUILOS	VALOR
1937	686.687	10.879:609$
1938	247.237	4.260:420$
1939	1.981.734	29.387:062$
1940	3.958.371	67.904:337$
1941 (10 meses)	5.525.530	115.550:882$

No Brasil apareceram muitas críticas acêrca da crise têxtil e, como sempre sóe acontecer, houve muita opinião apaixonada sobre as causas que a originaram.

Como contribuição para o esclarecimento do assunto vale a pena reproduzir aqui os algarismos que foram estampados no número de Novembro de 1941 da excelente revista norte-americana "The Textile World".

Tais algarismos demonstram que a crise têxtil tem sido universal e que, portanto, a ela não nos poderíamos ter furtado.

ATIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO MUNDO

1923 — 25 = 100

Anos	Indices
1929	115
1930	89
1931	93
1932	83
1933	104
1934	90
1935	105
1936	124
1937	125
1938	103
1939	132
1940	142
1941 (9 meses)	187

Em nosso país contestou-se a crise têxtil em 1937 e 1938; entretanto, o índice da atividade da indústria têxtil do mundo *caiu de 125 para 103 nesses anos*, para subir depois, *em 1939 a 132, em 1940 a 142 e nos nove meses de 1941 a 187.*

O aumento em 1941 foi de 40% sobre o índice de 1939.

Nas nações em guerra esse aumento foi determinado pelas necessidades da defesa, mas no Brasil a

maior atividade da indústria têxtil proveio do acréscimo de procura por parte dos paises estrangeiros sul-americanos. A procura dos consumidores brasileiros não cresceu.

Não fôra a exportação de tecidos que a guerra européia proporcionou e as nossas fábricas ainda se manteriam em regime de trabalho reduzido. O consumo do mercado interno, a nosso ver, depende principalmente do preço do café.

Estando baixas as cotações e não se fazendo movimento de café no interior, não haverá poder aquisitivo nos mercados nacionais para os tecidos ou quaisquer outras utilidades.

No Brasil, digam o que disserem, tudo ainda está na dependência do café e assim terá de ser durante muito tempo.

SEMELHANÇA ENTRE A ATUAL SITUAÇÃO DA NOSSA INDÚSTRIA TÊXTIL E A DO JAPÃO DURANTE A PRIMEIRA GRANDE GUERRA

JAPÃO

Durante a grande guerra de 1914 ocorreu no Japão o que está sucedendo agora no Brasil.

Impossibilitada a Grã Bretanha de exportar os seus tecidos, passou o Japão a suprir os mercados do Oriente, antes tributários do Lancashire.

Até 1914, dois terços do comércio de exportação de tecidos era feito, no mundo, pela Inglaterra.

O Oriente constituia o principal mercado consumidor de artigos grossos. Estando a indústria japonesa aparelhada para produzir esses tecidos grossos, todas as fábricas passaram a trabalhar intensamente para satisfazer aos pedidos do exterior.

Por viver o Japão, nessa época, ainda na dependência do estrangeiro para a importação de máquinas

textís, não lhe foi possivel conseguir senão um aumento de 25% de seu aparelhamento industrial.

Possuindo o Japão abundância de mão de obra, tornou-se-lhe facil aumentar a produção de artigos grossos; mas dependendo a manufatura de artigos finos de operários qualificados, não alcançou substituir a Grã Bretanha nos mercados consumidores do mundo.

O Lancashire manteve a sua posição de fornecedor mundial de artigos finos.

O Japão conseguiu o aumento de volume da produção de tecidos grossos com a instalação de teares automáticos, os quais facultam suprir a carência de tecelões habeis.

De 1913 a 1918 o volume físico das exportações do Japão cresceu de 75%, tendo concorrido para esse aumento a exportação de tecidos principalmente.

Tão grande foi o desenvolvimento da indústria textil japonesa, durante a guerra de 1914, que a Inglaterra, embora conseguisse, no período de 1919 a 1920, um aumento nas suas exportações de tecidos, para a Índia e para a China, de 157%, tal acréscimo apenas representou 48% da exportação de antes da guerra (International Labour Office, 1941).

Os tecidos fornecidos pelo Japão são manufaturados com fios de títulos 16s a 20s e 31s a 40s.

Depois da guerra de 1914, o Japão, tendo importado largamente maquinismos aperfeiçoados, continuou a desenvolver cada vez mais a sua indústria de tecidos de algodão. Mais tarde poude tornar-se fabricante e exportador de máquinas textís, que passaram então a concorrer com as dos velhos paises industriais em todos os mercados do mundo.

Durante a guerra, o Japão desenvolveu tambem, com intensidade, sua indústria de corantes e produtos químicos, libertando-se deste modo da dependência dos paises europeus.

Em 1914 possuia a indústria japonesa 2.409.000 fusos; em 1918, o número subiu a 3.384.800; em 1920, a 3.689.000, e em 1938, a 11.502.000 fusos.

Assim materialmente aparelhados, tendo dentro de suas fábricas excelentes técnicos trabalhando segundo os principios da mais rigorosa organização científica, conseguiram os japoneses manter os mercados conquistados e enfrentar em outros a concorrência das mais adiantadas nações industriais do globo.

É justo ressaltar que tudo isso conseguiram, *sómente por possuir o Japão jazidas de carvão de pedra aproveitavel e grande siderurgia.*

Sem carvão abundante e de boa qualidade, por maior que seja a organização dos serviços e a competência dos técnicos, a nenhum país será lícito produzir maquinária eficiente e vencer no terreno industrial.

BRASIL

Deflagrada a guerra européia, em setembro de 1939 deparou-se a indústria de tecidos de algodão brasileira com situação semelhante á do Japão em 1914.

Para satisfazer à intensa procura de tecidos, manifestada nos mercados nacionais por parte das nações estrangeiras sul-americanas os industriais brasileiros empreenderam o aumento e o aperfeiçoamento das instalações de suas fábricas, passando então a importar, em larga escala, maquinárias modernas, tanto da Grã Bretanha como dos Estados Unidos.

Durante o primeiro ano que se seguiu à conflagração, a Grã Bretanha entregou pontualmente todas as encomendas, porém, mais tarde o govêrno inglês deixou de conceder licenças para a exportação de quaisquer maquinárias.

Destarte ficou a indústria brasileira, após a proibição britânica, na dependência exclusiva dos Estados Unidos.

Dada, atualmente, a extensão da guerra ao Pacifico, não será mais possivel à nossa indústria de tecidos adquirir maquinária de origem estadunidense.

Cumpre, pois, aos industriais brasileiros ter em mente o que fizeram os japoneses, em 1914, e despender ingentes esforços para tirar, mediante a organização científica do trabalho, o máximo rendimento técnico das suas fábricas.

Embora não possamos ainda empreender a produção de máquinas textís em larga escala, é forçoso reconhecer que os industriais brasileiros muito já se têm esforçado para desenvolver tal fabricação. A guerra atual vai influir enormemente sobre o incremento da indústria de fabricação de máquinas textís.

Vários tipos de máquinas produzidas no país já estão funcionando com magníficos resultados em várias fábricas.

Por não produzirmos as qualidades de aço necessárias à produção de certas peças das máquinas, temos ainda que ficar na dependência do estrangeiro.

A instalação da grande siderurgia em nosso país vai permitir o afastamento de todas as dificuldades ora existentes para a fabricação de maquinária têxtil.

Não tardará muito o dia em que possamos equipar eficientemente as nossas fábricas de tecidos com máquinas inteiramente fabricadas no Brasil.

Acresce, ainda, uma circunstância favoravel à indústria brasileira e que muito há de concorrer, depois da guerra, para a conservação dos mercados platinos agora conquistados: *no Brasil já são fabricados tecidos finos com fios de títulos altos que vão de 50s até 100s.*

Tais tecidos, que são comparáveis aos similares britânicos e têm alcançado excelente aceitação nos mercados platinos, *presentemente só podem ser fornecidos*

pelo Brasil, visto ser insignificante a exportação britânica e dificil a suiça.

A manufatura desses tecidos finos muito depende da habilidade de operários qualificados e da qualidade da matéria prima empregada.

É certo que, em épocas normais, a indústria brasileira não poderá competir com a Inglaterra, mas tal fato não constitue motivo para que nos tomemos de desânimo e não nos esforcemos por melhorar as condições técnicas do trabalho em nossas fábricas.

Na Grã Bretanha há um fator preponderante para a perfeição e eficiência da produção de artigos finos: a qualidade do algodão.

Lá, emprega o industrial o algodão egípcio, que é uma maravilha para as operações de fiação, visto a uniformidade das fibras; aqui, tem o fabricante de lutar com a diversidade de comprimento das fibras do algodão Seridó, resultante do defeituoso beneficiamento a que é submetido nas usinas de descaroçamento do Nordeste.

Entretanto, o algodão Seridó é produzido com fibras equivalentes ao do egípcio.

O beneficiamento do algodão Seridó foi denominado — *maleficiamento* — por uma alta autoridade em assuntos de algodão, o Sr. Arno Pearse, que, em 1921, percorreu todas as regiões algodoeiras do Brasil.

ALGODÃO EGÍPCIO E ALGODÃO SERIDÓ

Os industriais brasileiros fazem milagres em suas fábricas fiando o algodão Seridó, porém à custa do encarecimento da produção, resultante da alta percentagem do desperdício ocasionado pela existência de elevado número de fibras curtas, que não podem ser aproveitadas na fiação de títulos finos.

Para se ter idéia da diferença entre o algodão egípcio com que trabalham as fábricas britânicas de

tecidos finos e o Seridó usado nas brasileiras, basta referir as seguintes informações:

Algodão egípcio Sakelarides

Percentagem de fibras de comprimento inferior a 34 milímetros 10%

Algodão brasileiro Seridó

Percentagem de fibras de comprimento inferior a 34 milímetros 30%

No Sakelarides a proporção de 10% de fibras abaixo de 34 milímetros é constituida por fibras de 32 milímetros;

No Seridó a percentagem de 30% de fibras abaixo de 34 milímetros é constituida por fibras que vão de 22 a 32 milímetros;

Por considerarmos vital, ao futuro da nossa indústria de tecidos finos, a questão da cultura e beneficiamento do algodão Seridó, o qual representa inestimavel riqueza nacional, foi que fizemos inserir, em anexo a este parecer, vários tópicos da conferência realizada em agôsto de 1921 pelo Sr. Arno Pearse, na Sociedade Nacional de Agricultura, perante o Ministro da Agricultura, Sr. Simões Lopes.

DEFESA DA INDÚSTRIA DE TECIDOS DE ALGODÃO

Tendo relatado o desenvolvimento em nosso país das atividades da indústria têxtil de algodão, resultante da deflagração da guerra européia, julgamos agora indispensável considerar as providências que a nosso ver se tornam necessárias à sua defesa e permitam assegurar-lhe condições de estabilidade futura.

Antes de mais nada, apresenta-se-nos ao espírito esta interrogação: acabada a guerra, será possivel à indústria brasileira manter, para a colocação dos seus tecidos, os mercados sul-americanos?

Cuidamos que esses mercados poderão ser conservados, si desde já nos resolvermos a enfrentar com perseverança a solução dos dificeis problemas que o assunto comporta.

TÉCNICOS

Sem técnicos competentes em nossas fábricas jamais poderemos suportar nos mercados estrangeiros a concorrência das nações industrialmente bem organizadas.

É capital este problema para a nossa indústria de tecidos.

Em nosso país a realidade é esta: *não possuimos técnicos em número suficiente para as necessidades da indústria.*

Além de havermos dificultado a aquisição de técnicos estrangeiros, temo-nos deploravelmente descurado do ensino técnico no país.

Na generalidade das fábricas brasileiras reina ainda o empirismo e por isso mesmo a produção, além de não alcançar a eficiência indispensável ao barateamento do preço de custo, comparece aos mercados consumidores sem a perfeição que deveria apresentar.

Vale a pena referir o que se passa em outras nações em matéria de ensino técnico industrial.

No *Japão*, em 1936-37, havia:

60 escolas técnicas especiais com 2.403 professores e 26.591 alunos;

1.301 escolas técnicas (excluidas as escolas técnicas especiais) com 10.632 professores e 433.437 alunos;

17.043 escolas técnicas preparatórias com 74.043 professores e 1.964.599 alunos (The Statesman's Yearbook 1941).

Nos *Estados Unidos,* em 1937-38 havia:

1.397 universidades, colégios e escolas profissionais com 97.566 professores e 1.205.000 alunos (The Statesman's Yearbook, 1941).

Na *Rússia* o ensino técnico é intensamente desenvolvido e considerado parte do equipamento industrial da nação.

Em 1936, havia:

164.081 escolas elementares;
1.797 escolas de fábrica;
2.572 escolas técnicas;
716 escolas de operários.

Além disso, existiam 797 institutos de pesquizas, onde trabalhavam 37.200 indivíduos.

Em 1939, foram fundadas mais 9.593 escolas (The Statesman's Yearbook, 1941).

É assombroso o que se passou, no que respeita à conquista da técnica, na Rússia, onde só em 1930 foi feita a revolução cultural. O esfôrço foi dirigido no sentido de proporcionar, no mais breve prazo, à população ignorante a capacidade de servir-se da maquinária moderna. Os planos quinquenais sempre cogitaram do ensino técnico profissional.

Segundo Gustavo Méquet (Le Leçons du Plan Quinquennal), em 1932, havia 202.000 alunos nas escolas superiores industriais; em 1933, esse número tinha subido a 500.000. Nas escolas técnicas havia 1.000.000 de alunos; nas escolas industriais 1.200.000 e nas faculdades operárias 500.000.

Na *Inglaterra,* em 1938, havia 81 colégios de ensino técnico superior com a frequência de 9.143 alunos *full-time* e 1.972 *part-time;* 208 institutos de ensino técnico frequentados por 34.159 alunos, dos

quais 4.584 *full-time;* 6.124 escolas noturnas de ensino técnico ministrando instrução a 1.178.863 alunos. Havia, em 1938, 106 escolas técnicas destinadas ao preparo e *training* de professores com a frequência de 15.523 estudantes. (The Statesman's Yearbook, 1941).

Na *Alemanha,* em 1937-38 existiam 10 altas escolas de ensino técnico com 1.515 professores e 9.554 alunos.

Estas escolas, que são providas de instalações modernas, conferem gráus. (The Statesman's Yearbook, 1941).

Na *China*, existem 29 escolas técnicas profissionais.

Nos *Estados Unidos,* na cidade de Lowell, em Massachusetts, existe, desde 1895, o Instituto Têxtil Lowell, onde se ministra instrução teórica e prática sobre a arte têxtil, em cursos diurnos e noturnos. O corpo docente é constituido por 40 professores eminentes e com experiência das respectivas especialidades. Os cursos noturnos são frequentados por 2.000 alunos.

Os cursos especializados conferem, no fim de 4 anos, o gráu de bacharel em química têxtil e engenheiro têxtil.

Todas as fases da indústria de tecidos são prática e teoricamente estudadas.

Há secções completas de fiação, tecelagem, tinturaria, estamparia e acabamento; tambem existem laboratórios de pesquizas técnicas e secções de algodão, lã, seda e fibras sintéticas.

O instituto é mantido pela municipalidade e pelo Estado.

Os fatos que acabamos de mencionar patenteiam a necessidade de enfrentarmos o problema da seleção, aperfeiçoamento e formação de técnicos em nosso país, com tenacidade e disposição de resolvê-lo dentro do mais curto prazo possivel.

Considerando insuficiente a iniciativa privada, entendemos que, sem a intervenção larga do Estado e o dispêndio de vastos recursos, jamais chegaremos a formar os técnicos capazes de promover o desenvolvimento industrial do país.

OPERÁRIOS QUALIFICADOS

Este problema está ligado ao anterior: formando técnicos competentes, ficaremos em condições de criar operários qualificados.

A carência de operários habilitados é fator preponderante para a reduzida eficiência da produção têxtil nacional.

Na Europa, no Japão e nos Estados Unidos, a eficiência de produção de um tear comum é em média de 75%; no Brasil não alcança 60%.

O operário têxtil brasileiro geralmente não é especializado; é tecelão quando não encontra qualquer trabalho mais rendoso.

Si o trabalho rural lhe proporcionar, em época de crise, maior salário, abandona o tear; mudada a situação, volta novamente a ser tecelão.

Um operário nestas condições nunca poderá fornecer produção eficiente e de boa qualidade.

Por que motivo tal fato ocorre?

Sómente pela razão da falta de preparo técnico do tecelão. Um tecelão que tenha aprendido as regras técnicas do seu ofício jamais o trocará por outro qualquer; tendo se tornado operário qualificado, será capaz de dar produção eficiente e perfeita, mesmo em época de redução de trabalho, e assim conseguirá auferir salário compensador.

No dia em que o Estado se resolver a instalar escolas técnicas para operários textís ficará resolvido o problema da eficiência e perfeita qualidade da produção nacional.

Na Rússia, a intervenção do Estado foi coroada do mais completo êxito. A produção do operário russo era baixa e de má qualidade; depois da criação pelo Estado de escolas técnico-profissionais tornou-se eficiente e de perfeita qualidade. Operários houve que se tornaram engenheiros textís, após terem cursado durante 4 anos escolas técnicas superiores.

Sob este aspecto é muito interessante referir o caso da tecelã Dussia Vinogradowa.

Tendo aprendido o ofício em escola de fábrica, tanto se distinguiu como tecelã que adquiriu fama. Trabalhando a princípio com 24 teares automáticos, foi paulatinamente desenvolvendo de tal modo a sua capacidade que chegou a controlar o trabalho de 216 teares, obtendo 95% de eficiência de produção.

Criou na Rússia o sistema de trabalho de teares que passou a denominar-se — *Vinogradovismo.* Fez escola e alcançou o aumento da produção global dos teares russos.

Para se ter idéia do que é o trabalho de Vinogradowa, basta referir que normalmente 1 operário deve controlar, em média, 24 teares automáticos e fornecer 90% de eficiência de produção.

No Brasil, por falta de instrução técnica dos tecelões, nas fábricas em que existem teares automáticos, cada tecelão controla no máximo 8 teares, cuja produção não alcança 80% de eficiência.

Vinogradowa atualmente é engenheira têxtil, cujo título foi obtido depois de um curso de 4 anos em escola técnica superior.

O êxito desta tecelã proveio exclusivamente da preparação técnica adquirida nas escolas técnico-profissionais que o Estado com desvêlo e decisão fundou e difundiu por toda a Rússia. Neste mesmo país, um simples mineiro trabalhando em mina de carvão, cha-

mado Stakhanov, criou o sistema de trabalho que se denominou *Stakhanovismo.*

O stakhanovismo consiste em executar o trabalho mediante métodos que permitam a utilização máxima das máquinas e assegurem o aumento da produção.

Segundo Hewlett Johnson, industrial de tecidos e engenheiro, atualmente pastor protestante e deão da Catedral de Canterbury, que escreveu um livro notavel com o título — The Soviet Power — editado em 1941, o volume físico da produção industrial da Rússia, em 1937, atingiu ao índice de 840,8 tomando-se por base o índice 1913 = 100; *nesse mesmo ano o índice da produção industrial das outras nações do mundo foi de 149,4.*

São impressionantes os algarismos apresentados por Johnson sobre o desenvolvimento industrial da Rússia, que, a seu vêr, resultou apenas da ação de numerosos engenheiros e técnicos, preparados pelas excelentes escolas do país, onde o ensino é ministrado com rigor científico e senso prático.

Johnson atribue o notavel surto industrial da Rússia ao uso que o Estado soube fazer da Ciência.

Os algarismos que se encontram no livro de Johnson são os seguintes:

Produção de carvão	1913 —	29.000.000T;	1938 —	137.000.000T
” ” ferro guza ..	1913 —	4.200.000T;	1937 —	14 500.000T
” ” aço	1913 —	4.200.000T;	1937 —	17.500.000T
” ” petróleo	1913 —	9.200.000T;	1920 —	3 893.000T
	1937 —	30.600.000T.		
” ” tratores	1913	0 ;	1928 —	1.272
	1935 —	111.400		

Em 1935, a Rússia possuia 558.000 tratores.

Segundo informações do Statesman's Yearbook de 1941, no ano de 1936, trabalhavam nas indústrias da Rússia 584.500 *engenheiros e técnicos.*

Todos os fatos que mencionámos servem para patentear a necessidade de em nosso país ser resolutamente enfrentada a solução do importante problema da formação de engenheiros e técnicos industriais.

Não seria o caso do Estado deliberar desde já a criação de escolas técnicas de arte têxtil?

MODERNIZAÇÃO DA MAQUINÁRIA

A aquisição de maquinária moderna só por si não resolverá o magno problema da indústria têxtil brasileira, que é o da perfeição e eficiência da produção. Máquinas aperfeiçoadas requerem bons mecânicos e operários qualificados.

Si a maquinária moderna não puder dispôr da necessária assistência técnica de bons mecânicos, ao fim de pouco tempo tornar-se-á defeituosa e passará a produzir com baixo rendimento.

Fala-se muito que os teares automáticos serão indispensáveis à solução do problema do barateamento da produção brasileira. Vale a pena por isso examinarmos o assunto.

Comecemos referindo o que se passa a este respeito nas nações mais adiantadas do mundo.

A *Grã Bretanha* possue 504.773 teares; destes, 483.984 são comuns e 15.224 automáticos.

Percentagem de automáticos = 3%.

O *Japão* é possuidor de 332.564 teares; destes 292.564 são comuns e 40.000 automáticos.

Percentagem de automáticos = 12%.

A *Rússia* tem 250.000 teares sendo 225.000 comuns e 25.000 automáticos.

Percentagem de automáticos = 10%.

Os *Estados Unidos* possuem 573.452 teares; destes, 181.123 são comuns e 392.329 automáticos.

Percentagem de automáticos = 68,5%.

No *Brasil* existem 80.903 teares, dos quais 74.246 são comuns e 4.160 automáticos.

Percentagem de automáticos = 5,6%

A indústria de tecidos de algodão de todas as nações do globo possue 3.070.395 teares; destes, 2.344.183 são comuns e 662.167 automáticos.

Percentagem de automáticos = 28%.

Estes dados foram colhidos na excelente publicação "The Textile Recorder Year-Book de 1939"; em anexo a este parecer reproduzimos um quadro muito interessante sobre o número de fusos e teares das fábricas de tecidos existentes no mundo.

Pelos algarismos que mencionámos vê-se que a nação maior produtora de tecidos de algodão, no mundo, a Grã Bretanha, possue apenas uma percentagem de 3% de teares automáticos. Mais interessante é saber que o tear automático Northrop é de invenção inglesa e trabalhou pela primeira vez na Inglaterra, apenas há 35 anos.

Tambem, no mundo, é a indústria britânica a que fabrica os tecidos mais perfeitos e finos e que são exportados em larga escala para todos os paises do globo.

Por que motivo, então, tendo sido inventado o tear automático na Inglaterra, os industriais britânicos não o preferem aos teares comuns para a fabricação dos seus excelentes tecidos?

Ninguem poderá objetar que a produção inglesa não seja eficiente e nem da melhor qualidade possivel.

Si os britânicos, que são mestres na arte de fiar e tecer algodão, preferem os teares comuns aos automáticos, lícito será presumirmos que deva existir para tal preferência alguma razão técnica ponderavel.

Sendo esmerada a fabricação de tecidos britânicos, a tal ponto que conseguiram conquistar em todos os mercados do mundo, a preferência dos consumidores, e empregando a Inglaterra em suas fábricas percenta-

gem mínima de teares automáticos, justo será tambem concluir-se que o emprêgo destes teares não desempenha papel preponderante para o aperfeiçoamento da produção.

Entretanto, os Estados Unidos, que não fabricam tecidos finos semelhantes aos ingleses, empregam em suas fábricas teares automáticos na percentagem de 68,5%.

Julgamos que o elevado custo da mão de obra na grande nação americana constitue a principal razão para tal preferência.

O inventor Northrop, não encontrando nos meios fabrís da Grã Bretanha o ambiente necessário ao desenvolvimento do emprêgo de sua máquina passou-se aos Estados Unidos, onde fundou importante indústria de fabricação de teares automáticos, cujo maquinismo tem sido constantemente aperfeiçoado.

As principais vantagens do emprêgo destes teares são as seguintes:

a) — maior eficiência de produção, que em média alcança a 90%;

b) — possibilidade de cada tecelão trabalhar em média com 24 teares.

Na Grã Bretanha cada tecelão, em média, trabalha com 4 teares comuns e dá a eficiência de 75% na produção; no Brasil, os melhores tecelões trabalham com 3 teares e a eficiência da produção, em média, não atinge a 60%.

Em grande número de fábricas brasileiras os tecelões só trabalham com 2 teares.

É elevado o preço do tear automático em relação ao do tear comum.

Um tear de 65" comum custa £ 7-10; um automático £ 8-5.

Demanda o uso do tear automático mecânico habilitado, visto ser complicado o mecanismo; cada grupo

de 54 teares exige os cuidados de um auxiliar mecânico.

Nos Estados Unidos há tecelões que conseguem controlar o trabalho de 70 teares.

Na Rússia, como já tivemos ocasião de referir, a tecelã Vinogradowa chegou a controlar 216 teares, mas tinha a seu serviço um "Coletivo" constituido de 12 auxiliares, a saber: 4 mecânicos, 4 carregadores de espulas, 2 operárias encarregadas da fiscalização dos fios da teia e 2 outras com o encargo de emendar os fios partidos.

Diante do que ficou referido, podemos ter a impressão de que o uso do tear automático no Brasil, sem as necessárias providências para a formação de um corpo de mecânicos habilitados, não trará vantagem para a produção.

FIAÇÃO

Os maiores progressos realizados ultimamente na indústria têxtil dizem respeito à maquinária de fiação, que constitue a operação mais importante na fabricação de tecidos.

Sem fios perfeitos nenhuma tecelagem alcançará produção eficiente e esmerada, visto como a habilidade do melhor tecelão não será capaz de suprir a má qualidade de qualquer fio.

Sobre esta matéria há muito que melhorar no Brasil.

A maquinária moderna de origem norte-americana, para a fiação de títulos baixos e médios, tem conseguido notaveis aperfeiçoamentos, os quais permitem alcançar altas produções e sensivel redução dos preços de custo.

Manipulado o algodão nessas máquinas, mantem-se em condições de suportar altas velocidades nos rings de fiação sem arrebentamentos constantes, ficando assim assegurado o aumento da produção.

Com o sistema norte-americano torna-se possivel, por meio de diagramas fornecidos por aparelhos faceis de manejar, o controle técnico de todas as fases preparatórias da fiação.

As fábricas de tecidos norte-americanas, passando por grandes transformações nestes últimos anos, teem substituido a maquinária antiga.

E' certo que muitas máquinas teem sido quebradas e reduzidas a sucata, porém outras estão sendo oferecidas aos paises sul-americanos.

Consideramos grave perigo para o progresso de nossa indústria de tecidos a importação dessa maquinária usada.

Convém não esquecer que o progresso verificado na técnica dos processos de produção têxtil tem dado ensejo a que fábricas aparelhadas com os mais modernos maquinismos, mesmo pagando salários mais elevados, fiquem em condições de competir vantajosamente com aquelas que, possuindo mão de obra barata, manteem instalações antiquadas.

CONCLUSÃO

Depois do que foi relatado, parece-nos que nenhuma discordância poderá surgir acêrca da necessidade de serem tomadas providências que amparem e defendam a indústria nacional de tecidos de algodão.

No atual momento, em que todas as fábricas estão trabalhando em cheio e elevado volume da produção pode ser colocado francamente no exterior, é que entendemos oportuno tomar as precauções indispensáveis à segurança do seu futuro.

Pensamos ter suficientemente esclarecido a relevância do ensino técnico profissional e salientado a urgência da solução de tal problema.

Julgamos tambem ter demonstrado que a formação de técnicos é imprescindivel tanto à eficiência da produção como ao seu constante aperfeiçoamento.

A Comissão de Defesa da Economia Nacional, baseando-se no resultado do inquérito a que procedeu, considerou que a crise da indústria nacional de tecidos fôra causada "pelo encarecimento da produção, por motivo da elevada percentagem de maquinárias obsoletas com rendimento precário".

Para modificar a situação propôs duas providências:

a) — proibição de importação de máquinas usadas e obsoletas para fabricação de tecidos;

b) — proibição de importação, aquisição e instalação de novos teares, salvo quando se tratar de substituição.

A nosso ver, a providência de proibir a importação e a aquisição de teares, salvo em caso de serem substituidos, não diminuiria o encarecimento da produção.

A nenhum industrial será lícito reduzir os preços de custo sem que eleve o volume da produção.

Assim sendo, como poderiam as fábricas brasileiras baratear a produção, si ficassem privadas de aumentar o número de seus teares?

Devemos ter em consideração que, na época em que se manifestou a Comissão de Defesa da Economia Nacional, a conjuntura do mercado de tecidos era muito diversa da atual; naquela ocasião todas as fábricas trabalhavam com horário reduzido e, não obstante tal regime, os "stocks" se amontoavam.

Agora as fábricas trabalham a plena capacidade e toda a produção encontra facil colocação; porém devemos ponderar que, sem a exportação de tecidos para as nações sul-americanas, que a guerra propiciou, o mercado interno não teria capacidade para absorver a produção atual de tecidos das fábricas brasileiras.

Pelas razões largamente expostas neste parecer e tendo em vista a necessidade de se tomarem providências em defesa da indústria nacional de tecidos de algodão, propomos que seja assim redigido o projeto da Resolução da Comissão de Defesa da Economia Nacional:

RESOLUÇÃO N.º

A Comissão de Defesa da Economia Nacional, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 6.º do Decreto lei n.º 1.641, de 29 de Setembro de 1939, e

Considerando que, em consequência dos importantes aperfeiçoamentos técnicos da maquinária têxtil, muitas fábricas de adiantadas nações estrangeiras estão substituindo as suas instalações;

Considerando que os maquinismos retirados dessas fábricas estão sendo oferecidos em nosso país;

Considerando que a aquisição dessa maquinária usada e obsoleta virá colocar a indústria nacional em situação de inferioridade para concorrer com a de outras nações nos mercados sul-americanos.

RESOLVE:

1.º) — Fica proibida, a partir da data da publicação da presente Resolução a importação de quaisquer maquinárias, usadas ou obsoletas, para fabricação de tecidos de algodão;

2.º) — As instruções necessárias ao fiel cumprimento desta Resolução serão elaboradas e expedidas pela Comissão de Defesa da Economia Nacional.

Propomos, outrossim, que, para promover o progresso da indústria nacional de tecidos de algodão e garantir a manufatura de artigos finos, o Conselho

encareça, perante o Sr. Presidente da República, a necessidade das providências seguintes:

a) — Fundação de escolas técnico-profissionais, com o aparelhamento indispensável ao ensino da arte têxtil;

b) — Proibição do uso de máquinas de serra para o descaroçamento do algodão Seridó;

c) — Proibição da venda ou distribuição de sementes aos lavradores, nas usinas de descaroçamento de algodão Seridó;

d) — Criação de novas e desenvolvimento das atuais fazendas de propriedade do Estado, para a seleção de sementes puras de algodão Seridó;

e) — Vulgarização, na zona do Nordeste, dos conselhos indispensáveis à seleção, cultura e colheita do algodão Seridó;

f) — Fiscalização rigorosa na classificação do algodão do Nordeste.

Sala das sessões, 5 de Janeiro de 1942.

GUILHERME DA SILVEIRA

FÁBRICAS DE TECIDOS DE ALGODÃO DO MUNDO EM 1938

NAÇÕES	FÁBRICAS	FUSOS	TEARES Comuns	TEARES Automat.	TEARES Auto Dispos.	TEARES TOTAL
Grã Bretanha	1.245	36.322.000	483.984	15.224	5.565	504.773
Alemanha e Austria	292	12.967.000	178.308	19.907	13.370	211.585
França	665	9.794.000	152.800	37.700	3.400	193.900
Rússia	205	10.350.000	216.000	25.000	9.000	250.000
Itália	700	5.324.000	91.500	33.500	21.500	146.500
Tcheco-Slovaquia	73	1.558.000	100.890	1.930	1.360	104.180
Bélgica	214	1.984.000	52.000	—	—	52.000
Espanha	400	2.000.000	61.337	5.249	—	66.586
Polônia	41	1.764.000	25.535	10.714	64	36.313
Suiça	55	1.249.000	15.153	4.600	1.461	21.214
Holanda	100	1.241.000	45.829	3.671	1.667	51.167
Suécia	31	561.000	6.621	8.828	388	15.837
Portugal	232	444.000	14.991	1.098	—	16.089
Finlândia	6	310.000	6.113	1.745	48	7.906
Hungria	40	317.000	11.500	1.500	1.000	14.000
Yugoslávia	42	196.000	6.461	3.526	1.617	11.604
Dinamarca	28	103.000	3.190	690	84	3.964
Noruega	14	43.000	2.291	646	43	2.980
Total	4.383	86.527.000	1.474.503	175.528	60.567	1.710.598
Índia e Ceilão	370	10.054.000	197.363	4.185	—	201.548
Japão	282	11.502.000	292.564	40.000	—	332.564
China	148	4.450.000	38.515	17.645	—	56.160
Total	800	26.006.000	528.442	61.830	—	590.272
Estados Unidos	1.327	25.911.000	181.123	392.329	—	573.452
Canadá	49	1.159.000	1.833	22.976	—	24.809
México	224	884.000	29.140	705	80	29.925
Brasil	338	2.765.000	74.246	4.160	2.497	80.903
Total	1.938	30.719.000	286.342	420.270	2.577	709.189
Outras nações	335	3.204.000	54.896	4.539	901	60.336
Grande Total	7.457	146.456.000	2.344.183	662.167	64.045	3.070.395

(The Textile Recorder — Year Book 1939)

ÍNDICE DA ATIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO MUNDO

1923/25	100
1929	115
1930	89
1931	93
1932	83
1933	104
1934	90
1935	105
1936	124
1937	125
1938	103
1939	132
1940	142
1941 (9 mêses)	187

(The Textile World — Novembro de 1941).

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO BRASIL

Numeros índices
1929 — 100

PAISES	1930	1937	1939
Rússia	130,9	424,0	470,0
Brasil	77,2	180,0	192,6
Japão	94,8	170,8	173,0
Chile	100,9	131,6	136,9
Alemanha	85,9	117,2	126,2
Polônia	88,0	108,6	118,0
Grã Bretanra	92,3	123,6	115,5
Holanda	102,1	102,8	104,1
Itália	91,9	99,6	98,5
Canadá	84,8	99,5	90,0
Bélgica	88,8	96,3	79,9
França	99,1	81,7	76,1
Estados Unidos	80,7	92,2	72,3

(Plinio Catanhede — Relatório do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários — 1941)

EXPORTAÇÃO GERAL DE TECIDOS DE ALGODÃO

ANOS	QUILOS	VALÔR
1937	686.687	10.879:609$
1938	247.239	4.260:420$
1939	1.981.734	29.387:062$
1940	3.958.371	67.904:337$
1941 (10 mêses)	5.525.530	115.550.882$

Destino da Exportação de 1941 no ano de 1941

PAISES	QUILOS	VALÔR
Argentina	2.743.869	52.406:206$
Venezuela	505.296	12.511:669$
União Sul Africana	355.138	5.454:101$
Colômbia	171.471	4.111:170$
Chile	97.519	3.165:699$
Paraguai	85.223	1.919.182$
Uruguai	77.255	1.683:287$
Equador	79.928	1.507:585$
São Domingos	39.599	1.076:346$
Estados Unidos	81.525	991:468$
Guiana Francesa	45.483	958:075$
Perú	43.457	745:421$
Bolívia	48.621	692:853$
Martinica	14.878	337:106$
Nicaragua	6.620	137:933$
Guatemala	7.261	136:669$
Honduras	2.663	79:318$
Panamá	4.181	60:332$
Moçambique	1.397	47:189$
Portugal	598	20:217$
Guiana Holandesa	294	6:747$

Exportação de Fios de Algodão (para coser ou bordar)

ANOS	QUILOS	VALÔR
1940	224.852	2.544:059$
1941 (9 mêses)	130.969	2.715:994$

Fios de Algodão para tecelagem

1940	885.625	8.657:444$
1941 (9 mêses)	716.850	8.372:963$

1.ª PARTE

Quadro Geral da Indústria Têxtil Algodoeira

Estudos, quadros e tabelas realizados pela Comissão Executiva Têxtil (Cetex) — Serviço de Estatística

I

LOCALIZAÇÃO

As 420 fábricas de fios e tecidos e artefatos de algodão estão localizadas em 17 estados brasileiros e no Distrito Federal.

O norte do país, do Pará ao Rio Grande do Norte, apresenta 22 fábricas, sendo 11 no Ceará, 8 no Maranhão e 1 em cada um dos três estados restantes: Pará, Piauí e Rio Grande do Norte.

O nordeste, da Paraíba à Alagôas, possue 31 fábricas, assim distribuidas: Pernambuco — 17, Alagôas — 9 e Paraíba — 5.

Sergipe e Bahia têm 20 fábricas, sendo 12 em Sergipe e 8 na Bahia.

As fábricas do centro do Brasil são em número de 100, figurando Minas Gerais com 60, Rio de Janeiro com 24, Distrito Federal com 15 e Espírito Santo com 1.

A região centro meridional apresenta São Paulo com 223 fábricas.

Enfim, a zona meridional do país reune 24 fábricas, com 21 em Santa Catarina, 1 no Paraná e as 2 restantes no Rio Grande do Sul.

Verifica-se, dessa forma, estarem sediadas nas 4 grandes unidades produtoras da Federação: São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro, ou sejam, em parcela relativamente pequena do território brasileiro, 324 das 420 fábricas, ou, 77,1% do total das mesmas, entre as quais se contam as de produção de maior valor unitário.

Outro grupo de valor é o de Pernambuco, a cujos interêsse estão ligadas fábricas da Paraíba, de Alagôas e de certa parte de Sergipe.

QUADRO I

Localização das Fábricas

Estados	N.º DE FÁBRICAS			
	Fiações e tecel.	Fiações	Tecel.	Totais
Pará	1	—	—	1
Maranhão	8	—	—	8
Piauí	1	—	—	1
Ceará	10	1	—	11
Rio Grande do Norte ..	—	1	—	1
Paraiba	5	—	—	5
Pernambuco	16	1	—	17
Alagôas	9	—	—	9
Sergipe	12	—	—	12
Bahia	8	—	—	8
Espírito Santo	1	—	—	1
Rio de Janeiro	22	2	—	24
Distrito Federal	12	3	—	15
Minas Gerais	57	3	—	60
São Paulo	91	24	108	223
Paraná	—	—	1	1
Santa Catarina	11	1	9	21
Rio Grande do Sul	2	—	—	2
TOTAIS	266	36	118	420

II

FINANÇAS

QUADRO II

Capital, reservas e debêntures

ESTADOS	N.º de fábricas recenseadas	Capital	Reservas	Debentures Cr $
		Cr $	Cr $	Cr $
Pará	1	2.400.000,00	4.503.699,00	—
Maranhão	8	18.821.500,00	9.074.192,10	2.275.588,20
Piauí	1	600.000,00	172.162,40	—
Ceará	6	17.900.000,00	9.189.584,00	1.142.866,00
Rio Grande do Norte	2	1.885.000,00	30.556,00	—
Paraiba do Norte	4	11.605.000,00	11.021.663,00	—
Pernambuco	14	171.716.980,00	214.557.925,00	21.731.459,40
Alagôas	9	53.700.000,00	48.799.148,00	4.678.000,00
Sergipe	12	33.150.000,00	30.635.965,00	5.650.000,00
Bahia	5	48.500.000,00	40.291.490,39	—
Espírito Santo	1	3.320.000,00	609.728,04	—
Minas Gerais	51	258.970.000,00	251.970.942,44	1.489.924,40
Rio de Janeiro	26	208.280.000,00	247.546.223,84	35.486.644,10
Distrito Federal	17	273.600.000,00	400.890.983,13	40.031.876,00
São Paulo	203	1.266.674.000,00	1.104.098.094,00	71.686.247,20
Paraná	1	70.000,00	570.000,00	—
Santa Catarina	19	76.100.000,00	49.793.112,84	918.400,00
Rio Grande do Sul	6	31.060.000,00	39.601.180,30	1.491.200,00
Total	386	2.478.352.480,00	2.463.356.649,48	186.582.205,30

QUADRO III

Encargos sociais

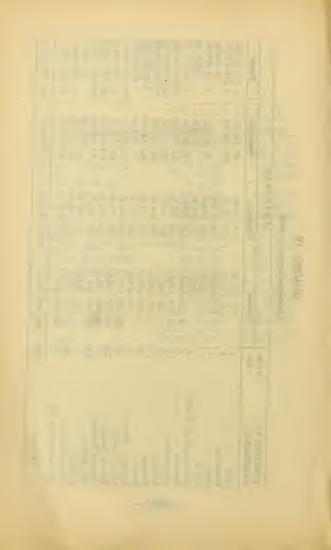
(1944)

ESTADOS	ENCARGOS SOCIAIS	
	Compulsórios	Voluntários
Pará	351.030,00	11.011,10
Maranhão	1.520.670,40	434.783,30
Piauí	94.760,50	6.600,00
Ceará	2.521.256,75	65.347,00
Rio Grande do Norte	47.438,50	—
Paraíba	2.398.581,70	859.628,30
Pernambuco	11.038.059,16	3.371.107,20
Alagôas	5.037.642,60	1.785.762,90
Sergipe	2.854.184,55	1.466.436,70
Bahia	2.391.012,90	337.245,70
Espírito Santo	85.883,50	146.826,90
Estado do Rio de Janeiro	7.358.527,75	1.765.376,78
Distrito Federal	15.400.846,80	1.798.930,40
São Paulo	65.920.592,80	4.698.604,60
Minas Gerais	9.783.013,39	2.886.004,10
Paraná	13.847,10	504,00
Santa Catarina	2.272.494,90	346.745,60
Rio Grande do Sul	1.760.926,50	635.870,00
Totais	130.850.769,80	20.616.784,58

QUADRO IV

Impostos pagos — 1944

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	N.º de fáb.	IMPOSTOS			
		Federais	Estaduais	Municipais	Totais
Pará	1	749.657,30	714.590,80	37.333,10	1.501.581,20
Maranhão	8	2.145.133,05	1.907.726,40	203.928,50	4.256.787,95
Piauí	1	126.568,89	14.818,00	—	141.386,89
Ceará	7	496.962,54	547.538,40	57.376,80	1.101.877,74
Rio Grande do Norte	2	1.400,00	17.341,90	250,00	18.991,90
Paraíba	5	4.029.666,64	637.389,50	79.015,40	4.746.071,54
Pernambuco	13	25.252.330,15	9.314.958,50	1.311.675,20	35.878.963,85
Alagôas	9	19.060.640,00	2.805.736,90	504.551,30	22.370.928,20
Sergipe	12	6.001.680,62	3.955.861,50	866.452,50	10.823.994,62
Bahia	4	5.639.425,67	1.751.734,00	632.734,30	8.023.893,97
Espírito Santo	1	241.671,04	382.387,60	383,40	624.442,04
Minas Gerais	49	205.969.597,55	10.522.618,45	2.140.764,15	218.632.980,15
Rio de Janeiro	23	47.887.933,89	6.221.473,80	449.432,50	54.558.840,19
Distrito Federal	17	44.892.456,16	1.425.242,70	2.118.834,20	48.436.533,06
São Paulo	175	440.441.043,19	46.657.323,70	3.581.680,60	490.680.047,49
Paraná	1	14.383,80	12.365,96	4.294,00	31.043,76
Santa Catarina	18	13.740.246,67	2.242.720,90	459.933,20	16.442.900,77
Rio Grande do Sul	6	25.782.995,17	1.570.715,10	105.166,90	27.458.877,17
Totais	352	842.473.792,33	90.702.544,11	12.553.806,05	945.730.142,49

III

OPERARIADO

PRAÇA DE ESPORTES DO C. A. VOTORANTIM
Vila Votorantim, Sorocaba — Estado de São Paulo

DISTRIBUIÇÃO PELOS ESTADOS

O operariado da indústria de fiação e tecelagem representa o primeiro em importância entre as indústrias de transformação de nosso país.

Sua distribuição percentual é a seguinte:

QUADRO V

Operariado

Distribuição percentual pelos estados

ESTADOS	Porcentagens
São Paulo	35,0
Pernambuco	12,7
Minas Gerais	11,2
Distrito Federal	10,9
Rio de Janeiro	7,9
Alagôas	4,7
Paraíba	4,7
Sergipe	3,8
Santa Catarina	2,7
Bahia	2,3
Maranhão	1,6
Ceará	1,4
Rio Grande do Sul	0,4
Espírito Santo	0,2
Pará	0,1
Piauí	0,1
Rio Grande do Norte	0,03
Paraná	0,01
Total	99,74

IMPORTÂNCIA RELATIVA DO OPERARIADO

O Anuário Estatístico do Brasil (1946) em sua página 106 apresenta o quadro do pessoal ativo das indústrias brasileiras referente ao ano de 1941, sendo fonte de informação o Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho.

Vê-se por esse quadro, ser a indústria têxtil aquela que emprega maior número de operários em nosso país, sendo seguida, sucessivamente, pelas indústrias de alimentação, metalurgia, de couros e péles, de construção e de materiais para construção e de madeira e vime, entre outros de maior importância.

Eis os números apresentados pelo I. B. G. E.:

INDÚSTRIA	N.º de operários
Têxtil	255.454
Alimentação	170.194
Metalurgia	107.339
Couros e péles	77.258
Construção e materiais para construção	67.611
Madeira e vime	65.690

DIVISÃO POR SEXO E IDADE

As fichas computadas, registravam, em 1944, 235.489 operários, assim divididos:

Homens	85.438
Mulheres	104.645
Menores	45.406

O quadro VI apresenta a divisão dos operários pelo sexo e pela idade nas diferentes unidades da federação.

QUADRO VI

Operariado — Divisão por sexo e idade

ESTADOS	Fábricas recenseadas	OPERÁRIOS			
		Homens	Mulheres	Menores	Total
Pará	1	79	146	47	272
Maranhão	9	1.447	2.096	328	3.871
Piauí	1	88	216	6	310
Ceará	11	1.367	1.593	375	3.335
Rio Grande do Norte	2	25	42	11	78
Paraíba	6	4.018	4.590	2.556	11.164
Pernambuco	17	13.033	11.592	5.236	29.861
Alagoas	10	4.467	5.503	1.144	11.114
Sergipe	13	2.726	4.911	1.243	8.880
Bahia	9	1.934	3.306	220	5.460
Espírito Santo	1	112	210	62	384
Rio de Janeiro	25	7.228	7.234	4.043	18.505
Distrito Federal ...	15	10.921	9.482	5.195	25.598
Minas Gerais	59	7.442	12.478	6.292	26.212
São Paulo	164	26.033	37.837	18.436	82.306
Paraná	1	3	21	2	26
Santa Catarina	19	2.758	2.420	1.290	6.468
Rio Grande do Sul .	3	259	645	116	1.020
Totais	366	83.940	104.322	46.602	234.864

No quadro VII estão distribuidas as 387 fábricas recenseadas no Quadro I pelo número de operários existentes em cada emprêsa.

Constata-se imediatamente o fato de 35,1% das emprêsas de fiação e tecelagem de algodão existentes no Brasil possuirem de 100 a 500 operários em um só estado da federação, 14% possuirem de 500 a 1.000 operários, e 10,5% apresentarem de 1.000 a 2.000 operários.

São apenas 24 as emprêsas que têm mais de 2.000 operários em fábricas de um só estado, sendo que 14 delas têm menos de 3.000, 4 emprêsas têm entre 3 e 5 mil operários e 6 emprêsas contam com mais de 5.000 operários.

Essas últimas são:

PARAIBA DO NORTE:

Cia. de Tecidos Paulista (Rio Tinto)	8.713

PERNAMBUCO:

Cia. de Tecidos Paulista (Paulista)	10.338
Cotonifício Othon Bezerra de Mello (Recife)	5.844

DISTRITO FEDERAL:

Cia. América Fabril — Fiação e Tecelagem ..	5.409

SÃO PAULO:

Cia. Nacional de Estamparia (Sorocaba)	7.731
S/A. Industrias Votorantim (Sorocaba)	5.570

As 4 fábricas que possuem de 3 a 5 mil operários são:

DISTRITO FEDERAL:

Cia. Progresso Industrial do Brasil	4.623

SÃO PAULO:

S/A. Moinho Santista Ind. Gerais	4.589
Cotonifício Rodolfo Crespi	3.381
Fiação Tecel. e Estamparia Ipiranga Jafet ...	3.041

QUADRO VII

Concentração operária por fábrica

ESTADOS	NÚMERO DE FÁBRICAS POR NÚMERO DE OPERÁRIOS										
	0-10	11-30	31-50	51-100	101-250	251-500	501-1000	1001-2000	2001-3000	3001-5000	Além de 5.000
Pará	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
Maranhão	—	—	—	—	1	4	2	1	—	—	—
Piauí	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	4	1	2	—	—	—	—
Rio Grande do Norte	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—
Paraíba	—	—	—	—	2	—	—	1	—	—	1
Pernambuco	—	—	—	1	1	3	—	5	2	—	2
Alagôas	—	—	—	—	1	—	4	2	2	—	—
Sergipe	—	—	—	—	3	2	5	2	—	—	—
Bahia	—	—	—	2	—	—	—	2	1	—	—
Espírito Santo	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	—	1	1	—	4	5	5	9	—	—	—
Distrito Federal ...	—	—	—	—	1	1	2	2	4	1	1
Minas Gerais	—	—	—	3	9	19	14	6	—	—	—
São Paulo	15	36	26	29	39	26	19	10	4	3	2
Paraná	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina	3	2	—	3	5	2	2	2	—	—	—
Rio Grande do Sul .	—	2	—	—	—	2	1	—	1	—	—
Totais	18	42	29	38	70	68	56	42	14	4	6

ATIVIDADE

A CETEX fez realizar em 1945 um inquérito com o fim de apurar a atividade nas secções de cardas, de fiação e de tecelagem das fábricas de fios e tecidos de algodão de todo o país.

Esse inquérito atingiu 94,2% das secções de cardas existentes, 78% dos fusos e 94,25% dos teares de algodão instalados.

Verifica-se pelo mesmo ser de 14,55 horas a média do trabalho diário no Brasil nas secções de cardas, 15,30 horas das secções de fiação e 12,20 horas das secções de tecelagem.

As cardas de Minas Gerais trabalham em média 23,15 horas diárias e as de São Paulo, 21,18 horas, enquanto que as do Distrito Federal trabalham 14,55 horas apenas.

Os fusos de maior trabalho diário são os da Paraíba do Norte, com 19,48 horas, os de Pernambuco com 17,30 horas, enquanto que os de São Paulo giram 16,58 horas diárias, os de Minas Gerais 16,42 horas e os da capital da República 12,56 horas apenas.

Os teares que mais trabalham são os da Paraíba do Norte, 17,26 horas e os de Pernambuco 14,24 horas, sendo de 13,13 horas a média diária do trabalho dos de São Paulo, 12,20 os de Minas Gerais e 9,23 horas, apenas, os do Distrito Federal.

A intensidade do trabalho nas fábricas de fios e tecidos de algodão, durante esse período anormal de grande procura de artigos têxteis brasileiros, fica perfeitamente registrada pelos valores dos quadros n.° VIII a X.

QUADRO VIII

Horas de Trabalho nas Secções de Cardas

(1945 — Dados aproximados. Apuração feita até 19 de Agosto)

ESTADOS	Fáb. que possuem cardas		Cardas	Trabalho Diário (em horas)	
	Existentes	Recenseadas	Recenseadas	N.º hs. x cardas	N.º hs. + cardas
Pará	1	—	34	—	—
Maranhão	8	7	162	1.417	12.00
Piauí	1	1	14	172	12.30
Ceará	9	9	191	2.137	13.60
Rio Grande do Norte	—	—	—	40	8.00
Paraíba do Norte	5	4	185	3.736	20.11
Pernambuco	16	13	612	12.125	18.20
Alagôas	9	9	300	2.012	15.00
Sergipe	12	8	236	3.116	14.17
Bahia	5	5	341	2.252	14.31
Espírito Santo	1	1	10	230	10.00
Minas Gerais	46	45	861	16.724	23.15
Rio de Janeiro	18	17	750	8.605	13.48
Distrito Federal	12	12	1.180	17.613	14.55
São Paulo	58	58	2.707	32.201	21.18
Paraná	—	—	—	—	—
Santa Catarina	7	7	94	2.026	21.33
Rio Grande do Sul	2	2	74	592	8.00
Totais	210	198	7.751	104.998	14.55

QUADRO IX

Horas de Trabalho nas Secções de Fiação

(1945 -- Dados aproximados. Apuração até 19 de Agosto)

ESTADOS	FUSOS		Trabalho Diário (em horas)	
	Existentes	Recenseados	Hs. x Fusos	Hs. + Fusos
Pará	7.804	—	—	—
Maranhão	80.820	58.984	611.206	11.23
Piauí	4.712	4.712	5.890	12.30
Ceará	36.016	30.028	413.000	13.45
Rio Grande do Norte	—	704	5.632	8.00
Paraíba do Norte	57.988	56.156	1.112.320	19.48
Pernambuco	205.134	202.958	3.556.416	17.36
Alagôas	111.132	50.284	718.044	14.36
Sergipe	101.898	69.404	926.172	13.20
Bahia	98.468	27.584	384.211	13.56
Espírito Santo	3.968	3.968	63.488	16.00
Minas Gerais	352.907	266.439	4.449.412	16.42
Rio de Janeiro	289.163	219.950	2.699.496	12.16
Distrito Federal	560.176	497.952	6.443.366	12.56
São Paulo	1.109.103	848.126	14.402.336	16.58
Paraná	—	—	—	—
Santa Catarina	41.480	33.576	590.203	17.34
Rio Grande do Sul	29.547	29.547	247.126	8.29
Totais	3.091.020	2.400.372	36.628.312	15.30

QUADRO X

Horas de Trabalho nas Secções de Tecelagem

(1945 — Dados aproximados. Apuração feita até 19 de Agosto)

ESTADOS	TEARES					TRABALHO DIÁRIO (em horas)	
		Recenseados					
	Existentes	Comuns	Automáticos	Total	Utilizados p/ cálculo	Hs. x Teares	Hs. + Teares
Pará	281	—	—	—	—	—	—
Maranhão	2.133	1.716	—	1.716	1.390	12.113	8.42
Piauí	166	158	—	158	158	1.600	10.00
Ceará	987	963	18	981	862	8.917	10.20
Rio Grande do Norte	—	—	—	—	—	—	—
Paraiba do Norte	3.000	2.840	70	2.910	2.908	50.738	17.26
Pernambuco	8.425	7.973	252	8.225	7.819	112.703	14.24
Alagôas	3.391	3.097	—	3.097	1.231	13.646	11.01
Sergipe	3.259	2.593	—	2.593	2.332	26.386	11.19
Bahia	4.606	4.606	—	4.606	2.345	20.160	8.35
Espírito Santo	161	161	—	161	161	1.288	8.00
Minas Gerais	11.912	10.283	430	10.713	8.721	107.702	12.20
Rio de Janeiro	8.342	6.754	1.155	7.909	6.373	70.345	10.56
Distrito Federal	14.180	14.004	—	14.004	14.180	133.200	9.23
São Paulo	29.811	26.384	1.864	28.248	22.558	298.334	13.13
Paraná	30	31	—	31	31	248	8.00
Santa Catarina	1.383	1.398	—	1.398	623	8.590	13.46
Rio Grande do Sul	607	599	—	599	727	5.940	8.10
Totais	92.674	83.560	3.789	87.349	72.419	871.910	12.2

QUADRO XI

Alterações do salário mínimo da Indústria Têxtil Brasileira

ESTADOS		Estimativa do salário pago antes de maio de 1940	Dec. n.º 2.162 de 1-5-1940	Dec. n.º 5.978 de 10-11-1943		Acôrdo entre patrões e operários - Maio de 45 — + 35%
		Cr$	Cr$	%	Cr$	Cr$
Pará	1	90	150	93,3	290	391.50
	2	66	110	100	220	297
Maranhão ...	1	72	120	116.7	260	351
	2	54	90	133,3	210	283,50
Piauí	1	72	120	166.7	260	351
	2	54	90	133,3	210	283,50
Ceará	1	90	150	93,3	290	391,50
	2	66	110	100	220	297
R. G. do Norte	1	78	130	107.7	270	364,50
	2	54	90	133,3	210	283.50
Paraíba	1	78	130	107,7	270	364,50
	2	54	90	133,3	210	283,50
Pernambuco .	1	90	150	120	330	445,50
	2	60	100	150	250	337,50
Alagôas	1	75	125	116	270	364,50
	2	54	90	133,3	210	283,50
Sergipe	1	75	125	116	270	364,50
	2	54	90	133,3	210	283,50
Bahia	1	90	150	120	330	445,50
	2	72	120	116.7	260	351
	3	66	110	127,3	250	337,50
	4	54	90	133,3	210	283,50
Espírito Santo	1	96	160	87,5	300	405
	2	66	110	100	220	297
Rio de Janeiro	1	135	200	85	270	499.50
	2	101	150	93,3	290	391,50
	3	68	100	120	220	297
Distr. Federal		180	240	70,8	410	553,50
Minas Gerais .	1	102	170	105.9	350	472.50
	2	72	120	116,7	260	351
São Paulo ...	1	150	220	77,3	390	546
	2	135	200	85	370	518
	3	115	170	82,4	310	434
	4	103	150	73,3	260	364
Paraná	1	108	180	94,4	350	472,50
	2	96	160	87.5	300	405
	3	72	120	91,7	230	310,50
Santa Catarina	1	102	170	82,4	310	418,50
	2	90	150	73,3	260	351
	3	84	140	78,6	250	337,50
R. G. do Sul ..	1	120	200	85	370	499.50
	2	96	150	87,5	300	405

QUADRO XII

Alterações do salário mínimo da Indústria Têxtil Brasileira

NÚMEROS ÍNDICES — BASE: estimativa do salário pago em 1939

ESTADOS		Estimativa do salário pago antes de 1939	Dec. n.º 2.162 de 1-5-1940	Dec. n.º 5.978 de 10-11-1943	Acôrdo entre patrões e operários - Maio de 945 + 35%
Pará	1	100	166,7	322,2	435
	2	100	166,7	333,3	450
Maranhão	1	100	166,7	361,1	487,5
	2	100	166,7	388,9	525
Piauí	1	100	166,7	361,1	487,5
	2	100	166,7	388,9	525
Ceará	1	100	166,7	322,2	435
	2	100	166,7	333,3	450
R. G. do Norte .	1	100	166,7	346,2	467,3
	2	100	166,7	388,9	525
Paraíba	1	100	166,7	346,2	467,3
	2	100	166,7	388,9	525
Pernambuco ...	1	100	166,7	366,7	495
	2	100	166,7	416,7	562,5
Alagôas	1	100	166,7	360	486
	2	100	166,7	388,9	525
Sergipe	1	100	166,7	360	486
	2	100	166,7	388,9	525
Bahia	1	100	166,7	366,7	495
	2	100	166,7	361,1	487,5
	3	100	166,7	378,8	511,4
	4	100	166,7	388,9	525
Espírito Santo .	1	100	166,7	312,5	421,9
	2	100	166,7	333,3	450
Rio de Janeiro .	1	100	148,1	274,1	370
	2	100	148,5	287,1	387,6
	3	100	147,1	323,5	436,8
Distrito Federal		100	133,3	227,8	307,5
Minas Gerais ..	1	100	166,7	343,1	463,2
	2	100	166,7	361,1	487,5
São Paulo	1	100	146,7	260	364
	2	100	148,1	274,1	383,7
	3	100	147,8	269,6	377,4
	4	100	145,6	252,4	353,4
Paraná	1	100	166,6	324,1	437,5
	2	100	166,6	312,5	421,9
	3	100	166,6	319,4	431,3
Santa Catarina	1	100	166,6	303,9	410,3
	2	100	166,6	288,9	390
	3	100	166,6	297,6	401,8
R .G. do Sul ..	1	100	166,6	308,3	416,3
	2	100	166,6	312,5	421,8

IV

EQUIPAMENTO MECÂNICO

TEARES E FUSOS

O quadro XIII apresenta a distribuição de teares e fusos pelos estados do Brasil.

Cumpre notar a dificuldade de se proceder a separação dos teares normalmente utilizados para confecção de tecidos e artefatos de algodão dos que são empregados para a produção de tecidos mistos. Devido a essa circunstância os totais de teares e fusos devem ser aceitos com pequenas restrições.

QUADRO XIII

Teares e Fusos

Distribuição pelos Estados

ESTADOS	Teares	Fusos
Pará	281	7.804
Maranhão	2.133	80.820
Piauí	166	4.712
Ceará	987	37.704
R. G. do Norte	—	704
Paraíba	3.000	57.988
Pernambuco	8.425	205.134
Alagôas	3.391	111.132
Sergipe	3.259	101.898
Bahia	4.545	98.468
Espírito Santo	161	3.986
Rio de Janeiro	8.342	289.163
Distrito Federal	14.180	560.176
Minas Gerais	11.768	348.707
São Paulo	29.811	1.102.288
Paraná	30	—
Santa Catarina	1.383	41.480
R. G. do Sul	607	24.172
Totais	92.469	3.076.336

Parece-nos de interêsse apresentar a posição que o Brasil ocupa, entre os demais paises produtores de tecidos, quanto ao número de fusos e teares.

QUADRO XIV

Número de Fusos

(Posição relativa dos Paises)

PAISES	Ano	N.º de fusos
1 — Inglaterra	1940	35.836.860
2 — Estados Unidos	1940	25.060.879
3 — Alemanha e Austria .	1939	13.000.000
4 — Japão	1939	12.278.233
5 — Índia	1939	10.059.370
6 — Rússia	1938	10.050.000
7 — França	1939	9.521.000
8 — China	1938	5.635.066
9 — Itália	1939	5.395 000
10 — **Brasil**	1940	3.076.336
11 — Polônia	1939	1.925.600
12 — Espanha	1940	1.900.000
13 — Bélgica	1939	1.878.900
14 — Holanda	1939	1.266.000
15 — Suissa	1940	1.254.274
16 — Canadá	1940	1.186.388
E outros com menos de 1 milhão de fusos		

SECÇÃO DE RETORCEDEIRAS E FIADEIRAS
Cia. Fiação e Tecelagem Rio Grande
Rio Grande — Rio Grande do Sul

QUADRO XV

Número de Teares

(Posição relativa dos Países)

PAISES	Ano	N.º de teares
1 — Estados Unidos	1940	505.609
2 — Inglaterra	1939	441.065
3 — Alemanha e Austria ...	1938	270.000
4 — Rússia	1939	270.000
5 — Japão	1939	253.587
6 — Índia	1939	202.464
7 — França	1939	187.600
8 — Itália	1939	138.000
9 — **Brasil**	1940	92.469
10 — Espanha	1940	64.000
11 — China	1938	58.439
12 — Holanda	1939	50.700
13 — Bélgica	1939	49.270
14 — Polônia	1939	46.600
15 — México	1940	29.000
16 — Canadá	1940	24.002
17 — Portugal	1940	22.694
18 — Suissa	1940	20.987
E outros com menos de 20.000 teares		

O Quadro XVI apresenta a divisão dos operários, teares e fusos pelas fiações e tecelagens, fiações (sem tecelagem), tecelagens (sem fiação).

QUADRO XVI

Teares e Fusos

Divisão pelos diversos tipos de Fábricas

ESTADOS	FIAÇÕES E TECELAGENS				FIAÇÕES			TECELAGENS		
	N.º Fáb.	Oper.	Teares	Fusos	N.º Fáb.	Oper.	Fusos	N.º Fáb.	Oper.	Teares
Pará	1	316	281	7.804	—	—	—	—	—	—
Maranhão ...	8	3.58[illegible]	2.133	80.820	—	—	—	—	—	—
Piauí	1	350	166	4.712	—	—	—	—	—	—
Ceará	10	3.243	987	36.016	1	109	1.688	—	—	—
R. G. do Norte	—	—	—	—	1	41	704	—	—	—
Paraíba	5	10.987	3.000	57.988	—	—	—	—	—	—
Pernambuco .	16	28.856	8.425	204.940	1	51	194	—	—	—
Alagôas	9	8.941	3.391	111.132	—	—	—	—	—	—
Sergipe	12	8.661	3.259	101.898	—	—	—	—	—	—
Bahia	8	5.323	4.545	98.468	—	—	—	—	—	—
Espírito Santo	1	351	161	3.986	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	22	15.446	8.342	278.738	2	1.250	10.425	—	—	—
Distr. Federal	12	23.055	14.180	522.968	3	1.693	37.208	—	—	—
Minas Gerais .	57	24.855	11.768	341.503	3	930	7.204	—	—	—
São Paulo ...	91	75.071	28.349	947.532	24	4.650	154.756	108	5.773	1.462
Paraná	—	—	—	—	—	—	—	1	28	30
Santa Catarina	11	4.702	1.010	35.300	1	905	6.180	9	657	373
R. G. do Sul ..	2	1.026	607	24.172	—	—	—	—	—	—
Totais...	266	214.767	90.604	2.857.977	36	9.629	218.359	118	6.458	1.856

Quanto aos fusos, o grupo econômico centro-sul reune 2.369.972, ou sejam, 77% do total de 3.076.336 fusos existentes no país.

São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro, somam 2.200.334 fusos, ou, 71,5% do total do Brasil.

O grupo nordestino tem 374.254 fusos representando 12,1% do total enquanto que Bahia e Sergipe (Leste) apresentam 200.366 fusos, ou 6,5%.

Os teares de algodão distribuem-se da seguinte maneira pelas regiões:

Centro Sul	66.282	71,5%
Nordeste	14.816	16,0%
Leste	7.804	8,4%

estando os demais localizados no norte do país.

São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro, reunem 64.101 teares, ou, 69,3% do total.

O centro de gravidade econômica do país, representa, pois, cêrca de 70% da indústria têxtil algodoeira quanto ao equipamento de teares e fusos.

A distribuição percentual dos teares e fusos por estado é a seguinte:

QUADRO XVII

Teares e Fusos — Distribuição percentual pelos Estados

ESTADOS	Teares	Fusos
Pará	—	—
Maranhão	2,3	2,6
Piauí	—	0.001
Ceará	1,0	1,2
Rio Grande do Norte	—	—
Paraíba	3,2	1,9
Pernambuco	9,1	6,6
Alagôas	3,6	3,6
Sergipe	3,5	3,3
Bahia	4,9	3,2
Espírito Santo	—	—
Rio de Janeiro	9,0	9,4
Distrito Federal	15,3	18,2
Minas Gerais	12,7	11,3
São Paulo	32,2	35,8
Paraná	—	—
Santa Catarina	1,5	1,3
Rio Grande do Sul	0,6	0,8
	100%	100%

É interessante examinar o Quadro XVIII em que apresentamos, para cada estado, o número de fusos por tear existente.

Devemos notar não ser levada em consideração a diferença de qualidade de tear e de fuso, pelo que tais dados devem ser aceitos como aproximados.

QUADRO XVIII

Número de Fusos por Tear

ESTADOS	N.º de fusos p/tear
Pará	27,7
Maranhão	37,8
Piauí	28,3
Ceará	38,2
Paraíba	19,3
Pernambuco	24,3
Alagôas	32,7
Sergipe	31,2
Bahia	21,6
Espírito Santo	24,7
Rio de Janeiro	34,6
Distrito Federal	39,5
Minas Gerais	29,6
São Paulo	37,0
Santa Catarina	30,0
Rio Grande do Sul	39,8
Média do Brasil	32,2%

CLASSIFICAÇÃO DOS TEARES POR QUALIDADE

QUADRO XIX

Distribuição dos Teares Automáticos e Mecânicos pelos Estados do Brasil

ESTADOS	Automáticos	Xadrezes	Lisos	Total
Pará	—	—	281	281
Maranhão	—	219	1.903	2.122
Piauí	—	10	148	158
Ceará	—	3	677	680
Paraíba	—	686	2.052	2.738
Pernambuco	252	1.127	5.359	6.738
Alagôas	—	259	2.973	3.232
Sergipe	—	512	2.735	3.247
Bahia	—	1.895	2.711	4.606
Espírito Santo ...	—	11	150	161
Rio de Janeiro ...	1.158	1.700	6.000	8.858
Distrito Federal ..	366	1.673	11.965	14.004
Minas Gerais	430	1.168	10.371	11.969
São Paulo	2.272	5.556	19.623	27.451
Paraná	—	22	98	120
Santa Catarina ...	—	980	379	1.359
Rio Grande do Sul	138	295	494	927
Totais	4.616	16.116	67.919	88.651

O Quadro XIX mostra a distribuição dos teares automáticos, mecânicos, xadrezes e lisos pelas unidades da Federação.

Os teares automáticos empregados pela indústria têxtil algodoeira, são em número de 4.616, em um total de 88.651 (recenseados para este fim) ou, sejam, 5,2%.

Os Estados Unidos, pioneiros no emprêgo dos teares automáticos, apresentam 68,5% desses teares, a Rússia 10%, o Japão 12%, a Inglaterra apenas 3%.

Na introdução desses trabalho fizemos algumas considerações a respeito de seu uso, as quais, sem dúvida, podem ser aplicadas ao Brasil.

É interessante enumerar as emprêsas que possuem mais de 1.000 teares (em cada estado)

QUADRO XXI

Emprêsas que possuem mais de 1.000 Teares

(Em um só Estado)

EMPRESAS	N.º de teares
PARAÍBA:	
Cia. Tecidos Paulista	2.292
PERNAMBUCO:	
Cotonifício Batista da Silva	1.129
Cia. Tecidos Paulista	2.552
Cotonifício Othon Bezerra de Mello S/A	1.635
BAHIA:	
Cia. Empório Industrial do Norte	1.300
Cia. Progresso e União Fabril da Bahia	2.221
RIO DE JANEIRO:	
Cia. Petropolitana — Fiação e Tecelagem	1.100
Cia. Têxtil Brasil Industrial...............	1.008
DISTRITO FEDERAL:	
Cia. América Fabril — Fiação e Tecelagem ..	4.273
Cia. Deodoro Industrial	1.500
Cia. F. Tec. Confiança Industrial	1.430
Cia. F. Tec. Corcovado	1.102
Cia. Nacional Tec. Nova América	1.364
Cia. Progresso Industrial do Brasil	2.100
The Rio de Janeiro Flour, Mills and Granaries Ltd.	1.355
SÃO PAULO:	
S/A Inds. Reunidas F. Matarazzo	3.504
S/A Indústrias Votorantim	2.123
Cia. F. e Tec. São Pedro	1.066
Cia. Nacional de Estamparia	2.702
Cia. Taubaté Industrial	1.300
Fábrica de Tecidos Taubaté	1.118
F. Tecel. e Estamparia Ypiranga Jafet	1.608

Minas Gerais	Rio de Janeiro	Distrito Federal	Paraná	Sta. Catarina	R. Gde. do Sul	S. Paulo
2	4	4	1	9	2	103
9	1	—	—	5	—	31
9	6	—	—	2	1	12
9	2	—	—	—	1	7
5	1	—	—	—	1	8
11	6	2	—	2	1	10
4	1	—	—	—	—	3
1	3	—	—	—	—	5
—	2	1	—	—	—	2
—	—	4	—	—	—	1
—	—	—	—	—	—	1
—	—	—	—	—	—	—
—	—	1	—	—	—	1
—	—	—	—	—	—	1
—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	1
—	—	1	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—
50	26	13	1	18	6	185

QUADRO XX

Concentração de teares por emprêsa

(Em cada Estado)

Número de teares	Pará	Maranhão	Piauí	Ceará	R. Gde. Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Baía	Esp. Santo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Distrito Federal	Paraná	Sta. Catarina	R. Gde. do Sul	S. Paulo
Até 50	—		—	1	1	—	1	—	—	2	—	2	4	4	1	9	2	103
51/100	—	1	—	2	—	2	3	1	1	—	—	9	1		—	5	—	31
101/150	—	—	—	1	—	—	2	1	2	—	—	9	6	—	—	2	1	12
151/200	—	3	1	2	—	—	—	1	—	—	1	9	2	—	—	—	1	7
201/250	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	5	1	—	—	—	1	8
251/500	1	3	—	—	—	—	3	4	7	—	—	11	6	2	—	2	1	10
501/750	—	1	—	—	—	1	1	—	—	—	—	4	1	—	—	—	—	3
751/1000	—	—	—	—	—	—	1	2	—	1	—	1	3	—	—	—	—	5
1001/1250	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	2	1	—	—	—	2
1251/1500	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	4	—	—	—	1
1501/1750	—		—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
1751/2000	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2001/2500	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	1
2501/3000		—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
3001/3500	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3501/4000	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		—	—	—	1
4001/4500	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—
4501/5000	—			—	—	—		—	—		—	—	—	—	—	—	—	—
Total recenseado	1	8	1	6	1	4	14	9	12	5	1	50	26	13	1	18	6	185

Total Geral de Fábricas Recenseadas .. 361

”	9”	70”	05”	110”	112”	114”	138”	Jacquard	Total
—	-	—	—	—	—	—	1	—	281
—	-	—	—	—	—	—	—	—	2.114
—	-	—	—	—	—	—	—	—	158
5	-	—	—	—	—	—	—	—	885
—	3	11	—	—	—	—	—	—	3.261
35	5	74	—	—	—	—	—	—	8.343
48	-	—	12	—	—	—	—	—	3.314
54	-	12	—	—	—	—	—	—	3.446
5	-	4	—	—	—	—	—	—	4.762
—	-	—	—	—	—	—	—	—	160
36	-	1	—	—	—	—	—	—	5.851
3	-	—	—	—	—	—	—	—	14.303
63	7	55	104	—	—	—	—	—	9.529
39	0	46	80	48	2	118	1	—	26.881
—	-	—	—	—	—	—	—	—	31
—	0	58	—	—	—	—	—	58	1.428
—	-	9	—	—	—	—	—	—	591
48	6	270	196	48	2	118	1	58	85.338

QUADRO XXIII

Largura de teares por polegada

ESTADOS	20"	22"	25"	26"	27"	28"	29"	30"	31"	32"	33"	34"	35"	36"	37"	38"	39"
Pará	—	—	—	—	—	—	—	—	—	69	—	76	—	100	—	—	—
Maranhão	—	—	—	—	—	10	—	883	14	347	31	280	—	284	—	74	—
Piauí	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	148	—	—	10
Ceará	—	—	—	—	—	—	—	164	—	244	2	95	—	228	—	—	—
Paraíba do Norte	—	—	—	—	—	—	—	93	—	—	—	404	—	409	—	197	—
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	—	232	—	925	5	266	32	3.258	—	227	—
Alagoas	—	—	—	—	—	—	—	190	—	452	—	100	—	799	—	14	—
Sergipe	—	—	—	—	1	6	—	84	—	1 060	—	53	—	1 197	96	309	—
Bahia	—	—	—	—	—	—	—	520	12	351	—	831	540	1 519	311	250	—
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	110	—	—	—	50	—	—	—
Rio de Janeiro	—	—	—	—	66	—	—	—	184	825	676	127	—	1 627	10	858	28
Distrito Federal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	909	120	194	—	5.006	33	1.396	—
Minas Gerais	—	94	12	102	6	1	12	86	135	906	522	276	213	4.336	5	382	366
São Paulo	1		—	603	56	196	33	36	712	2 017	149	742	1 655	7.521	537	533	1.311
Paraná	—	—	—	—	—	31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina	—	—	—	—	20	—	—	—	—	30	—	50	48	14	2	14	283
Rio Grande do Sul	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	166	—	59	134
Total	1	94	12	705	149	244	45	2 288	1.057	8 245	1.505	3.494	2 488	26.662	994	4.313	2 132

ESTADOS	40"	41"	42"	43"	44"	45"	46"	47"	48"	49"	50"	51"	52"	53"	54"	55"	56"	57"	58"	59"	60"
Pará	—	—	—	—	—	34	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—
Maranhão	83	—	—	—	104	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	2	—	—	—
Piauí	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ceará	127	—	5	—	—	—	—	18	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—
Paraíba do Norte	1 386	184	—	84	2	198	—	2	—	—	78	—	94	—	11	—	18	—	—	—	4
Pernambuco	1 579	—	85	—	152	387	—	—	40	—	34	190	226	19	—	63	242	—	—	—	30
Alagoas	938	—	148	—	—	382	20	—	97	—	27	—	10	—	—	—	—	—	10	—	—
Sergipe	420	—	64	—	50	—	60	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Bahia	401	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	6	—	—	—	—	6
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	851	34	86	112	52	2	50	1	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	31	—	1
Distrito Federal	4 710	—	3	—	—	240	210	—	1 120	54	5	—	—	—	16	—	—	—	—	—	26
Minas Gerais	1.417	—	163	—	72	—	—	4	2	—	1	15	—	—	—	65	—	—	—	—	21
São Paulo	2.455	32	889	283	491	314	381	91	258	67	243	94	343	2	264	76	104	8	120	237	72
Paraná	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina	87	—	—	—	18	—	—	—	—	—	—	39	18	4	—	—	—	8	—	6	30
Rio Grande do Sul	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total	14.454	250	1 448	479	941	1.557	721	116	1 517	121	388	340	693	26	293	210	364	18	161	243	190

ESTADOS	61"	62"	63"	64"	65"	66"	67"	68"	69"	70"	71"	72"	73"	74"	75"	76"	77"	78"	79"	80"	82"	83"	84"	85"	86"	87"
Pará	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		—	—
Maranhão	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Piauí	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
Paraíba do Norte	—	—	—	—	—	6	—	21	3	11	—	26	—	—	2	—	—	—	—	28	—	—	—		—	—
Pernambuco	—	40	—	85	—	—	—	2	26	74	—	112	—	—	—	4	—	8	—	—	—	—	—		—	—
Alagoas	—	3	—	—	—	—	2	—	—	—	—	23	—	1	—	—	—	—	—	10	—	—	—		—	—
Sergipe	—	—	12	—	—	2	—	4	—	12	—	15	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—
Bahia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	—	4	—	184	—	5	—	3	—	1	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	25	—	—
Distrito Federal	—	—	—	—	—	59	—	—	—	—	—	104	—	—	—	29	—	36	—	—	—	—	—		—	—
Minas Gerais	—	—	27	8	1	47	21	6	7	55	—	18	3	—	—	—	—	—	—	—	4	—	—		2	2
São Paulo	125	61	297	703	60	28	136	130	170	46	200	224	13	16	14	12	15	299	—	10	25	28	19	—	212	84
Paraná	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina	—	5	182	14	—	10	—	—	190	58	48	148	—	—	12	—	—	2	4	6	—	18	—		—	2
Rio Grande do Sul	—	—	194	—	—	—	21	—	—	9	—	—	—	—	8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total	125	113	712	994	61	157	180	166	396	270	248	672	16	17	38	45	21	345	4	55	30	46	19	25	214	88

ESTADOS	88"	90"	91"	92"	94"	95"	96"	98"	100"	102"	103"	105"	110"	112"	114"	158"	Jacquard	Total
Pará	—	—	—	—	—	—	—	—	—							1	—	282
Maranhão	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—							2 114
Piauí	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—								158
Ceará	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—				—	—	—	885
Paraíba do Norte	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—							3.261
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		8.343
Alagoas	—	6	—	—	—	—	—	—	68	—		12	—		—	—		3.314
Sergipe	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—					—		3.446
Bahia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—				—				4.762
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	160
Rio de Janeiro	—	—	—	—	—	—	—	—	4	—			—		—	—		5.951
Distrito Federal	4	28	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—		—	—	—		11.303
Minas Gerais	10	—		—	—	—	—	—	—	—	—	104		—	—	—		9.529
São Paulo	172	119	32	26	18	28	87	174	56	37	30	80	48	2	118	1		26.881
Paraná	—	—		—	—	—	—	—	—							—		31
Santa Catarina	—	—	—	—	—	—	—	—	—						—		58	1.428
Rio Grande do Sul	—	—	—	—	—	—	—	—	—			—				—		591
Total	186	153	32	26	18	28	87	174	129	37	30	196	48	2	118	1	58	85 338

LARGURA DOS TEARES

O Quadro XXVIII apresenta a divisão de 85.338 (recenseados entre os 92.469 teares de algodão existentes) pela largura em polegadas.

Pelo Quadro XXII verifica-se que 78,6% dos teares recenseados têm a largura entre 30 e 40" e assim se distribuem:

QUADRO XXII

Porcentagem dos Teares entre 30″ e 40″

Largura	% sobre o total
30″	2,6
31″	1,2
32″	9.8
33″	1,7
34″	4,0
35″	2,9
36″	32,0
37″	—
38″	5,0
39″	2,4
40″	17.0
Total	78,6

CARDAS

O Quadro XXIV mostra a distribuição das cardas de algodão por unidade da federação.

QUADRO XXIV

Total de Cardas por Estado

ESTADOS	Cardas
Pará	34
Maranhão	204
Piauí	14
Ceará	141
Rio Grande do Norte	5
Paraíba	195
Pernambuco	584
Alagôas	300
Sergipe	287
Bahia	341
Espírito Santo	10
Rio de Janeiro	783
Distrito Federal	1.180
Minas Gerais	980
São Paulo	2.997
Paraná	—
Santa Catarina	109
Rio Grande do Sul	96
Total	8.260

Parece-nos interessante conhecer a concentração das cardas por emprêsa fabril e por estado. É o que nos apresenta o Quadro XXV.

QUADRO XXV

Concentração de Cardas por Emprêsa e por Estado

N.º de cardas	Pará	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Gde. do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Baía	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Distrito Federal
0 — 10	—	1	—	2	1	2	3	1	2	1	1	3	—
11 — 20	—	2	1	3	—	—	2	—	5	1	—	6	2
21 — 30	—	2	—	1	—	—	3	5	2	—	—	1	—
31 — 40	1	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	2	2
41 — 50	—	3	—	1	—	1	1	1	3	—	—	1	—
51 — 60	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—
61 — 70	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	3	—
71 — 80	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	2	1
81 — 90	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	1	—
91 — 100	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1
101 — 150	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	5
mais de 150	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	—	—	1
N.º de emprêsas recenseadas	1	8	1	7	1	4	13	9	12	5	1	21	12

QUADRO XXV (conc.)

Concentração de Cardas por Emprêsa e por Estado

N.º de Cardas	Minas Gerais	S. Paulo	Sta. Catarina	Rio Gde. do Sul	Paraná
0 — 10	19	21	3	1	—
11 — 20	17	16	2	1	—
21 — 30	8	9	2	1	—
31 — 40	1	10	—	—	—
41 — 50	2	10	—	1	—
51 — 60	—	1	—	—	—
61 — 70	3	1	—	—	—
71 — 80	1	—	—	—	—
81 — 90	—	2	—	—	—
91 — 100	—	2	—	—	—
101 — 150	—	2	—	—	—
mais de 150	—	5	—	—	—
N.º de emprêsas recenseadas	51	79	7	4	—

QUADRO XXVI

MAÇAROQUEIRAS

Distribuição das Maçaroqueiras por Estados

Estado	
Pará	12
Maranhão	102
Piauí	8
Ceará	45
Rio Grande do Norte	4
Paraíba	115
Pernambuco	214
Alagôas	153
Sergipe	145
Bahia	192
Espírito Santo	8
Minas Gerais	539
Rio de Janeiro	417
Distrito Federal	635
São Paulo	1 488
Paraná	—
Santa Catarina	75
Rio Grande do Sul	51
Total	4.203

QUADRO XXVII

PENTEADEIRAS

Número de Penteadeiras por Estado

Estado	Número
Paraíba	54
Pernambuco	73
Alagôas	12
Sergipe	4
Bahia	2
Espírito Santo	—
Rio de Janeiro	82
Distrito Federal	244
Minas Gerais	82
São Paulo	404
Santa Catarina	18
Rio Grande do Sul	10
Total	985

N.º de	Distrito Federal	Minas Gerais	São Paulo	Paraná	Santa Catarina	R. Gde. do Sul
0/5	1	16	12	—	1	—
6/10	1	14	22	—	3	1
11/20	2	13	20	—	3	1
21/30	—	2	7	—	—	1
31/40	1	4	—	—	—	1
41/50	1	—	—	—	—	—
51/60	—	—	5	—	—	—
61/70	3	—	2	—	—	—
71/80	—	—	1	—	—	—
81/90	1	—	1	—	—	—
91/100	—	—	—	—	—	—
101/150	—	—	2	—	—	—
151 e r	1	—	—	—	—	—
Totais	11	49	72	—	7	4

QUADRO XXVIII

MAÇAROQUEIRAS

Concentração por emprêsas e por estado

N.º de Maçaroqueiras	Pará	Maranhão	Piauí	Ceará	R. Gde. do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Baía	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Distrito Federal	Minas Gerais	São Paulo	Paraná	Santa Catarina	R. Gde. do Sul
0/5	—	1	—	4	1	3	6	1	4	2	—	1	1	16	12	—	1	—
6/10	—	1	1	1	—	—	3	1	1	—	1	8	1	14	22	—	3	1
11/20	1	6	—	2	—		1	6	5	—	—	5	2	13	20	—	3	1
21/30	—	—	—	—	—	—	1	—	2	—	—	2	—	2	7	—	—	1
31/40	—	—	—	—	—	—	2	—	—	1	—	2	1	4	—	—	—	1
41/50	—	—	—	—	—		—	—	—	1	—	1	1	—	—	—	—	—
51/60	—	—	—	—	—		—	1	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—
61/70	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	3	—	2	—	—	—
71/80	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—
81/90	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—
91/100	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
101/150	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—	—	—
151 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
Totais	1	8	1	7	1	4	14	9	12	5	1	20	11	49	72	—	7	4

N.º Penteade	Distrito Federal	Minas Gerais	São Paulo	Paraná	Santa Catarina	R. Gde. do Sul
0/5 ..	—	—	5	—	2	—
6/10 ..	2	4	7	—	—	1
11/20 ...	3	4	7	—	1	—
21/30 ...	1	—	1	—	—	—
31/40 ...	1	—	1	—	—	—
41/50 ...	1	—	3	—	—	—
51/60 ...	1	—	1	—	—	—
61/70 ...	—	—	—	—	—	—
71/80 ...	—	—	—	—	—	—
81/90 ...	—	—	—	—	—	—
91/100 ...	—	—	—	—	—	—
101/150 ...	—	—	—	—	—	—
151 e mais .	1	—	—	—	—	—
Total	10	8	25	—	3	1

QUADRO XXIX

PENTEADEIRAS

Concentração por emprêsa e por estado

N.º Penteadeiras	Pará	Maranhão	Piauí	R. Gde. Norte	Ceará	Paraíba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Baía	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Distrito Federal	Minas Gerais	São Paulo	Paraná	Santa Catarina	R. Gde. do Sul
0/5	—	—	—	—	—	—	3	2	1	1	—	1	—	—	5	—	2	—
6/10	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	3	2	4	7	—	—	1
11/20	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	4	3	4	7	—	1	—
21/30	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—
31/40	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—
41/50	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	3	—	—	—
51/60	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—
61/70	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
71/80	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
81/90	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
91/100	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
101/150	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
151 e mais	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
Total	—	—	—	—	—	1	5	3	1	1	—	8	10	8	25	—	3	1

SECÇÕES DE ACABAMENTO

O Quadro XXX apresenta a distribuição pelo Brasil das emprêsas cujas fábricas de tecidos de algodão possuem secções de acabamento, ou sejam: secções de alvejamento, tinturaria de fio e de pano e secções de estamparia.

O exame do quadro mostra-nos a inexistência quasi total de secções de acabamento nas fábricas do norte do país.

A zona nordestina e a zona leste já têm fábricas capazes de beneficiar seus panos, alvejando-os e tingindo-os, sendo 3 as fábricas que possuem secções de estamparia:

Tecelagem de Sêda e Algodão de Pernambuco S/A.

Cia. de Tecidos Paulista

Cotonifício Othon Bezerra de Mello, sediado em Pernambuco.

As fábricas do estado de Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo, bem como as de Santa Catarina, apresentam-se muito melhor aparelhadas para acabar seus tecidos, possuindo a grande maioria das mesmas secções de tinturaria de fio e de pano e secções de alvejamento.

São 15 as fábricas que possuem secção de estamparia, a saber:

3 em Minas Gerais:

Cia. Renascença Industrial
Cia. Industrial Belo Horizonte
S/A Fábrica de Tec. São João Evangelista

2 no Estado do Rio de Janeiro

Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos
Fábrica de Tecidos Werner (mista)

5 no Distrito Federal:

Cia. Deodoro Industrial
Cia. Progresso Industrial do Brasil
Cia. América Fábril — Fiação e Tecelagem
Cia. Nacional de Tecidos Nova América
Cia. Fiação e Tecidos Corcovado

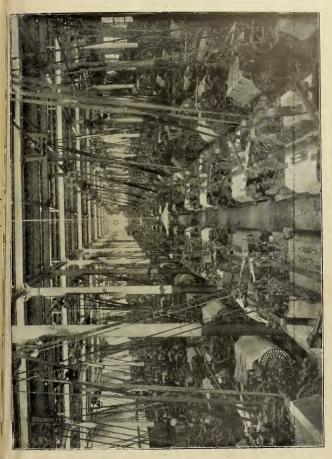
5 em São Paulo:

Cia. Nacional de Estamparia
F. Tecel. e Estamparia Ypiranga Jafet S.A.
S/A Industrias Votorantim
S/A Inds. Reunidas F. Matarazzo
Fábrica de Tecidos Carioba S. A.
(Nesse estado a Emprêsa Beneficiadora de Tecidos S.A., que não produz tecidos, possue secções de estamparia).

QUADRO XXX

Distribuição das Secções de Acabamento

ESTADOS	Emprêsas Recens.	Total	Alvejam.	Tint. fio	Tint. pano	Estamparia
Pará	1	1	—	—	—	—
Maranhão	4	8	1	1	2	—
Piauí	1	1	—	—	—	—
Ceará	6	11	—	4	—	—
R. G. do Norte	1	1	—	—	—	—
Paraíba	3	6	2	3	2	—
Pernambuco	9	14	7	8	6	3
Alagôas	9	9	7	5	3	—
Sergipe	11	12	8	11	9	—
Bahia	5	8	4	3	2	—
Espírito Santo	1	1	—	1	—	—
Minas Gerais	46	60	33	34	32	3
Distrito Federal	9	15	9	8	8	5
Rio de Janeiro	17	24	11	16	11	2
São Paulo	109	215	40	40	58	5
Paraná	1	1	1	1	[illegible]	—
Santa Catarina	17	21	16	16	11	—
Rio G. do Sul	4	4	2	3	3	—
Totais	254	412	141	154	148	18

SALA DOS TEARES
Cia. Fáb. de Tecidos S. Pedro de Alcântara

REFORMA DA MAQUINÁRIA

É hoje lugar comum da imprensa a referência à deficiente maquinária das nossas fábricas de tecidos.

Fundadas nos fins do século 19 ou no limiar do século atual, são inúmeras as fábricas que baseam sua produção no trabalho de máquinas antiquadas, obsoletas, máu grado as reformas a que muitas delas vêm sendo submetidas.

São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Pernambuco, Santa Catarina e Minas Gerais, possuem, no entanto, algumas instalações modernas de fiações e tecelagens que concorrem para melhorar o nivel de rendimento e de produtividade da maquinária têxtil de nosso país.

Parece-nos de todo interessante promover-se um inquérito que vise determinar a idade dessa maquinária, sua capacidade de produção e o tempo que lhes resta de vida economicamente útil.

A indústria têxtil algodoeira do Brasil viveu, desde 1926 até 1939, anos de crise sem precedentes, determinada pela falta de mercados para seus produtos, satisfeitas que estavam as pequenas necessidades do mercado interno e incapaz de, até então, suportar a concorrência de outros países nos mercados internacionais.

O baixíssimo consumo "per capita", resultado natural do pauperismo das classes operárias e da pequena burguesia, não se modificava, então, mesmo diante dos

preços dos tecidos que baixavam a níveis desanimadores para os industriais.

A resolução de fazer diminuir a produção foi imposta pela situação catastrófica a que a falta de consumo conduzia as nossas melhores fábricas.

Reduziu-se ao mínimo o número de horas semanais de trabalho e a indústria viveu anos de economia periclitante que levou à falência inúmeras emprêsas.

Não seria possivel à indústria têxtil promover nessa fase a reforma de sua maquinária, muito embora os industriais esclarecidos reconhecessem que sómente tal reforma poderia contribuir para fazer crescer o rendimento técnico a que está condicionada a baixa do custo de produção, permitindo-nos enfrentar com êxito a concorrência no mercado externo e, ao mesmo tempo, fornecer aos nossos patrícios tecidos de melhor qualidade por preços ao alcance de suas bolsas.

Faltavam à indústria brasileira recursos financeiros, crédito e confiança no futuro, que justificassem a ousadia de tais empreendimentos.

Foi neste estado que a guerra encontrou nosso meio têxtil.

Abriram-se, então, em pouco tempo, inúmeros mercados aos nossos tecidos, à medida que os paises produtores iam sendo arrastados ao conflito e se viam obrigados a converter suas indústrias, mesmo a têxtil, em produtoras de materiais para a guerra.

Cresceu rápida e animadoramente a procura de nossos têxteis. As fábricas, em pouco tempo, passaram a trabalhar em regime de plena produção, desdobrando-se, quando possivel, as turmas de operários de modo a manter a atividade de certas secções pelas 24 horas do dia.

Improvisaram-se operários, transformando-se aprendizes em tecelões e empregaram-se lavradores em funções que exigiam mão de obra especializada. E es-

sa imposição das circunstâncias deve haver contribuido muito, sem dúvida, para a queda de produção "per capita", que se verificou, e para a decepção daqueles que haviam previsto o aumento da produção de tecidos na razão aritmética do aumento verificado no número de horas de trabalho.

Tornou-se possivel, então, equacionar o problema da indústria têxtil brasileira, com o estabelecimento da dependência entre a criação de mão de obra especializada e a reforma e o aumento de máquinas, de um lado e o aumento de produção e baixa de preços de custo, de outro.

As escolas técnicas, o Senai, quer patrocinadas ou mantidas pelas emprêsas fabrís, quer de iniciativa oficial, representam o caminho da melhora da mão de obra, para nossa maior indústria.

A obtenção de novas máquinas, modernas e em grande número, determinará o aumento substancial de produção e o melhor rendimento de trabalho dos operários.

E desse melhor rendimento resultará, sem dúvida, a possibilidade de pagamento de salários elevados, o que concorrerá para melhorar o "standard" de vida dos nossos operários e para o aumento de consumo do mercado nacional.

Desde 1939, e mesmo antes, vêm os industriais brasileiros buscando obter dos paises produtores de máquinas motrizes e operatrizes, o material indispensavel ao aumento e a reforma de suas fábricas.

A guerra fechou, porém, em 1940, o mercado inglês, em que nos abastecíamos, como já houvera sido feito aos outros mercados do continente europeu, e pouco depois, os Estados Unidos, envolvidos no conflito mundial, embargavam, de maneira quasi total, a saida de máquias e accessórios de seu território.

É oportuno, aliás, assinalar aqui o fato da indústria têxtil norte-americana, inglesa e das maiores nações em guerra ter tido sua produção bastante aumentada durante os anos de conflagração, apesar das destruições verificadas em algumas delas e esse aumento se deve, sem dúvida, à intensa procura de tecidos para fins de natureza bélica.

A Comissão Executiva Têxtil, fez proceder, em setembro de 1944 ao levantamento das encomendas de equipamentos têxteis, feitas ao estrangeiro pelas fábricas de fiação e tecidos do Brasil, ao mesmo tempo que submeteu a contrôle a importação de máquinas, com o fim de impedir a entrada em nosso país de máquinas têxteis usadas ou obsoletas, cuja incorporação ao parque industrial do Brasil não virá trazer reais vantagens à coletividade.

Colaborando com os industriais, auxiliando-os na escolha de suas máquinas, aconselhando-os técnicamente, a CETEX vem prestando ao país um serviço que as próprias fábricas maquinofatureiras dos Estados Unidos e da Inglaterra têm apreciado devidamente.

O quadro seguinte (n.º XXXI) apresenta o resultado desse levantamento, procedido em 1944, com as máquinas encomendadas reunidas de acôrdo com classificação simples e racional.

Verificou-se a preferência demonstrada pelas máquinas, motores e accessórios de origem inglesa e americana, e, em segundo plano, pelos de origem sueca e suissa.

Convem fazer notar ainda, que nem sempre as relações das encomendas feitas são suficientemente claras e detalhadas. A falta de especificação impede-nos de, por exemplo, chegar a conhecer com segurança o número de fusos encomendados, pois é comum reduzirem-se os dados a respeito a simples denomina-

ção do "número de rings" ou a "fiação completa", sem enumeração das quantidades de fusos de que os mesmos se compõem.

Essa falta de esclarecimentos faz crescer, do mesmo modo, o total de máquinas "Diversas e acessórios".

Os dados que o quadro reune, devem, por tudo isto, ser tomados como correspondendo ao mínimo das encomendas feitas, sendo necessário frisar, ainda, que o inquérito de que o mesmo resultou, foi realizado em setembro de 1944 e que, desde então, é quasi certo que muitas outras encomendas de máquinas hajam sido realizadas sem que dela tenha a CETEX tido conhecimento.

TEC
Lisos
—
17
—
128
263
—
182
664
2.181
3.605
—
—
7.040

QUADRO XXXI

Encomendas de máquinas — Quadro por Estados.

ESTADOS	PREPARAÇÃO DO FIO											FIAÇÃO			PREPARAÇÃO DA TECELAGEM					TECELAGEM (teares)					ACABAMENTO							
	Abridores	Batedores	Cardas	Juntadeiras de fios	Laminadeiras	Penteadeiras	Passadores	MASSAROQUEIRAS 1.ª	MASSAROQUEIRAS 2.ª	MASSAROQUEIRAS 3.ª	Accessórios	Fusos	Retorcedeiras	Accessórios	Dobradeiras	Urdideiras	Espuladeiras	Remeteção	Accessórios	Lisos	Automáticos	Xadrez	Jacquard	Accessórios	Tinturaria de Peças	Tinturaria de Fio	Alvejamento	Estamparia	Accessórios	Motores	Diversas máquinas	Outros accessórios
Maranhão	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	936	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2
Ceará	—	—	7	—	—	—	1	—	—	—	2.564	1.560	—	20 000	—	—	5.474	—	200	17	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	—
Paraíba	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	9.944	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pernambuco	—	1	156	—	—	—	18	16		—	20.118	31.828	—	—	—	1	14	—	16.669	128	79	—	—	—	—	—	—	—	—	1	11	—
Alagôas	—	7	141	1	—	14	16	20	—	—	78.190	32.404	—	—	—	6	8	—	—	263	100	21	—	—	—	—	—	—	—	—	40	2
Sergipe	—	1	41	2	—	11	3	8	—	—	13	17.064	2	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	31	—
Est. Rio de Janeiro	8	9	154	8	8	23	18	18	—	—	2 569	131.360	4	—	1	9	114	—	29.184	182	32	—	14	—	—	2	7	—	—	67	10.167	20.404
Minas Gerais	49	25	378	19	—	32	39	78	1	26	31.793	94.188	8	453.617	2	2	24	6	2	664	200	12	—	1.000	—	2	—	6	2	199	114	6.293
Distrito Federal	3	11	362	22	23	160	61	134	—	—	5 280 530	77.752	49	311.497	6.992	4	33	2	—	2.181	—	10	—	—	—	—	—	—	1	1	111	587.498
São Paulo	73	50	1.238	34	8	103	115	67	151	37	1.309.836	286.314	190	1.229.336	4	39	102	—	17.973	3.605	1.614	—	—	669.677	5	—	—	13	20.047	1.149	3.192	7.251.633
Santa Catarina	—	1	30	1	—	5	3	4	1	—	118	22.044	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	—
R. G. do Sul	—	—	5	—	—	6	—	1	—	—	4	1.092	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	—
Totais	133	105	2.512	87	39	354	274	346	156	63	6.725 735	706.486	257	2.014.450	6.999	62	5.769	8	64 029	7.040	2.025	43	14	670.677	5	4	7	19	20.050	1.417	13.680	7.865.332

PRODUÇÃO

PRODUÇÃO

1) FIOS DE ALGODÃO

A produção brasileira de fios de algodão não parece ser, no momento, suficiente ao abastecimento das tecelagens do país.

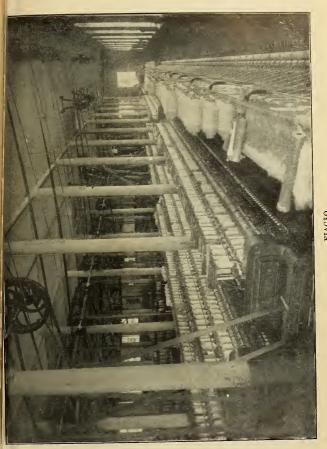
Tal verdade é claramente demonstrada pelas dificuldades com que lutam as tecelagens para a obtenção do fio necessário a seus trabalhos e pelo elevado número de fusos e máquinas e accessórios de máquinas de fiação que vêm sendo encomendados a fábricas estrangeiras pelos industriais brasileiros.

Não possue a CETEX, até agora, dados precisos sobre a produção de fio de algodão separado por qualidade e por títulos, o que espera obter até o fim do corrente ano.

Apresentamos aqui a produção total de fios de algodão por estado em 1943 e 1944 e, bem assim, a produção percentual por estado nesses mesmos anos.

QUADRO XXXII

Produção de fios de algodão em 1943
— Em quilogramos —

ESTADOS	Quantidade	Emprêsas recenseadas
Pará	512.708	1
Maranhão	2.118.378	6
Piauí	1.751	1
Ceará	1.770.431	7
Rio Grande do Norte	142.414	1
Paraíba	1.332.136	4
Pernambuco	10.057.747	10
Alagôas	4.303.220	7
Sergipe	4.234.899	11
Espírito Santo	177.828	1
Bahia	3.445.760	4
Rio de Janeiro	8.679.062	15
Distrito Federal	10.990.598	11
Minas Gerais	13.647.053	35
São Paulo	59.888.998	67
Paraná	—	—
Santa Catarina	2.652.778	8
Rio Grande do Sul	1.518.672	4
Total	125.474.433	193

FIAÇÃO

Cia. Fáb. de Tecidos S. Pedro de Alcântara
Petrópolis — Estado do Rio

QUADRO XXXIII

Produção de fios de algodão em 1944

— Em quilogramos —

ESTADOS	Fábricas recenseadas	Produção
Pará	1	397.564
Maranhão	7	3.374.970
Piauí	1	157.762
Ceará	7	1.705.081
Rio Grande do Norte	1	113.625
Paraíba do Norte	5	3.714.624
Pernambuco	12	15.173.846
Alagôas	7	4.481.097
Sergipe	11	5.672.694
Bahia	4	3.472.075
Espírito Santo	1	558.730
Minas Gerais	39	18.521.913
Rio de Janeiro	18	11.090.320
Distrito Federal	14	15.109.898
São Paulo	68	60.939.215
Paraná	—	—
Santa Catarina	8	2.899.680
Rio Grande do Sul	3	1.178.742
Total	204	148.564.846

NOTA — Os dados acima são os mais aproximados possiveis, sendo baseados nas fichas de inscrição de 1945 ou em estimativas sôbre essas fichas.

QUADRO XXXIV

Producção percentual de fios de algodão

1 9 4 3

Pará	0,4
Maranhão	1,6
Piauí	0,002
Ceará	1,4
Rio Grande do Norte	0,1
Paraíba	1,0
Pernambuco	8,0
Alagôas	3,4
Sergipe	3,3
Bahia	2,7
Espírito Santo	0,2
Rio de Janeiro	6,9
Distrito Federal	8,6
Minas Gerais	10,0
São Paulo	47,0
Santa Catarina	2,1
Rio Grande do Sul	1,2
Total	100,00

QUADRO XXXV

Produção percentual de fios de algodão

1 9 4 4

Pará	0,3
Maranhão	2.2
Piauí	0,1
Ceará	1,1
Rio Grande do Norte	0,07
Paraíba	2,5
Pernambuco	10,5
Alagôas	3,0
Sergipe	3,8
Bahia	2,3
Espírito Santo	0,3
Minas Gerais	12,8
Rio de Janeiro	7,0
Distrito Federal	10,0
São Paulo	41,5
Santa Catarina	1,9
Rio Grande do Sul	0,7
Total	100,00

PRODUÇÃO

2) TECIDOS DE ALGODÃO

(a Quantidade

As estatísticas feitas em época anterior à existência da Comissão Executiva Têxtil parecem-nos falhas quanto à produção de tecidos de algodão.

Baseamo-nos no presente trabalho em dados constantes dos boletins de produção enviados mensalmente pelas fábricas (até junho de 1946) e nas fichas de produção anual que as mesmas forneceram em 1944 e 1945, e, embora seja possivel constatar nas mesmas certa falta de clareza quanto a alguns dados, não padece dúvida que o trabalho realizado por nós e aqui apresentado deve ser aceito como aquêle que mais se aproxima da verdade.

Faltam às outras instituições incumbidas de realizar estatística da indústria têxtil, as relações completas de fábricas que já possuimos, classificadas de acôrdo com o ramo de negócio a que se dedicam, o que permite separar a produção de têxteis de algodão dos artigos mistos de algodão e de outras fibras.

É, pois, a título de informação, apenas, que apresentamos os dados conhecidos através das publicações e correspondentes aos anos anteriores a 1944.

CIA. FIAÇÃO E TECELAGEM RIO GRANDE
Rio Grande — Rio Grande do Sul

QUADRO XXXVI

Produção de tecidos de algodão de 1926 a 1943

(De acôrdo com estatísticas oficiais)

Ano	Produção
1926	539.000.000
1928	581.000.000
1930	476.000.000
1932	630.000.000
1934	715.000.000
1936	914.000.000
1938	845.000.000
1940	822.000.000
1941	1.269.000.000
1942	1.500.000.000
1943	1.500.000.000

Não acreditamos haja a indústria têxtil algodoeira atingido, em qualquer época, produção muito superior a 100 milhões de metros mensais, ou sejam 1.200 milhões de metros anuais.

Os Quadros XXXVII a XL apresentam a produção de tecidos de algodão em 1944 e 1945 respectivamente.

QUADRO XXXVII

Produção de tecidos de algodão em 1944

ESTADOS	Metros
São Paulo	428.233.611
Minas Gerais	188.229.754
Pernambuco	122.013.746
Distrito Federal	114.452.946
Rio de Janeiro	94.215.759
Sergipe	44.731.221
Alagôas	43.819.605
Bahia	29.733.012
Paraíba do Norte	29.178.695
Maranhão	18.930.165
Santa Catarina	15.150.170
Ceará	13.332.481
Rio Grande do Sul	3.897.092
Espírito Santo	2.526.371
Pará	2.352.000
Piauí	1.204.781
Paraná	78.306
Total	1.152.079.715

QUADRO XXXVIII

Produção percentual de tecidos de algodão em 1944

ESTADOS	%
São Paulo	37,2
Minas Gerais	16,4
Pernambuco	10,6
Distrito Federal	9,9
Rio de Janeiro	8,2
Sergipe	3,9
Alagôas	3,8
Bahia	2,6
Paraíba do Norte	2,5
Maranhão	1,6
Santa Catarina	1,3
Ceará	1,1
Rio Grande do Sul	0,3
Espírito Santo	0,2
Pará	0,2
Piauí	0,1
Paraná	—
	99,9

QUADRO XXXIX

Produção de tecidos de algodão em 1945

ESTADOS		Metros
São Paulo		370.393.242
Minas Gerais		178.094.000
Pernambuco		137.044.450
Distrito Federal		112.848.348
Rio de Janeiro		99.265.514
Sergipe		44.313.694
Alagôas		42.765.883
Bahia		31.735.627
Maranhão		17.454.089
Ceará		11.884.194
Santa Catarina		10.670.943
Paraíba	**	7.803.811
Rio Grande do Sul		3.689.880
Espírito Santo		2.421.751
Pará	*	1.938.987
Piauí		1.067.973
Paraná		100.527
Total		1.073.490.953

* — Produção de 1944.

** — A fábrica Cia. de Tecidos Paulista tem sua produção reunida a de Pernambuco.

NOTA — A produção calculada de São Paulo deve apresentar pequena diferença para menos em relação à produção real pois algumas tecelagens, de pequena produção, não apresentaram as fichas preenchidas.

QUADRO XL

Produção percentual de tecidos por Estado em 1945

ESTADOS	Produção %
São Paulo	34,5
Minas Gerais	16,6
Pernambuco	12,8
Distrito Federal	10,5
Rio de Janeiro	9,2
Sergipe	4,1
Alagôas	4,0
Bahia	2,9
Maranhão	1,6
Ceará	1,1
Santa Catarina	1,0
Paraíba	0,7
Rio Grande do Sul	0,3
Espírito Santo	0,2
Pará	0,2
Piauí	0,1
Paraná	—
Total	99,8

A pequena diferença para menos entre 1944 e 1945 está de acôrdo com a quêda de produção observada em outros setores da atividade da indústria brasileira.

Representa: 75.202.566 m. ou, sejam 6,5% a menos em 1945 em relação a 1944.

No primeiro semestre do corrente ano, é a seguinte a produção das emprêsas sujeitas ao Convênio Têxtil, as quais, por sua importância, representam a quasi totalidade da indústria têxtil algodoeira do país.

QUADRO XLI

Produção das fábricas sujeitas ao Convênio Têxtil
1.º semestre de 1946

MESES	Produção em metros
Janeiro	79.664.040
Fevereiro	81.548.463
Março	83.451.885
Abril	80.873.333
Maio	91.125.978
Junho	82.448.031
Total	499.111.730

No mesmo período de 1945 a produção das fábricas sujeitas ao Convênio Têxtil foi de 520.559.624, havendo, dessa forma, a favor de 1945, uma diferença de 21.447.894 metros ou cerca de 4%.

b) Qualidade

Embora não nos seja ainda possivel, por falta de melhores dados, realizar estudo preciso e detalhado das qualidades de tecidos produzidos em cada estado do Brasil, a análise dos dados constantes das fichas de inscrição das fábricas, remetidos anualmente à CETEX, permite-nos traçar o seguinte quadro, cuja divulgação nos parece útil:

ESTADO DO PARÁ

A única fábrica do estado produz algodão cru, usado em sacaria.

ESTADOS DO MARANHÃO E PIAUÍ

Cerca de 20% da produção têxtil desses dois estados do extremo norte é representada pelo algodão cru.

Os demais tecidos são em geral brins tintos, baixos, grossos e riscados.

ESTADO DO CEARÁ

A metade da produção de tecidos de procedência cearense é constituida por algodão cru, frequentemente usado em sacaria.

Os brins tintos (mescla e outros escuros) representam cerca de 30% do total, sendo, em geral, panos pesados.

E' abundante a produção de brins claros e de riscados.

ESTADO DA PARAÍBA DO NORTE

Embora fabrique bons brins, de diversos tipos e zefires de bôa qualidade, a Paraíba tem cerca de 70% de sua produção constituida de panos crus, comumente utilizados na indústria da confecção de sacos de algodão.

ESTADO DE PERNAMBUCO

Possue Pernambuco três fábricas com secções de estamparia, sendo que a maioria das emprêsas do estado apresenta secções de: alvejamento, tinturaria de fios e de tecidos.

Melhora, consequentemente, o nível de produção de têxteis e surgem chitas, linons, cretones, morins e panos estampados, de bôa qualidade e, em grande escala, sendo comuns os tecidos finos e de fio penteado.

Devemos recordar que Pernambuco ocupa o 3.º lugar como produtor de tecidos de algodão em nosso país.

E' importante a quantidade de sacos de algodão saida das fábricas pernambucanas (12,5

milhões anuais) muito embora os tecidos crus signifiquem, apenas, 6% da produção total.

ESTADOS DE ALAGÔAS E SERGIPE

Cerca de 20% da produção de tecidos dessas duas unidades da federação é entregue em estado cru.

O grosso da produção é constituido por tecidos alvejados e tintos sendo comuns os morins e os brins claros e escuros.

De modo geral os tecidos são mais finos que os dos demais estados do norte e nordeste, exceção feita quanto aos de Pernambuco.

ESTADO DA BAHIA

As 8 fábricas baianas apresentam um terço de sua produção em tecidos crus, sendo os demais tecidos constituidos por brins diversos, zefires e xadrezes de bôa qualidade, è que eleva o nível de produção dos têxteis nesse estado.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

A única fábrica do estado produz brins tintos grossos. Vale informar a título de curiosidade, ser essa fábrica de propriedade do Estado.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O importante grupo de fábricas da terra fluminense é bem pouco homogêneo, existindo fábricas dotadas de aparelhagem moderna, ao lado de algumas outras bastante antigas e de baixo nível técnico de produção.

Brins diversos, mesclas, morins, riscados, zefires, linons, xadrezes, chitas, flanelas, lonas, demonstram, em sua grande variedade de tipos e qualidades, a heterogeneidade acima apontada.

O pano cru representa menos de 8% da produção total.

DISTRITO FEDERAL

A capital da República reune, sem dúvida, o grupo de fábricas mais homogêneo e de mais elevado nivel técnico de produção.

FÁBRICA BANGÚ
Bangú — Distrito Federal

São em pequeno número as emprêsas, todas, porém, relativamente importantes quanto à qualidade da maquinária e servidas por operários que, em sua maioria, já podem ser considerados especializados, ou, ao menos, selecionados pela necessidade de melhora do "standard" dos têxteis produzidos.

Das 9 emprêsas existentes, 5 possuem secções de alvejamento.

Máquinas modernas permitem bom acabamento dos panos e daí decorre a estima em que são tidos os tecidos estampados, os morins, cretones, chitas, tricolines, opalas, setinetas, zefires. linons, flanelas, brins diversos, etc. que formam a grande massa de sua produção.

E' bastante pequena a produção de algodão cru (menos de 5%).

Entre os mais belos panos estampados do nosso país, os mais finos e de melhor cotação nos mercados nacional e internacional, incluem-se, sem dúvida, alguns que provêm do Distrito Federal.

ESTADO DE MINAS GERAIS

Não existem no estado montanhês, apesar de suas 57 fábricas, as grandes emprêsas do tipo das que encontramos na capital da República, em São Paulo e em Pernambuco.

As fábricas são, em geral, do tipo médio, possuindo, em sua maioria, menos de 500 teares de algodão instalados.

A produção mineira de algodão cru é grande; cerca de 30 milhões de metros, ou sejam, 20% aproximadamente do total.

O grosso da produção é, no entanto, constituido pelos panos alvejados e tintos (morins, cretones, brins diversos, chitas, estampados, xadrezes, zefires, etc.) existindo no estado 3 fábricas dotadas de secções de estamparia, 33 com secção de alvejamento e 32 com secção de tinturaria de fios e tecidos.

O nivel técnico de produção é muito variável de fábrica para fábrica, de região para re-

gião, podendo, no entanto, considerar-se elevado em relação à maioria das unidades da federação.

ESTADO DE SÃO PAULO

Desde há algumas décadas a indústria têxtil paulista desenvolve-se em rítmo sem paralelo no Brasil e nas demais nações do continente sul-americano.

Crescendo em número, à custa da criação de muitas tecelagens novas e de fiações modernas, sua tendência, nos últimos anos, foi para a formação de pequenas oficinas especializadas na confecção de determinados artigos.

Decorre dessas circunstâncias a extrema diversidade observada nos produtos têxteis do estado pioneiro da maior indústria do país.

Representando um total de produção de tecidos superior a 300 milhões de metros anuais, as tecelagens paulistas, em número que ultrapassa a 2 centenas (sem contar outras centenas de tecelagens mistas) absorvem a grande produção das fiações brasileiras e, pelo fato de virem crescendo sempre em número, os seus teares, concorrem para o desequilíbrio observado no mercado de fios de algodão, nesta quadra que atravessamos, em que é impossivel importar dos paises europeus essa matéria prima.

O valôr médio da produção têxtil paulista é, naturalmente, pelos motivos acima expostos, inferior ao do Distrito Federal.

Os tecidos de muitas de suas fábricas rivalizam, no entanto, com os procedentes da capital da República e revelam o mesmo desejo de aprimorar técnicamente a produção, elevando-lhe o nivel.

O estado possue 5 fábricas com secções de estamparia, 40 com secções de alvejamento, 40 com secções de tinturaria de fio e 58 com tinturaria de pano.

Desse modo pode a produção paulista apresentar-se sob a forma de tecidos alvejados, tintos e estampados, e, embora seja grande a pro-

dução de tecidos crus, aparecem em grande número os tecidos finos, cuja reputação de qualidade já está firmada.

Convém sempre ressaltar o fato de provirem das fábricas de São Paulo artigos têxteis de toda a espécie, sendo o estado, como é possível ver adiante, no capítulo reservado à produção de artefatos, aquele que fabrica maior número de sacos de algodão e o maior número de artefatos dos mais diversos tipos.

ESTADO DO PARANÁ

A única e pequena tecelagem (sem fiação) do estado do Paraná produz: tecidos tintos e artefatos diversos.

ESTADO DE SANTA CATARINA

Reunidas no norte do estado, principalmente nas cidades de Blumenau, Joinville, Brusque e Itajaí, as pequenas mas bem montadas fábricas catarinenses representam agrupamento típico pela qualidade de sua produção.

Trata-se, em geral, de fábricas especializadas e que produzem panos felpudos, estofos, cortinas, entretelas, além dos tecidos alvejados e xadrezes.

A produção de tecidos de algodão cru representa cêrca de 30%.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

As 2 fábricas do estado produzem tecidos diversos, crus, alvejados, tintos, e, bem assim, xadrezes, flanelas e artefatos de algodão.

c) Valor comercial da produção de tecidos

No quadro XLII estudamos o valor comercial da produção de tecidos de algodão nos diversos estados, em 1944, partindo, para isso, dos dados de valor declarado nas fichas de inscrição de cada fábrica.

Indicamos, ainda, no quadro XLIII, o que nos parece mais interessante, o valor comercial médio por metro corrido em cada unidade da federação e no país.

Os gráficos mostram mais claramente a variação desse valôr nos diversos estados.

Verifica-se pelos mesmos que a produção de maior valôr unitário é a de Santa Catarina e Rio G. do Sul, o que se explica pela natureza dos tecidos produzidos e sua largura maior que a normal.

O valor comercial médio do metro corrido de tecido produzido no Distrito Federal (Cr$ 5,10) é maior que o de São Paulo (Cr$ 3,91) como seria de prever, dada a grande diversidade que se observa na produção paulista, em contraste com a relativa homogeneidade da produção têxtil da capital da República.

E' conveniente notar não serem levados em consideração a largura e o pêso dos tecidos produzidos.

QUADRO XLII

Valor comercial da produção de tecidos de algodão em 1944

ESTADOS	Prod. das fáb. recenseadas (metros)	Valôr Cr$
Pará	1.937.027	4.200.000
Maranhão	19.350.970	46.712.371
Piauí	1.184.848	3.088.707
Ceará	9.716.971	28.543.699
Paraíba	30.055.346	62.830.928
Pernambuco	113.421.142	307.585.473
Alagôas	42.538.742	105.701.481
Sergipe	49.526.736	124.899.907
Bahia	29.680.542	84.897.372
Espírito Santo	2.526.370	9.549.680
Rio de Janeiro	84.455.531	284.828.852
Distrito Federal	113.211.165	582.174.880
Minas Gerais	197.221.074	520.358.275
São Paulo	381.491.747	1.493.343.236
Paraná	78.306	391.530
Santa Catarina	12.405.099	70.282.853
Rio Grande do Sul	4.170.769	21.786.079
Totais	1.092.982.385	3.751.175.323

Valôr em Cruzeiros
7
6
5
4
3
2
1
6 Paraná D.Fed. R.G.Sul S.Catarina

GRÁFICO DEMONSTRATIVO DOS VALORES MÉDIOS DA PRODUÇÃO
DISTRIBUIÇÃO POR VALORES ASCENDENTES
TECIDOS DE ALGODÃO
(1944)
Valôr médio no Brasil
Valôr em Cruzeiros
1
2
3
4
5
6
7
Paraiba
Pará
Maranhão
Alagôas
Sergipe
Piauí
M.Gerais
Per.co
Baía
Ceará
R.Janeiro
E.Santo
S.Paulo
Paraná
D.Fed.
R.G.Sul
S.Catarina

7
6
5
4
3
2
1
Valôr em cruzeiros
S. Paulo
Paraná
S. Cat.na
R. G. Sul

GRÁFICO DEMONSTRATIVO DOS VALORES MÉDIOS DA PRODUÇÃO
DISTRIBUIÇÃO REGIONAL RIGOROSAMENTE GEOGRÁFICA
TECIDOS DE ALGODÃO
(1944)
Valôr em cruzeiros
Valôr médio no Brasil
7
6
5
4
3
2
1
Pará
Maranhão
Piauí
Ceará
Paraíba
Pern.co
Alagôas
Sergipe
Baía
E. Santo
M. Gerais
R. Jan.ro
D. Federal
S. Paulo
Paraná
S. Cat.na
R. G. Sul

Valor comercial médio do m. c. de tecido produzido em 1944

QUADRO XLIII

ESTADOS	VALOR MÉDIO (m. c.)
Maranhão	2,41
Piauí	2,60
Pará	2,16
Ceará	2,93
Paraíba	2,09
Pernambuco	2,68
Alagôas	2,48
Sergipe	2,52
Bahia	2,86
Espírito Santo	3,78
Rio de Janeiro	3,31
Distrito Federal	5,10
Minas Gerais	2,60
São Paulo	3,91
Paraná	5,01
Santa Catarina	6,58
Rio Grande do Sul	5,90
	3,17

d) Artefatos

Até o presente não possuimos dados perfeitos quanto à produção de artefatos de tecidos de algodão.

É de prever que até o fim do corrente ano possamos contar com estatística bem mais completa a respeito.

Tomando-se por base a produção de artefatos populares (toalhas, colchas e cobertores), os quais devem corresponder a 10% dos artefatos produzidos, chegamos ao seguinte quadro de produção anual daqueles artefatos de algodão.

SETEMBRO DE 1944 A AGOSTO DE 1945

Toalhas	5.123.470
Colchas	1.674.640
Cobertores	6.033.100
Total	12.831.210 unidades

Á base das fichas de inscrição de 1945, organizamos o seguinte quadro que resume a produção de artefatos em geral em 1944.

Vê-se por esse quadro que a produção de toalhas, colchas e cobertores assim apurada, confirma a estimativa feita acima, através boletins de produção das fábricas sujeitas ao Convênio Têxtil.

Pelo Quadro XLIV vê-se que os sacos de algodão produzidos atingiram a cêrca de 60.000.000 de unidades, ou aproximadamente, 100 milhões de metros de tecidos de algodão cru.

Verifica-se, outrossim, que os cobertores, as toalhas (de rosto e banho) e as colchas, representam, após a sacaria de algodão, os artefatos cuja produção é de maior vulto, vindo a seguir os lenços, os panos couros e as rendas e bordados.

Quanto à importância de cada unidade da federação na produção de artefatos, vemos que S. Paulo é o maior produtor, fabricando mais de 50% dos sacos de algodão de todo o Brasil, sendo ainda o maior produtor de toalhas, cobertores, lenços etc...

O Distrito Federal é grande produtor de lenços não ocupando posição de realce, no entanto, quanto

aos outros artefatos, exceção feita para os sacos de algodão (6,5% do total).

Minas Gerais praticamente não produz sacos de algodão, sendo de notar nesse estado a fabricação de lenços, rendas e bordados, toalhas e cobertores.

Santa Catarina ocupa o 2.º lugar quanto ao número e qualidade de artefatos que saem de suas fábricas, sendo grande produtor de cadarços, toalhas (rosto e banho), lenços, guardanapos, sacos, toalhas de mesa, etc...

Pernambuco é, depois de São Paulo, o maior produtor de sacos de algodão (cêrca de 21% do total), sendo ainda de notar a quantidade de colchas e atoalhados e toalhas maquinofaturadas nesse estado nordestino.

Pará, Paraiba, Alagôas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e, em segundo plano Maranhão e Ceará são apresentados como grandes produtores de sacos de algodão.

QUADRO XLIV

Produção de artefatos — Sacos de algodão

ESTADOS	Sacos de Algodão (Unidades)
Pará	1.536.450
Maranhão	739.292
Ceará	637.264
Paraíba	1.042.535
Pernambuco	12.519.668
Alagôas	965.964
Sergipe	1.578.496
Bahia	2.105.383
Rio de Janeiro	2.183.417
Distrito Federal	3.966.220
São Paulo	30.953.782
Minas Gerais	49.482
Santa Catarina	468.278
Total	58.746.231

QUADRO XLV

—ARTEFATOS —

Diversos — Do Pará a Bahia

(Exceto sacos)

(Em unidades)

Artefatos	Ceará	Paraiba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Baía
Colchas	—	—	—	3.330	89.851	9.900
Colchas atoalhadas .	—	63.572	1.853.842	—	—	—
Cordões	—	—	23.997	—	—	—
Diversos	—	—	42.335	—	196.223	—
Lenços	—	—	118.801	—	—	—
Toalhas mesa	34	—	—	—	—	—
Toalhas rosto	678	—	—	—	—	—
Toalhas	—	—	955.315	966.804	46.070	—

QUADRO XLV (cont.)

— ARTEFATOS —

Diversos — Da Bahia ao Rio Grande do Sul

(Em unidades)

(Exceto sacos)

Artefatos	Rio de Janeiro	Distr. Federal	M. Gerais	S. Paulo	Paraná	Sta. Catarina	R.G. Sul
Acolchoados	—	—	—	—	—	—	—
Artefatos felpudos	—	—	75.596	112.461	—	13.704	—
Atoalhados	—	—	—	10.501	—	—	—
Baixeiros	—	—	—	36.182	—	—	—
Cadarços	—	—	—	—	—	13.000.000	—
Cobertores	—	—	976.453	4.476.387	—	—	—
Cobertores (solteiro)	—	—	—	85.642	—	—	—
Cobertores (casal)	—	—	—	38.827	—	—	—
Colchas e cobertores	—	—	—	120.000	—	—	—
Colchas (solteiro)	—	—	—	103.584	—	—	—
Colchas (casal)	—	—	—	70.248	—	—	—
Cochonilhos (m.)	—	—	—	18.765	—	—	—
Cordões (rayon e alg.) (m)	—	—	—	60.314	—	—	—
Cordões	—	—	—	400	—	—	—
Cortinas	—	—	—	3.476	—	3.977	—
Diversos	144.612	8.581	797	2.238.733	22.537	263.053	239.163
Diversos (DZ)	—	—	—	10.240	—	—	—
Diversos (M.)	—	—	—	14.320	—	—	—

QUADRO XLV (conc.)

— ARTEFATOS —

Diversos — Da Bahia ao Rio Grande do Sul

(Em unidades)

(Exceto sacos)

Artefatos	Rio de Janeiro	Distr. Federal	M. Gerais	S. Paulo	Paraná	Sta. Catarina	R.G. Sul
Etiquetas (m.)	—	—	—	772.537	—	—	—
Elastico (Alg.) (m.)	—	—	—	369.099	—	—	—
Filet	—	—	—	12.335	—	—	—
Guardanapos	—	—	—	—	—	587.339	—
Lenços	102.744	2.478.672	1.157.099	2.687.140	—	609.478	—
Lenços e Echarpes	—	—	—	30.482	—	—	—
Ligas (braços) (m.)	—	—	—	823	—	—	—
Mosquiteiros	—	—	—	—	—	19.502	—
Palas	—	—	—	75.540	—	—	—
Panos couros (m.)	—	—	—	1.919.490	—	—	—
Paninhos	—	—	—	—	—	1.096	—
Redes (Alg.)	—	—	—	1.500	—	—	—
Rendas e Bordados	—	—	—	40.719.383	—	—	—
Roupões de banho	—	—	—	—	—	—	3.691
Stores e panos rendados	—	—	—	152.935	—	—	—
Tampos	—	—	—	—	—	49.716	—
Tapetes	—	—	—	6.486	—	—	—
Tapetes (m²)	—	—	—	64.656	—	—	—
Tecidos impermeáveis	—	—	—	20.300	—	—	—
Tecidos felpudos	—	—	6.017	—	—	—	—
Toalhas mesa	—	—	—	—	—	372.144	—
Toalhas rosto	—	24.087	832.091	1.612.016	—	199.774	—
Toalhas	—	480	295.580	2.256.164	—	891.966	7.724
Toalhas piso banheiro	—	—	—	14.500	—	—	—

QUADRO XLVI

Relação geral dos artefatos produzidos em 1944

	Unidades
Acolchoados	568
Artefatos felpudos	201.761
Atoalhados	10.501
Cadarços	13.000.000
Cobertores	5.452.840
Cobertores (solteiro)	86.642
Cobertores (casal)	38.827
Cochonilhos (m.)	18.765
Colchas	941.467
Colchas e atoalhados	1.917.414
Colchas e cobertores	120.000
Colchas (solteiro)	103.584
Colchas (casal)	70.248
Cordões	23.997
Cordões Rayon e alg. (m.) ...	60.314
Cordões chanca (m.)	400
Cortinas	7.453
Diversos	3.156.036
Etiquetas bordadas (m.)	772.537
Elástico algodão (m.)	369.099
Filet	12.335
Guardanapos	587.339
Lenços	7.153.934
Ligas para braços (m.)	823

Mosquiteiros	19.502
Panos couros (m.)	1.919.490
Paninhos	1.096
Palas (dz.)	6.295
Rendas e bordados	40.719.383
Roupões de banho	3.691
Rendas	6.510
Redes	1.500
Sacos	58.746.231
Stores e panos rendados	152.935
Toalhas mesa	372.178
Toalhas rosto	2.668.646
Toalhas	5.420.103
Tapetes	6.486
Tapetes (m²)	64.656
Toalhas p/piso banheiro	14.500
Tecidos impermeáveis	20.300
Tampos	49.716
Colchas	941.467
Tecidos felpudos	6.017
Lenços e echarpes	30.482
Baixeiros	36.182
Diversos (dz.)	10.240
Diversos (m.)	14.320

e) Produção de tecidos para a UNRRA

O Brasil faz parte das 48 nações que formam a United Nations Relief and Rehabilitation Adminis-

tration (UNRRA), entidade que tem como fim auxiliar os povos flagelados pela guerra.

Os fundos brasileiros depositados em nome da UNRRA foram transformados em mercadorias de natureza as mais diversas, entre as quais ocupam lugar de destaque os tecidos de algodão.

No último trimestre de 1944, a Cetex, representando o govêrno e a indústria têxtil brasileira, chegou a um acôrdo com a UNRRA em tôrno da aquisição por parte desta de 90 milhões de jardas quadradas de tecidos de algodão, no valor de Cr$.......... 211.455.000,00, havendo sido estudado e aprovado, por ambas as partes, um plano de ação de cuja realização foi, em sua maior parcela, incumbida a Cetex.

Ficou decidido, em seguida, dividir o negócio em duas partes iguais, de 45 milhões de jardas quadradas para serem entregues em 6 meses cada parcela.

A Cetex estudou e apresentou aos técnicos da UNRRA os tipos de tecidos que os fabricantes brasileiros poderiam fornecer àquela organização na escala desejada e fixou com rigôr suas características, de acôrdo com a Tabela I.

Fixados os preços da jarda quadrada de cada pano, foi dirigida uma circular às fábricas de tecidos, ficando aberta, por certo prazo, a inscrição voluntária das mesmas para o fornecimento em causa.

Conhecidos dessa forma os desejos dos industriais, passaram os técnicos da Cetex à segunda parte do seu trabalho: — ajustar as ofertas dos fabricantes às necessidades da UNRRA, de modo a poder fornecer as quantidades encomendadas de cada classe de tecido, com o acabamento desejado, consultando, na medida do justo e do possivel, os interêsses dos industriais brasileiros.

Foi trabalho de responsabilidade e de mérito, cuja realização pôs em destaque a competência dos técnicos que constituiram a Sub-Comissão Técnica da Cetex e que basearam seus trabalhos sobre as informações estatísticas e de natureza técnica colhidas pela Secção de Estatística da Comissão.

Coincidindo com a distribuição da encomenda do Conselho Francês de Aprovisionamento (CFA), que adiante estudamos, o trabalho tornou-se maior, por haver crescido destarte de 60 milhões de jardas o total a distribuir.

Aprovado em 21 de setembro de 1944 o acôrdo com a UNRRA, a Cetex procurou, por intermédio de folhetos informativos, instruir as fábricas sôbre o pedido feito, fornecendo-lhes todas as características técnicas e comerciais que o contrato exigia.

Vencidas inúmeras dificuldades naturais, decorrentes dessa verdadeiramente grande operação de planejamento de produção, a primeira que foi feita no Brasil, dificuldades que cresceram pela diferença de nivel técnico que se constata entre as indústrias das diversas regiões do país, o que torna impossivel muitas vêzes a subordinação a tipos novos de tecidos por certos fabricantes e, principalmente, pela necessidade de produzir tipos "standard", com características rigorosamente determinadas, vencidas dificuldades de toda a espécie, foi possivel entregar à UNRRA, em meiados de setembro de 1945, as primeiras encomendas.

A tabela I mostra a distribuição dos 45 milhões de metros encomendados, por classe e tipos de tecidos e apresenta os preços de jarda quadrada de cada tipo e a percentagem que cada classe representa.

Distribuição da encomenda de Unrra por classe e tipo de tecidos

UB	Classe	Tipo	Tecido	Acabamento	Quantidade Jds2	Preço JDS 2	%
1	20-A	Tafetá	Cretone	Tinto em peça	1.800.000	(5.40 (5.50 (5.90	4,0
2	17-A	"	Percal	Estampado	5.400.000	4.20	12,0
3	13-A	"	Morim	Alvejado	8.378.700	3.10	18,6
4	20	"	Algodãozinho	Cru	2.250.000	3.30	5,0
5	17	"	Percal	Estampado	5.400.000	4.00	12,0
6	20-B	Trançado	Novo tipo	Estampado	2.700.000	4.70	6,0
7	13	Tafetá	Brim	½ tinto liso ½ fios de côr sobre tinta	3.150.000	(5.90 (6.00 (6.10	7,0
8	12	Tafetá	Brim	½ tinto liso ½ fios de côr sobre tinta	3.150.000	(6.20 (6.30 (6.40	7,0
9	16	Trançado	Brim	Tinto liso	4.500.000	7.60	10,0
10	19-A	Tafetá	Mescla leve	Mescla leve marinho	5.121.300	3.70	11,4
11	19	Tafetá	Mescla pesada	Mescla urdimento escuro	3.150.000	6.10	7,0
					45.000.000		100%

Para agravar as dificuldades, já intrinsecamente sérias em negócios dessa natureza, outros fatores vieram influenciar o rítmo das entregas: dificuldades de transporte, encarecimento geral da mão de obra, aumento sempre crescente do preço de algodão em rama, falta de tintas, anilinas, corantes, etc., falta de óleo combustivel e, em certos casos, de energia elétrica, que vieram a se somar às dificuldades técnicas, evidenciadas por diversas emprêsas, de poder cumprir as encomendas que lhes foram entregues, de maneira capaz de satisfazer ao exame, naturalmente rigoroso, procedido pela Comissão incumbida de receber as mesmas em nome da UNRRA.

Considerando-se a época anormal que vive o mundo inteiro e que o Brasil naturalmente também vive, com inflação crescente e, levando-se em conta haverem sido fixados os preços dos tecidos encomendados, — o que contrasta com a variação dos preços de tecidos no mercado livre diante de solicitação sempre crescente dos mercados internacionais, — seriam de prevêr as dificuldades e os atrazos verificados nas entregas e que levaram a concessão pela UNRRA de uma dilatação de prazo aos fabricantes.

A queda brusca de entregas observada a partir de março de 1946 deve-se à suspensão de exportação de tecidos de algodão determinada pelo govêrno e sua influência psicológica sobre produtores de artigos têxteis.

Na tabela II, mostramos como se processou a entrega total de 21.400.117 jardas quadradas e a distribuição dessas entregas totais pelos tipos de tecido e unidades da federação.

ESTADOS	UB-10	UB-11	Totais	%
Paraíba	*	—	—	—
Pernambuco	*	—	4.588.190	21,4
Alagôas	—	219.908	714.118	3,3
Sergipe	138.781	—	247.414	1,2
Bahia	172.482	—	271.600	1,3
Rio de Janeiro	219.382	706.433	2.033.716	9,6
Minas Gerais	278.208	371.104	4.237.075	19,8
Distrito Federal ...	108.966	—	4.236.894	19,7
São Paulo	134.287	238.229	4.812.260	22,4
Santa Catarina	—	—	54.640	0,3
Rio Grande do Sul .	—	—	204.210	1,0
Totais	1.052.106	1.535.674	21.400.117	
Porcentagens	4,9%	7%		100%

(*) Requisições nã

TABELA II

Entregas de tecidos por tipo e por unidade da federação
Em jds2

ESTADOS	UB-1	UB-2	UB-3	UB-4	UB-5	UB-6	UB-7	UB-8	UB-9	UB-10	UB-11	Totais	%
Paraiba ..	—	—	—	—	—	—	—	—	*	*	—	—	—
Pernambuco	—	989.459	900.571	—	547.572	601.092	—	772 147	777.349	*	—	4.588.190	21,4
Alagôas	—	—	494.210	*	—	—	—	—	—	—	219.908	714.118	3,3
Sergipe	—	—	24.494	—	—	—	—	84.139	—	138.781	—	247.414	1,2
Bahia	—	—	—	99.118	—	—	—	—	—	172.482	—	271.600	1,3
Rio de Janeiro	—	—	593.204	90.000	139.134	—	285.563	—	—	219.382	706.433	2.033.716	9,6
Minas Gerais	198.623	—	1.068.018	739.469	433.917	—	*	127.736	1.020.000	278.208	371.104	4.237.075	19.8
Distrito Federal	180.084	2.542.079	—	—	764.110	421.388	117.370	—	102.897	108.966	—	4.236.894	19.7
São Paulo	45.571	599.246	639.788	630.443	782.119	367.346	676.057	56.503	642.671	134.287	238.229	4.812.260	22,4
Santa Catarina	54.640	—	—	—	—	—		—	—	—	—	54.640	0,3
Rio Grande do Sul	—	—	—	204.210	—	—	—	—	—	—	—	204.210	1,0
Totais	478.918	4.130.784	3.720.285	1.763.240	2.666.852	1.389.826	1.078.990	1.040.525	2.542.917	1.052.106	1.535.674	21.400.117	
Porcentagens	2,3%	19,3%	17,4%	8,3%	12,5%	6,5%	5,0%	4,8%	11,9%	4,9%	7%		100%

(*) Requisições não entregues.

Na tabela III, apresentamos a relação das entregas mensais feitas à UNRRA.

TABELA III

Quadro demonstrativo das entregas mensais para a UNRRA

Anos	Meses	Quantidades jds2	Sub-totais
1945	Setembro	2.073.620	
	Outubro	2.754.012	
	Novembro	2.340.181	
	Dezembro	2.867.470	— 10.035.283
1946	Janeiro	2.866.423	
	Fevereiro	1.842.861	
	Março	1.612.776	— 16.357.343
	Abril	289.342	
	Maio	1.675.954	
	Junho	1.252.794	— 19.575.433
	Julho	806.593	
	Agosto	388.265	
	Setembro	629.826	
	Total	21 400.117	

Em setembro de 1946, de comum acôrdo com a Cetex, a Comissão Mista de Aquisições da UNRRA no Brasil resolveu suspender o recebimento do saldo ainda não entregue.

Não cabem nos limites e desígnios de nosso trabalho o estudo e a defesa dos industriais brasileiros pelo fato de não haver sido possivel, a muitos deles, cumprir cabalmente, dentro do prazo determinado, o contrato assumido pela Cetex em nome de todos e de nosso Govêrno.

Parece-nos justo registrar aqui os nomes das emprêsas que fizeram a entrega total da encomenda que lhes coube, as quais constam da tabela IV.

A tabela V, mostra, enfim, a encomenda distribuida às fábricas de cada estado brasileiro e as entregas totais feitas pelas mesmas.

TABELA IV

Relação das fábricas que concluiram suas entregas

Nome da Fábrica	Quant. JDS 2
Cia. Ind. Pernambucana	510.000
Cia. Tecidos Paulista	1.800.000
Cia. F. Tecel. R. Grande	60.000
Cia. F. Tec. Pelotense	144.000
Cia. Tec. Nova América	360.000
Cia. Têxtil S. Luiz	90.000
Fáb. Un. Tecidos, Rendas e Bordados	228.000
Cia. F. Tecel. Ind. Mineira	1.020.000
Ind. Irmãos Peixoto S. A.	462.000
Tecelagem Dom Bosco	108.000
Cia. F. Tec. Sta. Maria	318.000
Cia. F. Tecel. Azem.	450.000
F. Tecel. Odete S.A.	60.000
S. A. Cot. Paulista	276.000
S/A. Fabril Sta. Luiza	120.000

TABELA V

Distribuição da encomenda por estado.

Entregas e débitos.

Em jds2

ESTADOS	Quantidade atribuida	Quantidade entregue	Débito	Entregas %
Paraíba	282.000	—	282.000	—
Pernambuco	7.104.000	4.588.190	2.515.810	64,6
Alagôas	1.944.000	714.118	1.229.882	36,7
Sergipe	1.302.000	247.414	1.054.586	19,0
Bahia	1.350.000	271.600	1.078.400	21,1
Rio de Janeiro	3.516.000	2.033.716	1.482.284	57,8
Minas Gerais	8.730.000	4.237.075	4.492.925	48,5
Distrito Federal	6.432.000	4.236.894	2.195.106	65,8
São Paulo	13.472.000	4.812.260	8.659.740	35,7
Santa Catarina	270.000	54.640	215.360	20,0
Rio Grande do Sul	204.000	204.210	210 *	100
Totais	44.606.000	21.400.117	23.206.303	

* — Saldo

f) **Produção de tecidos para o Conselho Francês de Aprovisionamento (C. F. A.)**

Paralelamente às negociações com a UNRRA, foi realizado negócio com o Conselho Francês de Aprovisionamento.

Preocupado com o abastecimento de tecidos de algodão, que faltavam quasi totalmente em suas colônias do norte da África, o Govêrno francês enviou ao nosso país uma comissão destinada a obter um suprimento de 60 milhões de jardas^2 de panos diversos, de acôrdo, aliás, com o que havia sido previsto em Washington pela Missão Têxtil Brasileira, em 1944.

Durante os mêses de setembro e outubro de 1944 foram estudados pelos técnicos da CETEX as possibilidades e todos os detalhes técnicos e comerciais de fornecimento, de acôrdo com os elementos fixados pelo C.F.A.

O acôrdo entre o C.F.A. e o Govêrno brasileiro representado pela CETEX, foi assinado em novembro de 1944 e compreendeu a aquisição por parte do Govêrno francês de 60 milhões de jardas^2, no valôr aproximado de Cr$ 54.500.000,00.

Os tecidos que, a princípio, eram divididos em 10 tipos "standards", passaram a ser grupados em 8 tipos, apenas, devido a imposições decorrentes de nosso padrão de fabricação.

3
800
600
400
200
2
800
600
400
200
1
800
600
400
200
0
Legenda
UNRRA
C. F. A.
JUL.
AGO.

3
800
600
400
200
2
800
600
400
200
1
800
600
400
200
0
1945
SET.
OUT.
NOV.
DEZ.
1946
JAN.
FEV.
MAR.
ABR.
MAI.
JUN.
JUL.
AGO.
Legenda
UNRRA
C. F. A.

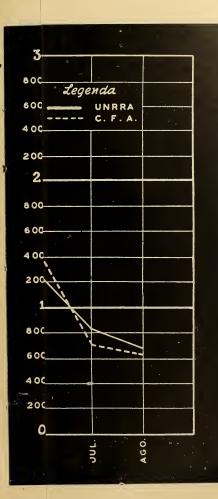
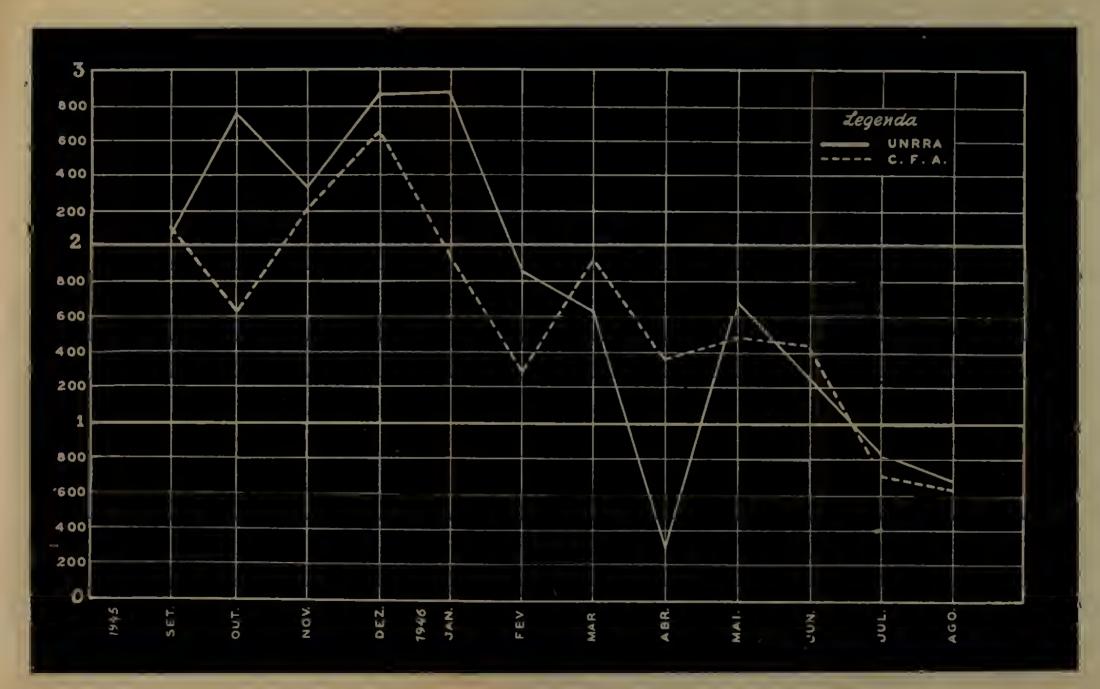



TABELA VI

Distribuição da encomenda do CFA por classes e tipos de tecidos

Classe	Tipo	Tecido	Acabamento	Preço	Quantidade jds2	
A	Trançado	Brim	Cru Branco Tinto	5,32 6,14 8,38	375.000) 500.000) 2.367.500)	10,7
B	Trançado	Brim	Branco Tinto	3,75 5,22	750.000) 1.125.000)	6,3
C	Tafetá	Cretone	Cru Branco	4,00 4,59	3.075.000) 3.225.000	21,1
D	Tafetá	Cretone	Cru Branco Tinto	2,99 3,47 4,71	1.000.000) 1.000.000) 1.000.000)	10,0
E	Tafetá	Cretone	Branco Tinto	3,27 4,37	2.750.000) 4.500.000)	24,1
F	Tafetá	Cretone	Branco Estampado	3,00 4,46	3.100.000) 950.000)	13,5
G	Tafetá	Cretone	Mescla leve	3,43	800.000	2,7
G1	Tafetá	Cretone	Mescla pesada	5,98	3.482.500	11,6
			Total		30.000.000	

Pela tabela VI é possivel observar que a distribuição da encomenda compreende:

15% de tecidos crus
38% de tecidos alvejados
30% de tecidos tintos
17% de tecidos estampados e fios tintos.

Da mesma maneira que para a UNRRA, o pedido de suprimentos foi dividido em quotas semestrais de 30 milhões de jardas[2] que, segundo o contrato, deve-

riam começar a ser entregues em março de 1945 o que, na realidade, só se deu em setembro desse ano, pelos mesmos motivos que determinaram protelação do início das entregas à UNRRA.

A tabela VII mostra as entregas mensais até setembro de 1946, ou seja, nos 13 mêses em que a mesma se vem fazendo.

Os mesmos fatores que determinaram o atrazo ocorrido nas entregas à UNRRA influenciaram as entregas ao CFA e impediram que fosse atingido o rítmo necessário à sua complementação no prazo determinado.

Julgamos interessante, do mesmo modo, dar a conhecer as emprêsas que já concluiram as entregas ao CFA (Tabela IX).

Parece-nos, enfim, necessário apresentar a distribuição das encomendas do CFA entre os estados e a maneira porque vem a mesma sendo satisfeita (tabela (X).

TABELA VII

Quadro demonstrativo das entregas mensais ao C. F. A.

Anos	Meses	Quantidades Jds²	Sub-totais
1945	Setembro	2.132.097	
	Outubro	1.618.526	
	Novembro	2.113.634	
	Dezembro	2.655.988	8.520.245
1946	Janeiro	1.933.708	
	Fevereiro	1.283.454	
	Março	1.908.762	5.125.924
	Abril	1.352.777	
	Maio	1.464.781	
	Junho	1.412.636	4.230.194
	Julho	699.747	
	Agosto	711.940	
	Setembro	624.507	2.036.194
	Total	19.912.557	

TABELA VIII

Entrega de tecidos por classe e por unidade da federação

Em jds²

Estados	A	B	C	D	E	F	G	G-1	Totais	%
Paraíba	—	—	(*)	—	—	—	—	—	—	-
Pernambuco ...	693.040	800.086	389.348	600.053	990.007	479.999	—	—	3.952.533	19,9
Alagôas	—	—	—	—	778.843	—	—	—	778.843	3,9
Sergipe	—	—	442.253	—	76.242	—	8.611	—	527.106	2,9
Bahia	—	—	—	425.086	—	—	—	—	425.086	2,5
Rio de Janeiro ..	—	—	388.232	—	52.436	961.868	—	402.055	1.804.591	9,1
Minas Gerais ...	454.538	—	1.402.828	476.586	143.627	671.452	252.000	250.000	3.651.031	18,3
Distrito Federal	451.242	—	—	—	456.150	—	—	499.257	1.406.649	7,0
São Paulo	971.400	252.288	2.308.798	730.794	1.731.284	203.935	—	1.029.328	7.227.827	36,3
Santa Catarina .	—	96.071	42.820	—	—	—	—	—	138.891	0,7
Totais	2.570.220	1.148.445	4.974.279	2.232.519	4.228.589	2.317.254	260.611	2.180.640	19.912.557	
Porcentagens ..	12,9	5,7	24,9	11,3	21,3	11,6	1,4	10,9	100%	

NOTA — (*) Requisições não entregues.

TABELA IX

Relação das fábricas que concluiram suas entregas

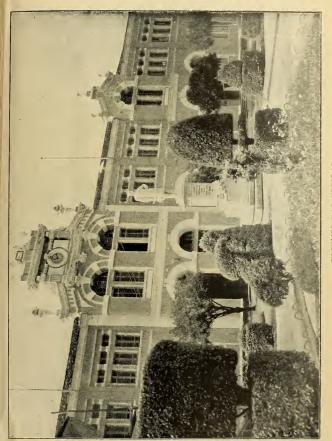
Nome da Fábrica	Quant. JDS 2
Cia. Confiança Industrial	900.000
Ind. Téxtil Renaux S/A	60.000
Cia. N. Tec. Nova América	450.000
Cia. Fáb.. T S. Pedro de Alcantara	402.000
Cia. F. Tecel. Maria Cândida	156.000
Cia. F. Tec. Santa Rosa	102.000
Cia. Progresso de Valença	180.000
Cia. F. Tec. S. Gonçalo S/A	90.000
Cia. Ind. Al. Bomdespachense	90.000
Cia. Ind. Cataguases	420.000
Cia. Melhoramentos Pará de Minas	120.000
Cia. Têxtil Cachoeira de Macacos	300.000
Cia. Têxtil Ferreira Guimarães	690.000
Cia. F. Tec. São Bento	660.000
Cot. Beltramo & Cia.	240.000
Fáb. Tec. Labor S/A	171.000
Fáb. Tec. Tatuapé S/A	360.000
Fiação Tecel. S. João Ltda.	480.000
S/A. Fáb. Tec. e Bordados Lapa	102.000
S/A Moinho Santista	600.000
S. Paulo Alpargatas S/A	600.000
Textil Assad Abdala	216.000
Cia. Têxtil Brasileira	408.000
Cotonifício Fides	252.000

EDIFÍCIO DAS ESCOLAS
Cia. Empório Industrial do Norte
S. Salvador — Estado da Bahia

TABELA X

Distribuição da encomenda por estado.
Entregas e débitos.
Em jds²

ESTADO	Quantidade atribuida	Quantidade entregue	Débito	% das entregas
Paraíba	570.000	—	570.000	—
Pernambuco ...	4.410.000	3.952.533	457.467	89,6
Alagôas	1.110.000	778.843	331.157	70,2
Sergipe	2.076.000	527.106	1.548.894	25,3
Bahia	1.032.000	425.086	606.914	41,1
Rio de Janeiro ..	2.508.000	1.804.591	703.409	71,9
Minas Gerais	4.914.000	3.651.031	1.262.969	74,3
Distrito Federal .	1.632.000	1.406.649	225.351	86,1
São Paulo	11.388.000	7.227.827	4.160.173	63,4
Santa Catarina ..	300.000	138.891	161.109	46,3
Totais	29.940.000	19.912.557	10.027.443	

g) **Produção de tecidos populares**

O CONVÊNIO TÊXTIL

O Convênio Têxtil foi firmado a 15 de junho de 1943 entre a indústria têxtil e o Govêrno Federal, representado pelo Coordenador da Mobilização Econômica. Determinou esse acôrdo a obrigação por parte da Indústria Têxtil Algodoeira, da entrega de parte de sua produção de tecidos de algodão sob a forma de tecidos e artefatos de tipo determinado, os quais, por seu baixo preço e por suas características técnicas, representam verdadeira contribuição destinada a minorar as necessidades das classes menos favorecidas, nessa fase tão difícil da vida de todos os povos, consequência natural da guerra que empobreceu e vitimou todos os paises.

A 19 de agosto de 1943 sairam das fábricas brasileiras os primeiros "Tecidos Populares" e os primeiros "Artefatos Populares" (colchas, toalhas e cobertores), apareceram a 1.º de novembro do mesmo ano.

A Comissão Fiscalizadora e Executiva do Convênio Têxtil, constituida de representantes da Indústria Têxtil de todo o Brasil e de delegados do Govêrno Federal, foi incumbida de zelar pelo respeito aos termos do Convênio.

Decretada mais tarde, em julho de 1944, a Mobilização da Indústria Têxtil (Decreto lei n.º 6688, de 13-7-944), foi a Comissão Fiscalizadora e Executiva do Convênio Têxtil transferida para a Comissão Executiva Têxtil com todos os poderes legais de que se achava investida.

TIPOS DE TECIDO POPULAR

Foram criados 26 artigos populares com as seguintes características:

ARTIGOS	Largura cms.	Peso metro corrido-Grs.
1 — Algodão cru	65	85
2 — Morim	65	75
3 — Riscado direto	65	70
4 — Brim escuro direto	67	150
5 — Brim escuro direto (alg. puro)	67	115
6 — Brim claro	67	160
7 — Brim claro (alg. puro)	67	120
8 — Brim mescla	67	160
9 — Brim mescla (alg. puro)	67	130
10 — Brim cáqui	67	160
11 — Brim cáqui (alg. puro)	67	125
12 — Linon branco e tinto, dir. liso	65	75
13 — Chita (alg. puro) côr sólida ..	63	75
14 — Flanela de alg. branca ou de côr	60	100
15 — Algodão popular enfestado ..	130	190
16 — Algodão popular enfestado ...	190	280
17 — Cáqui especial (alg. puro) côr sólida, tolerando-se corantes ao enxofre	70	190
18 — Zefir xadrez (alg. puro) côr sólida	65	120

DISTRIBUIÇÃO

Os tecidos populares representam 10% dos tecidos entregues ao mercado nacional e ao mercado externo, quer diretamente, quer por intermédio de negociantes.

A distribuição pelo interior do país é fácil e automaticamente feita pois se processa pelo mecanismo normal de distribuição dos tecidos, acompanhando, na proporção de 10% as compras feitas.

Os tecidos populares, correspondentes aos panos exportados, são postos à disposição da Comissão Fiscalizadora e Executiva do Convênio Têxtil que os entrega a feiras e mercados das várias cidades do Brasil e, do mesmo modo, a associações assistenciais, de beneficiência e aos negociantes que lhe são indicados pelos prefeitos das cidades do interior.

As falhas do sistema de distribuição e que são constituidas, em resumo, pela venda dos panos por preços diferentes dos fixados pela Comissão ou por seu uso em confecções pelos negociantes varejistas, práticas que são taxativamente proibidas mas que são frequentes, devido à falta de fiscalização, vêm sendo corrigidas por uma série de medidas que visam garantir a chegada dos artigos populares àqueles para os quais foram criados, ou sejam às classes menos favorecidas de todo o Brasil.

PREÇOS E PRODUÇÃO

Ainda que se levem em conta algumas deficiências na distribuição de artigos têxteis populares, convém ser feito exame atento dos números que atestam sua produção nos dois primeiros anos de vigência do Convênio Têxtil e que bem demonstra o esfôrço feito pela Indústria Têxtil no sentido de minorar as dificuldades do povo brasileiro no período difícil que marca esses anos de fim da guerra.

Em primeiro lugar apresentamos o quadro com a tabela de preços dos artigos populares.

ARTIGOS	Preço na Fábrica Cr$	Preço no varejo Cr$
1 — Algodão cru	1,70	1,90
2 — Morim	1,90	2,10
3 — Riscado direto	1,70	1,90
4 — Brim escuro direto	2,60	2,90
5 — Brim escuro dir. (alg. puro)	2,60	2,90
6 — Brim claro	2,60	2,90
7 — Brim claro (alg. puro)	2,60	2,90
8 — Brim mescla	2,90	3,30
9 — Brim mescla (alg. puro) ...	2,90	3,30
10 — Brim cáqui	2,70	3,00
11 — Brim cáqui (alg. puro)	2,70	3,00
12 — Linon br. e tinto, direto, liso	2,00	2,30
13 — Chita (alg. puro) côr sólida .	2,40	2,80
14 — Flan. de alg. branca ou de côr	2,00	2,30
15 — Algodão popular enfestado ..	4,00	4,60
16 — Algodão popular enfestado ..	6,00	7,00
17 — Cáqui especial (alg. puro) côr sólida, tolerando-se os corantes ao enxofre	4,50	5,20
18 — Zefir xadrez (alg. puro) côr sólida	3,50	4,00
Toalhas		
19 — De rosto	Dz. 23,00	Un. 2,20
20 — De banho	Dz. 80,00	Un. 7,70
Cobertores		
21 — De solteiro	Un. 5,20	Un. 6,00
22 — De casal	Un. 8,00	Un. 9,00
Colchas		
23 — De solteiro	Un. 10,00	Un. 11,50
24 — De casal	Un. 12,50	Un. 14,50
25 — De solteiro	Un. 11,50	Un. 13,50
26 — De casal	Un. 15,00	Un. 17,50

As tabelas XI a XV mostram a produção de tecidos e artefatos populares nos períodos do 1.° ano do

Convênio (setembro 43 — agosto 44) e do 2.º ano do mesmo (setembro 44 — agosto 45).

Vê-se por essas tabelas que 182.413.632,55 metros de tecidos populares foram entregues ao mercado interno do nosso país nesses 2 anos.

Na tabela XI é apresentada a produção por estado e na tabela XII a produção por estado e por tipo de tecido popular.

A tabela XIII dá a mesma entrega distribuida por tipos; por último, a tabela XIV, apresenta a distribuição por mês.

Quanto aos artefatos populares sua produção por estado, por tipo, consta das tabelas.

TABELA XI

Distribuição da produção por Estado — Porcentagem
Em metros

ESTADOS	1.º ano (Set. 44 - Ag. 45)	2.º ano (Set. 43 - Ag. 44)	Total	%
São Paulo	28.997.505,65	30.580.658,88	59.578.164,53	32,7
Minas Gerais	16.868.609,17	17.453.873,77	34.322.482,94	18,8
Pernambuco	10.637.585,43	11.412.913,34	22.050.498,77	12,1
Distrito Federal ..	9.245.380,10	9.466.288,76	18.711.668,86	10,3
Estado do Rio	8.218.548,01	8.133.710,25	16.352.258,26	9,0
Alagôas	3.865.466,40	4.162.577,00	8.028.043,40	4,4
Sergipe	3.795.221,55	3.769.874,66	7.565.096,21	4,2
Bahia	2.401.181,50	2.290.015,75	4.691.197,25	2,6
Maranhão	1.633.473,09	1.440.503,10	3.073.976,19	1,7
Paraíba	1.313.603,80	1.304.906,70	2.618.510,50	1,4
Ceará	1.329.982,40	1.076.744,90	2.406.727,30	1,3
Santa Catarina ...	837.693,30	759.799,95	1.597.493,25	0,9
Rio Grande do Sul	363.299,20	378.722,40	742.021,60	0,4
Espírito Santo ...	261.121,80	192.263,90	453.385,70	0,2
Piauí	105.419,54	102.746,25	208.165,79	—
Paraná	5.249,00	8.693,00	13.942,00	—
Totais	89.879.339,94	92.534.292,61	182.413.632,55	100,0

TABELA XII

Produção por tipo e por Estado
Em metros

ESTADOS	1.º ano (Set. 43 - Ag. 44)	2.º ano (Set. 44 - Ag. 45)	Total
EST. DE S. PAULO			
Chita	10.114.503.80	7.893.442,40	18.007.946,20
Algodão cru	9.470.828,65	5.052.628,89	14.523.457,54
Riscado	2.512.294,83	2.694.330,19	5.206.625,02
Linon	1.932.996,62	3.043.265,99	4.976.262,61
Tecido popular médio	1.762.418,45	2.166.501,24	3.928.919,69
Morim	1.113.610,00	1.375.319,02	2.488.929,02
Brim mescla	914.818,70	809.601,72	1.724.420,42
Brim cáqui	432.706,10	777.582,20	1.210.288,30
Brim escuro	392.334,66	439.550,80	831.885,46
Flanela	212.048,90	498.307,16	710.356,06
Brim claro	59.766,74	319.033,68	378.800,42
Não identificados	72.928,40	—	72.928,40
Algodão cru enfestado	6.274,80	22.498,00	28.772,80
Quota mercado ext. ..		2.900.878,56	2.900.878,56
Quota suplementar ..		2.587.719,03	2.587.719,03
Totais	28.997.530,65	30.580.658,88	59.578.164,53
EST. DE M. GERAIS			
Algodão cru	5.599.570,10	3.176.209,20	8.775.779,30
Riscado	3.019.128,19	4.274.443,00	7.293.571,19
Chita	3.212.227,00	3.307.448,70	6.519.675,70
Linon	2.160.699,40	2.413.885,90	4.574.585,30
Brim claro	661.663,70	1.088.497,00	1.750.160,70
Morim	652.600,10	850.562,00	1.503.162,10
Tecido popular médio	350.491,98	566.090,17	916.582,15
Brim escuro	498.456,50	252.035,70	750.492,20
Não identificados	537.225,70	—	537.225,70
Brim mescla	176.521,50	179.984,50	356.506,00
Flanela	—	236.830,60	236.830,60
Algodão cru enfestado	25,00	1.158,00	1.183,00
Quota mercado ext. ..		896.130,90	896.130,90
Quota suplementar ...		210.598,10	210.598.10
Totais	16.868.609,17	17.453.873,77	34.322.482,94

EST. DE PERNAMBUCO			
Chita	2.212.688,40	3.015.093,50	5.227.781,90
Brim claro	1.937.116,10	1.516.078,30	3.453.194,40
Linon	1.351.007,38	2.053.913,27	3.404.920,65
Algodão cru	2.516.501,30	654.361,00	3.170.862,30
Riscado	1.386.354,00	1.508.399,00	2.894.753,00
Morim	303.739,80	1.111.099,00	1.414.838,80
Tecido popular médio	411.018,75	402.873,15	813.891,90
Não identificados	327.698,50	—	327.698,50
Brim mescla	191.266,20	—	191.266,20
Brim escuro	195,00	37.711,00	37.906,00
Quota mercado ext. ..		607.974,12	607.974,12
Quota suplementar ..		505.411,00	505.411,00
Totais	10.637.585,43	11.412.913,34	22.050.498,77
DISTR. FEDERAL			
Chita	3.733.775,70	3.929.994,66	7.663.770,36
Linon	2.861.074,60	2.645.221,30	5.506.295,90
Algodão cru	1.293.855,70	440.649,00	1.734.504,70
Brim claro	551.845,60	874.104,10	1.425.949,70
Riscado	454.947,20	312.611,00	767.558,20
Brim mescla	67.900,00	432.263,40	500.163,40
Flanela	—	263.420,00	263.420,00
Não identificados	177.092,50	—	177.092,50
Morim	104.888,80	3.035,30	107.924,10
Quota mercado ext. ..		438.863,30	438.863,30
Quota suplementar ..		126.126,70	126.126,70
Totais	9.245.380,10	9.466.288,76	18.711.668,86
ESTADO DO RIO			
Chita	2.621.308,46	2.257.960,20	4.879.268,66
Brim mescla	1.989.922,20	1.997.832,30	3.987.754,50
Algodão cru	1.471.168,30	636.554,70	2.107.723,00
Morim	580.642,75	850.694,50	1.431.337,25
Brim claro	636.462,90	536.156,64	1.172.619,54
Riscado	525.263,90	387.580,15	912.844,05
Brim escuro	306.779,10	244.210,80	550.989,90
Linon	28.771,90	342.577,20	371.349,10
Flanela	—	142.220,20	142.220,20
Não identificados	57.810,50	—	57.810,50
Brim cáqui	418,00	685,10	1.103,10
Quota mercado ext. ..		596.240,11	596.240,11
Quota suplementar ..		140.998,35	140.998,35
Totais	8.218.548,01	8.133.710,25	16.352.258,26

EST. DE ALAGÔAS			
Morim	1.243.220,10	2.513.307,00	3.756.527,10
Algodão cru	1.686.961,70	887.997,80	2.574.959,50
Brim mescla	244.100,40	340.586,20	584.686,60
Brim claro	132.990,00	232.723,00	365.713,00
Tecido popular médio	123.091,00	159.738,00	282.829,00
Linon	249.768,00	—	249.768,00
Não identificados ...	166.415,20	—	166.415,20
Brim escuro	18.920,00	—	18.920,00
Quota mercado ext. ..		—	—
Quota suplementar ..		28.225,00	28.225,00
Totais	3.865.466,40	4.162.577,00	8.028.043,40
EST. DE SERGIPE			
Riscado	1.178.330,90	1.413.186,16	2.591.517,06
Algodão cru	1.624.945,10	776.073,00	2.401.018,10
Morim	182.747,00	579.572,00	762.319,00
Brim mescla	253.365,00	382.318,00	635.683,00
Brim claro	244.001,00	157.360,00	401.361,00
Brim escuro	43.818,00	76.078,00	119.896,00
Tecido popular médio	25.671,50	64.282,00	89.953,50
Não identificados	212.823,05	—	212.823,05
Linon	29.520,00	—	29.520,00
Quota suplementar ..		321.005,50	321.005,50
Totais	3.795.221,55	3.769.874,66	7.565.096,21
EST. DA BAHIA			
Algodão cru	2.145.121,10	748.321,76	2.893.442,86
Riscado	137.372,00	1.131.367,64	1.268.739,64
Linon	—	144.651,50	144.651,50
Brim claro	75.285,70	68.832,20	144.117,90
Brim mescla	24.790,30	23.035,10	47.825,40
Não identificados	16.610,40	—	16.610,40
Tecido popular médio	2.002,00	264,00	2.266,00
Quota mercado ext. ..		66.980,00	66.980,00
Quota suplementar ...		106.563,55	106.563,55
Totais	2.401.181,50	2.290.015,75	4.691.197,25
ESTADO DO MARANHÃO			
Riscado	1.077.924,59	1.007.424,10	2.085,348,69
Algodão cru	340.650,10	272.530,50	613.180,60
Brim claro	168.105,00	83.001,60	251.106,60
Não identificados	46.793,40	—	46.793,40
Quota mercado ext. ..		16.011,40	16.011,40
Quota suplementar ...		61.535,50	61.535,50
Totais	1.633.473,09	1.440.503,10	3.073.976,19

EST. DA PARAÍBA			
Algodão cru	514.725,00	901.578,00	1.416.303,00
Brim claro	380.247,65	373.436,70	753.684,35
Riscado	305.116,00	—	305.116,00
Brim mescla	74.242,45	—	74.242,45
Não identificados	24.830,50	—	24.830,50
Tecido popular médio	—	19.873,00	19.873,00
Brim escuro	14.442,20	—	14.442,20
Quota mercado ext. ..	.	10.019,00	10.019,00
Totais	1.313.603,80	1.304.906,70	2.618.510,50

EST. DO CEARÁ			
Algodão cru	645.971,00	504.862,40	1.150.833,40
Brim mescla	568.957,60	290.676,00	859.633,60
Riscado	—	92.380,00	92.380,00
Brim claro	23.780,00	36.640,00	60.420,00
Tecido popular médio	—	28.291,50	28.291,50
Brim cáqui	—	22.830,00	22.830,00
Não identificados	91.273,80	—	91.273,80
Linon	—	4.130,00	4.130,00
Brim escuro	—	1.570,00	1.570,00
Quota suplementar ...		95.365,00	95.365,00
Totais	1.329.982,40	1.076.744,90	2.406.727,30

ESTADO DE STA. CATARINA			
Algodão cru	610.123,60	228.573,70	838.697,30
Riscado	45.146,70	189.450,20	234.596,90
Tecido popular médio	106.072,60	96.211,00	202.283,60
Linon	—	152.238,60	152.238,60
Brim escuro	42.505,40	43.055,00	85.560,40
Flanela	—	2.639,10	2.639,10
Morim	—	1.269,80	1.269,80
Não identificados	33.845,00	—	33.845,00
Chita	—	610,20	610,20
Quota mercado ext. ..	—	32.785,30	32.785,30
Quota suplementar ...	—	12.967,05	12.967,05
Totais	837.693,30	759.799,95	1.597.493,25

ESTADO DO RIO G. DO SUL			
Algodão cru	202.883,00	110.835,00	313.718,00
Brim escuro	86.772,60	88.895,00	175.667,60
Brim claro	53.320,60	58.854.20	112.174,80
Flanela	—	66.560,00	66.560,00
Riscado	—	30.232,00	30.232,00
Não identificados ...	20.323,00	—	20.323,00
Brim mescla	—	11.380,00	11.380,00
Linon	—	3.265,00	3.265,00
Quota mercado ext. ..		844,90	844,90
Quota suplementar ..		7.856,30	7.856,30
Totais	363.299,20	378.722,40	742.021,60
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO			
Brim claro	—	155.423,40	155.423,40
Riscado	238.233,40	34.789,70	273.023,10
Brim escuro	22.888,40	335,00	23.223,40
Quota mercado ext. ..		1.527,10	1.527,10
Quota suplementar ...		188,70	188,70
Totais	261.121,80	192.263,90	453.385,70
EST. DO PIAUÍ			
Riscado	—	60.292,52	60.292,52
Algodão cru	105.419,54	42.453,73	147.873,27
Totais	105.419.54	102.746,25	208.165,79
EST. DO PARANÁ			
Riscado	3.929,00	5.472,00	9.401,00
Tecido popular médio	—	2.292,00	2.292,00
Brim escuro	195,00	879,00	1.074,00
Algodão cru	1.125,00	—	1.125.00
Linon	—	50,00	50,00
Totais	5.249,00	8.693,00	13.942,00

RESUMO

Produção de Tecido Popular no 1.º biênio do Convênio Têxtil:

Exercício de 1944	89.879.339,94	
Exercício de 1945	92.534.292,61	
Total geral		182.413.632,55

TABELA XIII

Distribuição da produção por tipos — Porcentagem
(Inclusive quotas mercado externo e suplementar)

TIPOS	1.º ano (Set. 43 - Ag. 44)	2.º ano (Set. 44 - Ag. 45)	Total	%
Algodão cru	28.229.875,92	14.433.628,68	42.663.504,60	23,4
Chita	21.894.503,36	20.404.549,66	42.299.053,02	23,2
Riscado	10.884.040,71	13.141.957,64	24.025.998,35	13,2
Linon	8.613.837,90	10.803.198,76	19.417.036,66	10,6
Não identificados	1.785.670,22	9.772.814,47	11.558.484,69	6,3
Morim	4.181.448,55	7.284.858,62	11.466.307,17	6,3
Brim claro	4.924.584,99	5.500.140,82	10.424.725,81	5,8
Brim mescla	4.505.884,35	4.467.677,22	8.973.561,57	4,9
Tecido popular médio	2.780.766,28	3.506.416,06	6.287.182,34	3,4
Brim escuro	1.427.306,86	1.184.320,30	2.611.627,16	1,4
Flanela	212.048,90	1.209.977,06	1.422.025,96	0,8
Brim cáqui	433.124,10	801.097,32	1.234.221,42	0,7
Algodão cru enf.	6.247,80	23.656,00	29.903,80	—
Totais	89.879.339,94	92.534.292,61	182.413.632,55	100%

TABELA XIV

Distribuição da produção por mês

(em metros)

MESES	1.º ano (Set. 43 - Ag. 44)	2.º ano (Set. 44 - Ag. 45)	Total
Setembro	6.381.401,45	6.472.484,53	12.853.085,98
Outubro	6.746.583,09	6.523.440,51	13.270.023,60
Novembro	6.116.267,14	6.731.819,41	12.848.086,55
Dezembro	8.446.361,65	7.349.154,82	15.795.516,47
Janeiro	6.238.131,14	7.883.739,52	14.121.870,66
Fevereiro	7.534.206,69	7.412.976,24	14.947.182,93
Março	9.175.975,25	10.519.095,48	19.695.070,73
Abril	7.685.968,98	7.455.134,54	15.141.103,52
Maio	8.768.773,48	7.946.412,96	16.715.186,44
Junho	7.982.049,52	8.785.087,80	16.767.137,32
Julho	7.563.997,22	7.970.483,10	15.534.480,32
Agosto	7.239.624,33	7.484.463,70	14.724.088,03
Totais	89.879.339,94	92.534.292,61	182.413.632,55

TABELA XV

ARTEFATOS POPULARES

Entregas ao mercado interno em dois anos de Convênio Têxtil

(em unidades)

ESTADOS	TIPOS	1.º ano (Set. 43 - Ag. 44)	2.º ano (Set. 44 - Ag. 45)	Total
SÃO PAULO				
	Toalhas	204.518	257.916	462.434
	Cobertores	359.214	387.880	747.094
	Colchas	95.739	145.399	241.138
		659.471	791.195	1.450.666
PERNAMBUCO				
	Toalhas	9.084	26.694	35.778
	Cobertores	132.699	134.519	267.218
	Colchas	14.685	—	14.685
		156.468	161.213	317.681
MINAS GERAIS				
	Toalhas	77.781	73.199	150.980
	Cobertores	67.336	80.731	148.067
	Colchas	5.932	12.688	18.620
		151.049	166.618	317.667
ALAGÔAS				
	Toalhas	57.831	82.834	140.665
SERGIPE				
	Toalhas	510	558	1.068
	Colchas	5.145	6.029	11.174
		5.655	6.587	12.242
STA. CATARINA				
	Toalhas	58.602	62.548	121.150
CEARÁ	Toalhas	—	8.598	8.598
PARAÍBA DO NORTE	Colchas	—	3.480	3.480
BAHIA	Colchas	688	48	736

ARTEFATOS

ESPÉCIE	1.º ano (Set. 43 - Ag. 44)	2.º ano (Set. 44 - Ag. 45)	Total
Toalhas	408.326	512.347	920.673
Colchas	122.189	167.464	289.653
Cobertores	559.249	603.310	1.162.559
Totais	1.089.764	1.283.121	2.372.885

h) Perspectiva de aumento de produção de fios e de tecidos

O exame do quadro XXXI, que representa os totais de encomendas de máquinas têxteis realizadas até dezembro de 1944, permite-nos ter a perspectiva do aumento de produção de fios e tecidos que a possivel obtenção dos mesmos representará para as fábricas brasileiras.

No capítulo "Reforma de Maquinária" apresentámos as razões por que os dados numéricos do quadro devem ser tomados como correspondentes ao mínimo das encomendas feitas.

Aceitando os valores reunidos no referido quadro, verificamos que as cardas encomendadas correspondem a 30,4% das recenseadas (2.512 para 8.260), as maçaroqueiras 13,4% (565 para 4.203) e as penteadeiras 35,9% (354 para 985). Quanto aos teares devemos notar já ser ponderável a produção nacional dos mesmos, o que torna de menor significação o dado que o quadro apresenta.

Sendo os teares automáticos, já instalados, em número de 4.616, os 2.025 teares automáticos encomendados valem por um acréscimo de 43,9% enquanto que os teares de algodão encomendados representam, apenas, 9,8% do total dos existentes no país.

Os fusos representam capítulo à parte, devendo ser assinalada, a título de curiosidade a possibilidade

de sua fabricação vir a ser feita pela Fábrica Nacional de Motores, o que, segundo nos parece, vai ser tentado, com êxito provavel.

Tendo em vista a impossibilidade de completar os dados referentes a muitas encomendas feitas, que não registram o número de fusos dos filatórios e indicam apenas o número de "rings" e "fiações completas encomendadas", o total de 706.486 parece-nos bem inferior a real quantidade que deve vir a ser encaminhada para nosso país.

Se admitirmos um acréscimo de cêrca de 20% sobre esse número, que estará, ainda, provavelmente, aquem do total que viremos a incorporar ao parque de maquinária de nossas fábricas, esse total representará então, 28% do total de fusos de fiação de algodão agora existentes no Brasil, devendo ser levada em conta a diferença entre o número de rotação dos fusos atuais dos novos fusos e outras características técnicas que contribuirão para um aumento de rendimento total bem maior que os 28% acima previstos.

Devemos lembrar, outrossim, que, a deficiência de nossas fiações, quer quantitativa, quer qualitativamente, vem determinando mais que quaisquer outros fatores, a limitação da produção têxtil brasileira e sua pequena possibilidade de melhoria de nivel técnico.

No capítulo "Atividade" é possivel avaliar a diferença do número médio de horas de trabalho verificada em 1945 nas secções de cardas (14,55 h), fiação (15,30 h) e tecelagem, (12,20 h) nos diversos estados do Brasil, a qual mostra quanto estão sobrecarregados as cardas e os "rings" de fiação em relação às secções de tecelagem.

A falta de fio de algodão, com que lutam presentemente as inúmeras tecelagens (sem fiação), as malharias, as fábricas de meias, as passamanarias, etc.

de São Paulo, Minas, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Santa Catarina, etc. patenteia a atual desproporção entre a capacidade de tecer e a de fiar.

Não é demais admitir, portanto, que a obtenção do acréscimo em perspectiva de cardas, maçaroqueiras, penteadeiras, e de talvez um milhão de fusos novos para fiação virá trazer ao nosso país a possibilidade de um aumento de produção de tecidos e malharias não inferior a 300 ou 400 milhões de metros anuais, além de permitir a melhoria de padrão técnico de nossas fábricas e de nossos artigos têxteis.

EXPORTAÇÃO

FABRICA DE TECIDOS VOTORANTIM
Vila Votorantim, Sorocaba — Est. de São Paulo

A GUERRA E A EXPORTAÇÃO DE FIOS E TECIDOS

A exportação de artigos têxteis brasileiros vem se processando desde há muitos anos.

Sómente em 1939, no entanto, tornaram-se vultosos os negócios realizados e passaram os produtos de nossas fábricas a ser embarcados para os mais diferentes destinos.

Foi, sem dúvida, a guerra a causadora desse acontecimento que marcou o início da fase de recuperação econômica de nossa principal indústria, salvando-a da longa e perigosa crise em que se vinha debatendo devido à falta de consumo para seus produtos no mercado interno de nosso país.

Os lucros auferidos serviram para restabelecer o equilíbrio da indústria e para permitir-lhe acumular os meios indispensáveis à inadiável renovação de sua maquinária, proporcionando-lhe, dessa forma, a oportunidade de situar-se no mesmo nivel de seus concorrentes na disputa de mercados onde possa colocar seus excessos de produção e de poder desenvolver-se sem o perigo de nova crise de estagnação em futuro mais ou menos próximo.

A exportação de artigos têxteis em anos anteriores a 1939 foi a seguinte:

ANOS	Quantidade (metros)
1915	20.000
1916	60.000
1917	190.000
1918	1.130.000
1919	1.110.000
1920	1.350.000
1921	5.570.000
1922	7.790.000
1923	7.860.000
1924	570.000
1925	230.000
1926	150.000
1927	80.000
1928	270.000
1929	200.000
1930	110.000
1931	2.260.000
1932	620.000
1933	870.000
1934	4.250.000
1935	7.210.000
1936	3.190.000
1937	6.870.000
1938	2.470.000
1939	19.820.000

Nesse ano de 1939, o aumento de 800% sobre o ano anterior revela a existência de acontecimento de exceção que o haja determinado.

A conflagração mundial, tirando dos mercados internacionais os grandes paises produtores de tecidos como a França, Alemanha, Itália, Inglaterra e, pouco após, a Rússia, o Japão e, em grande parte, os Estados Unidos, foi o acontecimento que proporcionou à nossa indústria têxtil essa grande oportunidade de desenvolvimento. Grande parte da produção de têxteis nos paises beligerantes passou a destinar-se a fins de natureza bélica, inclusive a vestir os grandes exércitos que se formavam, o que foi impondo restrições à exportação desses artigos.

Dificuldades de obter transporte e o perigo crescente que o mesmo representava, devido ao bloqueio europeu e ao contra-bloqueio determinado pelos submarinos do eixo no Atlântico, contribuiram grandemente para a formação das zonas de irradiação dos têxteis dos poucos paises produtores que continuaram a ter possibilidades de exportá-los.

Dessa forma, à India ficou naturalmente reservado o abastecimento da Ásia Meridional e o leste africano, os Estados Unidos e o México incumbiramse do Canadá e paises do mar das Caraibas cabendo ao Brasil os mercados da América do Sul e, em boa parte, da costa Atlântica da Africa, desde Dakar até a União Sul Africana.

Essa divisão, que decorreu das circunstâncias excepcionais determinadas pela guerra, foi ratificada mais tarde (1944) por acôrdo feito em Washington, com o Combined Production and Ressources Board (C.P.R.B.), assinado pelos Estados Unidos, México, India, Inglaterra, Canadá e Brasil, ao qual, um ano após, o Acôrdo de Petropólis apenas imprimiu pequenas modificações.

Do acôrdo de Washington, para cujo cumprimento o Brasil necessitava aumentar de muito suas exportações de tecidos de algodão, resultou a decretação da lei da Mobilização da Indústria Têxtil (dec. 6.688 de 13 de julho de 1944), sendo entregue à CETEX a missão de fazer cumprir suas disposições.

Em 1945, assinou o Brasil, representado pela CETEX, os acôrdos de fornecimento de tecidos com a UNRRA e o Conselho Francês de Aprovisionamento (C.F.A.) para entrega, em prazo determinado, de 43.746.000 e 29.940.000 jds2, respectivamente, de determinadas quantidades de certos tecidos, de características bem especificadas, sendo os preços dos panos, do mesmo modo, fixados previamente (Veja capítulo: "Produção de tecidos para a UNRRA" e "Produção de tecidos para o C.F.A.", na parte referente à produção).

São conhecidos os motivos que impediram fosse conseguido o aumento de produção que se esperava como resultado da mobilização da indústria: — queda de produção "per capita" resultante da falta de preparo técnico dos operários especializados que foi necessário improvisar, das dificuldades de condução, da fadiga dos operários, do desgaste de máquinas, do congestionamento de certas secções das fábricas devido à diferente capacidade de produção existente entre as mesmas, e de certas razões de ordem psicológica aos quais não deve ser alheia a ação de elementos políticos, perturbadores do trabalho, nesse e em outros setores e o"absenteismo", atribuido, inclusive, ao aumento de salários.

Não se verificou o aumento de produção previsto e desejado e, muito em contrário, houve em 1945 alguma quêda, em relação a 1944, do mesmo modo

que no primeiro semestre de 1946, continuou a cair, em relação a 1945.

* * *

A procura de nossos tecidos e artefatos, artigos de passamanaria, malharia, meias de algodão, estendeu-se aos fios.

A recem criada indústria de tecelagem de alguns paises sul-americanos, que depende da importação de fio de algodão, e, bem assim, a de alguns paises europeus, que se viram privados do fornecimento regular de fio que lhes faziam a Inglaterra, a Itália, etc., passaram a buscar socorro nas fiações brasileiras.

Surgiu, dessa forma, em escala sempre crescente, a exportação de fios de algodão que, dia a dia, à medida que crescia a procura dos mesmos por parte das tecelagens e malharias nacionais, se tornava mais inconveniente por prejudicial a nossos interêsses.

EXPORTAÇÃO DE FIOS DE ALGODÃO

O quadro XLVII apresenta a distribuição por continentes da exportação de fios de algodão entre 1940 e 1945:

QUADRO XLVII

Exportação de fios de algodão por Continente

1940 — 1945

(Em quilos)

DESTINO	ANOS						Totais
	1940	1941	1942	1943	1944	1945	
América	872.209	1.556.656	4.831.725	2.479.817	3.113.117	2.721.530	15.575.054
África	13.416	135.387	39.170	88.794	697.757	910.399	1.884.923
Europa	—	—	33.606	789.585	20.345	459.602	1.303.138
Totais	885.625	1.692.043	4.904.501	3.358.196	3.831.219	4.091.531	18.763.115

O quadro XLVIII apresenta a distribuição percentual de exportação de fios de algodão por continentes entre 1940 e 1945:

QUADRO XLVIII

Exportação percentual de fios de algodão por Continente

1940 — 1945

DESTINO	ANOS						
	1940	1941	1942	1943	1944	1945	
América	98,5	92,0	98,5	73,7	81,3	66,5	83
África	1,5	8,0	0,8	2,6	0,5	22,3	10
Europa	—	—	0,7	23,7	18,2	11,2	7
Totais	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100

O exame dos quadros XLVII e XLVIII leva-nos a concluir encontrarem-se no continente Americano nossos melhores mercados de fios de algodão, sendo de assinalar o crescimento das compras feitas por paises europeus e africanos nos últimos 3 anos.

Veremos adiante que a quasi totalidade dos fios exportados para paises da América destinou-se à América do Sul, sendo que para a América do Norte e América Central os embarques são de pequena importância, representando, apenas 0,7% em 1941, 0,5% em 1943 e 2,3% em 1945 do total destinado ao continente americano.

Os quadros XLIX a LIV apresentam a exportação de fios de algodão nos anos de 1940 a 1945, distribuida por país, sendo os fios classificados em "fios para tecelagem" e "fios não especificados".

QUADRO XLIX

Exportação de fios de algodão

Em quilos - 1940

PAÍSES	Fios para tecelagem	Fios não especificados
Argentina	470.516	—
Chile	243.141	—
Guiana Holandêsa	24	—
Perú	975	—
Uruguay	157.553	—
União Sul Africana ...	13.416	—
Total	885.625	—

QUADRO L

Exportação de fios de algodão

Em quilos - 1941

PAÍSES	Fios para tecelagem	Fios não especificados
Argentina	457.616	394.330
Bolívia	1.055	1.030
Chile	271.701	382.611
Colombia	12.451	17.132
Equador	—	5.639
Estados Unidos ...	185	10.566
Guiana Holandesa .	325	119
Perú	648	1.248
União Sul Africana	2.061	133.326
Total	746.042	946.001

QUADRO LI

Exportação de fios de algodão
(Em quilos)
1942

PAÍSES	Fios para tecelagem	Fios não especificados
Argentina	910.129	1.237.058
Bolivia	—	2
Chile	521.196	391.653
Colombia	20.479	22.814
Estados Unidos ..	204	—
Suécia	21.606	12.000
União Sul Africana	—	39.170
Uruguai	1.184.829	543.361
Totais	2.658.443	2.246.058

QUADRO LII

Exportação de fios de algodão
(Em quilos)
1943

PAÍSES	Fios para tecelagem	Fios não especificados
Argentina	241.953	24.237
Bolivia	30.566	5.439
Chile	1.062.681	415.345
Colômbia	56.325	16.187
Equador	59.312	6.000
Estados Unidos ..	9.100	—
Guiana Holandesa	—	3.096
Grã Bretanha	—	21
Irlanda	243.387	315.914
Paraguai	24.059	15.000
Perú	—	100
Martinica	—	3.417
Suécia	85.630	151.633
Suiça	2.000	—
Uruguai	414.330	92.670
União Sul Africana	41.018	47.776
Totais	2.270.361	1.096.835

QUADRO LIII
Exportação de fios de algodão
(Em quilos)
1944

PAÍSES	Fios para tecelagem	Fios não especificados
Argentina	1.643.304	126.287
Bolivia	3.000	8
Chile	661.432	6.507
Equador	—	279
Guiana Francesa ..	—	230
Guiana Holandesa .	—	262
Irlanda	521.514	170.743
Suécia	5.500	—
União Sul Africana	—	20.345
Uruguai	625.923	45.885
Totais	3.460.673	370.546

QUADRO LIV
Exportação de fios de algodão
(Em quilos)
1945

PAÍSES	Fios para tecelagem	Fios não especificados
Argentina	843.756	226.077
Chile	699.256	182.380
Colômbia	8.435	5.804
Estados Unidos ...	39.498	22.558
Guiana Francesa ..	—	3.620
Irlanda	586.844	257.439
Líbano	—	20.498
Martinica	—	200
Paraguai	517	150
Palestina	189.750	227.325
Perú	—	4.050
Polônia	—	2.650
Transjordânia	—	20.000
Síria	2.029	—
Suécia	22.000	2.037
Suiça	39.429	—
Uruguai	523.881	132.684
Venezuela	14.164	14.500
Totais	2.969.559	1.121.972

Resumimos os quadros de XLIX a LIV, no quadro LV que nos mostram a exportação brasileira de fios de algodão nos 6 anos, de 1940 a 1945, por país.

QUADRO LV

Exportação de fios de algodão por país de destino

(Em quilos)
1940 — 1945

	Fios para tecelagem	Fios não especificados	Totais
Argentina	4.567.274	2.007.989	6.575.263
Bolivia	34.621	6.479	41.100
Chile	3.459.407	1.378.496	4.837.903
Colômbia	97.690	61.937	159.627
Equador	59.312	11.918	71.230
Estados Unidos	48.987	33.124	82.111
Grã Bretanha	—	21	21
Guiana Holandesa ...	349	3.477	3.826
Guiana Francesa	—	3.850	3.850
Irlanda	1.351.745	744.096	2.095.841
Líbano	—	20.498	20.498
Martinica	—	3.617	3.617
Paraguai	24.576	15.150	39.726
Palestina	189.750	227.325	417.075
Perú	1.623	5.398	7.021
Polônia	—	2.650	2.650
Síria	2.029	—	2.029
Suécia	134.736	165.670	300.406
Suiça	41.429	—	41.429
Transjordânia	—	20.000	20.000
U. S. Africana	56.495	240.617	297.112
Uruguai	2.906.516	814.600	3.721.116
Venezuela	14.164	14.500	28.664
Totais	12.990.703	5.781.412	18.772.115

O quadro LVI apresenta a distribuição percentual da exportação de fios entre 1940 e 1945.

QUADRO LVI

Distribuição percentual da exportação de fios

1940 — 1945

PAÍSES	%
Argentina	35,0
Chile	25,7
Uruguai	19,8
Irlanda	11,1
Palestina	2,2
Suécia	1,6
U. S. Africana	1,5
Colômbia	0,9
Estados Unidos	0,4
Equador	0,3
Paraguai	0,2
Bolivia	0,2
Suiça	0,2
Venezuela	0,15
Líbano	0,1
Transjordânia	0,1
Perú	0,04
Guiana Holandesa	0,02
Guiana Francesa	0,02
Martinica	0,02
Polônia	0,01
Síria	0,01
Grã Bretanha	0,0001
	99,57%

EXPORTAÇÃO DE TECIDOS

A exportação brasileira de tecidos de algodão, nos últimos 6 anos, foi a seguinte:

QUADRO LVII
Exportação de tecidos de algodão
1940 — 1945

ANOS	Quantidades (mts.)	% sobre o período
1940	39.583.710	3,7
1941	92.379.320	8,5
1942	251.686.410	23,2
1943	260.458.180	24,0
1944	198.947.040	18,3
1945	242.460.000	22,3
Totais	1.085.514.660	100

A América representa o maior comprador de nossos artigos têxteis, seguida da África, da Europa e da Ásia, como é possivel constatar no quadro LVIII.

QUADRO LVIII
Distribuição da exportação por Continentes
(Percentagem)
1940 — 1945

PAÍSES	%
América	71,0
África	24,5
Europa	3,7
Ásia	0,8
Destino ignorado	—
	100

São as seguintes as quantidades exportadas para os diversos continentes nos anos de 1940 a 1945, de acôrdo com o quadro LIX.

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE
TECIDOS DE ALGODÃO
1930 - 1940
CONVENÇÕES
exportação
importação
Escala em milhões de metros
32
30
28
26
24
22
20
18
16
14
12
10
8
6
4
2
1930
31
32
33
34
35
36
37
38
39
1940

QUADRO LIX

Distribuição da exportação por Continentes

1940 — 1945

DESTINO	1940	1941	1942	1943	1944	1945	TOTAIS	
							metros	%
América	39.065.690	83.806.140	208.197.280	111.357.160	155.405.430	172.440.000	770.271.700	71,0
África	412.140	7.876.180	38.335.430	147.085.980	29.859.740	43.130.000	266.699.470	24,5
Europa	105.880	5.980	461.470	2.011.530	13.679.380	23.690.000	39.954.240	3,7
Ásia	—	691.020	4.692.230	—	2.490	3.200.000	8.585.740	0,8
Destino ignorado	—	—	—	3.510	—	—	3.510	—
Totais	39.583.710	92.379.320	251.686.410	260.458.180	198.947.040	242.460.000	1.085.514.660	100
	3,7%	8,5%	23,2%	24%	18,3%	22,3%	100%	

Tomando-se por base o quinquênio 41/45, verifica-se ser a seguinte a exportação média anual por continente:

QUADRO LX
Exportação média anual por Continente
1941 — 1945

PAÍSES	Total exportado	Média anual
América	731.206.010	146.241.202
África	266.287.330	53.257.666
Europa	39.849.360	7.969.872
Ásia	8.585.740	1.717.148
Destino ignorado	3.510	702
Totais	1.045.931.950	209.186.590

Os quadros LVI a LXIII mostram a exportação anual de tecidos de 1940 a 1945 por país de destino.

QUADRO LXI
Exportação de tecidos de algodão
1940

DESTINO	QUANTIDADE	
	Metros	%
África	**412.140**	**1,0**
Angola	18.440	
União Sul Africana	393.700	
América	**39.065.690**	**98,7**
Argentina	32.702.960	
Bolivia	667.300	
Chile	684.340	
Colômbia	618.330	
Cuba	123.760	
Equador	335.820	
Estados Unidos	110	
Guatemala	66.980	
Guiana Francesa	47.580	
Jamaica	264.350	
Panamá	279.090	
Paraguai	736.760	
Perú	423.890	
São Domingos	95.260	
Uruguai	31.890	
Venezuela	1.987.270	
Europa	**105.880**	**0,3**
Grã Bretanha	58.000	
Portugal	47.880	
Total Geral	39.583.710	100

QUADRO LXII

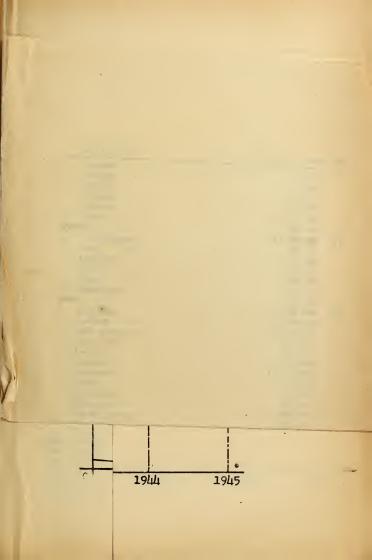
Exportação de tecidos de algodão

1941

DESTINO	QUANTIDADE	
	Metros	%
África	**7.876.180**	**8,5**
Moçambique	13.970	
União Sul Africana	7.862.210	
América	**83.806.140**	**90,7**
Ant. Holandesas	309.120	
Argentina	55.435.880	
Bolivia	586.490	
Canadá	7.310	
Chile	2.304.310	
Colômbia	2.866.890	
Cuba	152.220	
Equador	1.296.150	
Estados Unidos	1.646.480	
Guatemala	92.230	
Guiana Francesa	651.750	
Guiana Holandesa	11.080	
Honduras	26.630	
Martinica	230.130	
Nicaragua	156.700	
Panamá	250.350	
Paraguai	2.064.260	
Perú	1.162.360	
Rep. Dominicana	614.210	
Uruguai	2.040.860	
Venezuela	11.900.730	
Ásia	**691.020**	**0,8**
Java	691.020	
Europa	**5.980**	
Portugal	5.980	
Total Geral	92.379.320	100

QUADRO LXIII
Exportação de tecidos de algodão
1942

DESTINO	QUANTIDADE	
	Metros	%
África	**38.335.430**	**15,2**
Angola	220.170	
Congo Belga	1.316.590	
Congo Francês	1.247.890	
Marrocos	76.300	
Moçambique	34.490	
Nigéria	36.920	
União Sul Africana	35.403.070	
América	**208.197.280**	**82,7**
Antilhas Holandesas	233.940	
Argentina	131.227.390	
Bolivia	1.549.310	
Chile	10.085.970	
Colômbia	2.152.010	
Costa Rica	188.720	
Cuba	162.840	
Equador	2.055.470	
Estados Unidos	912.360	
Guadelupe	449.940	
Guatemala	36.080	
Guiana Francesa	179.010	
Guiana Holandesa	2.588.950	
Guiana Inglesa	545.770	
Honduras	40.420	
Martinica	246.350	
Nicaragua	934.190	
Panamá	2.163.360	
Paraguai	13.944.780	
Perú	2.761.360	
República Dominicana	1.909.010	
Trinidad	74.380	
Uruguai	19.822.020	
Venezuela	13.933.650	
Ásia	**4.692.230**	**1,9**
Java	4.692.230	
Europa	**461.470**	**0,2**
Suécia	461.470	
Total Geral	251.686.410	100

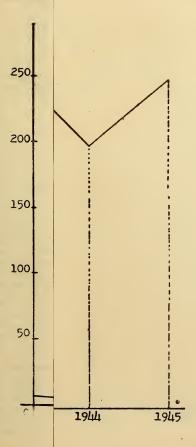
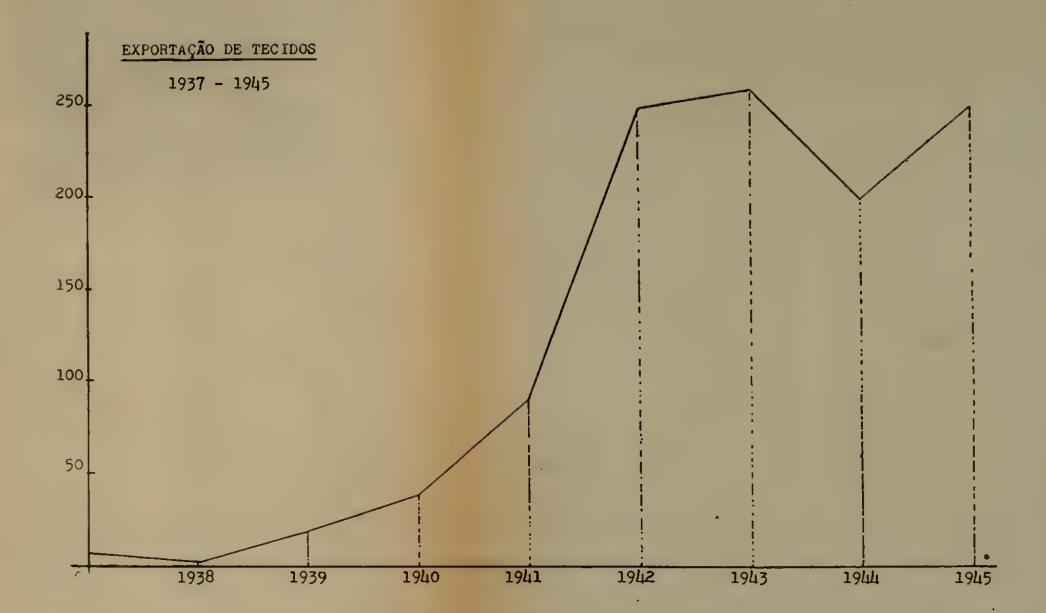
1944
1945

QUADRO LXIV

Exportação de tecidos de algodão

1943

DESTINO	QUANTIDADE Metros	%
África	**147.085 980**	**56,5**
Angola	342.590	
Camerum Francês	44.970	
Congo Belga	35 017.030	
Congo Francês	1.381.260	
Costa do Ouro	844 130	
Guiné Portuguesa	102 030	
Libéria	177.500	
Madagascar	343.160	
Madeira	35.840	
Moçambique	516 510	
Nigéria	1.418 190	
Quénia	749 660	
Rodésia	748.610	
S. Tomé e Príncipe	25 050	
Sudoeste África Inglesa	3 420	
Tanganica	10	
União Sul Africana	104.999.940	
Zanzibar	336.050	
América	**111.357.160**	**42,7**
Ant. Britânicas	31.320	
Ant. Holandesas	485.830	
Argentina	53.127.210	
Bolívia	4 615.230	
Canadá	23.570	
Chile	15.088 160	
Colômbia	1.876.560	
Cuba	118.970	
Equador	1.318.640	
Estados Unidos	281 720	
Falkland	6 030	
Guadelupe	84 230	
Guatemala	112 200	
Guiana Francesa	597.750	
Guiana Holandesa	3.635.990	
Guiana Inglesa	900.220	
Honduras	157 480	
Martinica	43.240	
Nicarágua	469.610	
Panamá	196.430	
Paraguai	7.022.260	
Perú	3.566 680	
República Dominicana	80.520	
Saint Thomas	13.610	
Trinidad	238.400	
Uruguai	9.858 960	
Venezuela	7.406.340	
Destino ignorado	**3.510**	
Europa	**2 011 530**	**0,8**
Irlanda	1.412.280	
Portugal	4.230	
Suécia	434.740	
Turquia	160.280	
Total Geral	260.458.180	100

250
200
150
100
50
1944
1945

EXPORTAÇÃO DE TECIDOS
1937 - 1945
250
200
150
100
50
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945

QUADRO LXVII

Distribuição da exportação de tecidos de algodão

QUINQUÊNIO 1941 — 1945

Total por país — Média do quinquênio — Percentagens

DESTINO	QUANTIDADE		MÉDIA ANUAL DO QUINQUÊNIO	
	Metros	%	Metros	%
América	**731.206.010**	**100,0**	**146.241.202**	**100,0**
Antigua	24.930	0,003	4.986	—
Antilhas Britânicas .	43.610	0,005	8.722	—
Antilhas Holandesas	1.148.900	0,2	229.780	0,2
Argentina	403.328.040	55,2	80.665.608	55,2
Barbados	17.280	—	3.456	—
Bolívia	12.858.630	1,8	2.571.726	1,8
Canadá	30.880	—	6.176	—
Chile	59.286.300	8,1	11.857.260	8,1
Colômbia	11.371.810	1,5	2.274.362	1,6
Costa Rica	188.720	—	37.744	—
Cuba	725.910	0,1	145.182	0,1
Equador	7.669.740	1,0	1.533.948	1,0
Estados Unidos ...	28.417.400	3,9	5.683.480	3,9
Falkland	6.030	—	1.206	—
Granada	54.670	—	10.934	—
Guadelupe	1.002.420	0,1	200.484	0,1
Guatemala	573.090	0,1	114.618	0,1
Guiana Francesa ..	3.155.000	0,4	631.120	0,4
Guiana Holandesa .	6.294.870	0,9	1.258.974	0,9
Guiana Inglesa ...	2.429.260	0,3	485.852	0,3
Haití	13.430	—	2.686	—
Honduras	663.990	0,1	132.798	0,1
Martinica	999.240	0,1	199.848	0,1
México	48.920	—	9.784	—
Nicaragua	1.662.360	0,2	332.472	0,2
Panamá	2.617.590	0,4	523.518	0,4
Paraguai	45.074.040	6,2	9.014.808	6,1
Perú	10.926.810	1,5	2.185.362	1,5
Pôrto Rico	400.000	0,1	80.000	0,1
Rep. Dominicana ..	3.815.720	0,5	763.144	0,5
Saint Thomas	13.610	—	2.722	—
Saint Vincent	22.420	—	4.484	—
Santa Lúcia	6.400	—	1.280	—
Trinidad	327.810	—	65.562	—
Uruguai	64.863.900	8,9	12.972.780	8,9
Venezuela	61.121.680	8,4	12.224.336	8,4

QUADRO LXVII (cont.)

Distribuição da exportação de tecidos de algodão

QUINQUÊNIO 1941 — 1945

DESTINO	QUANTIDADE		MÉDIA ANUAL DO QUINQUÊNIO	
	Metros	%	Metros	%
África	**266.547.330**	**100,0**	**53.309.466**	**100,0**
Açores	295.650	0,1	59.130	0,1
Angola	3.680.400	1,4	736.080	1,4
Argélia	690.000	0,3	138.000	0,3
Cabo Verde	351.390	0,1	70.278	0,1
Camerum Francês	44.970	—	8.994	—
Congo Belga	42.287.930	15,9	8.457.586	15,9
Congo Francês	2.670.630	1.0	534.126	1.0
Costa do Ouro	844.130	0.3	168.826	0,3
Egito	740.000	0,3	148.000	0,3
Gâmbia	270.000	0,1	54.000	0.1
Guiné Portuguesa	480.890	0,2	96.178	0,2
Libéria	177.500	0,1	35.500	0,1
Madagascar	343.160	0,1	68.632	0.1
Madeira	596.650	0,2	119.332	0,2
Marrocos	346.000	0,1	69.260	0,1
Moçambique	4.146.280	1,5	829.256	1,6
Nigéria	3.281.270	1,2	656.254	1,2
Quenia	749.660	1,3	149.932	0,3
Rodésia	748.640	0,3	149.728	0.3
S. Tomé e Príncipe	191.870	0,1	38.374	0,1
Senegal	170.000	0,1	34.000	0.1
Sudoeste Africa Ingl.	3.420	0,1	684	—
Tanganica	10	—	2	—
União Sul Africana	203.100.520	76,2	40.620.104	76.2
Zanzibar	336.050	0,1	67.210	0.1
Ásia	**7.165.740**	**100,0**	**1.461.148**	**100,0**
Afganistão	240.000	3,4	48.000	3,3
China	10.000	0,1	2.000	0,9
Java	5.383.250	75,1	1.076.650	75,1
Líbano	400.000	5,7	80.000	5,6
Palestina	360.000	5,0	72.000	5,0
Turquia Asiática	142.490	—	28.498	1,9
Siria	280.000	3,9	56.000	3,9
Transjordânia	490.000	6,8	98.000	6,8
Europa	**41.108.360**	**100,0**	**8.221.672**	**100,0**
França	390.000	0,9	78.000	0,9
Inglaterra	210.640	0,5	42.128	0,5
Irlanda	29.292.420	71,4	5.858.484	71,2
Noruega	230.000	0,6	46.000	0,6
Polônia	1.220.000	2,9	244.000	3,0
Portugal	256.550	0,6	51.310	0,6
Suécia	1.137.850	2,7	227.570	2,8
Turquia	8.370.900	20,4	1.674.180	20,4
Destino ignorado	**3.510**	**100,0**	**702**	**100,0**

QUADRO LXVIII

Exportação de tecidos de algodão
Quantidades em n.ºs Indices
1941 — 1945

DESTINO	1941	1942	1943	1944	1945
Antilhas Holandesas ..	100	76	157	26	13
Argentina	100	237	96	175	119
Bolivia	100	264	787	489	552
Chile	100	438	655	581	783
Colômbia	100	75	65	41	103
Cuba	100	107	78	28	175
Equador	100	159	102	65	167
Estados Unidos	100	55	17	12	1.171
Guatemala	100	39	122	111	255
Guiana Francesa	100	27	92	187	78
Guiana Holandesa ...	100	18.600	32.816	531	—
Honduras	100	152	591	599	1.048
Martinica	100	107	19	200	7
Moçambique	100	247	3.697	9.816	15.720
Nicaragua	100	596	300	8	72
Panamá	100	864	78	3	—
Paraguai	100	676	340	499	562
Perú	100	238	307	85	186
Portugal	100	—	71	1.277	1.700
Rep. Dominicana	100	311	13	88	109
Venezuela	100	117	62	43	186
União Sul Africana ..	100	450	1.336	273	414
Uruguai	100	971	483	947	676

QUADRO LXIX

Exportação brasileira de tecidos de algodão

VALÔR MÉDIO DA TONELADA

1941 — 1945

	1941	1942	1943	1944	1945
África					
Angola	—	51	53	60	59
Argélia	—	—	—	—	35
Ascenção	—	—	—	—	—
Cabo Verde	—	—	—	61	58
Camerum Francês ...	—	—	60	—	—
Congo Belga	—	23	30	31	32
Congo Francês	—	26	36	34	—
Costa do Ouro	—	—	32	—	—
Egito	—	—	—	—	67
Gâmbia	—	—	—	—	35
Guiné Portuguesa ...	—	—	47	65	74
Libéria	—	—	33	—	—
Madagascar	—	—	45	—	—
Madeira	—	—	83	106	155
Marrocos	—	—	—	—	57
Moçambique	34	46	50	64	63
Nigéria	—	32	29	27	35
Quênia	—	—	48	—	—
Rodésia	—	—	41	12	—
S. Tomé e Príncipe ..	—	—	44	60	45
Senegal	—	—	—	—	27
Sud. Afr. Inglês	—	—	9	—	—
União Sul Africana ..	17	34	47	54	53
Zanzibar	—	—	77	—	—

QUADRO LXIX (cont.)

Exportação brasileira de tecidos de algodão

VALÔR MÉDIO DA TONELADA

1941 — 1945

	1941	1942	1943	1944	1945
América do Norte e Central					
Antigua	—	—	—	36	—
Antilhas Britânicas	—	—	48	51	—
Antilhas Holandesas	22	27	39	53	72
Barbados	—	—	29	25	58
Canadá	—	—	28	—	—
Cuba	28	42	58	108	67
Estados Unidos	13	14	17	50	46
Granada	—	—	—	37	77
Guadelupe	—	34	33	56	54
Guatemala	22	37	54	58	56
Haití	—	—	—	51	—
Honduras	30	51	35	46	57
Martinica	24	28	42	43	39
México	—	—	—	111	260
Nicaragua	21	33	42	62	57
Panamá	21	30	39	67	—
Pôrto Rico	—	—	—	—	31
República Dominicana	28	27	27	50	54
Saint Christopher	—	—	—	—	—
Saint Thomas	—	—	46	—	—
Saint Vincent	—	—	—	45	—
Santa Lúcia	—	—	—	26	—
Trinidad	—	27	41	58	—

QUADRO LXIX (conc.)

Exportação brasileira de tecidos de algodão

VALÔR MÉDIO DA TONELADA

1941 — 1945

		1942	1943	1944	1945
América do Sul					
Argentina	22	30	41	53	65
Bolivia	17	39	46	57	62
Chile	38	40	37	58	60
Colômbia	25	35	47	39	49
Equador	20	37	62	63	69
Falkland	—	—	26	—	—
Guiana Francesa	23	30	38	53	59
Guiana Holandesa	29	30	36	58	—
Guiana Inglesa	—	24	29	56	—
Paraguai	27	33	36	53	54
Perú	23	45	51	61	61
Uruguai	20	27	33	41	56
Venezuela	27	37	49	65	61
Ásia					
Afganistão	—	—	—	—	61
China	—	—	—	—	49
Líbano	—	—	—	—	56
Palestina	—	—	—	—	69
Síria	—	—	—	—	46
Transjordânia	—	—	—	—	71
Turquia Asiática	—	—	—	25	30
Europa					
Açores	—	—	—	163	179
França	—	—	—	—	53
Grã Bretanha	—	—	—	57	—
Irlanda	—	—	33	48	60
Noruega	—	—	—	—	21
Polônia	—	—	—	—	40
Portugal	34	—	—	122	94
Suécia	—	15	26	26	—
Turquia Européia	—	—	23	25	36

QUADRO LXX

Valores das exportações brasileiras de tecidos de algodão em cruzeiros

1920 — 1945

1920	1.649.000,00
1921	4.956.000,00
1922	6.211.000,00
1923	9.753.000,00
1924	679.000,00
1925	242.000,00
1926	203.000,00
1927	79.000,00
1928	222.000,00
1929	188.000,00
1930	108.000,00
1931	2.989.000,00
1932	732.000,00
1933	447.000,00
1934	4.212.000,00
1935	2.431.000,00
1936	4.995.000,00
1937	10.880.000,00
1938	4.260.000,00
1939	29.387.000,00
1940	67.904.000,00
1941	208.649.000,00
1942	797.285.000,00
1943	1.104.246.000,00
1944	1.046.193.000,00
1945	1.396.762.000,00

QUADRO LXXI

Valor da exportação brasileira de tecidos de algodão
Por pais de destino

1943 — 1945

DESTINO	Valor a bordo no Brasil — (Cr$ 1.000)		
	1943	1944	1945
América do Sul	**447.068**	**812.722**	**894.791**
Argentina	219.382	519.198	434.478
Bolivia	21.576	16.427	20.128
Chile	56.646	79.038	111.786
Colômbia	8.864	5.118	16.447
Equador	8.225	5.313	15.057
Falkland	26	—	—
Guiana Francesa	2.335	6.511	3.029
Guiana Holandesa	13.397	351	—
Guiana Inglesa	2.575	5.456	—
Paraguai	25.340	55.030	63.747
Perú	18.304	6.833	14.949
Uruguai	33.134	79.265	76.818
Venezuela	37.264	34.182	138.352

QUADRO LXXI (cont.)

Valôr da exportação de tecidos de algodão
Por país de destino

1943 — 1945

DESTINO	Valor a bordo no Brasil — (Cr$ 1.000)		
	1943	1944	1945
América do Norte e Central	**10.816**	**10.833**	**129.760**
Antígua	—	109	19
Antilhas Britânicas	144	51	3
Antilhas Holandesas	2.089	427	286
Barbados	—	25	58
Canadá	57	—	20
Cuba	694	433	1.670
Estados Unidos	2.166	1.311	117.727
Granada	—	184	77
Guadelupe	300	1.178	1.405
Guatemala	597	584	1.294
Haití	—	51	—
Honduras	553	737	1.605
Martinica	209	2.392	77
México	—	333	522
Nicaragua	1.974	62	115
Panamá	796	67	—
Pôrto Rico	—	—	1.225
República Dominicana	216	2.715	3.619
Saint Cristopher	—	—	17
Saint Thomas	46	—	—
Saint Vincent	—	90	13
Santa Lúcia	—	26	8
Trinidad	975	58	—

QUADRO LXXI (cont.)
Valôr da exportação de tecidos de algodão

(Por pais de destino)

1943 — 1945

DESTINO	Valor a bordo no Brasil — (Cr$ 1.000)		
	1943	1944	1945
África	**639.771**	**156.992**	**229.596**
Angola	1.792	9.965	8.748
Argélia	—	—	2.425
Ascenção	19	—	—
Cabo Verde	—	1.102	993
Camerum Francês	239	—	—
Congo Belga	106.648	12.302	6.466
Congo Francês	4.932	137	—
Costa do Ouro	2.718	—	—
Egíto	—	—	4.969
Gâmbia	—	—	932
Guiné Portuguesa	472	2.137	369
Libéria	591	—	—
Madagascar	1.542	—	—
Madeira	333	743	7.596
Marrocos	—	—	1.549
Moçambique	2.776	8.793	13.936
Nigéria	4.145	1.845	4.059
Quênia	3.613	—	—
Rodésia	3.153	12	—
São Tomé e Príncipe	131	837	137
Senegal	—	—	459
Sudoeste Af. Inglês	9	—	—
Tanganica	0	—	—
União Sul Africana	504.034	119.119	176.958
Zanzibar	2.617	—	—

QUADRO LXXI (conclusão)
Valôr da exportação de tecidos de algodão
(Por país de destino)
1943 — 1945

DESTINO	Valor a bordo no Brasil — (Cr$ 1.000)		
	1943	1944	1945
Ásia	**–**	**356**	**15.226**
Afganistão	—	—	1.460
China	—	—	49
Líbano	—	—	2.251
Palestina	—	—	2.478
Síria	—	—	1.292
Transjordânia	—	—	3.459
Turquia Asiática	—	356	4.237
Europa	**6.591**	**65.290**	**127.389**
Açores	—	653	4.678
França	—	—	2.061
Grã-Bretanha	—	1.194	—
Irlanda	4.716	60.353	91.600
Noruega	—	—	492
Polônia	—	—	4.871
Portugal	50	1.102	1.598
Suécia	1.462	933	—
Turquia Européia	363	1.055	22.089

ENSAIO DE ESTUDO DOS MERCADOS CONSUMIDORES DE FIOS DE ALGODÃO BRASILEIROS

As estatísticas apresentadas no capítulo "Exportação de fios de algodão" são oriundas do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda. Nelas encontramos, apenas, a distribuição de 2 classes de fios, a saber: "Fios para tecelagem" e "Fios não especificados".

O desejo de alcançar análises mais detalhadas das qualidades de fios que exportamos e, bem assim, das preferências dos mercados consumidores, levou-nos a tentar um estudo, tão completo quanto possivel, dos negócios de exportação de fios que, pela Resolução n.º 10, de agosto de 1945, da CETEX, foram registrados no Serviço de Estatística dessa Comissão.

O trabalho executado com êsse fim, que apresentamos a seguir, é bastante minucioso.

Assim é que distribuimos as quantidades destinadas a cada país, pelos diversos tipos de fio e pelos vários títulos em que os mesmos se classificam.

Se tivermos oportunidade de poder repetir tal estudo nos anos mais próximos, viremos, sem dúvida, trazer aos interessados elementos uteis ao seguro conhecimento dos mercados onde deveremos colocar as sobras eventuais de nossa produção de fios de algodão.

REGISTRO DOS NEGÓCIOS DE EXPORTAÇÃO EM 1945

(Portaria n.º 60)

1.º) Total registrado e exportação realizada

a) Os negócios registrados atingem a 5.515.172 quilos. A exportação realizada alcançou 4.091.531 quilos. Nota-se, pois, que apesar de o registro ter sido iniciado somente em agosto, a quantidade registrada é maior do que a exportada. Daí confiarmos em que podemos analisar a procura no referido ano — à luz dos resultados de que dispomos.

2.º) Negócios registrados (em quilos)

A) APRECIAÇÃO GERAL

DESTINO	Cardados	Penteados	Cascame	Não especificados	TOTAIS	
					Quilos	%
América	1.676.282	297.830	89.900	152.275	2.216.287	40,2
Oriente Próximo	1.977.917	125.000	—	75.486	2.178.403	39,5
Europa	781.796	164.144	—	146.430	1.092.370	19,8
Destino ignorado	18.500	9.612	—	—	28.112	0,5
Totais	4.454.495	596.586	89.900	374.191	5.515.172	100,0
	80,8%	10,8%	1,6%	6,8%	100%	

B) TÍTULOS PREFERIDOS

FIOS CARDADOS:

Título	Quilos	%
20/1	1.395.257 quilos	31,3%
16/1	548.000 "	12,3%
20/2	466.000 "	10,5%
30/1	310.000 "	6,9%
	2.719.257 quilos	61,0%

Título médio: 20

FIOS PENTEADOS:

Título	Quilos	%
40/2	111.650 quilos	18,7%
40/1	110.490 "	18,5%
30/2	84.200 "	14,1%
30/1	83.216 "	13,9%
	389.556 quilos	65,2%

Título médio: 36

FIOS DE CASCAME:

3/1	36.500	quilos	— 40,6%	
2/1	29.400	”	— 32,7%	Título médio: 3
6/1	8.000	”	— 8,9%	
8/1	8.000	”	— 8,9%	
	81.900	quilos	— 91,1%	

FIOS NÃO ESPECIFICADOS:

Fio de estopa ..	97.075	quilos	— 25,9%	
12/1	30.639	”	— 8,2%	Título médio: 16
16/1	29.139	”	— 7,8%	
20/1	28.139	”	— 7,5%	
	184.992	quilos	— 49,4%	

C) MERCADOS

1.º — América

a) O continente americano constituiu o melhor mercado para os nossos fios de algodão, comprando-nos 2.216.287 quilos, ou sejam 40,2% dos negócios registrados. Este total se distribue pelos paises seguintes:

EXPORTAÇÃO DE FIOS DE ALGODÃO PARA O CONTINENTE AMERICANO

(em quilos)

DESTINO	Cardados	Penteados	Cascame	Não especificados	TOTAIS	
					Quilos	%
Argentina	1.064.999	209.130	—	7.500	1.281.629	57,8
Chile	251.983	11.000	85.900	42.700	391.583	17,7
Uruguai	227.300	46.050	4.000	5.000	282.350	12,7
Estados Unidos	63.000	7.000	—	97.075	167.075	7,6
Colômbia	52.000	3.750	—	—	55.750	2,5
Venezuela	17.000	19.400	—	—	36.400	1,6
Bolivia	—	1.500	—	—	1.500	0,1
Totais	1.676.282	297.830	89.900	152.275	2.216.287	100,0
	75,6%	13,4%	4,1%	6,9%	100%	

b) A procura em cada país (em quilos):

ARGENTINA

Cardados	Penteados	Diversos	TOTAL
1.064.999	209.130	7.500	1.281.629
83,1%	16,3%	0,6%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

30/2	218.000	quilos	— 20,5%	
30/1	195.780	"	— 18,4%	
16/1	159.000	"	— 14,9%	Título médio: 25
20/1	158.900	"	— 14,9%	
24/2	64.654	"	— 6,1%	
	796.334	quilos	— 74,8%	

FIOS PENTEADOS:

40/2	52.500	quilos	— 25,1%	
40/1	34.200	"	— 16,4%	
30/2	33.550	"	— 16,0%	Título médio: 39
50/1	20.000	"	— 9,6%	
36/2	15.250	"	— 7,3%	
	155.500	quilos	— 74,4%	

NÃO ESPECIFICADOS:

Não discriminamos os títulos por se tratar de pequena quantidade.

* * *

CHILE

Cardados	Cascame	Penteados	Diversos	T O T A L
251.983	85.900	11.000	42.700	391.583
64,4%	21,9%	2,8%	10,9%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

30/2	97.683 quilos	— 38,8%		
20/1	54.000 "	— 21,4%		
24/2	32.870 "	— 13,0%	Título médio:	25
16/2	28.000 "	— 11,1%		
24/1	11.000 "	— 4,4%		
	223 553 "	— 88,7%		

FIOS DE CASCAME:

3/1	36.500 quilos	— 42,5%		
2/1	27.400 "	— 31,9%		
6/1	8.000 "	— 9,3%	Título médio:	3
8/1	8.000 "	— 9,3%		
4/1	6.000 "	— 7,0%		
	85.900 "	— 100%		

FIOS PENTEADOS:

Deixamos de especificar os títulos mais procurados por se tratar de quantidade pequena.

NÃO ESPECIFICADOS

12/1	9.000 quilos	— 21,1%		
16/1	9.000 "	— 21,1%		
20/1	8.000 "	— 18,7%	Título médio:	18
30/2	5.700 "	— 13,3%		
	31.700 quilos	— 74,2%		

URUGUAI

Cardados	Penteados	Cascame	Diversos	T O T A I
227.300	46.050	4.000	5.000	282.350
80,5%	16,3%	1,4%	1,8%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

16/1	56.000 quilos — 24,6%		
28/2	55.000 " — 24,2%		
24/2	43.600 " — 19,2%	Título médio: 21	
12/1	27.900 " — 12,3%		
	182.500 quilos — 80,3%		

FIOS PENTEADOS:

40/2	16.000 quilos — 34,7%	
36/1	9.600 " — 20,8%	Título médio: 40
50/1	4.000 " — 8,7%	
	29.600 quilos — 64,3%	

FIOS DE CASCAME E NÃO ESPECIFICADOS:

Encerram pequenas quantidades.

ESTADOS UNIDOS

Cardados	Penteados	Diversos	T O T A L
63.000	7.000	97.075	167.075
37,7%	4,2%	58,1%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

4/1	20.000 quilos — 31,7%	
20/2	16.000 " — 25,4%	
24/2	10.000 " — 15,9%	Título medio: 16
30/2	7.000 " — 11,1%	
	53.000 quilos — 84.1%	

FIOS PENTEADOS:

36/1 .... 7.000 quilos — 100%,

COLÔMBIA

Cardados	Penteados	T O T A L
52.000	3.750	55.750
93,3%	6,7%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

30/1	25.000 quilos — 48,1%		
16/2	12.000 " — 23,1%	Título médio: 25
24/1	10.000 " — 19,2%	
	47.000 quilos — 90,4%	

VENEZUELA

Penteados	Cardados	T O T A L
19.400	17.000	36.400
53,3%	46,7%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

30/1	8.000 quilos — 47,1%	
20/1	5.000 " — 29,4%	Título médio: 24
16/1	4.000 " — 23,5%	
	17.000 quilos — 100%	

FIOS PENTEADOS:

30/1	7.750 quilos — 39,9%	
20/1	3.000 " — 15,5%	Título médio: 30
40/2	2.300 " — 11,9%	
36/1	2.000 " — 10,3%	
	15.050 quilos — 77,6%	

BOLÍVIA

1.500 quilos de fios PENTEADOS.

2.º) Oriente Próximo

a) Os países do Oriente Próximo compraram-nos 2.178.403 quilos — 39,5% do total dos negócios registrados.

Esses países se colocam, quanto aos totais de suas compras, na seguinte ordem:

DESTINO	Cardados	Penteados	Cascame	Não especificados	TOTAIS	
					Quilos	%
Palestina	1.637.917	35.000	—	5.000	1.677.917	77,0
Síria	300.000	90.000	—	—	390.000	17,9
Líbano	—	—	—	70.486	70.486	3,2
Transjordânia	40.000	—	—	—	40.000	1,9
Totais	1.977.917	125.000	—	75.486	2.178.403	100
	90,6%	5,7%	—	3,5%	100%	

b) A procura em cada país (em quilos):

PALESTINA

Cardados	Penteados	Não especificados	TOTAL
1.637.917	35.000	5.000	1.677.917
97,6%	2,1%	0,3%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS

20/2 .... 645.000 quilos — 39,4%
16/1 .... 190.534 " — 11,6%
20/1 .... 280.534 " — 17,1% Título médio: 20
30/2 .... 88.000 " — 5,4%
24/2 .... 83.920 " — 5,1%

1.287.989 quilos — 78,6%

FIOS PENTEADOS

40/2 .... 20.000 quilos — 57,1%
30/2 .... 10.000 " — 28,6% Título médio: 37
36/2 .... 5.000 " — 14,3%

35.000 quilos — 100%

FIOS "NÃO ESPECIFICADOS"

Quantidade muito pequena.

SÍRIA

Cardados	Penteados	Total
300.000	90.000	390.000
76,9%	23,1%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

20/1 .... 300.000 quilos — 100%

FIOS PENTEADOS:

30/2 .... 30.000 quilos — 33,3%
36/2 .... 30.000 " — 33,3%
40/2 .... 10.000 " — 11,1% Título médio: 39
50/2 .... 10.000 " — 11,1%
60/2 .... 10.000 " — 11,1%

90.000 quilos — 100%

LÍBANO

70.486 quilos de fios "não especificados", distribuidos pelos seguintes títulos:

12/1 .... 20.139 quilos — 28,6%
16/1 .... 20.139 " — 28,6%
20/1 .... 20.139 — 28,6% Titulo médio: 19
40/1 .... 10.069 " — 14,2%

70.486 quilos 100,%

TRANSJORDÂNIA

40.000 quilos de fios CARDADOS, distribuidos pelos seguintes títulos:

20/1	20.000	quilos	— 50%	
30/1	10.000	"	— 25%	Título médio: 28
40/2	10.000	"	— 25%	
	40.000	quilos	100%	

3.º) Europa

a) O velho continente comprou-nos 1.092.370 quilos — 19,8% do registro total dos negócios.

Os países europeus constantes dos nossos registros se apresentam na seguinte ordem, segundo os totais gerais:

DESTINO	Cardados	Penteados	Não especificados	TOTAIS	
				Quilos	%
Irlanda	641.769	102.544	96.430	840.743	76,9
Suécia	60.027	56.600	50.000	166.627	15,3
Portugal	50.000	—	—	50.000	4,6
Suiça	30.000	5.000	—	35.000	3,2
Totais	781.796	164.144	146.430	1.092.370	100
	71,6%	15%	13,4%	100%	

b) A procura em cada país (em quilos):

IRLANDA

Cardados	Penteados	Não especificados	TOTAL
641.769	102.544	96.430	840.743
76,3%	12,2%	11,5%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

20/1	107.957	quilos	— 16,8%	
8/1	65.000	"	— 10,1%	
10/1	45.000	"	— 7,0%	Título médio: 16
30/1	40.200	"	— 6,3%	
12/1	39.800	"	— 6,2%	
	297.957	quilos	— 46,4%	

FIOS PENTEADOS:

40/1	42.090 quilos — 41,0%		
30/1	38.454 " — 37,5%	Título médio: 33	
16/1	10.000 " — 9,6%		
36/1	5.000 " — 4,9%		
	95.544 quilos — 93,2%		

FIOS "NÃO ESPECIFICADOS"

8/1	30.000 quilos — 31,1%	
16/1	18.000 " — 18,7%	
12/1	15.000 " — 15,6%	Título médio: 14
24/1	11.000 " — 11,4%	
20/1	7.844 " — 8,1%	
	81.844 quilos — 84,9%	

SUÉCIA

Cardados	Penteados	Não especificados	TOTAL
60.027	56.600	50.000	166.627
36%	34%	30%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

30/1	20.027 quilos — 33,4%	
20/1	13.000 " — 21,7%	
24/1	10.000 " — 16,7%	Título médio: 19
10/1	5.000 " — 8,3%	
12/1	5.000 " — 8,3%	
16/1	5.000 " — 8,3%	
	58.027 quilos — 96,7%	

FIOS PENTEADOS:

40/1	23.000 quilos — 40,6%	
30/1	17.600 " — 31,1%	Título médio: 35
30/2	10.000 " — 17,7%	
	50.600 quilos — 89,4%	

FIOS "NÃO ESPECIFICADOS":

12	10.000	quilos	— 20%	
16	10.000	"	— 20%	
20	10.000	"	— 20%	Título médio: 20
24	10.000	"	— 20%	
30	10.000	"	— 20%	
	50.000	quilos	— 100%	

PORTUGAL

50.000 quilos de fios cardados, do título 20/1.

SUIÇA

Cardados	Penteados	TOTAL
30.000	5.000	35.000
85,7%	14,3%	100%

Títulos preferidos

FIOS CARDADOS:

24/1	10.000	quilos	— 33,4%	
24/2	10.000	"	— 33,4%	Título médio: 23
18/1	5.500	"	— 18,2%	
	25.500	quilos	— 85%	

FIOS PENTEADOS:

5.000 quilos do título 16/4.

4.º) Destino ignorado

a) Resta apenas uma pequena quantidade, cujo destino não nos foi possível determinar. Totalizaram 28.112 quilos — 0,5% do total registrado.

b) Esta quantidade engloba fios:

CARDADOS	e	PENTEADOS
18.500		9.612
65,8%		34,2%

c) Compreendem os seguintes títulos:

FIOS CARDADOS:

30/1	13.500	quilos	— 73,3%	
30/2	3.000	"	— 16,2%	Título médio: 53
60/2	2.000	"	— 10,8%	
	18.500	quilos	— 100%	

FIOS PENTEADOS:

40/1	7.000 quilos — 72,8%	Título médio: 37
30/1	2.612 " — 27,2%	
	9.612 quilos — 100%	

* * *

ENSÁIO DE ESTUDO DOS MERCADOS CONSUMIDORES DE TECIDOS DE ALGODÃO BRASILEIROS

Baseamos os trabalhos apresentados em nosso capítulo "Exportação de tecidos de algodão" nos dados fornecidos pelo Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, nos quais os únicos elementos de que podemos dispôr são: — a quantidade em quilos dos têxteis exportados, o valor das exportações realizadas e os paises de destino das mesmas.

De acôrdo com a orientação seguida quanto aos fios de algodão, e, tendo em vista o registro determinado pela Portaria n.º 87 da CETEX "das quantidades ainda não exportadas dos negócios fechados até 28 de fevereiro do corrente ano", realizamos um estudo detalhado do material que nos foi apresentado e que corresponde a 86.901.416 de metros de tecidos de algodão destinados aos mais diversos paises.

Completada que seja a tentativa agora feita, à custa de novas pesquisas a serem executadas nos anos próximos, teremos reunido elementos de bem grande valor para orientação dos responsáveis e interessados em nossa exportação de tecidos de algodão.

1.º — Apreciação geral

a) A Portaria n.º 87, de 20-3-946, do Sr. Presidente da CETEX, determinou o registro, neste serviço, dos saldos dos negócios já registrados até 28 de fevereiro p. passado. A exportação foi suspensa a partir do referido mês.

b) O registro então procedido atingiu ao total de 192.164.078m. Entretanto, porque nem todos os interessados nos informassem convenientemente, sòmente 45,2% desse total, ou sejam 86.901.416m. podem ser apresentados, nesta oportunidade, distribuidos segundo os vários tipos de tecidos.

c) Quanto à classificação dos tecidos, adotamos a que melhor enquadrasse as informações prestadas pelos interessados por ocasião do registro. Foi nosso propósito, contudo, evitar uma classificação extensa.

Dentro desse critério obtivemos os seguintes resultados:

DISTRIBUIÇÃO PELOS CONTINENTES POR QUALIDADE DE TECIDOS

DESTINO	TECIDOS DE ALGODÃO							TOTAIS	
	Estampados	Tintos	Alvejados	Crus	Xadrezes	Listados	Diversos	metros	%
América	20.228.948	17.245.944	8.804.945	8.889.674	3.458.603	1.734.993	14.239.233	74.602.340	85,8
África	2.338.558	4.076.387	481.749	121.920	208.716	239.750	1.540.016	9.007.096	10,4
Europa	426.900	263.843	321.340	371.970	—	—	324.806	1.708.859	2,0
Oriente Próximo ...	264.943	56.028	160.729	267.051	—	—	550.906	1.299.657	1,5
Ásia	—	—	—	—	—	—	283.464	283.464	0,3
Totais	23.259.349	21.642.202	9.768.763	9.650.615	3.667.319	1.974.743	16.938.425	86.901.416	100%
	26,8%	24,9%	11,2%	11,1%	4,2%	2,3%	19,5%	100%	

2.º — Mercado em cada Continente

AMÉRICA

a) O continente americano apresenta-se em primeiro lugar, com 74.602.340m., ou sejam 85,8% do total geral.

b) A grande maioria desses tecidos — 96,8% — foi negociada nos seis países seguintes:

País	Metros	%	
Argentina	51.232.968 m.	— 68,7%	86,7%
Chile	8.225.067 m.	— 11,0%	
Uruguai	5.186.706 m.	— 7,0%	
Venezuela	3.676.629 m.	— 4,9%	
Estados Unidos	2.044.204 m.	— 2,7%	
Paraguai	1.855.539 m.	— 2,5%	
Total	72.221.113 m.	— 96,8%	

c) Relativamente aos tecidos preferidos, em cada país, obtivemos os seguintes resultados:

ARGENTINA — 51.232.968 m., dos quais:

Estamp.	Tintos	Alvej.	Xadrezes	Crus	List.	Div.	Total
28,4%	25,5%	12,3%	6,2%	5,1%	2,6%	19,9%	100%

CHILE — 8.225.067 m., dos quais:

Crus	Estamp.	Tintos	Alvej.	List.	Div.	Total
50%	25,7%	8,0%	7,7%	3,4%	5,2%	100%

URUGUAI — 5.186.706 m., dos quais:

Estamp.	Crus	Alvej.	Tintos	Xadrezes	List.	Div.	Total
31,6%	18,4%	18,3%	6,9%	0,4%	—	24,4%	100%

VENEZUELA — 3.676.629 m., dos quais:

Tintos	Alvej.	Estamp.	List.	Div.	Total
46,5%	10,4%	4,1%	0,3%	38,7%	100%

ESTADOS UNIDOS — 2.044.204 m., dos quais:

Estamp.	Crus	Alvej.	Tintos	Div.	Total
49,4%	36,6%	12,2%	1,7%	0,1%	100%

PARAGUAI — 1.855.539 m., dos quais:

Tintos	Estamp.	Xadrezes	Crus	Alvej.	List.	Div.	Total
35%	17,7%	12,9%	6,6%	5,4%	4,7%	17,7%	100%

EQUADOR — 1.065.850 m., dos quais

Estamp.	Crus	Tintos	Alvej.	Div.	Total
31,4%	30,9%	18,8%	9,9%	9,0%	100%

BOLIVIA — 339.959 m., dos quais:

Tintos	Estamp.	List.	Alvej.	Xadrezes	Div.	Total
36,2%	26,9%	3,2%	2,6%	1,1%	30,0%	100%

REPÚBLICA DOMINICANA — 317.050 m. dos quais:

Tintos	Alvej.	Total
95%	5%	100%

COLOMBIA — 289.413 m., dos quais:

Estamp.	Tintos	Crus	Div.	Total
5,8%	2,1%	0,5%	91,6%	100%

CUBA — 140.727 m., dos quais:

Tintos	Alvej.	Div.	Total
36,2%	22,6%	41,2%	100%

PERÚ — 86.473 m., dos quais:

Alvej.	Tintos	Estamp.	Div.	Total
39,2%	32,4%	24,9%	3,5%	100%

MÉXICO — 41.500 m., dos quais:

Tintos	Div.	Total
65,1%	34,9%	100%

Honduras .... 31.755 m. de "Diversos"
Nicaragua .... 16.720 m. de "Diversos"
Guiana Inglesa .... 14.780 m. de "Tecido tinto"
Panamá .... 10.200 m. de "Tecido tinto"
Guatemala .... 8.000, dos quais:

Tintos	Div.	Total
68,8%	31,2%	100%

d) Principais países importadores, segundo cada tipo de pano:

ESTAMPADOS — 20.228.948 m.

Argentina	Chile	Uruguai	E. Unidos	Equador	Total
71,8%	10,5%	8,1%	5%	1,7%	97,1%

TINTOS — 17.245.944 m.

Argentina	Venezuela	Chile	Paraguai	Uruguai	Total
75,8%	9,9%	3,8%	3,7%	2,1%	95,3%

CRUS — 8.889.674 m.

Chile	Argentina	Uruguai	E. Unidos	Equador	Total
46,3%	29,5%	10,7%	8,4%	3,7%	98,6%

ALVEJADOS — 8.804.945 m.

Argentina	Uruguai	Chile	Venezuela	E. Unidos	Total
71,4%	10,8%	7,2%	4,4%	2,8%	96,6%

XADREZES — 3.458.603 m.

Argentina	Paraguai	Uruguai	Bolivia	Total
92,3%	6,9%	0,7%	0,1%	100%

LISTADOS — 1.734.993 m.

Argentina	Chile	Paraguai	Bolivia	Venezuela	Total
77,6%	16,1%	5%	0,6%	0,6%	99,9%

DIVERSOS — 14.239.233 m.

Argentina	Venezuela	Uruguai	Chile	Paraguai	Total
71,7%	10%	8,9%	3%	2,3%	86,9%

ÁFRICA

a) Registramos para a África, 9.007.096 m., ou sejam 10,4% do total geral.

b) Os países e colônias africanas constantes dos nossos registros são:

África do Sul	8.270.746 m. —	91,8%	96,3%
Egito	410.100 m. —	4,5%	
África Francêsa	223.535 m. —	2,5%	
Ilha da Madeira	81.015 m. —	0,9%	
Moçambique	14.500 m. —	0,2%	
Angola	7.200 m. —	0,1%	

c) Relativamente às preferências de cada país apuramos:

ÁFRICA DO SUL — 8.270.746 m., dos quais:

Tintos	Estamp.	Alvej.	List.	Xadrezes	Crus	Div.	Total
49,2%	25,6%	4,8%	2,6%	1,8%	0,3%	15,7%	100%

EGITO — 410.100 m., dos quais:

Estamp.	Crus	List.	Tintos	Div.	Total
53,6%	24,4%	6,1%	0,4%	15,5%	100%

ÁFRICA FRANCÊSA — 223.535 m., dos quais:

Xadrezes	Diversos	Total
27,9%	72,1%	100%

Ilha da Madeira ...... 81.015 m. de tecidos alvejados

Moçambique .... 14.500 m. de "Diversos" tecidos.

ANGOLA — 7.200 m., dos quais:

Tintos	Alvejados	Total
66,7%	33,3%	100%

d) Classificação dos países e colônias segundo a qualidade dos tecidos:

TINTOS — 4.076.387 m.

Africa do Sul	Angola	Egito	Total
99,9%	0,1%	—	100%

ESTAMPADOS — 2.338.558 m.

Africa do Sul	Egito	Total
90,6%	9,4%	100%

ALVEJADOS — 481.749 m

Africa do Sul	Ilha da Madeira	Angola	Total
82,7%	16,8%	0,5%	100%

LISTADOS — 239.750 m.

Africa do Sul	Egito	Total
89,6%	10,4%	100%

XADREZES — 208.716 m.

Africa do Sul	Africa Francesa	Total
70,1%	29,9%	100%

CRUS — 121.920 m.

Egito	Africa do Sul	Total
82%	18%	100%

DIVERSOS — 1.540.016 m.

Africa do Sul	Africa Francêsa	Egito	I. Madeira	Total
84,5%	10,5%	4,1%	0,9%	100%

EUROPA

a) A Europa aparece com 1.708.859 m., ou sejam 2% do total geral.

b) Os paises europeus com os quais negociamos esses tecidos se dispõem na seguinte ordem:

Irlanda	1.085.922 m.	— 63,6%
Dinamarca	424.400 m.	— 24,8%
Inglaterra	96.737 m.	— 5,7%
Portugal	51.800 m.	— 3,0%
França	50.000 m.	— 2,9%
Total	1.708.859 m.	— 100%

c) A procura em cada país importador se revela nos seguintes termos:

IRLANDA — 1.085.922 m., dos quais:

Crus	Alv.	Tintos	Estamp.	Div.	Total
29,6%	29,3%	13,8%	6,7%	20,6%	100%

DINAMARCA — 424.400 m., dos quais:

Estampados	Tintos	Total
79,3%	20,7%	100%

INGLATERRA — 96.737 m. de "Diversos"

PORTUGAL — 51.800 m., dos quais:

Tintos	Estamp.	Alv.	Div.	Total
51%	34%	6,2%	8,8%	100%

FRANÇA — 50.000 m. de tecidos "crus"

d) Relativamente à qualidade dos tecidos, os paises europeus se classificam na seguinte ordem:

ESTAMPADOS — 426.900 m.

Dinamarca	Irlanda	Portugal	Total
78,8%	17,1%	4,1%	100%

CRUS — 371.970 m.

Irlanda	França	Total
86,6%	13,4%	100%

ALVEJADOS — 321.340 m.

Irlanda	Portugal	Total
99%	1%	100%

TINTOS — 263.843 m.

Irlanda	Dinamarca	Portugal	Total
56,6%	33,4%	10%	100%

DIVERSOS — 324.806 m.

Irlanda	Inglaterra	Portugal	Total
68,8%	29,8%	1,4%	100%

ORIENTE PRÓXIMO

a) Os paises adiante especificados, que agrupamos na região denominada Oriente Próximo, têm 1.299.657m. registrados, ou sejam 1,5% do total geral.

b) Esta quantidade se distribue pelos seguintes paises:

Palestina	645.067 m.	— 49,6%
Transjordânia	410.134 m.	— 31,6%
Líbano	207.880 m.	— 16,0%
Síria	36.576 m.	— 2,8%
Total	1.299.657 m.	— 100%

c) Quanto à procura, em cada país, fixamos:
PALESTINA — 645.067 m., dos quais:

Crus	Estamp.	Alv.	Diversos	Total
36,8%	23%	3,1%	37,1%	100%

TRANSJORDÂNIA — 410.134 m., dos quais:

Alv.	Estamp.	Tintos	Crus	Div.	Total
28,2%	19,5%	13,7%	7,3%	31,3%	100%

LÍBANO — 207.880 m., dos quais:

Alv.	Diversos	Total
88%	12%	100%

SÍRIA — 36.576 m. de tecidos estampados

d) Relativamente à qualidade dos panos, esses paises se dispõem na seguinte ordem:

CRUS — 267.051 m.

Palestina	Transjordania	Total
88,8%	11,2%	100%

ESTAMPADOS — 264.943 m.

Palestina	Transjordania	Siria	Total
56,1%	30,1%	13,8%	100%

ALVEJADOS — 160.729 m.

Transjordania	Libano	Palestina	Total
72,1%	15,5%	12,4%	100%

TINTOS — 56.028 m. para a Transjordânia

DIVERSOS — 550.906 m.

Palestina	Libano	Transjordania	Total
43,5%	33,2%	23,3%	100%.

ÁSIA

a) Os negócios para a Asia totalizaram ...... 283.464m. ou 0,3% do total geral.

b) Trata-se de tecidos classificados no grupo "Diversos".

c) Tivemos nesse continente apenas um comprador: a Indo-China.

* * *

3.º) Distribuição pelos Estados da Federação Brasileira onde os tecidos foram fabricados

ESTAMPADOS — 26,8% do total

ESTADOS	Metros	%
São Paulo	12.471.672	53,6
Distrito Federal	6.631.359	28,5
Rio de Janeiro	3.898.318	16,8
Minas Gerais	258.000	1,1
Total	23.259.349	100

TINTOS — 24,9% do total

ESTADOS	Metros	%
Distrito Federal	11.177.728	51,6
São Paulo	9.392.208	43,4
Minas Gerais	662.910	3,1
Rio de Janeiro	308.700	1,4
Santa Catarina	100.656	0,5
Total	21.642.202	100

DIVERSOS — 19,5% do total

ESTADOS	Metros	%
Distrito Federal	6.298.133	37,2
São Paulo	5.563.009	32,8
Pernambuco	2.271.806	13,4
Minas Gerais	2.179.809	12,8
Rio de Janeiro	370.676	2,2
Maranhão	215.334	1,3
Paraíba	28.000	0,2
Santa Catarina	11.658	0,1
Total	16.938.425	100

ALVEJADOS — 11,2% do total

ESTADOS	Metros	%
Distrito Federal	5.762.707	59,0
São Paulo	3.796.626	38,9
Pernambuco	139.840	1,4
Minas Gerais	69.590	0,7
Total	9.768.763	100

CRUS — 11,1% do total

ESTADOS	Metros	%
Distrito Federal	6.545.570	67,8
São Paulo	2.520.045	26,1
Minas Gerais	440.000	4,6
Rio de Janeiro	145.000	1,5
Total	9.650.615	100

XADREZES -- 4,2% do total

ESTADOS	Metros	%
São Paulo	3.367.519	91,8
Minas Gerais	195.500	5,3
Distrito Federal	104.300	2,9
Total	3.667.319	100

LISTADOS — 2,3% do total

ESTADOS	Metros	%
São Paulo	1.223.520	62,0
Distrito Federal	751.223	38,0
Total	1.974.743	100

4.° — Exportadores

Os exportadores estão divididos em dois grupos.

a) intermediários;
b) fabricantes.

Se, na distribuição dos tecidos pelos exportadores que os negociaram e pelos estados onde foram fabricados, nos interessarmos sómente pelos totais, posta de lado, por conseguinte, a qualidade desses tecidos, poderemos operar com 192.164.078m., total geral a que atingiu nosso registro. Desse modo temos:

ESTADOS	EXPORTADORES								TOTAIS	
	INTERMEDIÁRIOS				FABRICANTES					
	Quantidade		Registro		Quantidade		Registro			
	N.°	%	Metros	%	N.°	%	Metros	%	N.°	Metros
Distrito Federal	46	90,2	134.235.815	96,2	5	9,8	5.343.674	3,8	51	139.579.489
São Paulo	40	65,6	17.035.678	41,4	21	34,4	24.100.993	58,6	61	41.136.671
Rio de Janeiro	—	—	—	—	6	100	4.722.694	100	6	4.722.694
Minas Gerais	—	—	—	—	13	100	3.805.809	100	13	3.805.809
Pernambuco	2	50	150.720	6,2	2	50	2.260.926	93,8	4	2.411.646
Santa Catarina	—	—	—	—	3	100	264.435	100	3	264.435
Maranhão	—	—	—	—	1	100	215.334	100	1	215.334
Paraíba	—	—	—	—	1	100	28.000	100	1	28.000
Total	88	63	151.422.213	79	52	37	40.741.865	21	140	192.164.078

SUSPENSÃO DAS EXPORTAÇÕES DE TECIDOS E ARTEFATOS DE ALGODÃO E MISTOS DE ALGODÃO

O consumo de tecidos e artefatos de algodão pelo mercado interno brasileiro é calculado em cêrca de 850 a 900 milhões de metros anuais.

Nesse total incluem-se: — os artefatos (cobertores, toalhas e colchas), que representam cêrca de .... 12.500.000 unidades fabricadas anualmente; os panos crus, utilizados na indústria de sacaria: — cêrca de 100.000.000 de metros (ou, sejam, aproximadamente, 60 milhões de sacos de algodão, produzidos anualmente), os tecidos para estofo, cortinas, veludos, panos couros, etc...

Subtraindo dos 850 a 900 milhões de metros consumidos os 100 milhões de metros de panos para sacos, que não se destinam ao vestuário, encontramos 750 a 800 milhões de metros, correspondentes ao consumo anual "per capita" de 17,5 metros, aproximadamente, que é bastante baixo, em comparação com o consumo dos paises mais civilizados (30 a 38 metros).

Essa sobra anual de 850 a 900 milhões de metros, que restam para consumo do mercado nacional, deve, pois, ser cuidadosamente defendida, posto que já não representa senão a quantidade imprescindível ao mínimo da necessidade de nosso povo, que, em geral, veste pouco e mal.

A elevação do "standard" de vida do brasileiro e de seu poder aquisitivo, fruto da industrialização do país e do consequente aumento de salário de seus operários, determinará, sem dúvida, que, em breve prazo, as exigências do mercado interno cresçam de maneira a fazer desaparecer por absorção as sobras agora disponíveis, e que vêm sendo exportadas. Ao aumento e modernização do maquinário têxtil, convém rea-

firmar, estará condicionada para o futuro nossas possibilidades de exportar artigos têxteis.

A CETEX controlou em 1944, 1945 e primeiro trimestre de 1946, o total das entregas de tecidos de algodão ao mercado nacional, registrando-se os seguintes valores:

1944 — total consumido pelo mercado interno: 949.300.000 m. ou, sejam, 79.108.000 m. de média mensal.

1945 — total consumido pelo mercado interno: 857.540.000 m. ou, sejam, 71.461.000 m. de média mensal.

1946 — 1.º trimestre — total consumido pelo mercado interno: 163.965.000 m., ou, sejam, 54.655.300 m. de média mensal.

Verifica-se dessa forma, nas entregas ao mercado interno, em 1946, uma diferença para menos de cêrca de 17.000.000 m. mensais, em relação a 1945 e 24,5 milhões de m. mensais em relação a 1944.

Vimos no capítulo "Produção" que se verificou pequena queda (de 6,5%) na produção de 1945, em relação a de 1944 e nova queda (4%) no primeiro semestre de 1946 em relação ao primeiro semestre de 1945.

Dessa fórma, a grande diferença que se observa nas quantidades de tecidos oferecidos ao consumo interno, em 1944, 1945 e 1946, só pode ser atribuida ao aumento de exportação verificado (16.600.000 m. mensais — média em 1945; 29.164.000 m. mensais — média nos três primeiros mêses de 1946).

A partir de agosto de 1945, a CETEX tendo em vista a necessidade de subordinar as exportações a contrôle estatístico, determinou registro prévio dos negócios realizados para exportações de artigos têxteis pelas fábricas e intermediários (Portaria n.º 60).

Esse registro pode ser expresso nos seguintes números:

1945 — Setembro	....	4.940.776,30 m.
Outubro	....	8.002.685,14 m.
Novembro	....	11.772.458,53 m.
Dezembro	....	12.015.672,36 m.
1946 — Janeiro	....	31.090.852,10 m.
Fevereiro	....	70.236.209,00 m.
Março (ap. 15 dias)		35.078.064,60 m.

Constata-se, dessa forma, grande aumento verificado nos negócios realizados para exportação de têxteis, o qual pode ser atribuido a:

1) Recuperação econômica dos paises europeus, alguns meses após o término da guerra.
2) Grande falta de artigos têxteis em todo mundo e pequena produção por parte dos fornecedores normais de tecidos aos mercados internacionais.
3) Maiores possibilidades de obtenção de transporte marítimo.
4) Redução de 10% nos preços dos tecidos de algodão a serem entregues no mercado interno, a partir de 2-1-946, imposta pela Coordenação da Mobilização Econômica (Portarias n.ºs 430 e 431).

Tomando-se por base as quantidades registradas nos últimos 3 mêses (março 70.000.000 m., como dobro do registro verificado nos 15 dias) foi possivel fazer a previsão do total a ser atingido pela exportação têxtil no ano de 1946: — 685.920,000m, quantidade excessiva, inadmissivel por prejudicial a nossos interêsses, pois a situação do consumidor nacional seria calamitosa, privado quasi totalmente dos artigos indispensáveis às suas necessidades mínimas de vestuário.

A grande procura de nossos artigos têxteis por parte dos mercados internacionais, bem assim, o grande vulto que deveria tomar a exportação no corrente ano, ficou, mais uma vez, atestado pelo "registro de negócios de exportação fechados com o exterior até 28-2-46 e não concluidos até 15-3-46 com o efetivo embarque das mercadorias", determinado pela portaria n.º 87, da CETEX.

Esse registro mostrou que, apesar dos grandes embarques verificados até 15 de março, ainda restavam 204 milhões de metros, com negócios fechados para embarque em prazo curto e determinado, sendo de prevêr que tais negócios viessem a tomar vulto muito maior ainda, à medida que, como veio a acontecer, crescessem as possibilidades de obtenção de transporte marítimo.

Tais foram as causas determinantes da suspensão de exportação de artigos têxteis de algodão, verificada em 15-3-946, pela Resolução n.° 23 da CETEX.

Dessa situação de emergência, imposta, por outro lado, pela política econômica de cerceamento das exportações brasileiras em geral, deve a indústria têxtil sair de maneira segura, buscando encontrar o caminho que lhe garanta o direito de exportar os excessos de sua produção sem prejuízos para o abastecimento do mercado interno.

Os Convênios comerciais a serem estabelecidos com diversos paises e o estabelecimento de quotas para os fabricantes, representam, sem dúvida, a solução para a difícil e momentosa questão.

* * *

QUADRO LXXII

Variações dos valores médios da exportação de tecidos de algodão

JANEIRO-JULHO DE 1946

Mêses	Valôr médio em Cr$ por metro
Janeiro	5.60
Fevereiro	5.60
Março	5.70
Abril	5.93
Maio	3.87
Junho	2.73
Julho	3.56
MÉDIA 7 MÊSES	4.71

CONSUMO

QUADRO LXXIII

Consumo de Energia Hidráulica

(Inclusive por parte de malharias)
1944

ESTADOS	N.º de Fábricas		Energia hidráulica	Percentagem sobre o total
	Exist.	Com usina hidráulica	HP.	%
Pará	1	—	—	—
Maranhão	8	—	—	—
Piauí	1	—	—	—
Ceará	7	—	—	—
R. G. do Norte ...	2	—	—	—
Paraíba	5	1	41	0,1
Pernambuco	14	2	1.020	2,6
Alagôas	9	2	1.810	4,7
Sergipe	12	1	675	1,8
Bahia	6	1	3.000	7,7
Espírito Santo	1	—	—	—
Rio de Janeiro	30	8	5.078	13,0
Distrito Federal	20	1	1	—
Minas Gerais	66	19	4.284	11,0
São Paulo	287	11	22.911	58,8
Paraná	2	—	—	—
Santa Catarina	28	3	130	0,3
R. G. do Sul	7	—	—	—
Totais	506	49	38.950	100,0

QUADRO LXXIV
Consumo de Energia Elétrica
1944

ESTADOS	N.º de Fábricas		Energia Elétrica	Perc.
	Exist.	Consumidoras de energia	Kwh	%
Pará	1	1	662.287	0,2
Maranhão	8	3	979.828	0,2
Piauí	1	1	2.507	—
Ceará	7	6	1.505.394	0,4
R. G. do Norte	2	1	113.052	—
Paraíba	5	3	13.469.750	3,3
Pernambuco	14	12	34.058.511	8,2
Alagôas	9	3	3.730.388	0,9
Sergipe	12	4	3.826.869	0,9
Bahia	6	5	9.240.652	2,2
Espírito Santo	1	1	840.520	0,2
Rio de Janeiro	30	26	18.627.547	4,5
Distrito Federal	20	19	59.914.038	14,4
Minas Gerais	66	53	47.865.425	11,5
São Paulo	287	251	211.039.618	50,8
Paraná	2	2	18.111	—
Santa Catarina	28	27	6.390.608	1,5
Rio G. do Sul	7	7	3.422.794	0,8
Totais	506	425	415.707.899	100,0

QUADRO LXXV
Consumo de Lenha e Carvão
1944

ESTADOS	N.º de Fábricas consumidoras de lenha	Lenha (m3)	N.º de Fábricas consumidoras de carvão	Carvão (quilos)
Pará	—	—	—	—
Maranhão	8	131.665	5	50.750
Piauí	1	13.207	1	8.500
Ceará	7	38.870	1	2.000
Rio G. do Norte	1	115	—	—
Paraíba	4	305.887	3	422.586
Pernambuco	13	549.060	6	148.469
Alagôas	9	206.031	4	77.378
Sergipe	11	13.849.842	4	39.060
Bahia	5	43.079	1	3.390
Espírito Santo	—	—	—	—
Rio de Janeiro	21	136.292	15	4.900.156
Distrito Federal	11	252.010	8	7.392.992
Minas Gerais	61	232.612	15	1.674.265
São Paulo	144	1.217.469	39	1.361.220
Paraná	1	511	1	2.000
Santa Catarina	24	55.694	7	57.811
Rio G. do Sul	5	41.259	5	512.505
Totais	326	17.073.603	115	16.653.082

QUADRO LXXVI

Consumo de "Diversos" combustíveis em 1944

(Inclusive pelas malharias)

ESTADOS	N.º DE FABRICAS		Óleos	Gasolina	Querozene	Alcool Motor	OUTROS	COMBUSTIVEIS
	Exist.	Cons.					Em litros	Em quilos
Pará	1	—	—	—	—	—	—	—
Maranhão	8	6	43.600	—	—	—	10.836	—
Piauí	1	1	5.000	—	—	—	—	—
Ceará	7	3	15.000	34.542	—	—	—	200 (graxa)
Rio Grande do Norte	2	—	—	—	—	—	—	—
Paraíba	5	3	194.652	—	—	—	176.862	24
Pernambuco	14	8	700.039	12.460	—	8.400	100.823	1.026.393
Alagôas	9	3	245.247	6.600	—	—	—	—
Sergipe	12	8	525.410	—	—	—	8.364	—
Bahia	6	—	—	—	—	—	—	—
Espírito Santo	1	—	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	30	9	1.354.301	—	410	7.300	4.600	359.340
" " "	—	—	—	—	—	—	—	7.785 (torta de alg.)
Distrito Federal	20	9	5.374.300	9.604	—	5.632	—	3.691.654
" "	—	—	—	—	—	—	—	230.490 (carv. veg.)
" "	—	—	—	—	—	—	—	225.700 (torta de alg.)
Minas Gerais	66	24	48.520	35.536	252	40.167	1.207	2.170
São Paulo	287	88	2.878.074	16.173	993	—	299.296	14.522.644
" "	—	—	—	—	—	—	—	60.000 (carv. veg.)
" "	—	—	—	—	—	—	—	3.793.963 (torta de alg.)
" "	—	—	—	—	—	—	—	484.347 (couro)
" "	—	—	—	—	—	—	—	982.346 (nó de Pinho)
" "	—	—	—	—	—	—	—	50 (graxa)
" "	—	—	—	—	—	—	—	280 (carv. coke)
Paraná	2	2	350	180	—	—	—	—
Santa Catarina	28	11	10.948	4.200	—	—	—	410
Rio Grande do Sul	7	2	2.235	—	—	—	28	—
Total Geral	506	177	11.397.676	119.295	1.655	61.499	602.016	25.387.796 —

QUADRO LXXVII

Consumo de Algodão em rama

1943 — 1944

ESTADOS	1943	1944
São Paulo	80.784.037.600	71.971.608.450
Minas Gerais	21.139.079.500	21.230.566.580
Pernambuco	17.433.540.000	18.764.567.500
Distrito Federal	18.270.349.600	17.388.240.000
Rio de Janeiro	14.632.129.400	12.947.565.000
Sergipe	6.673.919.000	6.401.311.000
Alagôas	5.485.789.000	7.402.882.000
Bahia	4.095.702.300	3.934.423.000
Ceará	3.858.311.000	2.899.204.000
Maranhão	3.604.731.000	3.585.536.000
Santa Catarina	3.079.961.500	2.667.217.500
Paraíba	2.554.449.000	4.423.744.500
Pará	561.835.000	439.181.000
Rio Grande do Sul	330.449.000	749.727.000
Espírito Santo	240.992.000	294.192.000
Rio Grande do Norte ..	133.418.000	165.862.000
Piauí	109.942.000	43.380.000
Paraná	—	—
Totais	182.878.692.900	175.309.240.530
Diferença		7.569.488.370

QUADRO LXXVIII

Consumo de fio de algodão

1943

ESTADOS	Quantidades (em quilos)
Pará	512.708,00
Maranhão	2.842.704,00
Piauí	135.160,00
Ceará	2.283.438,00
Rio Grande do Norte	33.689,00
Paraíba	1.359.618,00
Pernambuco	9.419.762,20
Alagôas	2.315.863,80
Sergipe	4.712.209,00
Bahia	3.753.708,00
Espírito Santo	263.583,00
Rio de Janeiro	11.207.717,10
Distrito Federal	8.945.554,80
Minas Gerais	13.677.756,96
São Paulo	65.518.335,03
Paraná	10.318,00
Santa Catarina	2.928.453,00
Rio Grande do Sul	246.900,00
Total	130.167.477,80

QUADRO LXXIX
Consumo de fio de algodão
1944

ESTADOS	QUANTIDADE
	(em quilos)
Pará	397.564,00
Maranhão	2.892.588,00
Piauí	154.030,00
Ceará	1.275.869,00
Rio Grande do Norte	113.625,00
Paraíba	3.366.002,50
Pernambuco	11.690.347,40
Alagôas	4.197.175,00
Sergipe	4.166.236,00
Bahia	1.595.439,00
Espírito Santo	314.583,00
Rio de Janeiro	11.233.588,85
Distrito Federal	13.167.631,70
Minas Gerais	13.828.842,90
São Paulo	50.229.208,21
Paraná	8.732,00
Santa Catarina	2.843.772,80
Rio Grande do Sul	639.792,00
Totais	122.115.027,36

QUADRO LXXX

Consumo de Anilina Nacional
1944

ESTADOS	N.º DE FABRICAS Exist.	N.º DE FABRICAS Cons.	Anilina nacional (em quilos)
Pará	1	1	8
Maranhão	8	6	12.814
Piauí	1	1	160
Ceará	7	3	343
Rio Grande do Norte	2	1	120
Paraíba	5	1	6
Pernambuco	14	9	39.323
Alagôas	9	5	7.395
Sergipe	12	6	8.653
Bahia	6	3	27.099
Espírito Santo	1	1	6.092
Distrito Federal	20	6	8.628.160
Rio de Janeiro	30	13	423.422
Minas Gerais	66	24	109.195
São Paulo	287	62	652.540
Paraná	2	—	—
Santa Catarina	28	8	6.390
Rio Grande do Sul	7	4	7.259
Totais	506	154	9.928.979

QUADRO LXXXI

Consumo de anilina estrangeira

1944

ESTADOS	N.º DE FABRICAS		ANILINA ESTRANGEIRA
	Existentes	Consumidoras	
Pará	1	—	—
Maranhão	8	3	4.582
Piauí	1	—	—
Ceará	7	4	2.904
Rio Grande do Norte	2	—	—
Paraíba	5	—	—
Pernambuco	14	3	23.125
Alagôas	9	3	333
Sergipe	12	5	13.654
Bahia	6	3	26.901
Espírito Santo	1	1	684
Distrito Federal	20	10	4.630.075
Rio de Janeiro	30	15	205.418
Minas Gerais	66	45	1.923.916
São Paulo	287	102	887.926
Paraná	2	—	207
Santa Catarina	28	20	47.083
Rio Grande do Sul	7	5	19.198
TOTAL	506	218	7.786.006

QUADRO LXXXII

Consumo de Produtos Químicos

1944

ESTADOS	Fábricas cons.	Soda cáustica	Soda barrilha	Soda fundida	Soda escama	Ácido sulfúrico	Parafina	Sabão e óleos para Tint.	Drogas Diversas
		kg.	kg.	kg.	kg.	kg.	kg.	kg.	kg.
Pará	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Maranhão	2	5.532	—	—	—	—	—	—	—
Piauí	1	100	—	—	—	—	—	—	—
Ceará	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio Grande do Norte ..	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Paraíba	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pernambuco	9	672.833	—	—	—	—	—	—	—
Alagôas	9	120.545	—	—	—	—	—	—	—
Sergipe	8	25.685	—	—	—	—	—	—	—
Bahia	3	8.142	—	—	—	—	—	—	—
Espírito Santo	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	15	590.372	—	—	—	—	—	—	—
Distrito Federal	10	1.790.351	—	—	—	—	—	—	—
Minas Gerais	37	499.912	—	—	—	—	—	4.900	209.626
São Paulo	102	5.784.670	22.328	—	—	3.390	36.000	—	—
Paraná	1	231	—	—	—	—	—	—	—
Santa Catarina	20	222.766	2.100	7.100	1.800	—	—	—	—
Rio Grande do Sul	5	40.102	—	—	—	—	—	—	—
Totais	222	9.761.241	24.428	7.100	1.800	3.390	36.000	4.900	209.626

2.ª PARTE

Resumo da Indústria Têxtil Algodoeira
POR ESTADO

1944 — 1946

NOTA: Os dados relativos a teares e fusos divergem ligeiramente daqueles que são encontrados nos quadros gerais devido a falta de algumas fichas de inscrição de 1945, relativas a pequenas fabricas.

PARÁ

Emprêsas:		1
Fábricas		1
Localização: — Cidade de Belem		
		Cr$
Capital		2.400.000,00
Reservas		4.503.699,00
Debentures		—
Impostos Federais		749.657,30
Impostos Estaduais		714.590,80
Impostos Municipais		37.333,10
Total		1.501.581,20
Encargos Sociais: — Compulsórios		351.030,00
Encargos Sociais: — Voluntários		11.011,10
Operários		272
Homens		79
Mulheres		146
Menores		47
Teares		281
Fusos		7.804
Secção acabamento (n.º de fábricas)		—

Produção:

Fios	Kg.	397.564
Tecidos	mts.	1.937.027
Artefatos	und.	1.536.450

Consumo:

Matéria Prima:

Algodão em rama	Kg.	439.188
Fios de algodão	Kg.	397.564

ESTADO DO PARÁ

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	Teares	Fusos N.º
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	BELÉM			
1	Martins Jorge & Cia.	272	281	7.804

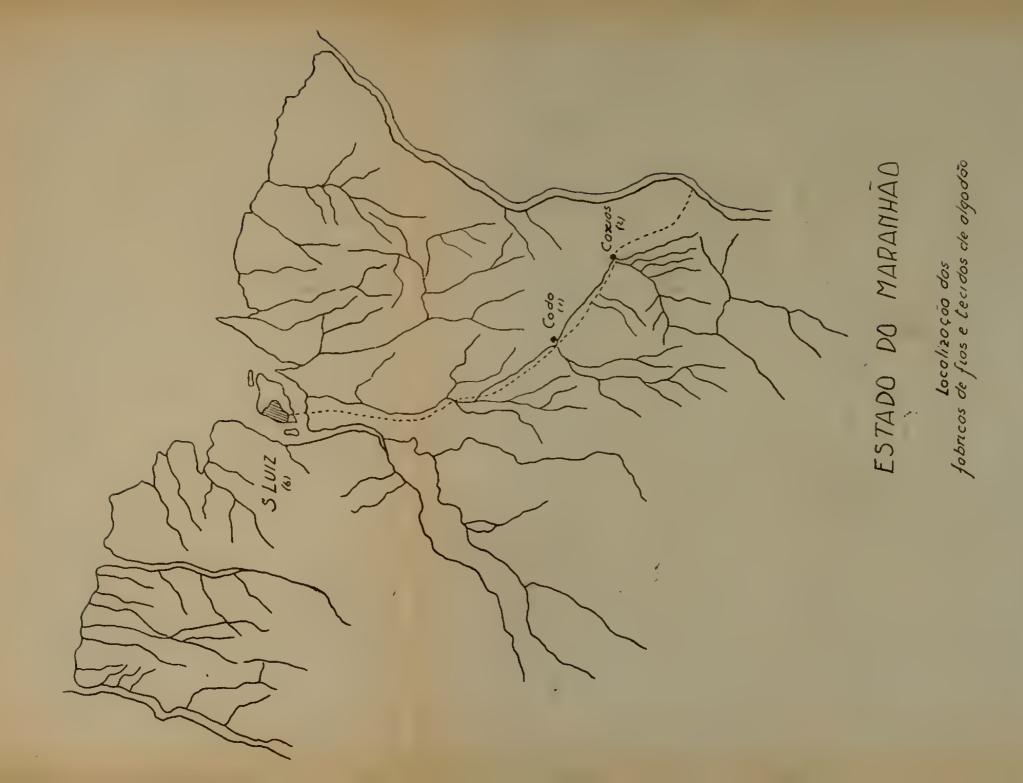
Resumo:

Municípios	1
Fábricas	1
Operários	272
Teares	281
Fusos	7.804

ESTADO DO MARANHÃO

Localização dos
fabricas de fios e tecidos de algodão

ESTADO DO MARANHÃO

Localização dos
fabricas de fios e tecidos de algodão

MARANHÃO

Emprêsas	8
Fábricas	9

Localização: Caxias 3, Codó 1, São Luís 5.

	Cr$
Capital	18.821.500,00
Reservas	9.074.192,50
Debentures	2.275.589,00
Impostos Federais	2.145.133,05
Impostos Estaduais	1.907.726,40
Impostos Municipais	203.928,50
Total de impostos	4.256.787,95
Encargos Sociais: — Compulsórios	1.520.670,40
Encargos Sociais: — Voluntários	434.783,30

Operários	3.871
Homens	1.447
Mulheres	2.096
Menores	328
Teares	2.128
Fusos	81.122

Seção de acabamento:

Tinturaria de fio	1
Tinturaria de pano	2
Estamparia	—

Produção:

Fios	Kg.	3.374.970
Tecidos	mt.	17.454.089
Artefatos	unid.	739.292
Consumo Matéria Prima:		
Algodão em Rama	Kg.	3.585.536
Fios de Algodão	Kg.	2.892.588

ESTADO DO MARANHÃO

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	SÃO LUÍS			
1	Cia. F. e Tec. do Rio Anil	449	392	18.000
2	Cotonif. Candido Ribeiro	731	294	12.500
1	Fábr. F. e T. da Gambôa	706	320	11.496
1	F. de T. Sta. Isabel S.A.	1.002	552	17.252
	CAXIAS			
1	C. F. e T. União Caxiense	325	166	7.120
1	Eugenio Barros & Cia. .	126	92	3.220
1	Caxias Ind. S. A. Fiação e Tecelagem	262	152	5.928
	CODÓ			
1	Cia. Manufatureira e Agr. do Maranhão ...	270	160	5.304

Resumo:

Municípios	3
Fábricas	9
Operários	3.871
Teares	2.128
Fusos	81.122

PIAUÍ

Emprêsas	1
Fábricas	1

Localização: Terezina.

Capital	600.000,00
Reservas	172.162,40
Debentures	—
Impostos Federais	126.568,89
Impostos Estaduais	14.818,00
Impostos Municipais	—
Encargos Sociais: — Compulsórios	94.760,50
Encargos Sociais: — Voluntários	6.600,00

Operários	310
Homens	88
Mulheres	216
Menores	6

Teares	158
Fusos	4.740

Secção Acabamento:

Tinturaria de fio	—
Tinturaria de pano	—
Estamparia	—

Produção:

Fios	Kg.	157.762
Tecidos	m.	1.067.973
Artefatos		—

Consumo:

Matéria Prima:

Fios de algodão	Kg.	154.030
Algodão em Rama	Kg.	43.380

ESTADO DO PIAUÍ

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
1	Cia. F. e Tec. Piauiense	310	158	4.740

Resumo:

Municípios	1
N.º de fábricas	1
Operários	310
Teares	158
Fusos	4.740

ALEZA

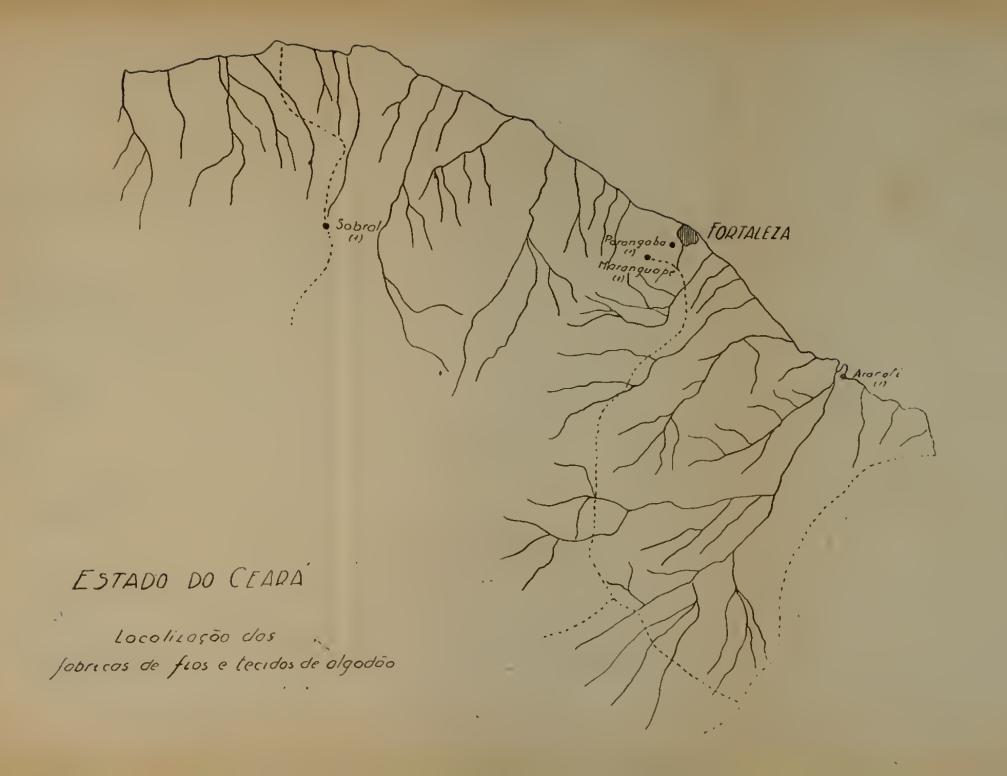
3
1
1.

0
0
0
54
0
30
75
00
35
57
93
75
37
60

4
—
—

081
194
976

204
869

Sobral
(1)
FORTALEZA
Parangaba
(1)
Maranguape
(1)
Aracati
(1)
ESTADO DO CEARÁ
Localização das
fábricas de fios e tecidos de algodão

CEARÁ

Emprêsas 9

Fábricas 11

Localização: Fortaleza 8, Aracati 1, Sobral 1, Maranguape 1.

	Cr$
Capital	17.900.000,00
Reservas	9.189.584,00
Debentures	1.142.886,00
Impostos Federais	496.962,54
Impostos Estaduais	547.538,40
Impostos Municipais	57.376,80
Encargos Sociais: — Compulsórios	2.521.256,75
Encargos Sociais: — Voluntários	65.347,00

Operários	3.335
Homens	1.367
Mulheres	1.593
Menores	375
Teares	1.037
Fusos	35.760

Secção de Acabamento:

Tinturaria de fio	fáb.	4
Tinturaria de pano	fab.	—
Estamparia	fab.	—

Produção:

Fios	Kg.	1.705.081
Tecidos	mts.	11.884.194
Artefatos	unid.	637.976

Consumo:

Matéria Prima:

Algodão em Rama	Kg.	2.899.204
Fios de Algodão	Kg.	1.275.869

ESTADO DO CEARÁ

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	FORTALEZA			
2	A. D. Siqueira & Cia.	512	173	6.012
2	Cot. Leite Barbosa S. A.	421	200	5.544
1	Fábr. de Tec. S. José	871	225	8.656
1	Fiac. e Tec. Sta. Maria Ltda. .	222	74	2.870
1	Cia. Têxtil J. P. do Carmo S. A.	164	63	2.016
1	T. P. de Souza Brasil	212	82	3.350
	MARANGUAPE			
1	Fábrica Maranguape	143	45	1.324
	SOBRAL			
1	Ernesto Saboya & Cia.	663	125	4.300
	(FIAÇÃO DE ALGODÃO)			
	FORTALEZA			
1	Siqueira Gurgel & Cia. Ltda. .	127	50	1.688

Resumo:

Municípios	4
Fábricas	11
Operários	3.335
Teares	1.037
Fusos	35.760

RIO GRANDE DO NORTE

Emprêsas	2
Fábricas	2

Localização: — Mossoró 1, Natal 1.

	Cr$
Capital	1.855.000,00
Reserva	30.556,00
Debentures	—
Impostos Federais	1.400,00
Impostos Estaduais	17.341,90
Impostos Municipais	250,00
Total	18.991,90
Encargos Sociais: — Compulsórios	47.438,50
Encargos Sociais: — Voluntários	—

Operários	78
Homens	25
Mulheres	42
Menores	11
Teares	15
Fusos	704

Secção de Acabamento:

Tinturaria de fio	—
Tinturaria de pano	—
Estamparia	—

Produção:

Fios	Kg.	113.625
Tecidos		—
Artefatos		—

Consumo:

Matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	165.862
Fios de algodão	Kg.	113.625

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

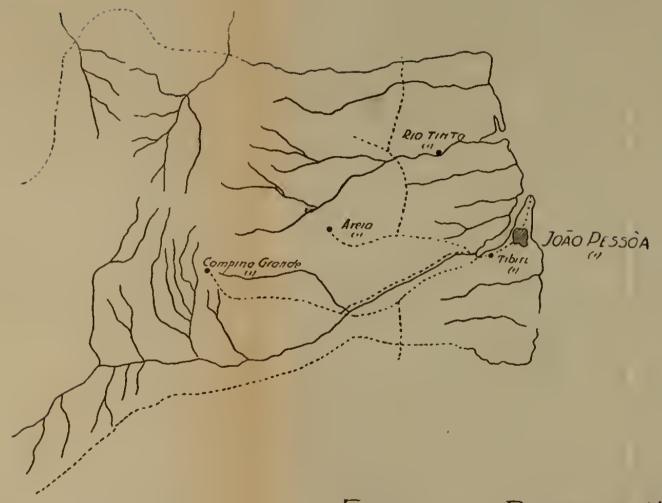
N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO DE ALGODÃO)			
	NATAL			
1	S.A. Wharton Pedroza	47	—	704
	MOSSORÓ			
1	Jovino Irmãos Ltda.	31	15	—

Resumo:

Municípios	1
N.º de fábricas	2
Operários	78
Teares	15
Fusos	704

ÔA

NORTE

cas
/godão

ESTADO DA PARAIBA DO NORTE

Localização das fabricas
de fios e tecidos de algodão

PARAÍBA

Emprêsas 6

Fábricas 6

Localização: Santa Rita 1, Rio Tinto 1, Areia 1, Campina Grande 2, Guarabira 1.

	Cr$
Capital	11.605.000,00
Reservas	11.021.663,00
Debentures	—
Impostos Federais	4.029.666,64
Impostos Estaduais	637.389,59
Impostos Municipais	79.015,40
Encargos Sociais: — Compulsórios	2.398.581,70
Encargos Sociais: — Voluntários	859.628,30

Operários	11.164
Homens	4.018
Mulheres	4.590
Menores	2.556

Teares	3.038
Fusos	57.988

Secção de Acabamento:

Tinturaria de fio	3
Tinturaria de pano	2
Estamparia	—

Producão:

Fios	Kg.	3.714.624
Tecidos: (excluida a Cia. Tec. Paulista)	m.	7.803.811
Artefatos	unid.	1.106.107

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	4.423.744
Fios de Algodão	Kg.	3.366.002

ESTADO DA PARAÍBA DO NORTE

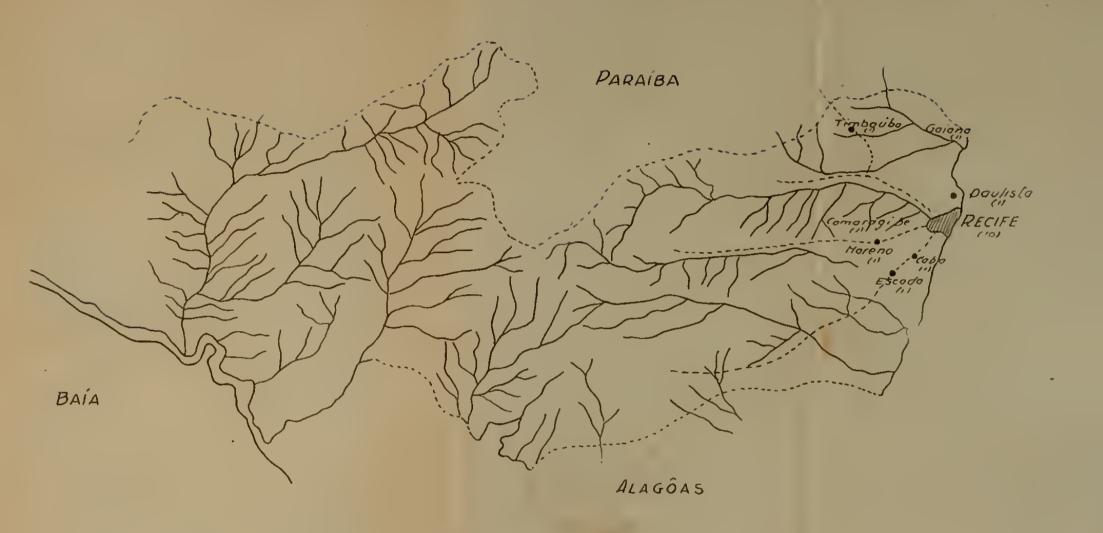
N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	AREIA			
1	Fiação e Tecel. Arenópolis ..	238	54	1.440
	CAMPINA GRANDE			
1	Marques Almeida & Cia. Lt.	261	92	1.832
1	S. A. Ind. T. Campo Grande	238	70	1.620
	SANTA RITA			
1	Cia. de Tec. Paraibana	1.690	506	13.616
	RIO TINTO			
1	Cia. de Tec. Paulista	8.713	2.292	39.480
	(TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	GUARABIRA			
1	Fábrica de Rêdes S. José	24	24	—

Resumo:

Municípios	6
N.º de fábricas ...	6
Operários	11.164
Teares	3.038
Fusos	57.988

Timbaúba
(1)
Goiana
(1)
Paulista
(1)
RECIFE
(10)
Camaragibe
(1)
Moreno
(1)
Cabo
(1)
Escada
(1)

CO

lgodão

ESTADO DE PERNAMBUCO
Localização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

PERNAMBUCO

Emprêsas	14
Fábricas	17

Localização: Escada 1, Goiana 1, Munic. do Cabo 1, Moreno 1, Recife 9, Paulista 1, Timbaúba 1, Ribeirão 1, Vila de Camaragibe 1.

	Cr$
Capital	171.716.980,00
Reservas	214.557.925,00
Debentures	21.731.459,40
Impostos Federais	25.252.330,15
Impostos Estaduais	9.314.958,50
Impostos Municipais	1.311.675,20
Encargos Sociais: — Compulsórios	11.038.059,16
Encargos Sociais: — Voluntários	3.371.107,20

Operários	29.861
Homens	13.033
Mulheres	11.592
Menores	5.236
Teares	8.355
Fusos	197.472

Secção Acabamento: (n.º de fábricas)

Tinturaria de fio	8
Tinturaria de pano	6
Estamparia	3

Produção:

Fios	Kg.	15.173.846
Tecidos: (incl. a Cia. Tec. Paulista)	m.	137.044.450
Artefatos	unid.	15.513.958

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	18.764.567,5
Fios de algodão	Kg.	11.690.347,4

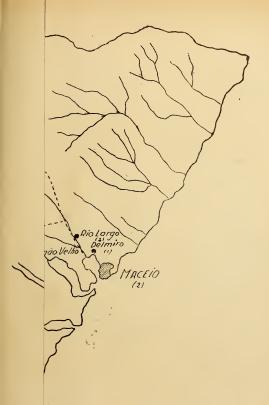
ESTADO DE PERNAMBUCO

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	CAMARAGIBE			
1	Cia. Ind. Pernambucana	1.924	565	12.168
	PAULISTA			
1	Cia. Tecidos Paulista ..	10.338	2.552	55.000
	CABO			
1	Cot. José Rufino	357	121	2.760
	ESCADA			
1	Cia. Ind. Pirapama	1.156	312	10.000
	GOIANA			
1	Cia. I. F. e Tec. Goiana	1.354	307	7.260
	MORENO			
1	Société Cotonnière Belge-Bresilienne	2.573	816	27.000
	TIMBAÚBA			
1	Queiroz & Andrade	214	61	1.872
	RECIFE			
1	Cot. da Torre Ltda. ...	2.375	1.129	26.040
1	Cia. Man. de T. do Norte	1.688	144	3.976
4	Cot. O. B. de Mello S.A.	5.844	1.635	36.142
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO E MISTOS)			
	RECIFE			
1	Tec. de Seda e Alg. de Pernambuco	1.102	500	11.880
1	Text. Santa Maria	500	90	1.000
	RIBEIRÃO			
1	F. e Tec. Ribeirão S.A.	359	90	2.180
	RECIFE (FIAÇÃO DE ALGODÃO)			
1	F. e Tec. Ambolê Ltda.	77	33	194

Resumo:

Municípios	9
N.º de fábricas ..	17
Operários	29.861
Teares	8.355
Fusos	197.472

ESTADO DE
ALAGÔAS

Localização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

PERNAMBUCO
Rio Largo
Delmiro
(1)
Fernao Velho
(1)
MACEIO
(2)
S. Miguel dos Campos
(2)
Penedo
(1)
SERGIPE
ESTADO DE
ALAGÔAS
Localização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

ALAGÔAS

Emprêsas		9
Fábricas		10

Localização: Delmiro 1, Maceió 5, Manguaba 1, São Miguel dos Campos 2, Penedo 1.

	Cr$
Capital	53.700.000,00
Reservas	48.799.148,00
Debentures	4.678.000,00
Impostos Federais	19.060.640,00
Impostos Estaduais	2.805.736,90
Impostos Municipais	504.551,30
Encargos Sociais: — Compulsórios	5.037.642,60
Encargos Sociais: — Voluntários	1.785.762,90

Operários	11.114
Homens	4.467
Mulheres	5.503
Menores	1.144
Teares	3.232
Fusos	115.412

Secção Acabamento: (n.º de fábricas)

Tinturaria de fio:	5
Tinturaria de pano	3
Estamparia	—

Producção:

Fios	Kg.	4.481.097
Tecidos	m.	42.765.883
Artefatos	un.	1.936.098

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	7.402.882
Fios de algodão	Kg.	4.197.175

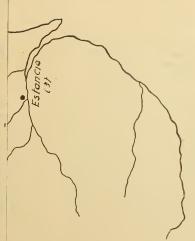
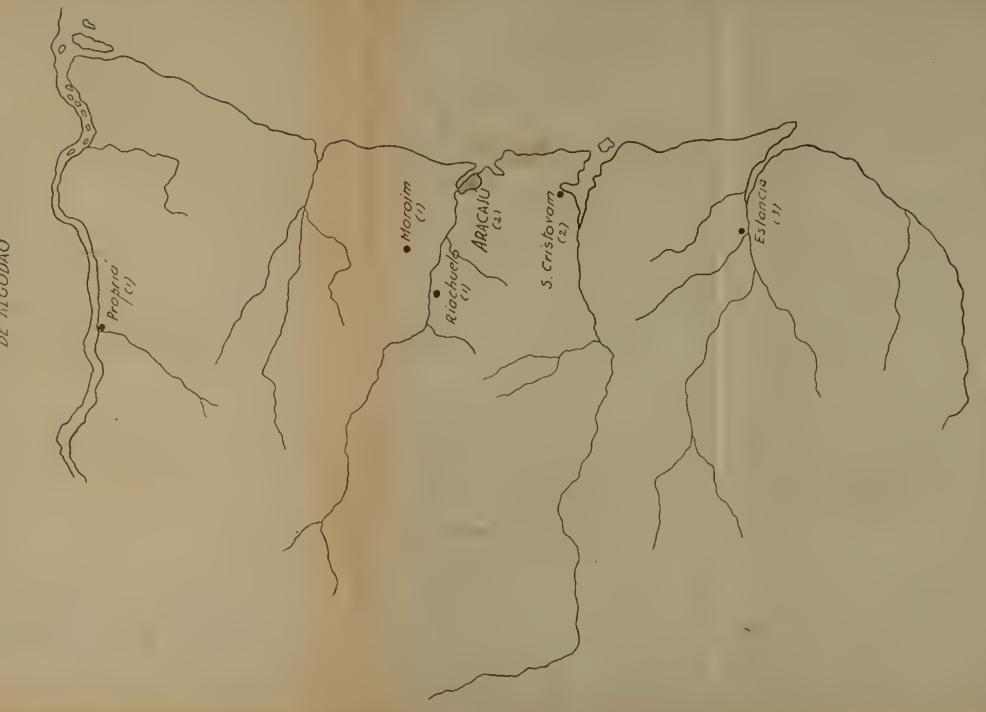
ESTADO DE ALAGÔAS

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	DELMIRO			
1	Cia. Agro Fabril Mercantil .	851	65	9.376
	MACEIÓ			
2	Cia. Alagoana de F. e Tec.	2.948	853	30.288
1	Cia. F. e T. Norte Alagôas	615	302	10.468
1	Fáb. Alexandria - M. Lobo & Cia.			
1	Othon Bezerra de Mello F. Tecel. S.A.	2.919	777	18.296
	S. M. DOS CAMPOS			
1	Cia. de F. e E. S. Miguel ..	1.008	400	11.792
1	F. de Tec. Vera Cruz	249	124	3.180
	PENEDO			
1	Cia. Ind. Penedense	858	155	9.200
	MANGUABA			
1	Cia. Pilarense de F. e Tec.	1.103	302	11.288

Resumo:

Municípios	8
N.º de fábricas .	10
Operários	11.114
Teares	3.232
Fusos	115.412

EST. DE SERGIPE
LOC. DAS FAB. DE FIOS E TECIDOS
Estancia
(3)

EST DE SERGIPE
LOC DAS FAB DE FIOS E TECIDOS
DE ALGODÃO
Propriá
(1)
Moroim
(1)
Riachuelo
(1)
ARACAJU
(2)
S. Cristovam
(2)
Estancia
(3)

SERGIPE

Emprêsas	12
Fábricas	13

Localização: Aracajú 2, Estância 3, Maroim 1, Neópolis 3, Riachuelo 1, Propriá 1, São Cristovão 2.

	Cr$
Capital	33.150.000,00
Reservas	30.635.965,00
Debentures	6.650.000,00
Impostos Federais	6.001.680,62
Impostos Estaduais	3.955.861,50
Impostos Municipais	866.452,50
Encargos Sociais: — Compulsórios	2.854.184,55
Encargos Sociais: — Voluntários	1.466.436,70

Operários	8.880
Homens	2.726
Mulheres	4.911
Menores	1.243
Teares	3.247
Fusos	101.988

Secção de Acabamento: (n.º de fábricas)

Tinturaria de fio	11
Tinturaria de pano	9
Estamparia	—

Produção:

Fios	Kg.	5.672.694
Tecidos	mts.	44.313.694
Artefatos	unid.	1.910.640

Consumo:

Matéria Prima:

Algodão em rama	Kg.	6.401.311
Fios de algodão	Kg.	4.166.236

ESTADO DE SERGIPE

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	RIACHUELO			
1	A. Franco & Cia.	200	118	3.160
	PROPRIÁ			
1	Emprêsa Ind. Propriá	490	231	5.240
	ESTÂNCIA			
1	Cia. Ind. da Estancia S.A.	989	462	12.720
1	Ind. Reun. Piauitinga	159	100	3.066
1	Leite Vieira & Cia.	720	261	8.072
	S. CRISTOVÃO			
1	Cia. Ind. S. Gonçalo	917	300	14.024
1	Empr. Ind. S. Cristovão ..	816	283	8.960
	ARACAJÚ			
1	Fábr. Confiança - Ribeiro Chaves & Cia.	926	386	10.804
1	Fábr. de Tec. Sergipe Industrial	1.836	366	11.708
	NEÓPOLIS			
1	Emprêsa Textil Wanderley Antunes	482	224	7.708
2	Peixoto, Gonçalves & Cia.	1.110	380	12.356
	MAROIM			
1	Sergipe Fabril	235	136	4.170

Resumo:

Municípios	6
N.º de fábricas ..	13
Operários	8.880
Teares	3.247
Fusos	101.988

ESTADO DA

BAÍA

Localização das
fabricas de fios e tecidos
de algodão

ESTADO DA

BAÍA

Localização das fabricas de fios e tecidos de algodão

BAHIA

Emprêsas 5

Fábricas 9

Localização: Salvador 6, Nazareth 1, Valença 1, Itaparica 1.

	Cr$
Capital	48.500.000,00
Reservas	40.291.490,39
Debentures	—
Impostos Federais	5.639.425,67
Impostos Estaduais	1.751.734,00
Impostos Municipais	632.734,30
Encargos Sociais: — Voluntários	337.245,70
Encargos Sociais: — Compulsórios	2.391.012,90

Operários 5.460

- Homens 1.934
- Mulheres 3.306
- Menores 220

Teares 4.606

Fusos 103.306

Secção de Acabamento: (N.º de fábricas)

- Tinturaria de fio 3
- Tinturaria de pano 2
- Estamparia .... —

Produção:

Fios	Kg.	3.472.075
Tecidos	mts.	31.735.627
Artefatos	unid.	2.115.283

Consumo:

Matéria Prima:

Algodão em rama	Kg.	3.934.423
Fios de algodão	Kg.	1.595.439

ESTADO DA BAHIA

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	SÃO SALVADOR			
1	Cia. Emp. Ind. do Norte	1.352	1.300	26.928
5	Cia. Progresso União Fábril da Bahia	2.721	2.221	51.164
	VALENÇA			
1	Cia. Valença Ind. S.A. ..	1.262	990	22.758
	NAZARÉ			
1	Fabr. de T. Nazaré S.A.	60	45	656
	ITAPARICA			
1	Agenor Gordilho & Cia. ..	65	50	1.800

Resumo:

Municípios	4
N.º de fábricas	9
Operários	5.460
Teares	4.606
Fusos	103.306

ESPÍRITO SANTO

Emprêsas	1
Fábricas	1

Localização: Cachoeiro do Itapemerim 1.

	Cr$
Capital	3.320.000,00
Reservas	609.728,04
Debentures	—
Impostos Federais	241.671.04
Impostos Estaduais	382.387,60
Impostos Municipais	383,40
Encargos Sociais: — Compulsórios	85.883,50
Encargos Sociais: — Voluntários	146.826,90

Operários	384
Homens	112
Mulheres	210
Menores	62
Teares	161
Fusos	3.968

Secção de acabamento: (N.º de fábricas)

Tinturaria de fio	1
Tinturaria de pano	—
Estamparia	—

Produção:

Fios	Kg.	558.730
Panos	mts.	2.421.751
Artefatos		

Consumo:

Matéria Prima		—
Algodão	Kg.	294.192
Fios de algodão	Kg.	314.583

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	CACHOEIRO DO ITAPEMERIM			
1	Cia. T. Ferreira Guimarães	384	161	3.968

Resumo:

Municípios	1
N.º de fábricas ...	1
Operários	384
Teares	161
Fusos	3.968

Miracema
(1)
Campos
(1)
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Localização das
fábricas de fios e tecidos
de algodão

MINAS GERAIS
Miracema
(1)
Campos
(1)
Cordeiro
(1)
Nova Friburgo
(1)
Treis Rios
(1)
Valença
(4)
Vassouras
(1)
Barra do Piraí
(1)
Cascatinha
(2)
Petropolis
(11)
Pau Grande
(1)
Meio da Serra
(1)
Magé
(3)
Paracambi
(2)
NITERÓI
(2)
DISTRITO FEDERAL
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Localização das
fábricas de fios e tecidos
de algodão

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Emprêsas 24

Fábricas 25

Localização: Nova Friburgo 1, Petrópolis 6, Cascata (Paracambí) 2, Marquês de Valença 3, Andorinhas 1, Três Rios 1, Niterói 2, Miracema 1, Barra do Piraí 1, Magé 3, Campos 1, Cordeiro 1, Vassouras 1, Merití 1.

	Cr$
Capital	208.280.000,00
Reservas	247.546.223,84
Debentures	35.486.644,10
Impostos Federais	47.887.933,89
Impostos Estaduais	6.221.473,80
Impostos Municipais	449.432,50
Encargos Sociais: — Compulsórios	7.358.527,75
Encargos Sociais: — Voluntários	1.765.376,78

Operários 18.505

- Homens 7.228
- Mulheres 7.234
- Menores 4.043

Teares 8.790

Fusos 299.677

Secção Acabamento: (N.º de fábricas)

- Tinturaria de fio 16
- Tinturaria de pano 11
- Estamparia 2

Produção:

Fios	Kg.	11.090.320
Tecidos	mt.	99.265.514
Artefatos	un.	2.430.773

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	12.947.565
Fios de algodão	Kg.	11.233.588,85

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	ANDORINHAS			
1	Fábricas Unidas de Tecidos Rds. e Bordados S.A.	1.586	878	11.388
	CAMPOS			
1	Cia. F. e T. Ind. Campista	1.086	460	15.468
	CORDEIRO			
1	Fabr. de Tecidos N. S. da Piedade S.A.	321	113	2.176
	MAGÉ			
1	Cia. América Fabril Fiação e Tecelagem	1.109	703	22.952
1	Cia. Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello	1.289	369	11.784
1	Cia. Ind. Sto. Amaro	1.068	300	10.624
	MARQUÊS DE VALENÇA			
1	Cia. Fiação e Tecelagem Santa Rosa	330	142	4.098
1	Cia. Progresso de Valença Fiação e Tecelagem ..	495	220	6.400
1	Cia. Têxtil Ferreira Guimarães	589	154	5.702
	MIRACEMA			
1	Fiação e Tecelagem São Martino Ltda.	155	106	3.000
	NITEROI			
1	Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos	1.906	784	38.368
1	Fabr. de Tec. Maruhy	688	188	7.000
	PARACAMBI			
1	Cia. Fiação e Tecelagem Maria Cândida	169	120	4.512
1	Cia. Tex. Brasil Ind. ..	1.381	1.008	32.500

	PETROPOLIS			
1	Cia. Fábrica de Tecidos S. Pedro Alcântara	647	464	17.888
2	Cia. F. e Tec. Cometa ..	1.252	812	26.504
1	Cia. F. de Tec. D. Isabel	666	368	16.672
1	Cia. Petropolitana Fiação e Tecelagem	1.595	1.100	35.000
1	Fiação e Tecelagem Artur Bastos S.A.	372	241	5.980
	TRÊS RIOS			
1	Sociedade Industrial Fluminense Ltda.	324	74	5.760
	VASSOURAS			
1	Cia. Têxtil São Luís	210	146	4.584
	(FIAÇÃO DE ALGODÃO)			
	MERITÍ			
1	José Nohra	—	—	25
	NOVA FRIBURGO			
1	Arp & Cia.	1.206	—	10.400
	BARRA DO PIRAÍ			
1	Têxtil Amaniú S. A.	61	40	892

Resumo:

Municípios	13
N.º de fábricas .	25
Operários	18.505
Teares	8.790
Fusos	299.677

DISTRITO FEDERAL

Emprêsas 11

Fábricas 15

Localização: Andaraí 2, Bangú 1, Del Castilho 1, Deodoro 1, Gambôa 1, Gavea 3, J. Botânico 1, Madureira 1, Rocha Miranda 1, São Cristovão 2, Rocha 1.

Capital	273.600.000,00
Reservas	400.890.983,13
Debentures	40.031.876,00
Impostos Federais	44.892.456,16
Impostos Estaduais	1.425.242,70
Impostos Municipais	2.118.118,20
Encargos Sociais: — Compulsórios	15.400.846,80
Encargos Sociais: — Voluntários	1.798.930,40

Operários	25.598
Homens	10.921
Mulheres	9.482
Menores	5.195

Teares	14.004
Fusos	561.332

Secção de Acabamento: (N.º de fábricas)

Tinturaria de pano	8
Tinturaria de fio	8
Estamparia	5

Produção:

Fios	Kg.	15.109.898
Tecidos	mts.	112.848.348
Artefatos	un.	6.453.473

Consumo:

Matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	17.388.240
Fios de algodão	Kg.	13.167.631

DISTRITO FEDERAL

Localização das

s de fios e tecidos de algodão

Deodoro
(1)
Bangú
(1)
Realengo
(1)
Madureira
(1)
Rocha Miranda
(1)
Del Castilho
(1)
Rocha
(1)
Vila Isabel
(1)
Andarai
(1)
S.Cristovão
(1)
Centro
(1)
Gavea
(2)
DISTRITO FEDERAL
Localização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

DISTRITO FEDERAL

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
4	Cia. América Fabril F. e Tecelagem	6.409	4.273	182.552
1	Cia. Deodoro Industrial .	1.720	1.500	50.000
1	Cia. Fiação e Tecidos Confiança Industrial ..	2.818	1.438	42.852
1	Cia. F. e Tec. Corcovado	2.301	1.102	36.680
1	Cia. Nacional de Tecidos Nova América	2.976	1.364	73.152
1	Cia. Progresso Industrial do Brasil	4.623	2.100	62.224
1	Fábrica de Tecidos Esperança S. A.	574	500	12.560
1	S.A. Cotonifício Gavea ..	527	372	13.140
1	The Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries, Limited	2.117	1.355	50.100
	(FIAÇÃO DE ALGODÃO)			
1	Cia. Com. Ind. F. Soares	171	—	1.232
1	Cia. Fiação de Algodão ..	288	—	6.464
1	Cia. F. do Rio de Janeiro	1.074	—	30.376

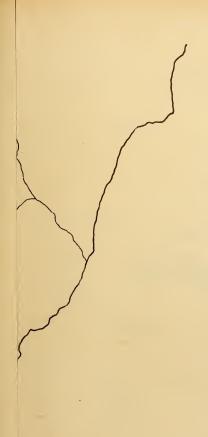
Resumo:

N.º de fábricas ..	15
Operários	25.598
Teares	14.004
Fusos	561.332

MINAS GERAIS

Emprêsas		50
Fábricas		59

Localização: Alvinópolis — Araçaí — Barbacena (2) — Belo Horizonte (5) — Bom Despacho — Buenópolis — Cataguazes (3) — Cedro — Curvelo — Divinópolis — Guaranésia — Gouveia — Inimutaba — Itabirito (2) — Itajubá (2) — Itauna (2) — Juiz de Fóra (7) — Lavras — Leopoldina — Mariana — Miraí — Montes Claros — Oliveira — Ouro Preto — Pará de Minas (4) — Pitanguí (2) — Pomba — Porto Novo — Presidente Vargas (2) — Santa Luzia — São João Del Rey (4) — São João Nepomuceno (1) — São Vicente — Sete Lagoas — Uberaba — (1).

Capital		258.970.000,00
Reservas		251.970.942,44
Debentures		1.489.924,40
Impostos Federais		205.969.597,55
Impostos Estaduais		10.522.618,45
Impostos Municipais		2.140.764,15
Total de Impostos		218.632.980,15
Encargos Sociais: — Compulsórios		9.783.013,39
Encargos Sociais: — Voluntários		2.886.004,10
Operários		26.212
Homens		7.442
Mulheres		12.478
Menores		6.292
Teares		11.806
Fusos		339.917
Secções de Acabamento (N.º de fábricas):		
Tinturaria de fio		34
Tinturaria de pano		32
Estamparia		3
Producção:		
Fios	Kg.	18.521.913
Tecidos	m.	178.094.000
Artefatos	unid.	3.393.115
Consumo matéria prima:		
Algodão em rama	Kg.	21.230.566
Fios de Algodão	Kg.	13.828.842

ESTADO DE
NAS GERAIS

ocalização das
bricas de fios e
cidos de Algodão

Pirapora (1)
Montes Claros (1)
Buenópolis (1)
Diamantina (2)
Cedro
Curvelo (1)
Araçá (1)
Pitangui (1)
Sete Lagôas (1)
Pres. Vargas (1)
Uberaba (1)
Santa Luzia (1)
Pará (1)
BELO HORIZONTE (6)
Itaúna (2)
Sabará (1)
Alvinópolis (1)
Bom Despacho (1)
Divinópolis (1)
Itabirito (2)
Ouro Preto (1)
Oliveira (1)
Muriaé (1)
Miraí (1)
S. João del Rei (4)
Barbacena (1)
Pomba (1)
Guaranesia (1)
Lavras (1)
Cataguases (3)
Leopoldina (1)
S. J. Nepomuceno (2)
Porto Novo (1)
Juiz de Fora (7)
Itajubá (2)
ESTADO DE
MINAS GERAIS
Localização das
Fabricas de fios e
Tecidos de Algodão

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	ARAÇAI			
1	S. I. Policena Mascarenhas	82	10	1.620
	BELO HORIZONTE			
3	Cia. Ind. Belo Horizonte ..	1.484	730	23.046
1	Cia. Minas Fabril	322	65	3.036
1	Cia. Renascença Industrial	1.451	640	24.000
	ALVINÓPOLIS			
1	Cia. Fabril Mascarenhas ..	255	130	3.004
	BARBACENA			
1	Cia. Textil Ferreira Guimarães	1.506	556	18.168
1	Fiação e Tecelagem São José Ltda.	704	424	11.016
	BOM DESPACHO			
1	Cia. Industrial Aliança Bomdespachense	273	200	6.080
	BUENÓPOLIS			
1	Cia. Fiação e Tecidos Sta. Bárbara	144	101	2.344
	CEDRO			
1	Cia. Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira	1.666	775	21.090
	CATAGUASES			
1	Cia. Ind. Cataguases	868	363	11.300
1	Cia. Manufatora de Tecidos de Algodão	159	60	1.600
1	Ind. Irmãos Peixoto S.A. ..	639	114	5.348
	CURVELO			
1	Cia. Têxtil Othon Bezerra de Mello	1.207	364	6.440
	GOUVEIA			
1	Cia. Industrial S. Roberto	300	200	5.676

	DIVINÓPOLIS			
1	Cia. Fiação e Tecelagem Divinópolis	420	144	3.650
	GUARANÉSIA			
1	Fábrica Tecidos Santa Margarida S. A.	252	120	3.100
	INIMUTABA			
1	Cia. Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira	(ver Cedro)		
	ITABIRITO			
1	Cia. Industrial Itabira do Campo	293	196	6.136
1	Cia. Itabirito Industrial Fiação Tec. de Algodão	291	160	3.700
	ITAJUBÁ			
1	A. Faria & Cia. Ltda.	266	102	2.080
1	Cia. Ind. Sul Mineira	740	407	8.500
	ITAÚNA			
1	Cia. Industrial Itaunense .	651	394	9.836
1	Cia. Tecidos Santanense ..	530	250	6.106
	JUIZ DE FÓRA			
1	Cia. Fiação e Tecelagem Industrial Mineira ...	1.543	594	18.056
1	Cia. Fiação e Tecelagem Morais Sarmento	610	200	4.264
1	Cia. Fiação e Tecelagem Santa Cruz	568	220	7.292
1	Cia. Fiação e Tecelagem São Vicente	283	57	1.548
1	Cia. Téxtil Bernardo Mascarenhas	930	362	11.860
1	S.A. Fábrica de Tecidos S. João Evangelista	433	277	5.270
	LAVRAS			
1	Cia. Fabril Mineira	474	200	5.600
	LEOPOLDINA			
1	Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense	848	400	12.000

	MARIANA			
1	Fiação e Tecelagem São José Ltda.	(ver Barbacena)		
	MIRAÍ			
1	Emprêsa Miraí de Fiação e Tecidos S. A.	403	200	3.607
	MONTES CLAROS			
1	Fábrica Fiação e Tecidos Santa Helena	156	72	2.820
	OLIVEIRA			
	Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (ver Barbacena)			
	OURO PRETO			
1	Cia. Industrial Ouropretana S. A.	327	170	4.872
	PARÁ DE MINAS			
1	Cia. Fiação e Tecidos São Gonçalo S. A.	121	80	2.076
2	Cia. Ind. Paraense S. A. ..	353	210	6.808
1	Cia. Melhoramentos Pará de Minas	155	112	3.000
	PITANGUI			
2	Cia. Tec. Pitanguiense	518	227	7.045
	POMBA			
1	Cia. F. e Tecel. M. Cândida	165	150	3.736
	PORTO NOVO			
1	Cia. Ind. Além Paraíba ..	724	395	11.996
	PRESIDENTE VARGAS			
1	Fábr. de Tec. da Pedreira	80	65	1.440
1	Fábrica de Tecidos da Gabiroba S. A.	154	90	1.956
	SANTA LUZIA			
1	Sta. Luzia Ind. S. A.	106	72	1.928
	S. JOÃO DEL'REI			
1	Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (ver Barbacena)			

1	Cia. Têxtil S. Joanense ..	563	200	7.224
1	F. e T. Matosinhos S. A.	284	127	4.200
1	Tec. D. Bosco Ltda.	280	80	3.304
	S. JOÃO NEPOMUCENO			
1	Cia. F. e Tec. Sarmento ..	880	357	9.428
	SETE LAGÔAS			
1	Cia. Têxtil Cachoeira de Macacos	260	202	7.592
	SÃO VICENTE			
1	Cia. F. e Tec. Cedro e Cachoeira (ver Cedro)			
	UBERABA			
1	Cia. Têxtil Triangulo Mineiro	356	182	4.000

(FIAÇÃO DE ALGODÃO)

	JUIZ DE FÓRA			
1	Fiaçãc Santa Terezinha ..	69	—	300

Resumo:

Municípios	32
N.º de fábricas ..	59
Operários	26.212
Teares	11.806
Fusos	339.917

T SÃO PAULO

alização das fábricas
os e tecidos de algodão

EST SÃO PAULO
localização das fabricas de fios e tecidos de algodão
Descalvado (7)
Pirassununga (1)
S Carlos (3)
S João B Vista (1)
Araras (5)
Limeira (1)
Americana (3)
Piracicaba (1)
Santa Barbara (1)
Amparo (2)
Serra Negra (2)
Guaratinguetá (1)
Rebouças (1)
Pedreira (1)
Cerquilho (1)
Campinas (2)
Bragança (1)
Atibaia (1)
Taubaté (1)
Porto Feliz (1)
Itatiba (1)
Tatuí (3)
Salto (2)
Jundiaí (5)
S José dos Campos
Itú (2)
Sorocaba (4)
Osasco (1)
Guarulhos (2)
S Amaro (2)
SÃO PAULO
S. Bernardo (1)

SÃO PAULO

Emprêsas 239

Fábricas 258

Localização: S. Paulo (87), Americana (3), Amparo (2), Araras (5), Atibaia (1), Batatais (1), Bragança (1), Campinas (2), Cerquilho (1), Descalvado (7), Guarulhos (2), Guaratinguetá (1), Itatiba (1), Itú (2), Jundiaí (5), Limeira (1), Mogy das Cruzes (2), Osasco (1), Pedreira (1), Piracicaba (1), Pirassununga (1), Porto Feliz (1), Rebouças (1), Salto (2), São Bernardo dos Campos (1), Santo Amaro (2), Santo André (10), Santa Barbara (1), São J. da Bôa Vista (1), São José dos Campos (1), São Carlos (3), São Roque (3), Serra Negra (2), Sorocaba (4), Tatuí (3), Taubaté (1).

	Cr$
Capital	1.266.674.000,00
Reservas	1.104.098.094,00
Debentures	71.686.247,20
Impostos Federais	440.441.043,19
Impostos Estaduais	46.657.323,70
Impostos Municipais	3.581.680,60
Total de Impostos	490.680.047,49
Encargos Sociais: — Compulsórios	65.920.592,80
Encargos Sociais: — Voluntários	4.698.604,60
Operários	82.306
Homens	26.033
Mulheres	37.837
Menores	18.436
Teares	29.468
Fusos	1.047.210

Secções de Acabamento (N.º de fábricas):

Tinturaria de fio		10
Tinturaria de pano		58
Estamparia		5

Produção:

Fios	Kg.	60.939.215
Tecidos	mts.	370.393.242
Artefatos	unid.	89.069.248

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	71.971.608,45
Fios de Algodão	Kg.	50.229.208,21

* * *

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	SÃO PAULO			
	Assumpção & Cia. Ltda.	572	242	5.492
	Benedicto Soubihe	30	16	132
	Cia. Johnson & Johnson do Brasil	492	137	10.256
	Cot. Guilherme Giorgi S. A.	1.031	200	14.620
	Cotonifício Rodolfo Crespi	3.381	891	35.408
	Fábrica de Lonas S. A.	544	78	4.480
	Fábrica de Tecidos Labôr S.A.	855	457	11.200
	Fábr. de Tec. Tatuapé S. A. ...	2.444	1.118	33.670
	Fiação e Tec. Eliana S. A. ..	155	30	3.450
	Fiação e Tec. Odette S. A.	214	214	4.000
	Fiação e Tec. Sta. Helena	200	65	3.700
	Fiação e Tec. Santana S. A. ...	170	52	3.354
	Fiação e Tec. S. Paulo S. A. ..	768	132	5.884
	Fiação e Tec. Estamparia Ypiranga Jafet S. A.	3.041	1.608	50.000
	Industria Paulista de Tec. Ltda.	187	60	1.040
	Ind. Textís Bader Simon	228	55	3.590
	Industrias Textis Calfat S. A. ..	1.014	486	15.436
	Irmãos Moussalli	236	78	1.092
	São Paulo Alpargatas S. A. ...	1.659	620	16.900
	S.A. Cotonifício Paulista	875	373	16.224
	S.A. Fábrica de Tecidos e Bordados Lapa	691	186	10.936
	S.A. Fábr. de Tecidos São Luiz .	366	158	3.196
	S.A. Fiação e Tec. Sta. Celina ..	1.456	756	38.796
	S.A. Fabril Santa Luiza	434	124	3.720
	S.A. Fiação e Tecelagem Ypiranga Assad	842	97	22.000
	S.A. Industrias Reunidas Francisco Matarazzo	4.087	3.574	103.832
	S.A. Lanifício Lapa	475	61	2.160
	S.A. Moinho Santista Industrias Gerais	4.589	797	36.828

Taufic Schahin & Irmãos	631	166	3.100
Téxtil Assad Abdalla S. A.	697	240	10.652
AMERICANA			
Fab. de Tecidos Carioba	1.045	499	9.820
ATIBAIA			
Cia. Téxtil Brasileira	1.171	352	11.800
BATATAIS			
Gabriel & Raphael Jafet	390	120	4.032
BRAGANÇA			
Cia. Téxtil Santa Basilissa ...	816	295	7.036
DESCALVADO			
Fiação e Tec. Descalvado Ltda .	230	52	2.200
ITATIBA			
Cia. Têxtil Brasileira (ver Atibaia)			
ITÚ			
Cia. Fiação e Tec. São Pedro ..	1.803	546	17.776
JUNDIAÍ			
Argos Industrial S. A.	1.532	444	15.524
Cia. Fiação e Tec. Azem	772	334	10.000
Cia. Fiação e Tec. São Bento ..	970	452	12.816
Cotonifício Fides-Rappa Milani	546	153	6.860
Fábrica Japy S.A.	858	300	8.316
OSASCO			
Cot. de Osasco - Beltramo & Cia.	464	240	3.780
PIRACICABA			
Cia. Ind. e Agrícola "Boyes" ..	1.498	410	12.500
PIRASSUNUNGA			
Fiação e Tec. Pirassununga S.A.	522	229	5.236
PORTO FELIZ			
F. de T. N.S. Mãe dos Homens ..	1.084	250	5.650
SALTO			
Brasital S.A.	2.488	898	35.732
Têxtil Assad Abdala S. A. (ver São Paulo)			
SANTA BARBARA			
Cia. F. e Tec. Santa Barbara S.A.	272	249	5.976
SANTO ANDRÉ			
Fiação e Tec. Sto. André S. A. ..	142	42	1.584
Fiação e Tec. Tognato S. A.	460	131	3.138
Santo André Têxtil S. A.	201	53	500
Ritschel & Guaregna	—	1	4
S. JOÃO DA BÔA VISTA			
Fiação e Tec. São João Ltda. ..	258	96	2.320

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS			
Tecelagem Paraíba S. A.	1.445	226	3.640
SÃO CARLOS			
Cia. Fiação e Tecidos S. Carlos .	987	325	6.756
Fiação e Tec. Germano Fehr ..	377	80	4.936
SÃO ROQUE			
Brasital S. A. (ver Salto)			
Dacca Kattan & Cia.	58	40	200
SOROCABA			
Cia. F. e Tec. N.S. do Carmo S.A.	860	601	11.000
Cia. F. e Tecidos Santa Maria ..	1.276	299	9.728
Cia. Nacional de Estamparia ...	7.731	2.702	74.924
S. A. Industrias Votorantim ..	5.570	2.123	71.922
TATUÍ			
Cia. Fiação e Tec. Tatuí	1.137	214	9.384
Campos Irmãos & Cia.	916	350	11.000
TAUBATÉ			
Cia. Taubaté Industrial	2.318	1.300	42.236

(FIAÇÃO DE ALGODÃO)

SÃO PAULO			
Fiação Excelsior Ltda.	111	—	3.200
Fiação Extra Fina de Alg. S. A.	434	—	11.581
Fiação Progresso S.A.	326	—	4.540
Fiação São Leopoldo Ltda.	260	—	9.700
Fiação Sul Americana S.A. ..	389	—	13.912
Fiação e Tecelagem Nahas	100	—	3.384
H. Marassá & Cia.	9	—	44
Lanifício Jafet S.A.	537	48	3.632
S.A. Cotonifício Adelina	370	—	10.000
S.A. Fiação e Tec. Lutfalla ...	880	—	21.912
S.A. F. para Malharia "Indiana"	441	—	13.456
S.A. Fiação Santa Cecília	230	—	7.000
AMPARO			
Fiação Amparo S.A.	400	—	5.040
Fiação Camandocaia S. A.	320	—	6.360
CAMPINAS			
Ferrero & Cia. Ltda. (Fiação de Campinas S. A.	220	—	4.200
ITÚ			
Fabril Redenção	182	—	3.360

MOGY DAS CRUZES			
Tec. Maria Angela S. A.	—	—	1.004
PEDREIRA			
Cia. Fiação Pedreira	474	—	20.000
TATUÍ			
Fiação Santa Isabel Ltda.	172	—	3.088

(TECELAGEM DE ALGODÃO)

SÃO PAULO			
Abidon A. Xerfan	24	11	—
Alvaro Assumpção & Cia. Ltda.	36	22	—
Antonio Castiglioni	7	8	—
A Renascença (Alberto & Giovanni Gabrielli)	3	7	—
Bichara Moherdaui & F. Ltda. ..	41	14	—
Duarte & Cia. Ltda.	189	70	—
Espólio Giacomo Antonio Enrietti	77	66	—
Fáb. de Tec. e Art. de Borracha Caçapava Ltda.	49	57	—
Fáb. de F. e T. Santa Clara	79	50	—
Fábrica de Tecidos Damasco (Irmãos Granja)	41	30	—
Fábrica Tecidos Sta. Ada Ltda.	50	42	—
Fábricas de Tecidos Vila Pires	10	11	—
Filó Brasil Ltda.	34	10	—
G. C. Grinaboldi	13	11	—
Indústrias Químicas Brasileiras Duperial S. A.	209	54	—
Indústrias Têxtis Carone S. A.	196	112	—
Irmãos Zanvettor	11	5	—
Kyriakos Saad & Cia.	68	30	—
Manir Abbud & Cia. Ltda.	54	26	—
Mantovani & Cia.	39	22	—
Manufatura Paulista Filó e Derivados S. A.	96	7	—
Mário Daud & Cia. Ltda.	28	16	—
Marques Fernandes & Cia. Ltda.	105	12	—
Monte & Cia.	27	30	—
Samara & Cia. Ltda.	108	56	—
Soc. Elni de Produtos Manufaturados Ltda.	180	70	—

Soc. Ind. de Tecidos Rayes Ltda.	25	20	—
Tecelagem Netunia Ltda.	30	23	—
Tec. N. S. do Desterro	97	79	—
Tec. de Alg. Maria Luiza S. A.	44	24	—
Tecelagem Tecma S. A.	40	10	—
Textil Paulista Ltda.	40	24	—
AMERICANA			
José Hage Chain	25	28	—
Tecelagem Thomazino	90	70	—
ARARAS			
Assumpção Zurita & Cia. Ltda.	31	20	—
Canonico & Cia.	62	40	—
Irmãos Lagazzi	167	31	—
Maselli, Finardi & Cia.	22	18	—
Textil Santo Antonio Ltda.	18	16	—
CAMPINAS			
Generoso Castanho & Cia.	19	14	—
CERQUILHO			
Tecelagem S. José de Cerquilho	27	24	—
DESCALVADO			
Orderigo Gabrielli Filhos & Cia.	42	24	—
Paulo Gabrielli & Cia. — Fábrica Tecidos São Gabriel	60	30	—
Tec. N. S. de Belém Ltda.	35	30	—
Tecelagem Santa Delfina	21	10	—
Tecelagem São Rafael Ltda. ...	45	30	—
GUARATINGUETÁ			
Adelina Machado	7	5	—
GUARULHOS			
Irmãos Bisognini (Fábrica de Tecidos Santa Monica	30	20	—
Irmãos Carbonell & Cia. (Tecelagem Guarulhos)	133	77	—
JUNDIAÍ			
Indústria Comércio e Tecidos Gasparian S.A.	376	101	—
LIMEIRA			
Irmãos Lucato & Cia.	62	34	—
MOGY DAS CRUZES			
Soc. Ind. de Toalhas Ltda.	109	50	—
REBOUÇAS			
Giometti França & Cia. Ltda. (Tecelagem Elvira)	30	24	—

SANTO AMARO			
A. Machado	4	—	—
Dias & Cia.	160	37	—
SANTO ANDRÉ			
Didone & Cia. Ltda.	93	40	—
Ind. de Tecidos S. João	76	60	—
Nabib Assad Abdalla	82	20	—
Sebastião Battle	38	24	—
S.A. Têxtil Algodoeira Sata ..	103	42	—
Tecelagem Helvética	59	36	—
SÃO BERNARDO DOS CAMPOS			
Tecelagem Bandeirantes (Corazza & Irmãos)	22	16	—
SÃO CARLOS			
Irmãos Remaili	48	24	—
SÃO ROQUE			
Giovanni Alé (Fáb. de Tecidos São Roque)	22	40	—
SERRA NEGRA			
Fab. de Chapéus Panamá — Linho e Tec. São João	56	22	—

Resumo:

Municípios ...	36
N.º de fábricas	164
Operários	82.306
Teares	29.468
Fusos	1.047.210

PARANÁ

Emprêsas		1
Fábricas		1

Localização: Curitiba, 1.

		Cr$
Capital		70.000,00
Reservas		570.000,00
Debentures		—
Impostos Federais		14.383,80
Impostos Estaduais		12.365,96
Impostos Municipais		4.294,00
Total		31.043,76
Encargos Sociais: — Compulsórios		13.847,10
Encargos Sociais: — Voluntários		504,00
Operários		26
Homens		3
Mulheres		21
Menores		2
Teares		31
Fusos		—

Seção de Acabamento (N.º de fábricas)

Tinturaria de fio		1
Tinturaria de pano		1
Seção de Estamparia		—

Produção:

Fios		—
Tecidos	m.	100.527
Artefatos	unid.	22.537

Consumo matéria prima:

Algodão em rama		—
Fios de algodão	Kg.	8.732

ESTADO DO PARANÁ

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	CURITIBA			
1	Julio Hoffman	26	31	—

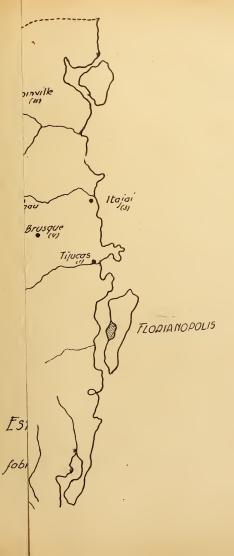
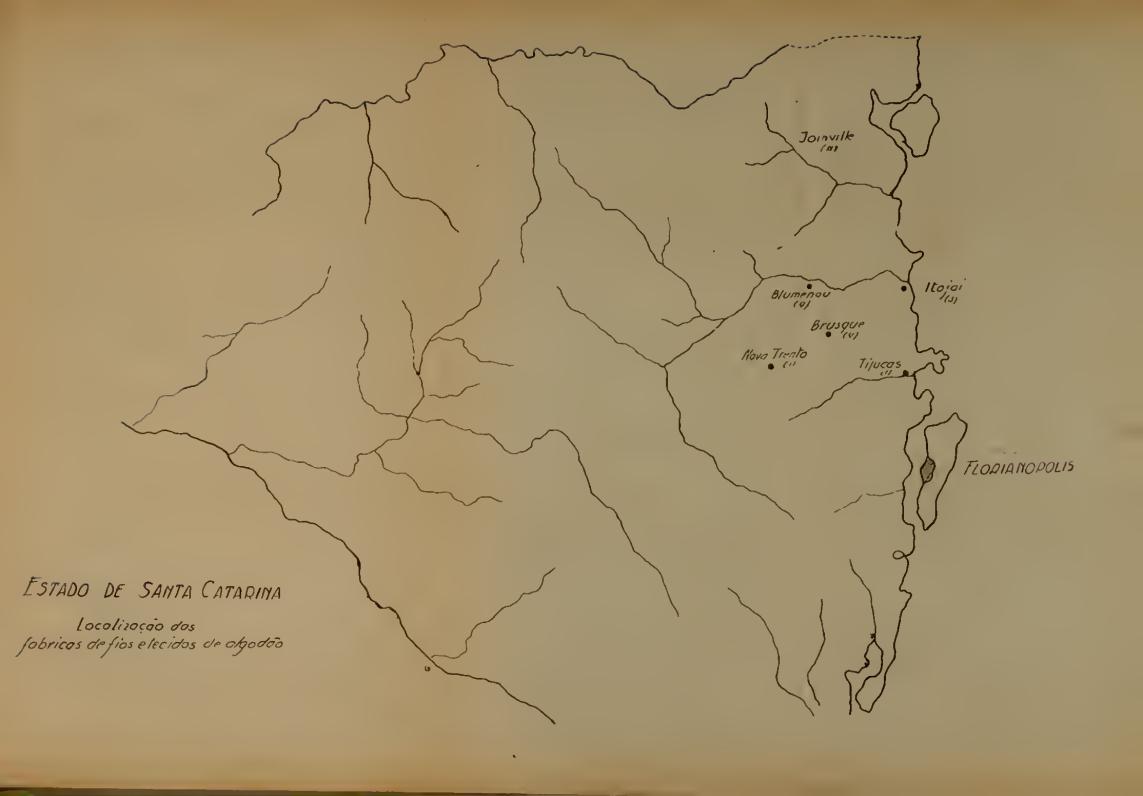
Municípios	1
N.º de fábricas	1
Operários	26
Teares	31
Fusos	—

Itajaí
(3)
Brusque
(4)
Tijucas
(1)
FLORIANOPOLIS

Joinvile
Blumenau (9)
Itajai (5)
Brusque (4)
Nova Trento (1)
Tijucas (1)
FLORIANOPOLIS
ESTADO DE SANTA CATARINA
Localização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

SANTA CATARINA

Emprêsas	14
Fábricas	16

Localização: Joinville, 2 — Brusque, 6 — Blumenau, 6
Itajaí, 4 — Nova Trento 1.

	Cr$
Capital	76.100.000,00
Reservas	49.793.112,84
Debentures	1.491.200,00
Impostos Federais	13.740.246,67
Impostos Estaduais	2.242.720,90
Impostos Municipais	459.933,20
Total Impostos	16.442.900,77
Encargos Sociais: — Compulsórios	2.272.494,90
Encargos Sociais: — Voluntários	346.745,60

Operários	6.468
Homens	2.758
Mulheres	2.420
Menores	1.290
Teares	1.435
Fusos	41.752

Secções de Acabamento (N.º de fábricas)

Tinturaria de fio	40
Tinturaria de pano	58
Estamparia	5

Produção:

Fios	Kg.	2.899.680
Tecidos	m.	10.670.943
Artefatos	unid.	16.480.027

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	2.667.217,5
Fios de algodão	Kg.	2.843.772,8

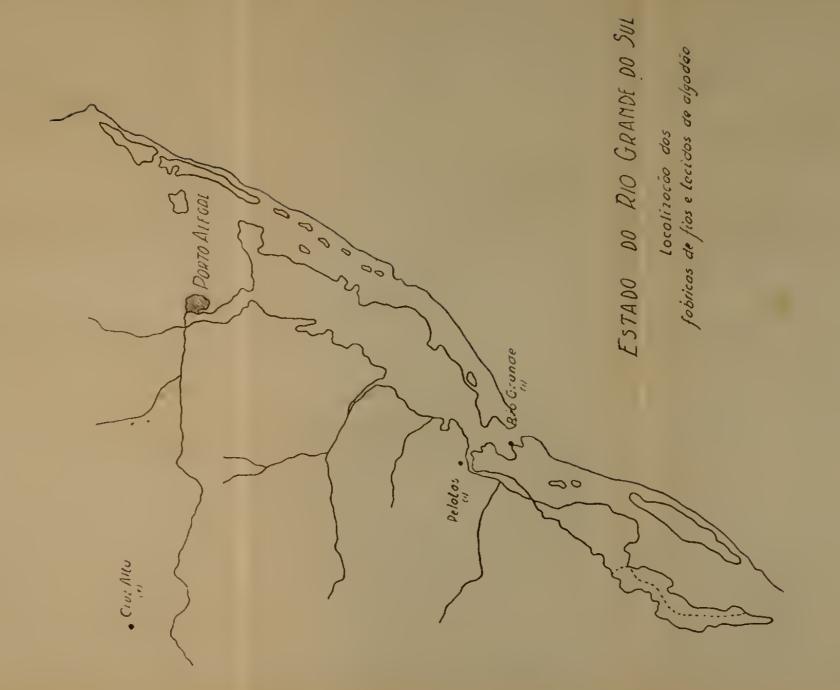
ESTADO DE SANTA CATARINA

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	N.º Fusos
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	BLUMENAU			
1	Emprêsa Industrial Garcia	1.072	266	7.112
	BRUSQUE			
1	Cia. Ind. Schlosser S. A.	227	60	2.000
1	E. v. Buettner & Cia. ...	420	60	2.944
3	F. de Tec. Carlos Renaux S. A.	1.581	368	9 292
1	Ind. Textis Renaux S. A.	850	115	10.000
	ITAJAÍ			
1	Tecelagem Itajaí S. A.	441	84	2.500
1	Fábr. de Gazes Medicinais Cremer S. A.	278	66	1.724
	(TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	BLUMENAU			
1	Cia. Textil Karsten	119	80	—
1	Fábrica de Artef. Textis Artex S. A.	127	42	—
1	Fábrica Textil Blumenau Ltda.	75	22	
1	Tecel Kuehnrich S. A. ..	197	78	—
	ITAJAÍ			
1	Tecelagem União Ltda. ...	9	4	—
1	W. Biedermann & Cia.	8	7	—
	JOINVILLE			
1	Cia. Fabril Lepper	139	141	—
1	Dohler & Cia.	25	28	—
	NOVA TRENTO			
1	Tecelagem Canelinhas ..	9	8	—
	(FIAÇÃO DE ALGODÃO)			
	BLUMENAU			
1	Ind. Textil Cia. Hering ...	891	6	6.180

Resumo:

Municípios	5
N.º de fábricas ..	19
Operários	6.468
Teares	1.435
Fusos	41.752

Locolização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

Cruz Alta
(1)
PORTO ALEGRE
Pelotas
(1)
Rio Grande
(1)
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Localização das
fabricas de fios e tecidos de algodão

RIO GRANDE DO SUL

Emprêsas 3

Fábricas 3

Localização: Rio Grande, 1 — São Leopoldo, 1 — Pelotas, 1.

	Cr$
Capital	31.060.000,00
Reservas	39.601.180,30
Debentures	918.400,00
Impostos Federais	25.782.995,17
Impostos Estaduais	1.570.715,10
Impostos Municipais	105.166,90
Total de Impostos	27.458.877,17
Encargos Sociais: — Compulsórios	1.760.926,50
Encargos Sociais: — Voluntários	635.870,00

Operários	1.020
Homens	259
Mulheres	645
Menores	116
Teares	613
Fusos	24.172

Seção Acabamento (N.º de fábricas):

Tinturaria de fios	3
Tinturaria de panos	3
Estamparia	—

Produção:

Fios	Kg.	1.178.742
Tecidos	m.	3.689.880
Artefatos	unid.	250.578

Consumo matéria prima:

Algodão em rama	Kg.	749.727
Fios de algodão	Kg.	639.792

ESTADO DO R. G. DO SUL

N.º de fábrs.	Nome da Fábr. ou Empr.	N.º Operários	N.º Teares	Fusos N.º
	(FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO)			
	PELOTAS			
1	Cia. F. e Tec. Pelotense ..	468	396	14.000
	RIO GRANDE			
1	Cia. F. e Tec. Rio Grande .	526	203	10.172
	(TECELAGEM DE ALGODÃO			
	SÃO LEOPOLDO			
1	Cezar Drasche	26	14	—

Resumo:

Municípios	3
N.º de fábricas .	3
Operários	1.020
Teares	613
Fusos	24.172

BIBLIOGRAFIA

A. J. SAMPAIO — "Phytogeographia do Brasil", 1934.

A. J. SAMPAIO — "Biogeographia Dynamica", 1935.

A. LOFGREN — "Manual das Famílias Naturais Fanerogâmicas", 1917.

A. LOFGREN e H. C. EVERETT A. M. — "Systema Analytico de Plantas", 1919.

ALFRED RUSSEL WALLACE -- "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro".

ANDRÉ SIEGFRIED — "Les E'tats Unis d'aujourd'hui", 1929.

B. BELLI — "Il Caffé", 1910.

BESCHERELLE ANIE — "Nouveau Dictionnaire National".

Boletins do Ministério da Agricultura "Brasil" — 1936 a 1945.

BRUNO VASSEL — "A India", 1936.

CAIO PRADO JUNIOR — "Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia), 1942.

C. BEZERRA DANTAS — "O Algodão na Economia Nacional", 1930.

COMMANDANT J. ROUCH — "Les traits essentiels de la Geographie Humaine", 1927.

CYNEAS L. GUIMARAES — "Ensáio de variedades como base da seleção de tipos de algodoeiros".

DELGADO DE CARVALHO — "Geographia do Brasil", 1936.

Departamento Estadual de Estatística do Estado de São Paulo.

E. LIAIS — "Climats, géologie, faune du Brésil", 1872.

EMIL LUDWIG — "Le Nil", 1937.

Enciclopédia Americana.

Enciclopédia Britânica.

F. NARDY — "A primeira fábrica de tecidos a vapor em São Paulo", 1944.

H. G. WELLS — "História Universal", 1940.

HONORIO C. MONTEIRO FILHO — "Monographia das Malváceas Brasileiras", 1936.

HUGUET DEL VILLAR — "Geobotânica", 1925.

H. VAN LOON — "Historia da Humanidade", 1938.

J. BEAUVERIE — "Les textiles vegetaux", 1913.

JORGE A. BOERO — "Geografia de la Nacion Argentina", 5.ª ed.
JOSÉ JOBIN — "O Brasil na Economia Mundial", 1939.
J. PIRES DO RIO — "Dados sobre a evolução econômica do Brasil", 1924.
JURY SEMJORIOW — "Os tesouros da terra", 1940.
LUIZ GUIMARÃES JUNIOR — "Apontamentos sobre o Algodão".
M. PIO CORRÊA — "Dicionário das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas".
M. PIO CORRÊA — "Dicionário das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas".
NELSON DE VINCENZI — "O Algodão na Economia Brasileira", 1944.
OSORIO DA ROCHA DINIZ — "O Brasil em face dos imperialismos modernos", 1940.
PAUL DE ROUSIERS — "Les grandes industries modernes", 1925.
PRESTON E. JAMES — "Latin America".
Relatório do Instituto Agronômico de S. Paulo — 1925 e 1926
Revista Brasileira de Estatística — Rio de Janeiro
Revista "Indústria Têxtil" — Rio de Janeiro.
SEMLER — "O Algodão", 1914.
Serviço de Estatística Economica e Financeira do Ministério da Fazenda.
S. FROES DE ABREU — "Na terra das Palmeiras", 1931.
SPIX e MARTIUS — "Viagens pelo Brasil", 1938.
ST. VANNIER — "Estudo industrial dos vegetais têxteis nativos e cultivados no Brasil".
STEFAN ZWEIG — "Brasil, país de futuro", 1941.
VALBERT LIMA PEREIRA — "O comprimento das fibras do algodão e métodos para sua determinação em laboratorios".
WALTHER SCHMIDT — "Geografia Econômica", 1926.
YVES HENRY — "Fibras têxteis".

ÍNDICE

EXPORTAÇÃO

2.ª Parte

ÍNDICE DOS QUADROS E TABELAS

NOTÍCIA HISTÓRICA

Quadros

QUADRO GERAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA

Localização

Finanças

Operariado

Atividade

Equipamento Mecânico

PRODUÇÃO

Fios de Algodão

Tecidos de Algodão

Tabelas

Produção de tecidos para a UNRRA

Produção de tecidos para o C.F.A.

Produção de tecidos populares

EXPORTAÇÃO

Quadros

Exportação de fios de algodão

Exportação de tecidos de algodão

CONSUMO

ERRATA

Pag. 27 - Na 20.ª linha - onde se lé: "fertilizados", leia-se: "fertilizada".

Pag. 89 - Na 3.ª linha, a partir de baixo - onde se lê: "£ 8-5", leia-se, "£ 85".

Pag. 115 - No primeiro parágrafo, leia-se: "As fichas computadas, registravam, em 1944, 234.864 operários, assim divididos:

Homens	83.940
Mulheres	104.322
Menores	46.602

Pag. 116 - O primeiro parágrafo deve ser substituido pelo seguinte: "No Quadro VII estão distribuidas as 387 empresas recenseadas no Quadro VI pelo número de operários existentes em cada empresa, por estado".

Pag. 187 - Na 12.ª linha, o valôr: Cr$ 211.455.000,00 corresponde a 45 milhões de jardas, apenas. (Metade da encomenda da UNRRA).

Pag. 196 - Onde se lê: Cr$ 54.500.000,00, leia-se: Cr$ 354.500.000,00.

Pag. 202 - Onde se lê: "foram criados 26 artigos populares", leia-se: "Foram criados 18 tipos de tecidos populares".

Pag. 246, 247 e 248 - Nos quadros falta a unidade: "Cr$ 1.000,00".

Pag. 282 - Na 5.ª linha, a partir de baixo, onde se lê: "ficou mais uma vez, atestado", leia se: "ficaram mais uma vez, atestados".

Pag. 295 - No Quadro LXXXI falta a unidade: "em Kg."

Pag. 331 - Onde se lê: "empresas: 239", leia-se: "empresas: 147". Onde se lê: "fábricas: 258", leia-se: "fábricas: 164"

Pag, 341 - Onde se lê: "empresas: 14", leia-se: empresas: 17". Onde se lê: "fábricas: 16", leia-se: fábricas: 19".

NOTA: As divergências que se observam entre certos dados constantes dos quadros gerais, devem-se, a ser variavel o número de fàbricas que responderam a cada inquérito realizado.

Na 2.ª parte da obra não estão relacionadas as fábricas produtoras de tecidos mistos, cujos dados foram incluidos nos quadros gerais da 1:ª parte, nos casos em que a produção principal era constituida de tecidos de algodão.